MOEMA VIEZZER

"SE ME DEIXAM FALAR..."

3ª EDIÇÃO

"Pela sabedoria desse povo, podemos ver claramente todas as injustiças. E isto acendeu em mim uma chama que somente a morte apagará."

Domitila Barrios de Chungara

SÍMBOLO

MOEMA VIEZZER

"SE ME DEIXAM FALAR..."

SÍMBOLO
EDIÇÕES SÍMBOLO

Tradução do original em Espanhol
"Si Me Permiten Hablar..."
1.ª Ed. — Siglo XXI Editora — México, 1977

Editor
Moysés Baumstein

Série América Latina dirigida
por Edmilson Antonio Bizelli

Supervisão Editorial
Alberto Baumstein

Ilustração de capa
Moysés Baumstein

Capa
Alberto Baumstein
Moysés Baumstein

Produção
Helvética S/C Produções Editoriais Ltda.

Direitos Reservados
Símbolo S. A. Indústrias Gráficas
01129 — Rua General Flores, 518/522 — Fone: 220-0267
01000 — São Paulo — SP
1978
1.ª Edição — Abril de 1978
2.ª Edição — Agosto de 1978

Impresso no Brasil
Printed in Brezil

A AUTORA

Moema Viezzer, educadora brasileira, nasceu em Caxias do Sul, R.S., em 1938.

Durante vários anos dedicou-se a projetos educativos em áreas rurais do nordeste do Brasil.

Em 1973-74 trabalhou como assistente de investigação em antropologia social no Peru, Manchester e México.

Em 1975, durante a realização da Tribuna do Ano Internacional da Mulher no México encontrou a mineira boliviana Domitila de Chungara e, a partir de este encontro escreveu esta obra "Si Me Permitem Hablar..." que foi editada por Siglo XXI no México e conta atualmente com várias traduções em andamento.

A autora colabora atualmente em projetos de investigação e educação popular, ao mesmo tempo que realiza uma pesquisa sobre alguns aspectos da realidade da mulher latinoamericana.

O TRADUTOR

Edimilson Antonio Bizelli é formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, tendo cursado Ciência Política na Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (Santiago do Chile). É também ex-professor da Universidade do Chile e da Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo.

ÍNDICE

Ao Leitor 9
Depoimento 13

PARTE I — SEU POVO

A mina 17
Onde vive o mineiro 23
Como trabalha o mineiro 27
Um dia da mulher mineira 35
Organização Operária 41

PARTE II — SUA VIDA

Pulacayo 55
Siglo XX 73
Sabedoria do povo 79
Comitê de Donas de Casa 85
Ingresso ao Comitê 97
Pelos pampas de Sora-Sora 111
"Os trabalhadores vão se sacrificar" 117
Massacre de setembro 121
As "Palliris do Morro" 133
O Che na Bolívia 145

Massacre de São João 149
"Onde está a mineira?" 153
De novo no cárcere 181
Em Los Yungas, para que não fale 201
Outra vez na mina 213
O povo e o exército 217
A força dos trabalhadores 223
Qual dos senhores pode me responder? 237
Um lamentável acidente! 249
Na Tribuna do Ano Internacional da Mulher 255
Encontro com exilados 269

PARTE III — 1976

"O que clama meu povo" 275

Entrevista de Moema Viezzer a Domitila Chungara (para a segunda edição em espanhol)

AO LEITOR

A idéia do presente depoimento surgiu da presença de Domitila Barrios de Chungara na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas e realizada no México, em 1975.

Ali conheci esta mulher dos Andes bolivianos, esposa de um trabalhador mineiro, mãe de sete filhos, que chegou à Tribuna representando o "Comitê de Donas de Casa da Siglo XX", organização que agrupa as esposas dos trabalhadores daquele centro produtor de estanho.

Pelos seus anos de luta e em reconhecimento de autenticidade de seu compromisso, as Nações Unidas a convidaram oficialmente para estar presente naquela reunião.

Sendo a única mulher da classe trabalhadora que participou ativamente na Tribuna em representação da Bolívia, suas intervenções produziram um profundo impacto entre os presentes. Isso se deu, em grande medida, porque "Domitila viveu o que as outras falaram", segundo o comentário de uma jornalista sueca.

Este relato, que Domitila considera a "culminação" de seu trabalho na Tribuna, é o grito de um

povo que sofre porque é explorado. Ademais, revela como a liberação da mulher está fundamentalmente ligada à liberação sócio-econômica, política e cultural do povo e que sua participação no processo se situa nesse nível.

O que apresento aqui não é um monólogo de Domitila consigo mesma. É o resultado de numerosas entrevistas que tive com ela no México e na Bolívia, de suas intervenções na Tribuna, assim como exposições, palestras e diálogos que desenvolveu com grupos operários, estudantes e empregados universitários, habitantes de bairros populares, exilados latino-americanos residentes no México e representantes da imprensa, rádio e televisão. Todo esse material gravado, como também alguma correspondência escrita, foi ordenado e posteriormente revisado com Domitila, dando origem ao presente depoimento.

Domitila se adapta às circunstâncias concretas em que se encontra e ao público ao qual se dirige. Sua forma de expressar-se em conversas pessoais é bastante distinta daquela que utiliza em discursos e intervenções em assembléias ou em diálogos com pequenos grupos. Isto explica a diversidade de estilo existente neste texto, a qual pode surpreender a alguns leitores.

A linguagem de Domitila é a de uma mulher do povo, com suas expressões próprias, seus localismos e com construções gramaticais marcadas, freqüentemente, pelo idioma quechua, que aprendeu na sua infância. Propositadamente, mantive esta linguagem que forma parte intrínseca de seu depoimento e aporta a literatura uma amostra a mais da riqueza contida na expressão popular.

As experiências vividas pela gente do povo têm uma documentação escrita bastante escassa. Neste sentido, este relato pode preencher um vazio e se constituir num instrumento de reflexão e orientação, útil às outras

mulheres e homens que se entregam à causa do povo da Bolívia e em outros países, particularmente os da América Latina.

Este livro é, portanto, um instrumento de trabalho. Domitila aceitou deixar seu depoimento na perspectiva de "aportar um grãozinho de areia, com a esperança de que sirva para a nova geração". Porque — diz ela — é importante tirar experiências de "nossa própria história" assim, como também "da experiência de outros povos". E para isso, "deve haver depoimento" que sirva para "refletir sobre nossa ação e criticá-la".

A escola onde Domitila se forjou é a vida do povo. No monótono e duro trabalho cotidiano de dona de casa das minas, descobriu como o trabalhador não é o único explorado, já que, pelos efeitos do sistema, ela e sua família também o são. Isto a motivou a participar ativamente na luta organizada da classe trabalhadora. Junto com suas companheiras, vive na própria carne as derrotas e os triunfos de seu povo. E a partir disso interpreta a realidade. Tudo o que comenta é vida e projeção.

Domitila não pretende apresentar-nos uma análise histórica da Bolívia; nem do movimento sindical mineiro ou do Comitê de Donas de Casa da Siglo XX. Simplesmente narra o que viveu, como viveu e o que aprendeu para continuar na luta que há de levar a classe operária e ao movimento popular a serem donos de seu destino.

Por isso é primordial, para não desvirtuar este depoimento, permitir que fale uma mulher do povo, escutá-la e procurar entender como vive, sente e interpreta os acontecimentos.

Nada do que aqui está consignado é alheio à realidade da Bolívia. Isto porque o itinerário pessoal de Domitila se inscreve dentro da grande trajetória da classe trabalhadora e do povo boliviano.

Este foi o motivo que me levou a dividir o livro em três partes: a primeira, onde Domitila descreve "seu povo", as condições de vida e de trabalho do homem e da mulher das minas e sua integração ao movimento operário organizado. A segunda, onde narra "sua vida" pessoal relacionada com os acontecimentos históricos de seu povo. A terceira, onde apresenta o panorama das minas em "1976", especialmente depois da greve mantida pelos mineiros nos meses de junho-julho.

Quero expressar aqui minha admiração e meu agradecimento às mulheres das minas da Bolívia que, na pessoa de Domitila, nos dão a oportunidade de conhecer e compreender melhor a valentia da classe trabalhadora boliviana e de mulheres como Bartolina Sisa, Juana Azurduy, Maria Barzola, que não param de lutar pela verdadeira liberdade de seu povo.

Quero também agradecer a todos os amigos, companheiros e companheiras que, de distintas formas, têm colaborado para que este depoimento se torne uma realidade.

Que fale Domitila

M.V.
30 de dezembro de 1976.

DEPOIMENTO

Não quero que interpretem, em nenhum momento, a história que vou relatar somente como um problema pessoal. Isto porque penso que minha vida está relacionada com meu povo. O que me aconteceu pode ter acontecido a centenas de pessoas no meu país. Quero esclarecer isto, porque reconheço que houve pessoas que fizeram muito mais que eu pelo povo, mas que morreram ou não tiveram a oportunidade de ser conhecidas.

É por isso que não quero tão só relatar uma história pessoal. Quero falar do meu povo. Quero deixar um depoimento de toda a experiência adquirida através de tantos anos de luta na Bolívia, e aportar um grãozinho de areia com a esperança de que nossa experiência sirva de alguma forma para a nova geração, para a gente nova.

Quero dizer também que considero este livro como a culminação de meu trabalho na Tribuna do Ano Internacional da Mulher. Tivemos poucos momentos para falar e comunicar o muito desejado. E tenho oportunidade de fazê-lo agora.

Finalmente quero esclarecer que este relato de minha experiência pessoal e da experiência de meu

povo, que está lutando pela sua liberação — no que eu me incluo —, quero que chegue aos mais pobres, às pessoas que não podem ter dinheiro, mas que necessitam de alguma orientação, de algum exemplo que lhes possa servir em sua vida futura. É para eles que aceito que se escreva o que vou relatar, Não importa o tipo de papel que se use: quero que sirva para a classe trabalhadora e não somente para intelectuais ou para pessoas que negociam com estas coisas.

PARTE I

SEU POVO

A MINA

Começarei por dizer que Bolívia está situada no cone sul, no coração da América do Sul. Tem apenas uns cinco milhões de habitantes. Nós, os bolivianos, somos bem poucos.

Como quase todos os povos da América do Sul, falamos o castelhano. Mas, nossos antepassados tinham seus diferentes idiomas. Os dois principais eram o quechua e o aymara. Hoje, estes dois idiomas são bastante falados na Bolívia por uma grande parte dos camponeses e muitos mineiros. Na cidade também se conversa algo deles, especialmente em Cochabamba e Potosi, onde se fala bastante o quechua, e em La Paz, onde se fala bastante o aymara. Ademais, são mantidas muitas tradições destas culturas, como por exemplo sua arte de tecer, suas danças e sua música, que hoje, inclusive, chamam muito a atenção no estrangeiro, não é?

Eu me sinto orgulhosa de ter sangue indígena no meu coração. E também me sinto orgulhosa de ser esposa de um trabalhador mineiro. Como eu queria que toda a gente do povo se sentisse orgulhosa do que é e do que tem, de sua cultura, sua língua, sua música, sua forma de ser e não ficasse estrangeirando-se tanto e

tratando somente de imitar a outra gente que, finalmente, pouco de bom tem dado a nossa sociedade!

Nosso país é muito rico, sobretudo em minérios: estanho, prata, ouro, bismuto zinco, ferro. O petróleo e o gás são também uma importante fonte de exploração. Ademais temos, na zona oriental, grandes campos onde se cria o gado, temos madeiras, frutas e muitos produtos agrícolas.

Aparentemente, o povo boliviano é dono destas riquezas. Por exemplo, as minas, sobretudo as grandes, são estatais. Foram nacionalizadas de seus donos que eram Patiño, Hoschschild y Aramayo, que nós chamávamos de "barões do estanho" e que se tornaram famosos em todas as partes por sua imensa fortuna. Inclusive se diz que Patiño chegou a ser um dos cinco homens mais milionários do mundo, não é? Aqueles senhores eram bolivianos, mas bolivianos com tão mau coração que traíram o povo. Venderam todo nosso estanho a outros povos e nos deixaram na miséria porque todo seu capital inverteram no exterior, em bancos, indústrias, hotéis e todo tipo de coisas. E assim, quando se nacionalizaram suas minas, na realidade era pouco o que havia na Bolívia. E apesar disto, eles foram indenizados. E, por má sorte, se criaram novos ricos e o povo não desfrutou de nenhum benefício desta nacionalização.

A maioria dos habitantes da Bolívia são camponeses. Mais ou menos setenta por cento de nossa população vive no campo. E vivem em uma pobreza espantosa, mais que os mineiros, apesar de que os mineiros vivem como ciganos na sua própria terra, porque não têm casa, somente uma vivenda emprestada pela empresa durante o tempo em que o trabalhador está na ativa.

Agora, se é verdade que Bolívia é um país tão rico em matérias-primas, por que é um país de tanta gente pobre? E por que seu nível de vida é tão baixo em comparação com outros países da América Latina?

É que há fuga de divisas. Há muitos que se tornaram ricos, mas investem todo seu dinheiro no estrangeiro. E entregam nossa riqueza à voracidade dos capitalistas a preços infimamente baixos, através de convênios que não são beneficiosos para nós. Bolívia é um país bastante favorecido pela natureza e poderíamos ser um país muito rico no mundo; no entanto, esta riqueza não nos pertence. Alguém disse que "Bolívia é imensamente rica, mas que seus habitantes são apenas uns mendigos". E é assim na realidade, porque Bolívia se acha submetida às empresas transnacionais que controlam a economia do meu país. E a isto se prestam muitos bolivianos que se deixam comprar por uns dólares, fazem política com os gringos e os seguem nas suas negociatas. Para eles, o problema é quanto mais podem ganhar para si mesmos. Quanto mais podem explorar os trabalhadores, mais felizes estão. Ainda que o operário caia de desnutrição, de doenças, isto não lhes importa.

Bem, talvez eu possa contar-lhes algumas experiências que tivemos na Bolívia. Como vivo num centro mineiro, o que mais conheço é sobre os mineiros.

Na Bolívia, mais ou menos 60% das divisas que entram ao país vêm dos minérios. As outras divisas que entram são do petróleo e de outras fontes de exploração.

Nas minas estatais, parece que se agrupam uns 35.000 trabalhadores. Mas nas minas privadas, parece que se agrupam outros 35.000. Creio, então, que há uns 70.000 trabalhadores mineiros na Bolívia.

As minas nacionalizadas são administradas pela Corporação Mineira da Bolívia, que chamamos de COMIBOL. Tem um escritório central em La Paz e escritórios locais em cada centro mineiro do país. Aqui

onde vivo, por exemplo, tem um gerente que administra o centro mineiro da Siglo XX — Catavi — Socavón — Patiño — Miraflores. Este é o maior centro mineiro da Bolívia, que tem mais experiência revolucionária e onde houve mais massacres por parte dos governos de turno.

No exterior da mina trabalham os técnicos e os empregados de empresa nos armazéns, a fundição, o engenho*, as "pulperias"**, o departamento de bem-estar social da empresa.

No interior da mina trabalham os mineiros. Cada manhã eles devem entrar até um lugar insalubre onde há falta de ar, muito gás e fetidez produzida pela copagira***. E ali eles têm que ficar durante oito horas, tirando minério.

Antes, quando a mina era nova, se tirava somente o bom, seguindo uma veia. Mas, desde uns vinte anos, a coisa é diferente. Já não há tanto minério. Então começaram com o sistema de block-caving. Dentro, eles colocam dinamite e fazem explodir uma parte do morro. Os mineiros tiram toda essa pedra e a mandam a chancadora**** e depois ao engenho para tirar o minério. Poucas toneladas de minério são tiradas de muitas toneladas de pedra. É muito duro e perigoso este trabalho no bloco, porque tudo arrebenta, tudo salta. E tem tanto pó, tanto, que não se pode ver nada a um metro de distância. E também acontecem muitos acidentes, porque às vezes os trabalhadores têm a impressão de que explodiu toda a dinamite e então prosseguem no trabalho e, de repente, explode outra vez... e a pessoa, ali mesmo, fica em pedaços, não é? Por isto eu não quero que meu marido trabalhe no bloco, apesar de que os que trabalham ali ganhem um pouco mais.

Existem também outros tipos de trabalhadores. Por exemplo, os "veneristas", são mineiros que trabalham em forma particular e vendem seu minério à empresa. Existem uns dois mil verenistas que trabalham em grupos de três ou quatro com um chefe de grupo. Fazem poços de um metro ou metro e meio de largura por uns quinze metros de profundidade, até chegar à rocha. Então descem por uma corda e lá dentro fazem pequenos túneis por onde se metem arrastando-se. E vão buscar o estanho que se deposita nos buracos da rocha. Não há nenhuma proteção, nenhuma ventilação. É o pior que há. Ali trabalham muitos mineiros que saíram da empresa por ter a doença profissional da mina que é a silicose. E como não têm outra fonte de trabalho, têm que buscar a maneira de sobreviver. Há também camponeses que vêm a Llallagua e começam sua vida de mineiro trabalhando com os veneristas, mas que vivem uma situação terrível de exploração, porque os veneristas lhes pagam uns 10 pesos* diários, ou seja, a metade de um dólar, não é?

Outros são "locatários", que trabalham também por conta própria e vendem o minério à empresa. Mas a empresa não fornece pás, picaretas, dinamite, nada. Eles compram tudo. A empresa lhes fixa lugares que já foram explorados anteriormente e, onde ainda existe minério. Pouco, mas sempre há. Os locatários são pagos pela empresa de acordo com a alta ou baixa qualidade do minério que encontram. Mas fica sempre com 40%, creio eu por direito de uso do terreno.

---

* Local de processamento de minerais.

** Centro de abastecimento — a base de um sistema racionado de venda de alimentos, descontado do salário mensal do trabalhador — administrado pela empresa mineira.

*** De "copaquira"=água mineralizada, de cor amarela ou cinzenta, proveniente dos relaves.

**** Do quechua changay=moer. Máquina moedora de grandes pedras.

* O câmbio atual é de 20 pesos bolivianos por 1 dólar americano.

Outros são os "lameiros", ou seja, pessoas que trabalham na lavagem do minério. Na planta, a empresa concentra o minério e dali sai uma água, que no trajeto vai assentando restos de minério e se torna, assim, um rio de água turva, espessa. Isto é recolhido pelos lameiros, que o lavam, o concentram e o entregam à empresa. Mas nisso os lameiros são menos favorecidos que os locatários, porque os locatários têm lugares fixados, enquanto que os lameiros buscam assim, na sorte. E acontece que há vezes que trabalham e não encontram nada.

Assim, são vários os grupos de pessoas que trabalham nos centros mineiros.

ONDE VIVE O MINEIRO

Siglo XX é um acampamento mineiro e todas as vivendas existentes são da empresa. Pertinho está o povoado de Llallagua, onde também vivem muitos mineiros, o mesmo acontecendo com os outros povoados civis próximos.

A vivenda ocupada pelo trabalhador no acampamento, e que sob qualquer ponto de vista é emprestada, é obtida quando ele cumpriu alguns anos de serviço. Pela escassez de vivendas, a empresa não a empresta de imediato. Muitos mineiros trabalham até cinco, dez anos, sem ter sua vivenda. E então alugam quartos em um dos povoados civis.

Ademais, a vivenda é emprestada somente durante o tempo em que o trabalhador estiver na empresa. Quando o trabalhador morre ou é despedido do trabalho pela doença profissional, que é o mal da mina, a viúva ou a esposa do trabalhador é posta para fora e ela tem noventa dias para desocupar a vivenda.

Nossa vivenda é muito reduzida, ou seja, é um quartinho de quatro por cinco ou seis metros. Esse quartinho é sala, cozinha, dispensa, quarto. Em algumas vivendas há dois quartinhos e então um serve de cozinha; e também um corredorzinho. Nisto consiste a

vivenda que nos empresta a empresa, mas somente as quatro paredes, sem nenhum serviço de água ou instalação sanitária. E assim temos que viver com nossos filhos, apertados. No meu caso, armamos três camas no quarto: é tudo o que cabe. Aqui dormem meus sete filhos, aqui eles fazem suas tarefas, aqui comemos, aqui brincam os pequenos. No quartinho detrás tenho uma mesa e uma cama onde durmo com meu marido. As coisinhas que temos, bom, têm que ficar amontoadas no teto, no corredorzinho, amontadas umas sobre as outras. E as crianças têm que dormir algumas nas camas e outras embaixo delas. Assim.

Faz muito frio no altiplano. Então pomos nas camas colchões de palha brava que fazem na região. Um colchão custa de 800 a 1000 pesos. Para nós é muito difícil comprar isso. Na minha casa, por exemplo, não temos nenhum. Os mineiros, na sua maioria, têm esses colchões de palha. E dura pouco porque é feito de juta e é um pouco incômoda também. Mas o que vamos fazer? O colchão rasga de um lado, rasga de outro e temos que encontrar uma maneira de fazê-lo durar, remendando aqui, ali.

No acampamento temos luz elétrica que nos dá a empresa. Algumas horas durante o dia e toda a noite.

Também temos água potável. Mas não nas vivendas. São "piletas"* comuns que há nos bairros. Tem que fazer fila para receber água.

Assim que não gozamos de tantas comodidades. Por exemplo, não temos banheiro na vivenda. Há banheiros públicos, é certo, mas são dez a doze chuveiros para todos; tanta gente, tantíssima gente, porque são para todo o acampamento. E então os chuveiros abrem um dia sim, um dia não: um dia para as mulheres e outro dia para os homens. Os chuveiros funcionam quando há petróleo. Porque, para esquentar a água, trabalham somente com petróleo.

Os serviços higiênicos, as latrinas, existem somente nas casas do pessoal técnico da empresa. Não existem nas vivendas dos trabalhadores. São públicas e também são, assim, em número de dez. Mas, isso é tudo para um bairro, não é? Para todo o bairro. Ficam sujas rapidamente e não há água corrente. Pela manhã, os trabalhadores da empresa destinados para isso, fazem a limpeza; mas depois ficam sujas o dia todo. E se falta água durante vários dias, sobre isto, sobre isto temos que ocupar as latrinas. Assim.

Há bastante problemas de água, especialmente no povoado civil. Lá eles sofrem mais que nós. De longe, de muito longe, têm que vir buscar água. E no povoado civil tampouco têm luz elétrica como nós. É bem difícil a vida deles.

Mas apesar de tanta falta de comodidade nas vivendas, não é fácil conseguir uma. São escassaz. Para isso, fazem competições. Por exemplo, a um companheiro que trabalhou dez anos, lhe dão 10 pontos; se tem sete filhos mais a esposa, lhe dão 8 pontos; se trabalha no interior da mina, dão outros pontos. Então, para conseguir a vivenda o trabalhador tem que ter um determinado número de pontos: ser o mais antigo na empresa, ter maior número de filhos, trabalhar no interior da mina. Há companheiros que se enfermam logo com o mal da mina e morrem sem ter sequer o benefício de uma vivenda emprestada.

É lógico que reclamam. Sempre se discutiu esse problema nas minas. Mas a empresa nos diz que está em quebra, que não pode construir mais vivendas. E as vivendas do acampamento são as mesmas que se construíram quando a empresa era particular*. Depois da nacionalização quase tudo ficou no mesmo e muito

---

* Lugar onde se recolhe água, geralmente em um cano ou torneira.

* Antes de 1952.

Depois da nacionalização quase tudo ficou no mesmo e poucas vivendas foram construídas. De tanto reclamar e fazer greves conseguimos que arrumassem um pouco as vivendas que estavam a ponto de cair. Puseram alguns remendos que as empresas construtoras arrumaram; mas em alguns casos, para pouco serviram. Um pouco de aguaceiro e estão caindo.

Dada a escassez de vivendas, outras pessoas se juntam para viver com aqueles que têm direito a ela. Nós os chamamos de "agregados". No meu caso, por exemplo, três irmãs vieram viver comigo. Então pus uma cama na cozinha e a converti em quarto para elas. Fora, arrumei a cozinha debaixo de uma calamina*. E assim vivemos durante vários anos.

Nem sempre os agregados são familiares. Podem ser amizades. Por exemplo, quando recém-cheguei à Siglo XX, eu também fui agregada. Mas eu não conhecia as pessoas com quem fomos viver. Meu marido conheceu um senhor no trabalho. Ele era antigo e meu marido era novo na empresa. Então ele disse ao senhor que a dona da casa onde estávamos era má, que nos fechava a porta e tudo mais. E o outro disse ao meu companheiro: "venha à minha casa". E nós fomos viver lá, eu e meu marido. E estivemos com eles durante um ano. Eramos recém-casados. Eles tinham três filhinhos e as irmãzinhas dele também viviam com ele. E cozinhávamos numa panela grande para todos. Assim vive muita gente, durante vários anos.

Claro, existem leis sobre as empresas e que elas devem dar vivendas aos trabalhadores. Mas de nada servem essas leis. E os trabalhadores mineiros, que sustentam — a economia do país, ao fim e ao cabo, nem sua casinha podem ter.

*Folha de zinco, que se usa para teto.

COMO TRABALHA O MINEIRO

Na mina há dois sistemas de trabalho: o do pessoal técnico e o outro, o trabalho do mineiro.

A mina não pára. Trabalha dia e noite. E para isto dividiram os trabalhadores em três turnos. Alguns mudam de turno mensalmente, outros quinzenalmente e outros semanalmente. Meu companheiro, por exemplo, muda de turno cada semana.

Há três turnos por dia. Contando o tempo necessário para entrar à mina no comboio e para sair da escavação, o primeiro turno ingressa às seis da manhã e sai às três da tarde; o segundo entra às duas da tarde e sai às onze da noite e o terceiro entra às dez da noite e sai às seis da manhã.

Quando o trabalhador está no primeiro turno, as mulheres têm que levantar às quatro da manhã para preparar o desjejum ao companheiro. Às três da tarde ele chega da mina e até a esta hora não comeu nada. Porque não tem como levar comida dentro da mina. Não é permitido. Ademais, queimará ao passar por tantos lugares dentro da mina. Há tanto pó, tanto calor, na parte das dinamites que explodem, que, se chegas-

sem a comer algo, comeriam uma coisa que lhes faria mal. Seria necessário organizar tudo de outra maneira. E a empresa diz que não é possível fazer isto. Se a empresa quisesse poderia fazer corredores limpos e higiênicos ali dentro. Mas não lhe interessa. A empresa outorga estes tratamentos preferenciais aos técnicos. Por exemplo, os engenheiros trabalham menos tempo. E às 10:30 lhes trazem seu lanche. Têm direito. Às 11:30 almoçam ali dentro. Se a empresa quisesse que os trabalhadores almoçassem na hora, poderia dar o mesmo a eles. Mas não. Com um café da manhã estão os trabalhadores desde às cinco da manhã até às três da tarde, quando voltam à sua casa. E os que vivem mais longe, como em Uncia, têm que levantar-se às três da manhã e ir até Socavón, Patiño, Miraflores e outras entradas de minas que ficam bem longe.

Como agüentam, então, na mina? Mascando coca com lejía. A coca são umas folhas que têm um sabor assim um tanto amargo, mas que faz a gente esquecer a fome. A lejía é cinza dos talos de quinua* misturado com arroz e anis, que a gente mastiga com a coca para tirar-lhe seu sabor demasiado amargo. Então, é isso que os mineiros mastigam para ter ânimo e para que seu estômago resista.

O trabalho da mina é esgotador. Meu companheiro, por exemplo, chega à casa e assim vestido vai dormir. Dorme até duas ou três horas somente depois é que vai almoçar.

O pior, o mais duro, é o turno da noite. O mineiro trabalha a noite toda e vem dormir de dia Mas como a vivenda é pequena e as vivendas do acampamento estão lado a lado, não há um lugar onde as crianças possam brincar; elas ficam ali mesmo fazendo barulho. E as paredes são tão finas que, quando os vizinhos falam,

*Cereal do altiplano.

parece que eles estão ali, ao nosso lado. Então o trabalhador não pode dormir e se aborrece. Não pode nem descansar. Este é o turno que meu marido e os trabalhadores mais odeiam. Mas eles são obrigados a fazê-lo. Têm que se submeter às regras da empresa, senão são despedidos.

Faz quase 20 anos que meu companheiro trabalha assim. Todos os mineiros trabalham oito horas completas dentro da mina. Os turnos são iguais.

A média de vida de um trabalhador mineiro é apenas 35 anos. Então, já está totalmente enfermo, com mal da mina. De tanto explodir dinamites para tirar minério, então estas partículas de pó se introduzem nos pulmões através da respiração pela boca e o nariz. E nos pulmões chega a carcomer e fazer em pedaços o pulmão. E os trabalhadores começam a vomitar sangue. A boca fica negra, roxa. E por fim botam pedaços do pulmão e morrem. Esta é a doença profissional da mina ou silicose.

Além do mais, os mineiros têm esta desgraça apesar de serem os que mantêm a economia nacional com seu suor e sangue, o que logram ao longo do tempo é o desprezo de todos, pois nos têm horror e pensam que se contagiarão com nossa doença, o que não é verdade. Essa crença existe tanto no campo como na cidade. Muitas pessoas não querem alugar-nos casas porque pensam que o mal de nossos companheiros transpassa as paredes e contagia os vizinhos. E também, como os mineiros mascam a coca para ter ânimo de enfrentar o trabalho, dizem que os mineiros são viciados, são os "Khoya loucos", os loucos da mina. É sério nosso problema.

Os que vivem nas minas, em sua grande maioria, são camponeses que deixaram suas terras do altipano porque lá não dava para viver. As terras do altipano produzem uma só coisa e uma só vez ao ano: a batata.

As demais produzem muito pouco. Há anos em que o tempo é favorável, que produz boa batata, mas há anos em que não produz nada e os camponeses não chegam a recuperar nem a semente que plantaram. Então, toda a família vai para a cidade ou vem para a mina. E quando aqui chegam, encontram a situação que descrevi.

É lógico que a propaganda do governo quer mostrar que temos uma vida folgada e, quando falam do mineiro, dizem que temos vivenda gratuita, água potável gratuita, armazém barato, e outras coisas mais. Mas, quem quer que seja que venha a Siglo XX verá, por si mesmo, qual é a nossa realidade: a vivenda é péssima, não é dada e sim emprestada; água, só temos nas torneiras públicas; os banheiros são coletivos; temos energia elétrica cedida pela empresa; a educação é muito cara porque temos que comprar uniforme, material escolar e muitas outras coisas; o armazém barato é parte do salário de nossos companheiros.

Para manter-nos nesse estado miserável, pagam uma miséria aos trabalhadores. Por exemplo, ao meu marido, que trabalha numa seção especial no interior da mina, lhe pagam agora 28 pesos diários, ou seja, uns 740 pesos mensais. No ano passado lhe pagavam 17 pesos por dia, isto é, nem um dólar diário. Temos uma ajuda familiar de 347 pesos e fração, mais uma quota determinada pelo governo pela desvalorização monetária e que é de 135 pesos e fração por mês. Também há aumento de salário por trabalho noturno. Somando tudo, meu companheiro chega a ganhar de 1500 pesos a 1600 pesos mensais. Mas, com os descontos feitos pela empresa para o seguro social, o armazém, edifícios escolares e outras coisas, esse dinheiro não chega a nossas mãos. Às vezes, meu marido retira 700 pesos, 500 pesos; às vezes, ficamos devendo à empresa. E minha família, com nove pessoas, tem que

viver com isso. Mas, há trabalhadores que estão em uma situação ainda pior.

Um dirigente nosso, um grande homem que mataram, uma vez nos explicou, de maneira bastante simples, o porquê desta situação. E nos disse:

— "Nós, os dez mil trabalhadores da Siglo XX, produzimos, companheiros, 300 a 400 toneladas de estanho cada mês". E, pegando uma folha de papel, continuou: "Esta folha inteira representa nosso lucro. Este é todo o lucro, que produzimos em um mês. Como é que isso é repartido?".

Então, cortou aquela folha de papel em cinco partes iguais. "Destas cinco partes — disse — o capitalista estrangeiro leva quatro. É seu lucro. Para Bolívia fica somente uma parte.

Agora, esta quinta parte também está distribuída de acordo ao sistema em que vivemos, não é? Então, disto, o governo leva quase a metade para despesas de transporte, alfândegas e direito de exportação do minério, o que é outra maneira de fazer o capitalista ganhar, não é? Porque nós, usando nossos próprios caminhões, acabando com eles, temos que levar o minério até Guaqui, na fronteira do Peru. No Peru tem porto. Então, dali os minérios vão de barco até a Inglaterra, para as fundições de Williams Harvey. Dali, são transportados em barco até os Estados Unidos para que se fabriquem as coisas que os outros países, inclusive Bolívia, compram dos Estados Unidos a preços tão altos. Em tudo isso, o capitalista levou outra vez quase a metade deste 1/5 de lucro que nos correspondia.

Logo, desta metade que sobrou, o governo pega novamente para o seu benefício e para o grupo que segue: para as Forças Armadas, para o salário de seus ministros e para suas visitas por outros países. E eles investem esse dinheiro em capitais estrangeiros para que,

quando caíam do poder, possam ir a outro país, já como novos milionários, com dinheiro assegurado.

E outra parte disto vai para os órgãos de repressão, para o exército, para o DIC*, para seus informantes, para beneficiar a todos eles.

E do restinho, o governo tira outra parte para o serviço de seguro social, para a saúde, para o armazém barato, para manter contentes e felizes os mineiros. E nos fazem crer que, por "bondade do governo", temos quatro artigos congelados que são o pão, a carne, o arroz e o açúcar e dizem que por "sua magnificência" o governo nos dá isso. Mas, ele o tira daqui mesmo, do que nós produzimos, não é?

E da outra pequena parte que sobrou, também tira uma parte para os materiais de trabalho, pás e picaretas para os operários.

Além do mais, tira para sua esposa e para as esposas dos ministros, para que elas façam presentinhos nos dias da mãe e Natal.

E assim tiram e seguem tirando. E então. de todo esse dinheiro que custa o estanho, depois de empregá-lo em tantas coisas, sobra um pouquinho, mas bem pouquinho, para o salário dos dez mil trabalhadores mineiros que tiraram este estanho. É assim que estamos no nada".

Foi assim que aquele dirigente nos mostrou a situação.

Uma vez eu tive a oportunidade de explicar isso numa conferência para a qual fui convidada. Creio que foi em 1974. No Alto de La Paz estavam dando uns cursinhos de capacitação para umas companheiras que haviam se agrupado em uma Federação de Mães de Família.

* Departamento de Investigações Criminais.

Ali estavam alguns jovens da Universidade que eram economistas. Houve uma discussão muito importante. Escrevendo num quadro negro, eles falaram às mulheres do problema da economia do país, como havia fuga de divisas, como se distribuíam as riquezas na Bolívia.

Mas, havia muitas senhoras que não sabiam ler e que não entendiam o problema. E uma senhora humilde, com sua criancinha nos braços, se levantou e disse: "Jovem, vocês escreveram muitos números aí. Nós não os entendemos. E vocês não falaram de Mutún...* O que acontece com Mutún? O que o governo está fazendo com Mutún? Meu filho voltou do quartel e me disse que há ferro em Mutún e que com esse ferro fazem caminhões. Por que então, o governo, em vez de dar o Mutún aos estrangeiros, não faz aqui algumas fábricas onde nossos filhos poderiam encontrar trabalho?

Bem, apesar do pouco preparo que tenho, consegui entender o que aqueles companheiros da Universidade tinham dito. Eu queria simplificar o que entendia de todo aquele emaranhado de números que o senhor tinha escrito no quadro negro. Então eu falei às companheiras e lhes expliquei as coisas na nossa linguagem, mais ou menos da maneira que nos havia explicado aquele dirigente.

Elas ficaram com raiva. E diziam que seus esposos não sabiam daquilo, mas que elas iriam dizer-lhes como se manejava a economia da Bolívia. E perguntaram: "Por que fazem isso?". Então eu lhes disse: "Bem, isto é o que temos que perguntar ao governo: por que fazem isso".

Agora, eu penso: se nós mudássemos este sistema de vida, se o povo chegasse ao poder, isso não acon-

* Jazida de ferro inexplorada, situada no departamento de Santa Cruz, na fronteira com o Brasil.

teceria com as medidas que seriam tomadas. Inclusive nossa vida se alongaria. O primeiro que faríamos seria "por um atalho" na mina. Comprar máquinas novas, por exemplo, para que renda mais o trabalho. Que seja mais adequado o sistema de alimentação ao desgaste físico que tem que agüentar nossos companheiros. Inclusive eu penso que nossos companheiros não devem morrer sem mais nem menos na mina. Ele só tem o direito de retirar-se e receber sua pequena indenização quando já não pode mais levantar uma pá, uma picareta. Antes, não lhe dão nenhum centavo.

Se em vez de ser assim o Estado cuidasse do capital humano, o primeiro que faria — e um dia, quando nós estivermos no poder, eu penso que se fará — seria decretar que cada mineiro não deve trabalhar mais que cinco anos no interior da mina. E ao mesmo tempo que está trabalhando, a empresa deve ensinar-lhe algum oficio para que, quando saia da mina depois de cinco anos, possa se colocar em outro trabalho, como um bom carpinteiro, um bom sapateiro, por exemplo. Mas, que saiba algo onde ganhar sua vida e não acabar-se na mina, morrer.

Porque, finalmente, seguindo como estamos... quando conseguiremos ter uma sociedade sadia? E se o homem continua sendo tratado somente como uma força que tem que produzir, tem que produzir e que morra; e quando morre, o trocam por outra força que é outro homem, também para arruína-lo... bem, estamos jogando fora o capital humano, que é o mais importante para a sociedade, não é mesmo?

UM DIA DA MULHER MINEIRA

Meu dia começa às 4 da manhã, especialmente quando meu companheiro está no primeiro turno. Então, eu preparo o seu café da manhã. Em seguida preparo as salteñas*, porque faço umas cem por dia e vou vendê-las na rua. Faço isto para completar o que falta ao salário do meu companheiro, para satisfazer as necessidades do lar. Na véspera, preparamos a massa e às 4 da manhã faço as salteñas, enquanto dou de comer aos pequenos. Os pequenos me ajudam: descascam as batatas, cenouras, preparam a mesa.

Depois, tenho que aprontar os que vão à escola na parte da manhã. Em seguida, lavar a roupa que deixei enxaguada na véspera.

Às 8 saio para vender. Os pequenos que vão à escola na parte da tarde me ajudam. É necessário ir ao armazém e trazer os artigos de primeira necessidade. No armazém fazem filas imensas e fica-se até às 11 para se abastecer de alimentos. Fila para a carne, para a verdura, para o óleo. Para tudo é preciso fila. É assim porque cada coisa está num lugar diferente. Então, en-

* Empanada típica boliviana, recheada com carne, batata, pimenta e outros condimentos (um tipo de pastel feito com massa de pão).

quanto vou vendendo as salteñas, faço fila para abastecer-me no armazém. Corro na janelinha para buscar as coisas e os meninos ficam vendendo. Depois os meninos vão ficar na fila e eu vendo. Assim.

Das cem salteñas que preparo, tiro uma média de 20 pesos diários, pois se vendo todas num dia, ganho 50 pesos; mas, se amanhã vendo somente 30 salteñas então perco. Por isso digo que a média de meu lucro é de 20 pesos por dia. E eu tenho sorte porque as pessoas me conhecem e as compram de mim. Algumas das minhas companheiras chegam a tirar somente de 5 a 10 pesos diários.

Do que eu e meu marido ganhamos, comemos e vestimos. O alimento está bastante caro: 28 pesos o quilo de carne: 4 pesos a cenoura; 6 pesos a cebola... Se pensarmos que meu companheiro ganha 28 pesos por dia, apenas dá para viver, não é?

A roupa custa mais caro. Então, procuro costurar tudo o que posso. Não compramos roupa para o frio. Compramos lã e a tecemos. Também, no princípio de cada ano, gasto uns 2000 pesos comprando tecidos e um par de sapatos para cada um de nós. E isto a empresa desconta mensalmente do salário do meu esposo. Nos papéis das contas chamamos isso de "pacote". E acontece que, antes de terminarmos de pagar o "pacote" já se estragaram os sapatos. Assim são as coisas.

Bem, das 8 até às 11 da manhã eu vendo as salteñas, faço as compras no armazém e faço também meu trabalho no Comitê de Donas de Casa, conversando com as companheiras que também vêm fazer compras.

Ao meio dia, o almoço tem que estar pronto porque os outros meninos têm que ir à escola.

Na parte da tarde, tenho que lavar roupa. Não temos lavadouro. Usamos batéia e é preciso ir buscar água.

Também tenho que corrigir as tarefas dos meninos e preparar todo o necessário para as salteñas do dia seguinte. Então, tenho que deixar de lavar a roupa para fazer isso. O trabalho do Comitê é diário. Necessitamos, reservar-lhe pelo menos, duas horas diárias. É um trabalho totalmente voluntário.

As demais coisas, as faço à noite. Os pequenos trazem bastante tarefa da escola. E a fazem à noite, sobre uma mesinha, uma cadeira ou um caixãozinho. Às vezes, todos têm tarefa e então ponho uma tábua em cima da cama e algum deles faz ali a tarefa.

Quando meu marido trabalha na parte da manhã, ele e os pequenos vão dormir às 10 da noite. Quando trabalha à tarde, então ele fica fora a maior parte da noite, não é? E quando trabalha no turno da noite, ele volta só no dia seguinte. Então eu tenho que me adaptar a esses horários.

Geralmente, não podemos contar com a ajuda de outra pessoa na casa. O salário do meu companheiro é pouco e eu tenho que ajudar fazendo salteñas. Outras companheiras ajudam na casa tecendo, outras costurando, outras fazendo tapetes, outras vendendo na rua. Outras não podem ajudar e a situação é realmente difícil.

Não há fonte de trabalho para as mulheres. Não só para elas como também para os jovens que voltam do quartel. E a desocupação torna os nossos filhos irresponsáveis, porque eles se acostumam a depender de seus pais, de sua família. Muitas vezes se casam sem ter trabalho e então vêm viver na casa com sua companheira.

Então, é assim que vivemos. Assim é nossa jornada. Geralmente, eu me deito à meia-noite. Durmo então de 4 a 5 horas. Já estamos acostumados.

Bem, penso que com tudo isso fica claro como o mineiro é explorado duplamente, não é? Porque, o

salário sendo tão pouco, a mulher tem que fazer muito mais coisas no lar. E isto é uma obra gratuita que ao final das contas estamos fazendo para o patrão, não é?

E, explorando ao mineiro, exploram também não só a sua companheira mas também até os seus filhos. Isto porque os afazeres domésticos são tantos que até as criancinhas as fazemos trabalhar, como por exemplo esperar pela carne, pela água. Por vezes, fazem filas tão grandes que as pessoas se apertam e se maltratam. Quando há escassez de carne nas minas, as filas são tão grandes que crianças morrem esmagadas para pegar a carne. Há um desespero terrível. Eu conheci crianças que morreram assim, com costelas fraturadas. E por quê? Porque as mães, com tantas coisas para fazer na casa, mandam seus filhos ficar na fila. E às vezes há um aperto tão terrível, que acontece: pisam nas crianças. Também se deve levar em conta o dano que se causa a uma criança que, por ter que ficar na fila, não vai à escola. Quando se espera a carne por dois ou três dias elas ficam o dia inteiro na fila. E elas, por dois ou três dias faltam à escola.

Isto quer dizer que não dão nenhuma comodidade ao trabalhador. Que ele se arranje como possa. E pronto. No meu caso, por exemplo, meu marido trabalha, eu trabalho, faço meus filhos trabalharem; somos vários trabalhando para manter a casa. E os patrões se enriquecem cada vez mais e a condição dos trabalhadores vai de mal a pior.

Mas, apesar de tudo o que fazemos, ainda existe a idéia de que as mulheres não realizam nenhum trabalho porque não contribuem economicamente para o lar; que somente o marido trabalha porque ele recebe um salário. Nós temos tropeçado bastante com esta dificuldade.

Um dia me ocorreu a idéia de fazer anotações num quadro. Pusemos, como exemplo, o preço de roupa

lavada por dúzia e verificamos quantas dúzias de roupa lavávamos por mês. Depois, o salário de uma cozinheira, de uma babá, de empregada. Verificamos tudo o que fazem todos os dias as esposas dos trabalhadores. No total, vimos que o salário necessário para pagar o que fazemos na casa, comparado com os salários de cozinheira, lavadeira, babá, empregada, era maior que o que ganhava o companheiro durante um mês na mina. Então, assim fizemos os nossos companheiros compreender que, em certo sentido, trabalhamos mais que eles. E que inclusive contribuíamos mais dentro do lar com o que economizamos. Assim que, apesar de que o Estado não reconheça o trabalho que fazemos na casa, o país se beneficia do nosso trabalho e também o governo se beneficia, porque deste trabalho não recebemos nenhum salário.

E enquanto seguirmos no sistema atual, as coisas serão sempre assim. Por isso me parece muito importante que os revolucionários ganhem a primeira batalha no nosso lar. E a primeira batalha a ser ganha é a da participação da companheira, do companheiro, dos filhos, na luta da classe trabalhadora, para que este lar se transfome numa trincheira instransponível para o inimigo. Porque, se a gente tem o inimigo dentro da própria casa, então será uma arma a mais que o inimigo comum pode utilizar com um fim perigoso. Por isso é necessário ter bem clara a idéia da nossa situação e deixar para sempre a idéia burguesa de que a mulher deve ficar no lar e não se meter em outras coisas, como por exemplo, em assuntos sindicais e políticos. Ainda que ela esteja somente na casa, de todos os modos ela está metida em todo o sistema de exploração em que seu companheiro vive, seja trabalhando na mina ou na fábrica, ou onde quer que seja. Não é certo?

ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

Devemos a tradição de luta do povo boliviano principalmente à classe trabalhadora, que não permitiu que os sindicatos ficassem nas mãos dos governos. O sindicato deve ser, sempre, uma organização independente e deve seguir os delineamentos da classe trabalhadora. Isto não quer dizer que seja apolítico. Mas, sob nenhum pretexto, o Sindicato pode pôr-se a serviço do governo, pois se considerarmos que nossos governos de conteúdo capitalista representam aos patrões, defendem os patrões, nunca o Sindicato deverá estar à serviço deles.

A classe trabalhadora mineira está organizada em sindicatos. Por exemplo, aqui onde vivo, há cinco sindicatos que são o dos mineiros da "Siglo XX", o de "Catavi", o "20 de Outubro dos Locatários", o dos "Veneristas" e o dos "Lameiros".

Por sua vez, os sindicatos estão agrupados a nível nacional na Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB). Mas existem também os sindicatos de construtores, fabris, de transporte, camponeses, ferroviários, etc. Cada grupo destes sindicatos têm também sua Federação.

Todas estas federações estão agrupadas na Central Operária Boliviana, a COB. De uma maneira em geral, todos os grupos sindicais se organizaram através de documentos e congressos. E por exemplo, se os mineiros têm um determinado problema e os fabris de uma fábrica têm outro, tudo é anotado e num congresso se decide: pelos mineiros vamos fazer tal coisa, pelos fabris tal outra e todos nós vamos resolver juntos estes problemas. É assim que trabalha a Central Operária Boliviana. Quando, por exemplo, os fabris estão sendo atacados duramente, estão sendo liquidados, a Central Operária Boliviana convoca todos os setores a uma manifestação e então, camponeses, mineiros, todos apóiam as fábricas. E se golpeiam os mineiros, então a Central Operária Boliviana também chama os outros Sindicatos e todos colaboram.

Eu penso que o Sindicato, a Federação, a Central Operária Boliviana são nossas representações, são nossa voz e, por isso, devemos cuidar delas como a menina de nossos olhos.

Também penso que, neste trabalho de nos organizarmos, temos que dar uma atenção primordial à formação de nossos dirigentes. No passado, por nossa pouca preparação ou falta de preparação, por nossa falta de vigilância revolucionária, por nossa falta de solidariedade, muitos dirigentes se venderam ao governo. Às vezes porque os escolhíamos mal. Por exemplo, cometíamos o grande erro de prestarmos atenção em um tipo que falava bonito e já dizíamos: "Puxa!... Como fala bem! Deve ser bom para dirigente". E muitas vezes não era assim. Não é porque fala bonito que sabe atuar bem, não é? Outras vezes, achávamos um tipo realmente correto, honesto, que queria estar prestando serviços à classe trabalhadora. O elegíamos e nos esquecíamos dele, o deixávamos sozinho enfrentando o governo, a empresa. E estes lhe armavam muitas confusões. E finalmente, o que acontecia? Uns

se vendiam ao governo, outros eram mortos ou os faziam desaparecer. E assim, nunca tínhamos um bom dirigente. Por quê? Em grande parte por nossa culpa mesmo.

Mas, através dos anos, fomos aprendendo e compreendendo o valor da solidariedade. E também surgiram dirigentes revolucionários bastante comprometidos com a classe trabalhadora, que começaram a orientar bem o povo. Então, para dobrar-nos, os governos têm utilizado a força das armas. E produto disto foram os massacres de 42, de 49, os de 65 e 67. Massacres feios, onde centenas e centenas de pessoas perderam a vida.

E em vez disto servir como "excarmènta" e que mete medo ao povo, serviu para fortalecê-lo mais. E corrigindo os erros do passado, nos últimos vinte anos se formaram dirigentes eficientes e formos aprendendo a importância de escolher bem os dirigentes e ter para com eles uma grande solidariedade, controlando-os, apoiando-os e criticando-os quando não atuam como devem.

Aqui nas minas, somos bastante controlados pelos companheiros e se o que nós fazemos não os convence, desde o operário mais humilde, nos chamam a atenção e nos criticam. Eu, por exemplo, cheguei a chorar muitas vezes. Toda emocionada, deixando os meninos em casa, ia à assembléia colocar um problema, ou então falar pela rádio. Quando regressava, vinha um operário e me dizia: "Que idiotices falaram vocês pela rádio? Que merda!..." Assim. E isso dói na gente, não é? Mas, depois pensa e diz: "Sim, falei bobagem, devia ter pensado mais, devia ter escutado mais". E assim a gente aprende.

E quando um dirigente está preso, é importante que ele sinta nossa solidariedade, não somente para com ele, mas também para com sua família. Bem,

qualquer companheiro que vá para o cárcere, deve contar com esta atitude de nossa parte, não é? A gente se esquece do sofrimento pessoal que teve no cárcere, das surras que levou, de que o rosto ficou desfigurado, quando chega em casa e os filhos dizem: "Papai, mamãe, o sindicato, os companheiros, nos deram pãezinhos". Então, se uma pessoa é honrada e honesta, ela se compromete para sempre com seu povo e não há força capaz de separá-la de seu povo que lhe mostrou essa confiança e essa solidariedade.

Nós temos essa experiência. Tivemos companheiros que preferiram morrer a trair-nos. Muitos dirigentes têm sido deportados, torturados, mortos. Somente para citar alguns, quero lembrar a Federico Escóbar Zapata, Rosendo Garcia Maisman, César Lora, Isaac Camacho. Desapareceram com eles em diferentes circunstâncias. Maisman morreu no massacre de São João, em 67, defendendo o Sindicato. César Lora foi seguido ao campo e ali o mataram. Prenderam Isaac Camacho e os agentes do DIC desapareceram com ele. Federico Escóbar o mataram, primeiro, pagando ao chofer de um caminhão para que o tombasse; Federico ficou ferido e o levaram para operar em uma clínica de La Paz e, ao começar a operação, ele morreu, e até hoje não nos esclareceram as circunstâncias de sua morte. Nós continuamos pensando que o mataram.

Aqueles dirigentes aproveitaram os anos que estiveram na direção para ensinar a classe trabalhadora a organizar-se bem e não deixar-se enganar. E atualmente, ainda que matem uns cinqüenta, prendam uns cem ou expulsem uns quinhentos, o governo não consegue dobrar a classe trabalhadora.

O que não têm feito para acabar com a força dos sindicatos, com a unidade do povo! Primeiro, nos reprimiram, muitas vezes, brutalmente, até massacrar-

nos em algumas oportunidades. Depois, mandaram funcionários da ORIT* para dar uns cursos nas minas. A ORIT é uma organização internacional dirigida dos Estados Unidos, que tem criado uns "sindicatos independentes" ou afiliados a esta organização que, em vez de defender o trabalhador, defendem a empresa, o patrão. Na Bolívia os chamamos de "sindicatos amarelos". Mas a ORIT não conseguiu implantar esses sindicatos nas minas. E, atualmente, o governo chegou ao ponto de desconhecer totalmente as nossas organizações sindicais e quis impor-nos os "coordenadores de base" que ele escolhe e dirige. Mas a classe trabalhadora, como tal, não aceitou isso. Abertamente ou na clandestinidade, os trabalhadores sabem o que querem e escolhem seus próprios representantes para poder manter-se "como um só homem" frente ao explorador.

É claro que houve desacertos cometidos pelos dirigentes. Alguém me fez observar como uma ou outra vez os trabalhadores foram um tanto manipulados pelos dirigentes. De fato, isso ocorreu também. Há alguns dirigentes políticos que ficam um pouco eufóricos e não enxergam mais adiante, e pensam que a classe trabalhadora tem que estar à disposição de seus interesses e de seu partido. Eu penso que um dirigente deve ter o máximo de respeito para com a gente. E se nos elegeram dirigentes, nós devemos estar a serviço da classe trabalhadora e não o contrário.

É possível que tenha havido erros, que sem motivo ou causa fundamental tenham prejudicado os trabalhadores, como dizem alguns. Eu creio que, em grande medida, muitos o têm feito por falta de experiência. Porque a pessoa que não viveu, que não sabe e quer

---

*Organização Regional Inter-americana do Trabalho.

caminhar por um novo caminho, o faz caindo e levantando-se. É por isso que precisamos recolher experiências, seja de nossa própria história, das lutas havidas anteriormente na Bolívia, ou da experiência de outros povos.

E deve haver documentação. E esse foi o erro, nós não escrevemos tudo o que acontece. Temos muito poucas anotações. E o que tínhamos no Sindicato, nas rádios dos mineiros, como por exemplo as fitas gravadas, foi levado ou destruído pelo exército. E isso nos serviria tanto, inclusive para refletir sobre nossa ação e criticá-la, não é?

Então, isso é o que digo: para levar adiante a organização da classe trabalhadora é preciso ter muito cuidado e escolher bons dirigentes. Também é dever das bases, das massas, controlar os líderes que se perfilam. Isso é muito importante para nos prepararmos para a tomada do poder.

É lógico que até agora não sabemos quem será o nosso presidente quando estejamos no poder. Mas temos uma confiança tão grande na classe trabalhadora que o encontraremos. Nossa luta é tão grande, tão longa e tão importante! São milhares de cabeças... Não somente entre os homens, mas também entre as mulheres e entre os jovens, tem gente de muito, muito valor. Aqui e ali vemos surgir pessoas que nos assombram por sua sabedoria. O povo é uma fonte inesgotável de sabedoria, de fortaleza, e nunca devemos menosprezar o povo.

Nessa luta em que estão os trabalhadores, nós, suas companheiras, colaboramos. Nós, as mulheres, desde o berço fomos criadas com a idéia de que a mulher é feita somente para a cozinha e para cuidar das crianças, que ela é incapaz de desempenhar tarefas importantes e que não se deve permitir-lhes se meter na política. Mas a necessidade nos fez mudar de vida. Faz

quinze anos, em uma época de muitos problemas para a classe trabalhadora, um grupo de sessenta mulheres se organizou para conseguir a liberdade de seus companheiros que eram dirigentes e que haviam sido presos por reclamar melhores condições de salário. Depois de submeterem-se a uma greve de fome durante dez dias, elas conseguiram tudo o que pediam. E a partir daí, decidiram organizar-se em uma frente que chamaram: "Comitê de Donas de Casa da Século XX".

Desde então, este Comitê sempre esteve ao lado dos sindicatos e de outras organizações da classe trabalhadora, lutando pelas mesmas causas. E por esse motivo, atacaram também a nós. Várias foram presas, interrogadas, encarceradas e até perdemos nossos filhos por estar na luta com nossos companheiros. Mas o Comitê não morreu. E nos últimos anos, atendendo a um chamado de seus dirigentes, quatro mil, cinco mil mulheres saem em manifestação.

O Comitê de Donas de Casa está organizado como o Sindicato e funciona como ele. Também fazemos parte da Federação de Trabalhadores Mineiros e temos nosso lugar na Central Operária Boliviana. Sempre fazemos escutar nossa voz e estamos prontas para executar as tarefas que se propõe a classe trabalhadora.

Nossa posição não é uma posição como a das feministas. Nossa liberação consiste, primeiro na liberação de nosso país do jugo do imperialismo e que um operário como nós esteja no poder; e que as leis, a educação, tudo seja controlado por ele. Então, depois, teremos mais condições para chegar a uma liberação completa, também em nossa condição de mulher.

O importante, para nós, é a participação do companheiro e da companheira em conjunto. Só assim poderemos lograr um tempo melhor, gente melhor e mais felicidade para todos. Porque se a mulher seguir ocupando-se somente da casa e permanecendo ignoran-

te das outras coisas de nossa realidade, nunca teremos cidadãos que possam dirigir nossa pátria. Porque a formação começa do berço. E se pensarmos no papel primordial que a mulher joga como mãe que tem que forjar os futuros cidadãos, então, se ela não está capacitada, ela forjará somente cidadãos medíocres, fáceis de serem manejados pelo capitalista, pelo patrão. Mas, se ela já está politizada, se já tem formação, forma seus filhos com outras idéias e os filhos serão outra coisa.

É assim, a grandes traços, como nós estamos trabalhando. E com suas atitudes, muitas de minhas companheiras têm demonstrado que podem assumir um papel importante ao lado dos trabalhadores. E nosso Comitê tem dado provas de que pode ser um forte aliado para os interesses da classe trabalhadora.

Alguém disse que "as idéias e aspirações de um povo não se mata com balas". Creio que esta é uma grande verdade. Muitos caíram e muitos cairão, mas sabemos que um dia nossa liberação chegará e que o povo estará no poder.

É lógico que isso não nos será dado. Custará muito sangue, muita luta, como ocorreu com outros povos. Por isso é tão importante manter contato com povos que já vivem no socialismo, ter conhecimento das conquistas dos povos que já se libertaram do imperialismo. Não para copiar suas experiências, mas sim, para compararmos com a realidade em que vivemos e ver no que podem aportar as experiências que eles têm e que os levaram ao poder, não é? Procuramos fazer isto na Bolívia e as idéias socialistas penetraram de tal forma na classe trabalhadora que, no último Congresso da Central Operária Boliviana, no ano de 1970, surgiu a resolução de que "Bolívia será livre somente quando for um país socialista".

Sabemos que nossa luta será longa para realizarmos isto; mas, nisto estamos. E não estamos sós. Quantos povos estão na mesma luta! E, por que não dizer? Cada povo necessita da solidariedade de outros, porque nossa luta é muito grande. Então, nós temos que praticar aquele internacionalismo proletário que muitos homens, muitos países cantam. Porque, como Bolívia, muitos outros países sofrem perseguições, assassinatos, massacres.

E que bonito é sentir que em outros povos temos irmãos que nos apóiam, se solidarizam com nós, nos fazem compreender que nossas lutas não são isoladas. Esta solidariedade significa muito. Na Bolívia, sempre procuramos manifestá-la, atuando de alguma maneira.

Por exemplo, nos últimos anos nos solidarizamos particularmente com Chile e Vietnã, Laos e Camboja. Nos alegramos muito com o triunfo de Vietnã, que conseguiu golpear o imperialismo. E de várias maneiras lhes fizemos saber que, ainda que não fomos combater ao lado deles, estávamos com os vietnamitas.

Quando Allende foi derrotado, protestamos pelo sofrimento do povo chileno. E veja: nós temos este problema da saída ao mar, que os chilenos nos tiraram*. Mas, nós não temos este rancor contra o povo chileno, como tentam fazer parecer os governantes. Porque isto também foi produto do sistema de opressão em que nós vivemos. E não foi o povo que roubou o mar. Os governantes fizeram tudo aquilo, eles planejaram tudo. E agora querem utilizar aquela bandeira quando lhes convém. Por exemplo, quando Salvador Allende estava no poder, pelas ruas de La Paz se desfilava com armas modernas e se dizia: "Com estas armas arrebataremos aos chilenos nossa saída ao mar".

*Na guerra de 1879 com o Chile, Bolívia perdeu sua saída ao Pacífico. O povo boliviano sempre considerou este fato como usurpação e deseja recuperar sua costa marítima.

Mas quando surgiu o governo Pinochet, que é o mais leal amigo do meu governo atual, este mudou imediatamente sua maneira de falar, e foi fazer seus tratados com Pinochet e fizeram um acordo ali em Charaña* .

São armas que o inimigo utiliza muito certeiramente para manter-nos lutando constantemente entre nós, para que assim não possamos unirmo-nos e fazer uma frente comum, não é? Tentam, sempre, manternos assim, ofendendo-nos, para nos dividir.

E isto não é somente com o governo, mas também nas organizações. Naquelas organizações que estão surgindo um pouco mais forte e unidas, o inimigo pisa muito sutilmente... observa bem qual é a pessoa que pode utilizar para fazer o seu jogo e a utiliza fazendo surgir ressentimentos, desentendimentos e tudo mais. E a organização afunda e quem se beneficia com isto é sempre o inimigo. Então, nós devemos estar bem preparados para tudo isto para não nos deixar enganar facilmente. Assim, poderemos manter nossas organizações vigentes.

Finalmente, eu penso que é primordial saber que somos todos importantes na luta revolucionária, não é? Somos uma máquina muito grande e cada um de nós é uma engrenagem. E por falta de uma engrenagem, a máquina pode deixar de funcionar. Então, é preciso saber dar a cada um o seu papel e saber valorizar o papel de cada um. Alguns são bons para falar bonito. Outros para escrever. Outros, para fazer número, para estar presente e ser um a mais na fila. Alguns de nós têm que sofrer, fazer este papel de mártir, outros têm que escrever a história. E assim todos devem colaborar. E como nos disse uma vez um dirigente: "Ninguém, ninguém é inútil, todos temos nosso papel a desempenhar na história. E inclusive se necessitará de um homem que saiba pregar bem um sapato, porque até por isso se pode perder uma batalha, uma revolução". Então, ninguém deve se julgar inútil; podemos colaborar de uma forma ou de outra. Todos somos indispensáveis para a revolução. Todos contribuímos à nossa maneira. O importante é que estejamos bem encausados na luta da classe trabalhadora e que cada um faça o que lhe "se le asigne" "de acuerdo a..." suas possibilidades.

---

*Povoado boliviano fronteiriço com Chile, onde Banzer e Pinochet restabeleceram as relações diplomáticas suspensas em 1963.

PARTE II

SUA VIDA

PULACAYO

Eu nasci a 7 de maio de 1937 na Siglo XX. Cheguei a Pulacayo mais ou menos aos três anos e vivi ali até os vinte. Por isso não é justo falar de minha história pessoal sem me referir a esse lugar, ao qual eu devo muito. O considero parte de minha vida. Tanto Pulacayo como Siglo XX ocupam o primeiro lugar no meu coração. Pulacayo porque me abrigou desde a infância; ali eu vivi os anos mais felizes. Na infância, quando se tem um pedaço de pão para encher a barriga e um trapo para abrigar-se do frio, já se sente feliz. Percebe a gente muito pouco a realidade na qual vive.

Pulacayo fica no departamento de Potosi, na província de Quijarro, a uns 4000 metros de altura. É um distrito mineiro bastante combativo e aguerrido. Na revolução de 9 de abril de 1952 teve uma ativa participação desarmando o regimento LOA de Uyuni. Essa efervecência revolucionária que a classe trabalhadora tinha foi o motivo principal para que fechassem a mina. No entanto, pela vontade de seus filhos, aquele povoado não morreu. O converteram em um lugar industrial. Ali estão as fábricas de lã, de pregos, de pernos* e a fun-

* Pequenos eixos cilíndricos.

dição, que é muito importante, apesar de que, atualmente, tenha só uns quatrocentos trabalhadores antes tinha dois mil.

Minha mãe era uma mulher da cidade de Oruro. Meu pai é indígena. Não sei se quechua ou aymara, porque fala muito bem os dois idiomas, corretamente. Mas sim, sei que nasceu no campo, em Toledo.

Meus pais se amaram muito. Mas, meu pai andava metido em política, era dirigente sindical e por isso sofreu muito. E nós sofremos com ele.

Desde quando era solteiro meu pai trabalhou na política. Mesmo antes de se casar, já havia sido preso. Teve sua primeira formação no campo e depois na mina. E aprendeu muito também na guerra. Na guerra do Chaco* . Ele lutou nessa guerra e percebeu que era necessário ter um partido de esquerda na Bolívia. E quando surgiu o MNR**, ele depositou sua confiança nesse partido e lutou bastante nele.

Por ser político e dirigente sindical, meu pai foi deportado, primeiro à ilha de Coati, no lago Titicaca. Depois, a Curahuara de Carangas. Posteriormente regressou à Siglo XX e novamente o prenderam. Despediram-no do trabalho e o deportaram à Pulacayo. "Que se morra de frio", disseram. Porque Pulacayo é um lugar bastante frio.

Chegando lá, meu pai não podia conseguir trabalho com ninguém..Nem na mina, nem em nenhum lado, pois seu nome estava na "lista negra". Isso foi no ano 40. E assim nós vivíamos, meu papai, minha mamãe, eu, que tinha doze anos, e minha irmãzinha recém-nascida.

* Entre Bolívia e Paraguai (1932-1935). A ausência de limites territoriais definidos deu origem a uma disputa pelas reservas petrolíferas da região entre os países, mas por trás se encontravam os interesses petroleiros norte-americanos (Standard Oil Co.) e ingleses-holandeses (Royal Dutch Co.).

** Movimento Nacionalista Revolucionário.

Felizmente meu pai era alfaiate e começou trabalhar; mas tinha pouco dinheiro e por isso lhe faltava material para ter uma boa alfaiataria. Uma vez foi arrumar a roupa de um militar na sua casa e ele conseguiu que meu pai trabalhasse na polícia mineira. Deram-lhe uniforme, passava a lista, mas o ocupavam como alfaiate. E às vezes lhe pediam para fazer uma roupa em três dias e então, meu pai tinha que trabalhar dia e noite para terminá-la a tempo; mas não recebia nenhuma recompensa, só seu pequeno salário, que era muito pouco. E assim, passávamos necessidades. E então minha mãe o ajudava fazendo algumas roupinhas, bordando algumas coisinhas e sempre colaborava. Eu me lembro como nós nos queríamos muito e eu vivia feliz.

Mas, eu não sei se depois que estávamos em Pulacayo, meu pai seguia metendo-se na política; o problema é que, quando nasceu uma de minhas irmãzinhas, ele desapareceu. Isto foi em 1946, quando mataram o presidente Villarroel. Soubemos num domingo, eu sempre me lembro. Minha mãe ainda estava de cama porque havia dado à luz. E os do exército entraram à noite na minha casa e revisaram tudo. E fizeram, inclusive, minha mãe sair da cama. E tudo o que tínhamos, um pouquinho de arroz, de macarrão, misturaram tudo e jogaram no chão. Ofereceram-me dar-me doces e chocolates se eu lhes dissesse onde estavam as armas escondidas na casa.

Eu tinha, então, uns dez anos e não ia à escola porque não tínhamos dinheiro suficiente. Meu pai ficou perdido muito tempo e minha mãe o procurava por todas partes. Até que, depois de vários meses, ele regressou. Parece que uns companheiros o haviam levado para um outro lugar.

Então, tudo se normalizou, papai voltou a trabalhar e eu pude freqüentar a escola. Mas, tivemos tão

má sorte que, por tudo o que nos acontecia, minha mãe enfermou-se. E, ao mesmo tempo, estava dando à luz outra menininha. E minha mãe morreu deixando cinco órfãs, sendo eu a primeira.

Então, eu tive que cuidar de minhas irmãzinhas. Tive que deixar a escola e minha vida se tornou bastante difícil. Primeiro porque, com a morte de minha mãe, meu pai começou a beber. Ele sabia tocar piano, violão e então as pessoas o convidavam para tocar em festas. Assim, começou a beber bastante. E quando voltava bêbado, nos batia bastante.

Vivíamos sozinhas, quase sem nada. Não tínhamos amigos, não tínhamos brinquedos. Uma vez, encontrei no lixo um ursinho sem as pernas, bem sujo, bem velho. Levei-o para casa, lavei-o, arrumeio-o. Esse foi o único brinquedo que nós tivemos. Brincávamos com ele, me lembro muito bem. Era um brinquedo horrível, mas era toda nossa ilusão, todo nosso brinquedo.

No Natal, deixávamos nossos sapatos na janela, esperando algum presentinho. Nada. Nunca. Então, saíamos à rua e víamos que todas as meninas estavam brincando com bonitas bonecas. Queríamos pelo menos tocá-las, mas as meninas diziam: "Não brinquem com essa imilla*. E se afastavam de nós. Seria por nossa aparência? Ou porque não tínhamos mãe? Não consigo explicar, mas havia esse ressentimento por parte das outras crianças. Por isso, vivíamos num mundo à parte. Nós e ninguém mais, brincávamos na cozinha, contávamos estórias e cantávamos.

Quando minha mãe estava prestes a morrer, ela fez meu pai prometer que ele não se meteria mais na política, pois ele teria que cuidar de nós. "Temos somente filhas, mulheres — disse-lhe. E se me acontece

* Palavra quechua = menina ou adolescente indígena. Termo freqüentemente utilizado em sentido depreciativo.

alguma coisa, quem vai cuidar delas? Não faça mais isto. Já sofremos muito". E fez meu pai jurar que ele não se meteria em mais nada.

A partir daí, meu pai deixou de meter-se como antes. Mas, sentia falta de tudo aquilo. Quando, por exemplo, triunfou a revolução de 1952, ele se sentia feliz. E sentiu muito não estar junto com os que foram entrevistar-se com o presidente Paz Estenssoro. Eu percebi que nós éramos um obstáculo para ele exercer sua atividade. Mas é claro que ele não deixou de participar completamente, de seguir orientando as pessoas. Reunia os grupos em casa, tinha células, militava efetivamente, mas não tão arrojado como o fazia antes.

A revolução de 1952 foi um grande acontecimento na história da Bolívia. Foi, realmente, uma conquista popular. Mas, qual foi o resultado? Nós, o povo, a classe operária, os camponeses, não estávamos preparados para tomar o poder. E então, como não entendíamos nada de leis, como não sabíamos como se governa um país, entregamos o poder à pequena burguesia que dizia ser nossa amiga, que dizia estar de acordo com nossas idéias. Tivemos que entregar a um doutor, que era Victor Paz Estenssoro, e a outras pessoas, o governo de nosso país. Eles imediatamente formaram uma nova burguesia, enriqueceram novas pessoas. E eles começaram a socavar a revolução. Hoje, nós os operários e os camponeses vivemos em piores condições que antes.

Isto aconteceu porque nós sempre fomos educados com a idéia de que somente aqueles que têm estudos, que vivem bem e que foram à universidade é que podem governar um país. E como não nos educam e, mais que isso, nos menosprezam, então, não estávamos preparados para tomar o poder, apesar de que a revolução tivesse sido feita por nós. E esses pequenos burgueses

que pusemos no poder e nos quais depositamos nossa confiança, traíram tudo o que pensávamos fazer.

Diziam, por exemplo, que as minas seriam do povo, que o camponês ia ter a terra. Se fez a reforma agrária, é certo; as minas foram nacionalizadas, também é certo. Mas, na realidade, até agora, não somos donos da mina, nem os camponeses são donos da terra. Tudo foi traído, porque deixando o poder nas mãos de pessoas cobiçosas.

Isso fez com que chegássemos à conclusão de que é necessário que nós nos preparemos para chegar ao poder, nós, o povo. Por que permitir que uns poucos se beneficiem dos recursos que há na Bolívia e nós fiquemos, eternamente, trabalhando como animais, sem ter maiores aspirações, sem poder prever um futuro melhor para nossos filhos? Por que não podemos aspirar coisas melhores se o que enriquece nosso país é produto de nosso sacrifício?

Por isso eu penso que, se nós vamos fazer uma revolução no futuro, nosso governo terá que ser de nossa origem, terá que ser o operário, terá que ser camponês. Só assim teremos a garantia de que nós estaremos no poder. Porque só aqueles que sabem perfurar uma pedra, só aqueles que sabem o que é trabalhar e ganhar o pão de cada dia com o suor de seu rosto, é que poderão fazer leis para controlar e proteger a felicidade da grande maioria que é explorada.

Com a experiência e o conhecimento que adquirimos, agora eu compreendo que o MNR não foi o que meu pai sempre desejou. Eu me lembro, por exemplo, que quando nacionalizaram as minas, ele estava feliz. Mas, ele dizia que não se devia indenizar "os barões do estanho". Protestava e insistia com as pessoas que se reuniam em nossa casa: "Por que indenizá-los?" E dizia que não se devia fazer isso. Ele pensava que nós estávamos dormindo enquanto ele discutia com os companheiros, mas eu ficava desperta e escutava o que falavam, mas não compreendia nada. Então, um dia, lhe perguntei: "Papai, o que é indenizar? E por que o senhor não está de acordo em indenizar?" Então, como eu era ainda uma menina e não entendia nada de política, ele tentou explicar-me a coisa através de um conto.

"Suponhamos — me disse — que eu te comprasse uma boneca, uma dessas marionette que falam e andam. Com essa marionette, poderias fazer propaganda, ganhar a vida e tudo mais. Mas, suponhamos também que tu a emprestasses a um senhor e ele saísse por aí, fazendo-a trabalhar bastante. Tu pedes que ele a devolva porque a boneca é tua, brigas com ele, e nada. Ele, porque é grande e forte, te bate. Mas um dia, depois de tanto lutar, tu o agarras, bates forte e lhe tiras a boneca. E a bonequinha é tua outra vez. Mas, depois de tantos anos de trabalho, ela está totalmente estragada, velha. Já não serve tanto como quando era novinha. Agora, depois que a tiraste deste senhor, tu deves pagar a ele porque a boneca ficou velha? Não é? Muito bem agora veja: os "barões do estanho" se enriqueceram com nossa mina. A mina, agora, está voltando para o seio do povo. E o que está acontecendo? Vão pagar a esses senhores, vão indenizá-los pelos danos e prejuízos que nos deixaram. E isto é o que eu quero que não aconteça".

Na época, eu compreendi mais ou menos o que meu pai queria dizer. Com a formação que tenho agora, entendo por que ele estava tão triste quando saiu o decreto para a indenização, em 1953.

A nacionalização das minas serviu apenas para que elas passassem a outros donos e outros se enriquecessem. Ou seja, não mudou nada. Em 42 e em 49, o governo massacrou o povo da Siglo XX em apoio aos

"barões do estanho", que eram os donos da mina. Depois de haver custado tanto ao povo a revolução de 52, da mesma maneira, ou talvez mais cruel, o governo ou também dois massacres na Siglo XX, em 65 e em 67. Além do mais, quando nacionalizaram as minas, as máquinas já estavam velhas, o governo não tinha acessórios e então, tudo vai de mal a pior. E são sempre os mineiros, os que pagam.

Por que foi feito esse tipo de nacionalização? Os que estão no governo e na direção da empresa não são ignorantes. Não, eles são pessoas que estudaram. Há economistas, sociólogos, pessoas que conhecem as leis e tudo o mais. Por acaso eles não sabem como devem fazer as coisas para o progresso do povo? Por acaso, eles não sabem como solucionar os problemas sem passar por cima do povo e massacrá-lo? Sim, eles sabem. Mas a coisa é que fora lhes ofereceram dinheiro. E assim os corromperam, os compraram, pois.

Bem, foi difícil eu voltar à escola depois das férias, no ano de 1954, porque, nossa casa, que era um pequeno cômodo, não tinha quintal e não tínhamos onde deixar as crianças menores. Então, consultamos o diretor da escola e ele permitiu que eu levasse minhas irmãzinhas comigo. As aulas eram de manhã e à tarde. E eu tinha que combinar tudo isto: casa e escola. Então, eu levava a menor nos braços e a outra pela mão, Marina levava as mamadeiras e as mantas, e minha outra irmãzinha levava os cadernos. E assim, íamos todas à escola. Num canto, tínhamos um caixãozinho onde deixávamos a menor, enquanto estudávamos. Quando a menor chorava, lhe dávamos a mamadeira. Minhas outras irmãs ficavam ali andando de banco em banco. Saía da escola, tinha que levar a menor nos braços, e, chegando em casa, tinha que cozinhar, lavar, passar, cuidar das menores. Aquilo, para mim, era

muito difícil. Eu queria tanto brincar! E desejava tantas coisas, como qualquer menina.

Dois anos depois, a professora não deixou mais levar minhas irmãzinhas porque elas faziam barulho. Meu pai não podia pagar a uma mulher porque seu salário não dava nem para a comida e a roupa. Em casa, por exemplo, eu andava descalça; usava os sapatos somente para ir à escola. Tinha tantas coisas que fazer e o frio era tanto em Pulacayo que me arrebentavam as mãos, e saía muito sangue das mãos e dos pés. A boca, igual; os lábios ficavam rachados. Do rosto também saía sangue. Nós não tínhamos suficientes agasalhos de inverno.

Bom, como a professora me havia dado uma ordem, então, eu comecei ir sozinha à escola. Então, eu fechava a casa e as crianças tinham que ficar na rua porque a casa era escura, não tinha janela e dava muito medo ficar lá dentro fechada. Era como uma prisão, com uma porta só. E não havia onde deixar as menores, porque, nessa época, nós vivíamos em um bairro de solteiros, onde não havia famílias, só homens viviam ali.

Então meu pai disse que eu abandonasse a escola pois já sabia ler e, lendo, eu podia aprender outras coisas. Mas, eu não aceitei, fiz pé firme e segui indo à escola.

Um dia, a menor comeu cinza de carburo que havia no lixo, esse carburo que serve para acender lâmpadas. Haviam jogado comida sobre a cinza e minha irmãzinha, creio que de fome, comeu aquilo. Ela teve uma terrível infecção intestinal e morreu. Tinha três anos.

Eu me senti culpada da morte de minha irmãzinha e andava muito, muito deprimida. E meu pai me dizia que aquilo havia acontecido porque eu não quis ficar em casa com as crianças. Como eu havia criado minha

irmãzinha desde que ela nasceu, aquilo me causou um enorme sofrimento.

Desde então, comecei a preocupar-me muito mais com minhas irmãzinhas. Muito mais. Quando fazia muito frio e não tínhamos com que nos agasalharmos, eu pegava os velhos trapos de meu pai e com isso as agasalhava, enrolava seu pés, suas barrigas. As pegava no colo, procurava distraí-las. Dediquei-me completamente às meninas.

Meu pai solicitou à empresa mineira de Pulacayo uma casa que tivesse um quintalzinho, pois era muito difícil viver onde estávamos. Como meu pai arrumava a roupa do gerente, ele ordenou que nos fosse dada uma casa maior, com um quarto, uma cozinha e um corredorzinho onde se podia deixar as pequenas. Fomos viver em um bairro, que era um acampamento, onde a maioria das famílias era de operários das minas.

Às vezes passávamos fome porque pouco alimento meu pai podia comprar. Quando se é pequeno, é duro viver com privações e todos tipos de problemas. Mas isso desenvolveu algo em nós: uma grande sensibilidade, um grande desejo de ajudar as pessoas. Nossos jogos de crianças tinham sempre algo relacionado com o que vivíamos e com o que desejávamos viver. Além disso, na nossa infância, tínhamos visto isso: minha mãe e meu pai, apesar de que tínhamos tão pouco, estavam sempre ajudando algumas famílias de Pulacayo. Então, quando víamos pobres mendigando pelas ruas, eu e minhas irmãs sonhávamos. E sonhávamos que um dia seríamos grandes, teríamos terras, plantaríamos e daríamos de comer àqueles pobres. E, se alguma vez, nos sobrava um pouco de açúcar ou café ou de alguma outra coisa, e ouvíamos um ruído, dizíamos: "Está passando um pobre. Olha, aqui tem um pouquinho de arroz, um pouquinho de açúcar". E o amarrávamos em um trapo

e... já!... o jogávamos na rua para que algum pobre o apanhasse.

Uma vez, jogamos fora o café de meu pai, justo quando ele voltava do trabalho. Quando ele entrou na casa, nos repreendeu muito e nos disse: "Como é que vocês jogam fora o pouco que temos? Como desprezam o que tanto me custa ganhar para vocês?" Bem, nos deu uma surra. Mas, se eram coisas que nos aconteciam, pensávamos que assim poderíamos ajudar a alguém, não é?

Assim era nossa vida. Eu tinha, então, 13 anos. Meu pai seguia insistindo em que eu não fosse à escola. Mas, eu lhe rogava, rogava, e seguia indo. Claro que sempre faltava o material escolar. Alguns professores compreendiam, outros não. E por isso me batiam, me batiam terrivelmente porque eu não era boa aluna.

A questão é que eu e meu pai havíamos feito um acordo. Ele me havia explicado que não tinha dinheiro, que não podia comprar material, que não podia me dar nada para a escola. E eu, então, lhe prometi que não lhe pediria nada para a escola. Daí, eu tinha que me arranjar como podia. E por isso, tinha problemas.

No sexto ano, tive como professor um grande mestre que soube me compreender. Era um professor bastante exigente e, nos primeiros dias, como eu não levei o material completo, ele me castigou severamente. Um dia, me puxou os cabelos, me deu umas palmadas e, por fim, me expulsou da escola. Fui para casa, chorando. Mas, no dia seguinte, voltei. E, da janela, fiquei olhando o que os meninos faziam.

Num momento dado, o professor me chamou:

— Certamente, você não trouxe o material — me disse.

Eu não podia responder e comecei a chorar.

— Entre. Vamos, entre! Vá sentar-se no seu lugar. E na saída, você espera um pouco.

Acontece que uma das meninas já lhe havia dito que eu não tinha mãe, que eu cozinhava para minhas irmãzinhas e fazia tudo mais.

Na hora da saída, eu fiquei e então ele me disse:

— Olha, eu quero ser seu amigo, mas é preciso que você me diga o que há com você. É verdade que você não tem sua mãe?

— Sim, professor.

— Quando foi que ela morreu?

— Quando eu estava ainda no primeiro ano.

— E seu pai, onde trabalha?

— Na polícia mineira: é alfaiate.

— Bom, o que há? Olha, eu quero ajudá-la, mas você tem que ser sincera. O que há?

Eu não queria falar porque pensei que ele iria chamar meu pai, como fazem alguns professores quando ficam bravos. E eu não queria que o chamasse, porque esse havia sido o meu trato com ele: eu não o molestaria e não lhe pediria nada. Mas, o professor me fez outras perguntas e então eu lhe contei tudo. Também lhe disse que eu podia fazer minhas tarefas, só que eu não tinha cadernos, porque éramos bastante pobres e meu pai não podia comprá-los e que, anos atrás, meu pai já havia querido tirar-me da escola porque não podia ter essa despesa. E que, com muito sacrifício e esforço, eu havia chegado até o sexto ano. Não porque meu pai não quisesse, mas porque não podia. Apesar de toda a crença que havia em Pulacayo de que a mulher não precisa aprender a ler, meu pai sempre quis que nós, pelo menos isso, soubéssemos.

Sim, meu pai sempre se preocupou com nossa formação. Quando minha mãe morreu, as pessoas nos olhavam e diziam: "Ai, pobrezinhas, cinco mulheres, nenhum homem... para que servem?... Seria melhor se morressem". E enquanto as pessoas procuravam complexar-nos porque éramos mulheres ele nos dizia

que todas as mulheres têm os mesmos direitos que os homens. E dizia que nós podíamos fazer tudo o que os homens fazem. Ele nos criou sempre com essas idéias. Sim, foi uma educação muito especial. E tudo isso foi muito positivo para o nosso futuro. Daí nós nunca nos considerarmos mulheres inúteis.

O professor compreendia tudo porque eu lhe contava. E, no trato que fizemos, eu lhe pediria todo o material que necessitava. Desde então, nos entendemos às mil maravilhas. O professor dava todo o material que necessitávamos, eu e minhas irmãzinhas. E assim, pude terminar o meu último ano escolar, em 1952.

Na escola aprendi a ler, escrever, a defender-me. Mas, não posso dizer que a escola me formou, realmente, para compreender a vida. E penso que, na Bolívia, apesar das várias reformas que têm havido, a educação continua submetida ao sistema capitalista em que vivemos. Continuamos dando, sempre, uma educação alienante. Por exemplo, a pátria, nos fazem vê-la como uma coisa formosa que está no hino nacional, nas cores da bandeira, e todas essas coisas que deixam de ter significado quando a pátria não está bem. A pátria, para mim, está em todos os rincões, está também nos mineiros, nos camponeses, na pobreza, na nudez, na desnutrição, nas tristezas e nas alegrias de nosso povo. Esta é a pátria, não? Mas, na escola nos ensinam cantar o hino nacional, a desfilar e dizem que se nós nos recusamos a desfilar não somos patriotas. E, no entanto, nunca nos demonstram na escola o porquê de nossa pobreza, o porquê de nossa miséria, o porquê da situação de nossos pais, que se sacrificam tanto e são mal pagos, o porquê de que poucos meninos têm tudo e muitos não têm nada. Nunca nos explicaram isso na escola.

Por isso, a nossa obrigação é que nossas crianças aprendam no lar a ver a realidade. Caso contrário, estaremos preparando uns fracassados para a vida. E

quando são maiores, começam resistir, ficam deslocados e não querem nem cumprimentar seus pais. Por isso, eu creio que a culpa é nossa mesma, porque queremos fazer os meninos viverem em um mundo fictício. Se não fizermos eles perceberem o quanto é difícil a vida que temos, eles não verão a realidade. E quando vão para a universidade, não querem dizer que são filhos de mineiros, filhos de camponeses. E já não sabem falar nossa linguagem, nosso idioma. Quero dizer que eles analisam e explicam tudo de uma maneira tão complicada que não conseguimos entendê-los. E isto é uma falha muito grande, porque os que vão para a universidade aprendem tantas coisas que todos nós deveríamos aproveitar disso, não é mesmo? Sei que eles devem falar e escrever de uma maneira científica, mas que deve ser compreensível por nós e não numa linguagem que somente eles compreendem, com desenhos, números, não é? Os militares também entendem de números. Quando eles vêm à Século XX discutir um problema conosco, a primeira coisa que fazem é pegar um grande quadro-negro e um deles começa a escrever números, comentar números, a falar de divisas, assim. Os trabalhadores não os escutam mais, assobiam e lhes pedem que se retirem dali com seus números. Eles, vaiam sim.

É verdade que, graças à consciência da classe trabalhadora na Bolívia, os estudantes mudaram muito nos últimos anos. Eu vejo um movimento estudantil bastante forte na Bolívia, não somente nas universidades, mas também nos colégios. E prova disso é que o governo recorre à clausura do ano escolar. É a forma de calar os estudantes já que ele não o conseguiu com os tanques e aviões que mandou metralhar a universidade. E cada vez que os estudantes se levantam, o governo começa a reprimir os que dirigem os movimentos. E os estudantes estão sempre apoiando-nos em nossas reclamações, estão presentes com sua solidariedade quando fazemos greve, manifestações, ou quando prendem nossos companheiros.

Mas, eu vejo também que muitos jovens que nos apóiam e que parecem ser bons revolucionários, quando se formam, nos abandonam. Já não se escuta aquele estudante que dizia: "Nós pegaremos o fuzil que nossos pais deixarem, porque nós, que estudamos política, leis, sabemos como o povo é enganado, sabemos como estão os pulmões de nossos pais"..., mais isso, mais aquilo. Ele se forma doutor, advogado, consegue emprego e desaparece o revolucionário. Nós temos que tomar cuidado para que isso não aconteça, temos que ser conseqüentes com nossa classe, temos que ser consistentes, não é mesmo?

Quando terminei a escola, me ofereceram um trabalho no armazém de Pulacayo. Isso foi em 1953. No ano seguinte, minha segunda irmã também terminou o primário e também conseguiu que lhe dessem um trabalho em uma pastelaria.

Foi quando meu pai sentiu necessidade de casar-se outra vez. Mas, com a segunda esposa, nossa vida se tornou mais insuportável. Eu tentei ganhar sua simpatia, pois necessitava de uma mãe. Muito cedo havia perdido a minha... Necessitava de alguém que me compreendesse, que me animasse, que me acariciasse, que me desse a mão. E meu pai, apesar de querer-nos tanto, era muito frio conosco. Então, quando essa mulher veio para casa — ela tinha dois filhos — eu pensei que seria lindo ter alguém que nos preparasse a comida, ter alguém ali que não deixasse meu pai me bater. Achei ótima idéia: E a recebemos bem. Eu já estava acostumada a levantar-me cedo e então, pelas manhãs, antes de ir para o trabalho, eu a ajudava a preparar o almoço, descascava batatas. E, aos sábados e domingos, lavava-lhe suas saias.

Mas, não sei porque... nossa madrasta não simpatizou conosco. Especialmente com minhas irmãs. Um dia a surpreendi batendo em minha irmãzinha e começamos discutir. E desde então, ela começou a tirar-nos a comida. Cozinhava numa panela pequena, servia a meu pai, a ela e a seus filhos. E, do que sobrava, nos servia. Fazia milho cozido na água e sal e nos servia isso com o resto. Nada mais. Meu pai não percebia a situação porque ia trabalhar e nós não lhe dizíamos nada para não criar problemas entre eles dois.

Um dia a surpreendi novamente batendo na menor porque ela não queria comer o resto da comida com milho. Então, eu lhe dei um sopapo e lhe perguntei:

— Por que está batendo na minha irmã?

Ela me olhou e, bom, nos agarramos.

Nisso, meu pai chegou do trabalho e também me bateu. Mas, eu não a larguei e não a larguei.

— Será pior, papai! — lhe dizia — Se o senhor seguir me batendo, eu vou seguir batendo na sua mulher. Não a largarei. Quanto mais o senhor me bater, mais ela sofrerá! Deixe-me explicar, papai! Ela estava batendo na minha irmã e em mim também...

Ao final, tive que ir à polícia pois não agüentava mais. E ali, na frente da polícia, disse a meu pai:

— Papai, escolha: sua mulher ou nós. Eu me vou com minhas irmãs. Eu trabalho, posso mantê-las. É preferível viver em outra casa. Não se preocupe conosco. Fique tranqüilo com sua mulher. Nós nos vamos. Não podemos continuar assim.

Meu pai, pelo apego que tinha a nós, teve que deixar de sua mulher e ficar com suas filhas. Mas, desde esse dia começou outro tormento. Eu não era digna de nenhum cumprimento. Minha madrasta dizia a meu pai que eu estava dando escândalos no povoado, que eu não era filha digna de meu pai. E ele acreditava. E se tornou muito mais enérgico conosco, muito mais. Bebia

e nos batía bastante. Até que eu tive que dizer a ele que voltasse a viver com sua mulher. E ela voltou a viver conosco. A situação era bem trágica.

Uma noite, ela e meu pai me bateram bastante. Os dois tinham voltado bêbados para casa. Então, minhas irmãs me defenderam, conseguiram fazer com que ele me largasse e gritaram:

— "Escapa, Domi!"

Eu escapei e fiquei ali na rua.

Meu marido, naquela época era polícia civil, algo assim como desses que caminham pelas ruas à noite, recolhendo casais, levando gente para a prisão ou chamando a atenção dos pais. Eu não o conhecia. Quando ele me viu na rua, me focalizou com uma lanterna e me perguntou:

— O que está fazendo aqui?

E queria levar-me presa.

— Você não é a filha de Dom Ezequiel?

— Sim — lhe disse.

— E o que aconteceu?

— Meu pai está bêbado e me bateu. Agora estou esperando que durmam e então voltarei a entrar.

— Mas, como pode ficar assim, fora, de noite? Você deve regressar à sua casa. Venha comigo.

Então, voltei para casa com ele. Quando entramos, Rene disse a meu pai:

— Don Ezequiel, trago aqui sua filha... Por que o senhor bateu nela, por que a pôs para fora, assim à noite, por que a trata assim?

— Aí esta, aí está, aí está, seu amante! — gritou minha madrasta.

E meu pai, como estava bêbado, foi buscar sua arma que tinha na casa, porque ele também era polícia. E quis agredir-me.

Então, foi algo muito especial: tivemos que escapar de meu pai. Corremos... Corremos quanto podíamos.

Por ali havia um campo. Meu pai corria atrás de nós e nós corríamos sem virar a cabeça, sem parar. De tanto correr, caímos numa escavação. Ficamos ali no chão, esperando o dia amanhecer.

Foi uma situação bastante especial... E no dia seguinte, Rene me levou para a casa de sua mãe. E ela procurava ajudar-me a viver essa situação nova.

SÉCULO XX

Pouco depois de conhecer meu esposo quase por acaso, vim viver na mina da Siglo XX. Esse lugar me viu nascer e depois me ensinou a lutar, me deu sua coragem. Pela sabedoria deste povo, pude ver claro todas as injustiças e isto acendeu no meu ser uma chama que somente a morte apagará.

Quando eu vivia em Pulacayo, desejava regressar à Século XX, conhecer o lugar onde havia nascido. Em Pulacayo se falava bastante e inclusive, se cantavam algumas canções da Século XX. E quando alguém me perguntava onde havia nascido, eu dizia que foi na Século XX — Llallagua. E sempre tive a curiosidade de conhecer esse lugar.

Depois de casar-me, o primeiro que me passou pela cabeça foi conhecer o lugar onde, por estranha coincidência, meu esposo também havia nascido.

Isso foi em 1957. Na primeira oportunidade que tivemos, quando eu estava de férias, reunimos algum dinheirinho e viemos à Siglo XX. Meu esposo se apaixonou tanto pelo lugar que, decididamente, não regressou mais à Pulacayo e ficou aqui procurando trabalho. Eu voltei à Pulacayo para trabalhar no armazém uns meses mais.

Chegando à Siglo XX, durante quase cinco anos me dediquei a ler Bíblia através da religião que havia recebido de meu pai, os Testemunhas de Jeová. Assistia suas reuniões, praticava muito o que eles me diziam. Mas, depois eu saí, principalmente quando entrei para o Comitê de Donas de Casa, pois descobri outras coisas que para mim eram importantes e que eles não queriam aceitar.

Ao Comitê, eu entrei por necessidade, para estar com as outras mulheres, juntas com nossos companheiros na sua luta por melhores condições de vida. Então, os Testemunhas de Jeová me disseram que eu não devia meter-me nisso, que aí estava Satanás, que na religião não se permitia política.

Bom, eu seguia e seguia no Comitê. Posteriormente, eles me chamaram e disseram que iam castigar-me, iam submeter-me a um ano de reflexão. Todos os dias que houvesse assembléia, eu tinha que ir às reuniões e ninguém deveria falar-me durante um ano. E se em um ano eu não deixasse de fazer o que eles haviam proibido-me, então iam expulsar-me da religião. Disseram que eu estava fazendo coisas ruins por estar no Comitê.

Eu lhes respondi:

— Em primeiro lugar, Deus disse que não devemos julgar ninguém. E quem são vocês para julgarem minha maneira de ser? Ademais, vocês analisam as coisas pelo seu lado, e a preocupação de vocês é somente o pequeno grupo que freqüenta as assembléias. Por isso vocês não percebem a situação que vive a maior parte do povo. Vocês não se interessam por isso, não é?

Eu lhes disse tudo isso. E falei mais:

— Suponhamos, por exemplo, uma viúva que tem bastante filhos e que, para ganhar um pão para dar a seus filhos, tenha que dizer uma mentira porque alguém lhe pediu. Ela mente e ganha um pão para seus filhos. E que depois, ela tenha que roubar porque não

tinha nada para dar-lhes. Digamos que depois, um de seus meninos ficou doente e ela, necessitando tanto de dinheiro, desesperada, prostituiu-se para salvar a vida do filho. Então, na outra vida — segundo eles, as prostitutas, as mentirosas e outras semelhantes, não conhecerão o reino de Deus — a viúva não vai conhecer o rosto de Deus, não poderá ficar no paraíso? Isso eu não aceito.

Além do mais, na Siglo XX — Llallagua, os Testemunhas de Jeová são os mais ricos, não sofrem misérias como nós. Não sei como é em outros países, mas aqui é assim. Então, eu disse:

— O irmão Alba — que era o mais rico em Llallagua naquela época — vive feliz nesta vida porque não tem necessidades. E porque conhece a palavra de Deus não se prostituirá, não mentirá, não fará nada destas coisas. E então ele entrará no reino do céu. E a essa viúva que está sofrendo tanto, Deus lhe dirá: "Bom, eu lhes disse que não fizessem essas coisas. Agora, vá para o inferno...". É isso o que acontecerá? Agora, vá para o inferno...". É isso o que vai acontecer?

Então, o que nasceu pobre, nunca vai alcançar a glória de Deus e o irmão Alba sim? Ele alcançará a glória de Deus porque conhece a Bíblia? Isso não me parece justo. E ainda que para vocês, a ajuda espiritual pareça ser a única importante, eu penso que deve começar com a ajuda material. Se, por exemplo, eu consigo um trabalho para a viúva, lhe digo: "Olha, você trabalha aqui; viva aqui com seus filhos"; então, depois, já posso dizer-lhe: "Na Bíblia está escrito que não se deve mentir, que não se deve roubar, que não se deve prostituir". Então, é lógico, como ela já não tem aquela necessidade desesperadora e já tem trabalho, pode seguir o que diz a Bíblia, não é certo?

Eles me responderam que eu já havia me transformado numa obra de Santanás e que não estavam de

acordo com o que eu dizia. Eu lhes disse que ia embora. E fui.

Depois, pouco a pouco fui vendo como esse grupo era outro mais a serviço do imperialismo. Eles diziam que nós não devíamos meter-nos na política e, no entanto, eles faziam, ali no templo, política a todo momento pela maneira com que discutiam os assuntos. Além disso, eles distribuíam uns folhetos e num deles, onde está escrito "Liberdade de culto", havia umas botas pisando umas religiões e estava escrito "Comunismo, marxismo"; em outro folheto, estava Marx — nesse tempo eu não conhecia Marx, o conheci depois — desenhado como um polvo abraçando o mundo e que era preciso matá-lo. Assim.

Durante muito tempo, minhas irmãs procuraram trabalho. Era difícil conseguir, principalmente sendo mulheres. Nossas dificuldades eram tão grandes, que um par de sapatos era usado por todas. Só o usávamos quando alguém ia à rua. Nossa situação econômica se tornava cada vez pior.

Quando chegamos à Século XX, encontramos aos dirigentes Federico Escóbar e Pimentel. Em Pulacayo, dizia-se que eles eram bons dirigentes. Eu desejava conhecê-los.

Conheci Escóbar quando me tiraram uma vivenda. Eu e meu esposo vivíamos como agregados com outra pessoa. Minha sogra tinha morrido e ele foi à Pulacayo para enterrá-la. Eu estava esperando meu primeiro filho. O senhor com quem vivíamos, havia saído do trabalho e então, eles me tiraram da casa, dizendo que meu esposo não tinha direito àquele cômodo. Disseram-me que eu deveria sair imediatamente. Eu lhes disse que pelo menos esperassem meu companheiro voltar, pois eu estava grávida. Como iam transladar-me assim? Depois, era preciso encontrar outra vivenda. Mas a empresa me deu o prazo de uma manhã e então vieram os

"serenos" e tiraram todas minhas coisas da vivenda. Os serenos são trabalhadores que já estão cansados ou são incapacitados por acidentes na mina e perderam um olho, um braço, uma perna ou têm o mal da mina. Então, trabalham na seção de bem-estar social da mina e têm assim um emprego que não exige muito esforço físico.

Os serenos vieram e me puseram para fora, como um dono despeja uma pessoa que não paga o aluguel.

Eu fiquei chorando ali fora e os vizinhos me olhando. Às três da tarde, um vizinho meu voltou do trabalho e seus familiares lhe contaram o que havia acontecido. Ele me disse que eu deveria procurar os dirigentes.

Com muito receio e desconfiança, aceitei a idéia, pois não o conhecia. E fomos à casa de Federico Escóbar. Sua esposa me recebeu com muita cordialidade. O companheiro que me levou explicou o que se passava e a senhora me disse: "Não se preocupe, meu esposo a ajudará e tudo se resolverá". E consolava-me.

Minhas coisas tinham ficado em frente da vivenda. Cobrimo-as com uma carpa e as vizinhas decidiram cuidar de tudo.

Às 7 da noite, creio, chegou Escóbar. Era bem diferente do que eu havia imaginado. Eu pensava que ele seria um homem prepotente, acostumado a mandar. Nunca havia visto um homem assim, tão simples, tão bom. Era a primeira vez que eu o via e ele me estendeu a mão como se me conhecesse há muito tempo. Ele me recebeu amavelmente.

Antes de falar de nossos problemas, Federico me convidou para jantar. Depois, meu vizinho lhe disse: "Olhe, essa senhora foi despejada de sua vivenda. Ela vive agregada num cômodo há um ano. Seu marido viajou e agora a puseram na rua".

Ele ficou bastante molesto e imediatamente pediu um veículo ao Sindicato e foi a Cancañiri, onde ficava a

oficina do bem-estar social da empresa. Chamou os serenos e lhes deu um sermão porque haviam cometido aquela injustiça comigo. Fez eles abrirem novamente a vivenda e pôr minhas coisas outra vez lá dentro, perguntando-lhes por que eles haviam feito aquilo comigo, se por acaso meu esposo não era trabalhador. E os obrigou a pôr tudo no seu lugar. E lhes dizia:

— Olhem, essa senhora vivia aqui, uma dama vivia aqui e não se põem as coisas de uma dama assim na rua. Façam-me o favor de pôr tudo como estava, porque a senhora não vai acomodar toda bagunça que vocês fizeram...

Eu estava triste e lhe dizia:

— Obrigada, senhor, já está bom, eu vou arrumar.

— Não, a senhora vai descansar.

Fez eles armarem a cama e lhes disse:

— Será que vocês não viram que ela não estava em condições de procurar outra vivenda?

E me disse:

— Agora, a senhora precisa descansar, pois está mal, está grávida.

Realmente, eu estava para dar à luz; isso aconteceu no dia 3 de novembro e no dia 7 nascia meu filho Rodolfo. Era por isso também que eu estava nervosa, além de estar só. Escóbar havia percebido toda situação e por isso obrigou que os serenos pusessem em ordem todas minhas coisas. Depois, me deu um papel e me disse:

— Esta é a ordem para que a senhora viva aqui. Ninguém tem o direito de tirá-la desta vivenda. Seu marido trabalha na empresa e ninguém pode tirá-la daqui.

Essa foi a primeira vez que vi Escóbar. Antes de ir-se, ele recomendou aos meus vizinhos que não me deixassem só e que alguém me acompanhasse se por acaso eu começasse a passar mal. Eu aprendi muito com os dirigentes. A eles, devo parte de minha formação.

SABEDORIA DO POVO

Naquela época, o MNR governou a Bolívia, primeiro com Paz Estenssoro, depois com Hernán Siles Zuago e, novamente, Paz Estenssoro. Nós havíamos colocado esse governo no poder, governo que se dizia "nacionalista e revolucionário", mas ele começou a não fazer caso do que o povo dizia e queria. Por exemplo, se a indenização das minas foi mal feita, a empresa empobreceu terrivelmente com a indenização e o povo foi enganado. Queríamos também, por exemplo, que se fizesse a fundição de minérios na Bolívia, porque nós temos que transladar o minério das minas, pagar alfândegas e transportes, levá-lo em barco até a Inglaterra para fundi-lo, levá-lo em barco até aos Estados Unidos, para então entregá-lo na porta do patrão. Sim, ao fim e ao cabo, somos nós que pagamos tudo isso, pois o dinheiro que se gasta nesse trajeto podia ser reservado para fazer progredir o país e para pagar melhor aos trabalhadores. Por isso os mineiros diziam que uma maneira de acabar com aqueles problemas seria ter nossos próprios fornos de fundição e vender aqui mesmo as barras de minérios. E não dar, a qualquer preço, aos Estados Unidos; poderíamos dizer: "Vamos ver... quem paga mais?".

Mas, nossos governos do MNR não queriam ouvir-nos, pois, através da embaixada dos Estados Unidos, faziam os planos e impunham aqui suas políticas. E decretaram a estabilização monetária*, fizeram o "Plano Triangular"**, tudo à sua maneira e à sua vontade. E quando os trabalhadores se opunham a isto, havia imediatamente repressão. Sofria-se bastante na Siglo XX dada a política daqueles anos.

Realmente, as pessoas do MNR que haviam sido levadas ao poder depois da revolução do povo, em 1952, eram bastante cobiçosas, não é? E o imperialismo aproveitou para corromper àqueles que se diziam revolucionários. E com o dinheiro da nação criou-se uma nova burguesia corrupta. E tudo estava corrupto: seus agentes e representantes trabalhadores, dirigentes, camponeses e autoridades. Além disso, o MNR chegou ao ponto de implantar na Bolívia campos de concentração ao estilo nazista. Todos conhecem, por exemplo, a triste história de San Román e Menacho, chefes de controle político do MNR. San Román tinha, na sua própria casa, uma espécie de cárcere para torturar barbaramente as pessoas. San Román era o terror de todos os presos políticos.

Bom, os trabalhadores, especialmente os da Siglo XX, criticavam a situação que vivíamos. Quando se tomavam aquelas decisões contra o povo, nas minas lutavam, reclamavam, faziam manifestações. E tudo isso era reprimido: não mandavam alimentos, não man-

*Ditada pelo governo de Hernán Siles Zuago em 1956, baseado num plano preparado pelo assessor norte-americano Jackson Eder.

**Plano de reabilitação do minério nacionalizado, no qual participavam os governos dos Estados Unidos, da Alemanha Ocidental e o Banco Inter-americano de Desenvolvimento (BID). Implicava, entre outras coisas, na diminuição do número de trabalhadores mineiros, no congelamento de salários, o total controle do processo sindical, particularmente das atividades dos dirigentes mineiros e a supressão do Controle Operário com direito a veto. Eram condições impostas pelos financiadores ao governo boliviano.

davam salário, cortavam até os medicamentos. E prendiam os dirigentes.

Eu me lembro que, em 1963, os dirigentes enfrentaram uma decisão tomada pelo governo. A COMIBOL dizia que não tinha dinheiro para mandar medicamentos ao hospital. E havia uma terrível epidemia de gripe, de diarréia, de tudo. Não havia remédio para as crianças. E a COMIBOL contratou, nesses dias, um grupo de artistas internacionais *, com japoneses, norte-americanos, africanos, etc., para dar uns espetáculos nas minas. Os que foram ver nos disseram que o espetáculo era anti comunista e que a COMIBOL havia pago a viagem.

Bem, os dirigentes, especialmente Escóbar, haviam mandado telegramas à COMIBOL, dizendo que os trabalhadores da empresa não iam respeitar os artistas e iam tomá-los como reféns se a COMIBOL não mandasse os medicamentos de que precisávamos. Ao mesmo tempo, alguns trabalhadores tiraram os trilhos do trem para que os estrangeiros não pudessem ir embora. Eu os vi quando eles estavam na estação de Cancañiri, esperando para partir. Havíamos ido à estação por curiosidade. Eles ficaram esperando o dia inteiro. E perguntavam: "O que aconteceu?". E lhes diziam que a chuva tinha levado parte da estrada e que estavam reconstruindo... assim. Mas o problema era que os trabalhadores haviam arrancado os trilhos.

O resultado disto foi que a COMIBOL teve que trazer imediatamente, inclusive por avião, os remédios para que deixassem os estrangeiros irem embora e que não lhes acontecesse nada. Mais ou menos às 10 da noite, eles partiram. Em seguida, se anunciou pelo

* Cruzada do "Rearmamento Moral" integrada por intelectuais, esportistas e artistas de todas nacionalidades. Em certas ocasiões, como a que se refere Domitila, foi utilizada pelos Estados Unidos em sua campanha mundial anti-comunista.

rádio que as pessoas que necessitassem de remédios podiam retirá-los, pois haviam chegado; que os hospitais estariam funcionando; e que, em caso de emergência, levássemos as crianças.

Eu tinha uma filhinha que estava com diarréia e necessitava de um bom remédio. Então, fui buscá-lo. Vi uma enorme fila; o hospital estava, realmente, funcionando. Era uma hora da madrugada.

Assim que a COMIBOL e os artistas, com sua propaganda anticomunista, que tinham vindo para enganar-nos, mentir-nos, causar dano ao povo, acabaram fazendo-nos um favor.

Os trabalhadores sempre analisam a situação. Mas, não os escutam, não os escutam e, por isso, eles têm que recorrer a outros meios. Por exemplo, quando eles criticavam o Plano Triangular, a estabilização monetária, quando faziam ver a necessidade de termos fornos de fundição, ninguém fazia caso. E todas essas idéias saíam do povo. E agora, ultimamente, a criação dos fornos fazem aparecer como se fossem idéias do presidente Ovando. E inclusive, por pedir essas coisas que eram necessárias para nós, morreram vários dirigentes que tinham uma visão bem clara da situação e diziam: tem que fazer isto e não aquilo.

Desde que cheguei à Siglo XX, procurei estar sempre atenta a tudo. Escutava as notícias pelo rádio. Assistia às manifestações e procurava saber como estavam as coisas. Tudo era novo para mim. Não quero dizer que em Pulacayo não fazia isso. Será que em Pulacayo eu vivia num mundo à parte e não percebia a situação? Na mina Siglo XX, sim, comecei a interessar-me, a ver a luta e os sofrimentos das pessoas. E isso foi despertando em mim um grande respeito pelo meu pai e pela causa à qual ele havia se entregado.

Siglo XX me fez compreender a sabedoria do povo. Quantos grandes homens lutaram pelo que é nosso, pessoas assim do nosso povo mesmo! E quantas mulheres também, como por exemplo Bartolina Sisa na rebelião indígena, Juana Azurduy de Padilla na guerra da Independência, as heroínas da Coronilla, também na mesma guerra. Temos também as grandes personagens intelectuais que alcançaram um nível bem alto, como Maria Josefa Mujia e Adela Zamudio, que foram grandes poetisas.

E, mais próximo a nós, temos nossa própria experiência, não é?

Eu, por exemplo, conheci muitas mulheres que, talvez, não soubessem falar um pouco mais do que sei, mas são heroínas anônimas, caladas, que defenderam com muito valor ao povo e morreram por sua causa.

E quantas coisas o povo soluciona no próprio trabalho! Diariamente vemos coisas que podemos aprender com o povo. E é por isso que eu penso que se observarmos cada passo, veríamos uma grande inteligência, uma grande sabedoria nos passos até do cidadão mais humilde, não é mesmo? Parece-me tão importante ressaltar isso e ver, realmente, em toda extensão da palavra, o que é o povo e apreciar os valores que tem.

Tudo o que sei e tudo o que sou, eu o devo ao povo. E também a coragem que tenho brota dele.

COMITÊ DE DONAS DE CASA

Foi na difícil época do governo de Paz Estenssoro que as mulheres dos trabalhadores da Siglo XX organizaram um Comitê. Elas não podiam ficar tranqüilas, vendo as lutas que o povo ia dando.

A princípio, nós tínhamos a mentalidade na qual havíamos sido educadas, de que a mulher é para cuidar da casa, dos filhos, para cozinhar e não tem capacidade para assimilar outras coisas como, por exemplo, o social, o sindical, o político. O fizemos sofrendo muito e, agora sim, podemos dizer que os mineiros contam com um aliado a mais, um aliado que se sacrificou muito, mas que se tornou um forte aliado e que é o Comitê de Donas de Casa, a organização que surgiu primeiro na mina Siglo XX e que atualmente existe em outras minas nacionalizadas.

O Comitê nasceu em 1961. Naquele período, passávamos por uma situação econômica bem ruim: a dívida da empresa para com nossos companheiros era de três meses, não chegavam víveres, não havia medicamentos para a atenção médica.

Então os mineiros se organizaram para uma marcha, que consistia ir a pé, com suas esposas e filhos, até a cidade de La Paz. Era uma longa marcha, pois La

Paz fica longe*. Mas, o governo soube do plano e impediu o que havíamos preparado. Prenderam os dirigentes e os levaram para La Paz.

Então, uma a uma, suas companheiras foram reclamar por seus esposos. Mas, em La Paz, as trataram mal, procuraram pressioná-las, prendê-las e abusar delas. Cada uma voltava totalmente desmoralizada. Reuniram-se no Sindicato e fizeram suas queixas, contando o que lhes havia acontecido. E ali surgiu a idéia: se em vez de irmos assim, cada uma por um lado, nos uníssemos e fôssemos todas juntas a La Paz, o que aconteceria? Talvez pudéssemos nos ajudar mutuamente e conseguir algo".

E decidiram ir à La Paz. Mas, nao tinham idéia onde deviam ir reclamar, nem como deveriam fazer. Parece que alguém lhes disse que, naqueles dias, ia haver uma reunião de ministros e que um representante dos trabalhadores estaria presente na reunião. Elas deviam aproveitar aquela oportunidade e apoiar o pedido do companheiro, gritando: "Liberdade, liberdade para nossos esposos!" E assim foi. Mas então, as famigeradas "barzolas" começaram a gritar e a atirar tomates podres com pimenta no companheiro. Foram bater nas companheiras e inclusive quiseram tirar-lhes os filhos para intimidá-las. Houve um grande enfrentamento, até que chegaram os agentes e dispersaram o grupo.

As "barzolas" constituem um capítulo triste na história da mulher na Bolívia. Eram mulheres que os "emenerristas"**organizaram e que receberam o nome de Maria Barzola, mas que não tiveram papel que ela teve quando pedia um tratamento justo para os mineiros. De acordo ao que me contaram, Maria Barzola

* 335 quilômetros.
* * Emenerristas = militantes do MNR.

era uma mulher do povo de Llallagua. No ano de 42, houve uma grande manifestação para pedir aos antigos donos da mina, aumento salarial e ela estava à frente com uma bandeira. Quando se aproximavam de Catavi, onde fica a gerência, veio o exército e massacrou muitas pessoas. E ela morreu nesse massacre. O lugar se chama, agora, "o pampa de Maria Barzola".

Mas, as "barzolas" do MNR se puseram a serviço dos interesses do seu partido, que estava no governo, e ajudaram a reprimir ao povo. Serviram como um instrumento de repressão. Assim, na Bolívia, guardamos um sentimento de rancor contra as "barzolas". Por exemplo, em La Paz, quando algum setor da classe trabalhadora reclamava algo, as "barzolas" lhe faziam frente utilizando navalhas, lâminas, reio, e atacavam as pessoas que se reuniam na manifestação em protesto contra as medidas adotadas pelo governo. No parlamento, se alguém falava contra o MNR, elas atiravam tomates e outras coisas para fazê-lo calar-se. Então, em vez de servir para a promoção da mulher, esse movimento serviu somente como um instrumento de repressão. Por isso, quando alguém se vende ao governo, ou há uma mulher-agente, o povo diz: "Não se meta com ela; é uma barzola".

É uma lástima que esse personagem histórico de nosso povo tenha sido tão desfigurado.

Depois do enfrentamento com as "barzolas", as companheiras que estavam em La Paz entraram no mesmo lugar do qual haviam sido expulsas e fizeram uma greve de fome. Nessa noite, veio San Román, o terrível San Román, que ninguém queria encontrar pela frente. E ali aconteceu uma coisa gozada. Uma das senhoras se levantou frente a ele e lhe disse: "San Román, o senhor sabe muito bem que não temos armas para nos defendermos de seus verdugos. Mas, se acontecer alguma coisa, voaremos todos juntos, nesse ins-

tante. Nós e vocês, porque só dispomos de dinamite". Tirou algo do seu bolso e pediu fósforos. Mas, enquanto as companheiras procuravam fósforos, San Román e todo seu grupo saiu correndo.

Felizmente, os operários fabris se solidarizaram logo com elas e as levaram, nessa noite, a um quarto da Federação dos Fabris. E fizeram um documento no qual pediam a liberdade de seus companheiros, o pagamento de salários para os trabalhadores, os alimentos para os armazéns e os remédios para os hospitais.

Na greve de fome, as companheiras não podiam servir-se de nenhum alimento. Só tomavam algum líquido. E o fizeram durante dez dias. Algumas estavam com seus filhos.

A elas se juntaram os universitários, os fabris e, inclusive, começaram a chegar mulheres de outras minas, solidarizando-se com as companheiras.

E, para evitar que o movimento crescesse, o governo teve que aceitar as petições, e as donas de casa triunfaram. Voltaram em liberdade com seus companheiros, a empresa pagou os operários e mandaram alimentos para os armazéns. Foi uma ação bastante positiva para nós.

Mas, como fomos criadas como a grande maioria, com a mentalidade de que a mulher não deve meter-se em nada, nos esquecemos logo do grande sacrifício que elas haviam feito.

As que haviam tomado a iniciativa daquele movimento, pensaram que era necessário organizar-se para seguir lutando junto com os companheiros. Reuniram-se e divulgaram pelas ruas: "Nós vamos nos reunir e organizar uma frente". E assim o fizeram. Organizaram-se, nomearam um diretório e chamaram a organização de "Comitê de Donas de Casa da Siglo XX". Eram umas sessenta mulheres.

Mas... tinha que ver as gargalhadas dos homens. E diziam: "As mulheres se organizaram numa frente! Não dura nem 48 horas. Vão organizar a frente entre si e ali mesmo terminara tudo".

A verdade é que isto não aconteceu. Pelo contrário, a organização cresceu e agora é muito importante, não somente para as mulheres, mas para toda a classe trabalhadora.

Claro, ao princípio a coisa não foi fácil. Por exemplo, na primeira manifestação que houve na Siglo XX depois que elas voltaram de La Paz, elas subiram no balcão do Sindicato para falar. Os companheiros não estavam acostumados a ouvir uma mulher junto a eles. Então gritavam: "Que vá para casa!... para a cozinha! vai lavar! vai fazer seus deveres!..." E assobiavam.

Mas, havia tanta decisão por parte delas, tanto desejo de colaborar, que não desistiram. Choraram de raiva e de impotência, isso sim, mas seguiram adiante. Pegaram uma máquina de escrever e começaram a escrever. Lançavam comunicados de apoio aos trabalhadores e faziam com que fossem lidos pelas emissoras de rádio dos mineiros, dando seus pontos de vista sobre a situação que vivíamos. Diziam, por exemplo, que como esposas dos trabalhadores, elas não estavam de acordo com o programa econômico que o governo implantava e o chamavam a uma reflexão. Mandavam cartas ao presidente e a seus ministros, fazendo-os conhecer seus pontos de vista. Mandavam cartas à COMIBOL, à Federação dos Mineiros, à COB. Iam aos armazéns para ver como nos atendiam, às escolas para ver como tratavam as crianças, para ver se a merenda escolar estava boa, ao hospital para ver se atendiam bem aos enfermos. Assim, trabalharam muito.

Quem mais se destacava era Norberta de Aguilar, esposa de um antigo trabalhador da empresa. Con-

taram-me que, no início, o Comitê tinha sido organizado pela esposa de um médico que se chama Vilma de Garrett. Mas, quem o impulsionou realmente foi Norberta. Para mim, é uma grande mulher, porque soube levar a organização a manter-se dentro de seus princípios, o que era muito difícil. Pelo menos foi assim que eu a conheci, apesar de que algumas pessoas falem que, atualmente, ela tem outras posições.

Junto com Norberta, trabalharam Jeroma de Romero, Alicia de Escóbar, Flora de Quiroga, Maria Careaga, Angélica Osório, Cinda de Santiesteban, Simona de Lagrava. São muitas, muitas, não posso dizer o nome de todas. E cada uma, segundo suas possibilidades, contribuía para o Comitê. Por exemplo, uma de nossas companheiras morreu na segunda greve de fome, que foi em 63. Era a companheira Manuela de Sejas, cujos intestinos secaram em demasia; tiveram que operá-la e ela morreu, deixando órfãos oito filhos. Muitas companheiras abortaram nas greves de fome. De outras, seus filhos, são muito anêmicos pelo que padeceram suas mães. Várias companheiras se acham enfermas pelo que sofreram. Assim que foi um trabalho muito especial o que elas fizeram, ao lado dos companheiros fazendo guarda, fazendo greves, cuidando dos bens sindicais, que são o local do Sindicato, nossa rádio, nossa biblioteca, assim. Algumas vezes pegavam o microfone da rádio do Sindicato e nos faziam ouvir sua voa, nos orientavam.

Bem, tudo isso chamou a atenção. E quando Barrientos assumiu o governo em 64, viu logo um perigo na organização das mulheres. No ano de 65 houve uma série de problemas. Prenderam o dirigente Lechin Oquendo e o deportaram ao Paraguai. Em seguida, prenderam várias pessoas da rádio, da imprensa e vários dirigentes. E atacaram também a organização

das donas de casa: "Vejamos—disseram—como é esse diretório. Quem o compõe? Quem são seus esposos?" E os deportaram à Argentina. E lhes diziam: "Nós o estamos expulsando, senhor, não por um problema sindical ou político. O senhor é um operário honrado e trabalhador e estamos contentes com seu trabalho. Mas, não estamos satisfeitos que o senhor tenha permitido que sua esposa se preste a interesses forâneos". E assim... "para fora". A mulher era despejada da casa. E então... "mantenha agora sua família!" Essa foi a primeira medida tomada contra o Comitê.

Naquela epoca, as mulheres não tinham a solidariedade que recebemos agora. Por exemplo, quando me prenderam, os trabalhadores estiveram dias em greve para que me libertassem. E isso era um grande alívio para mim. Mas, as primeiras companheiras contavam com pouca solidariedade, pois os homens não viam a importância das mulheres organizadas, não queriam entender, não lhes parecia bom, lhes parecia fora de lugar.

O Comitê, a princípio, também teve problemas por parte de outras organizações de mulheres. Com as cristãs, por exemplo, sempre havia choques. Era um grupo de senhoras do Movimento Familiar Cristão que nos odiava, nos detestava, nos chamava de hereges e por todos os modos procurava desacreditar o Comitê. Depois que começamos a trabalhar juntas, a coisa mudou. Isto porque, depois que estive presa, cheguei à conclusão de que não valia a pena nós ficarmos brigando entre nós mesmas. Com tudo o que eu havia me preparado e com o que sabia da Bíblia e todas essas coisas, eu fui falar com as cristãs e lhes perguntei se, por acaso, quando um governo massacrava o povo, era justo ou não a denúncia. E se elas estavam de acordo com aquelas medidas econômicas do governo. Por fim, perguntei se elas aceitavam um salário maior que o nos-

so só porque eram cristãs ou se as medidas do governo não afetavam a todas igualmente. Então, elas disseram que eu tinha razão no que dizia. E numa reunião conjunta que fizemos, reorganizamos o Comitê, já em coordenação com elas e até agora trabalhamos assim.

Mas, ainda falta muito para que as mulheres alcancem o grau de participação que pensamos seja importante. Inclusive há mulheres que não entendem a necessidade de sua participação. Isto é um crime, e me dá muita raiva quando algumas companheiras começam dizer: "Para que reclamar tanto e meter-se em manifestações e greves? Hoje estamos bem, antes era pior!"

Estamos bem? Nossos opressores sim é que estão bem. E isso às nossas custas, do trabalho de nossos companheiros. Nós não temos nem onde cair mortos, pois a casa do acampamento é emprestada e, noventa dias depois da morte do trabalhador, estamos na rua... E como estamos bem, se quando há massacres ficamos sozinhas com nossos seis ou sete filhos, com toda essa responsabilidade?

Nosso trabalho não foi fácil, nem com os dirigentes. Não foram todos os que nos compreenderam e ajudaram. É claro que, às vezes, errávamos por falta de experiência. Também acontecia, às vezes, que quando começavam a discutir um problema, nós já havíamos discutido e adiantado alguma coisa, e isso não agradava em nada a alguns deles. Por outro lado, com outros dirigentes, sobretudo nas épocas mais difíceis, nós colaboramos bastante. Particularmente Escóbar, nos ajudou bastante. Quando ele vinha a uma reunião, nos orientava e dizia: a situação é essa, temos que organizar a coisa dessa maneira e lutar dessa forma. Então, nós compreendíamos melhor a situação e isto era muito bom para nós. Tivemos também a oportunidade de trabalhar bem com outros dirigentes, de discutir em

conjunto os problemas. E isto é muito importante, não é?

Eu penso que uns 40% dos homens ainda resistem a que suas companheiras se comprometam. Alguns, por temor de que sejam despedidos da empresa, ou por temor de receber represálias como as que meu marido teve que agüentar porque eu participo. Outros têm medo que falem mal de suas esposas. Isto porque, apesar da nossa conduta, apesar de que os companheiros que estão na direção nos respeitem, ainda há pessoas que falam mal de nós, principalmente os que não compreendem, esses machistas, esses que dizem que a mulher deve estar na casa e viver somente para o lar e não meter-se na política. Essas pessoas antiquadas andam sempre inventando estórias. Por exemplo, diziam que éramos amantes dos dirigentes, que íamos ao Sindicato por uma aventura. Então, por temer tudo isso, muitos companheiros não deixam que suas mulheres participem de manifestações, no Comitê, de nada, e muito menos que elas vão ao Sindicato.

Mas, para nós, o Sindicato é o local de reunião da classe trabalhadora, é mais que um templo, é sagrado. Custou muito sangue levantar aquele edifício. E nos reunimos no Sindicato para tratar dos problemas da Classe trabalhadora e os companheiros têm que tratar-nos como suas companheiras, suas aliadas e não num outro plano.

Tem companheiras que participam quando acontece algo muito especial. Por exemplo, quando convocamos a manifestação para pedir aumento em 73, participaram umas cinco mil mulheres. E quando elas voltaram para casa, muitas apanharam de seus maridos que lhes disseram que elas eram donas de casa e que não tinham nada que ver com a política e que sua obrigação era estar na casa. Até que nós dissemos que

íamos fazer outra crítica pela rádio. Dissemos: "Os companheiros que bateram em suas esposas devem ser agentes do governo. Só assim se justifica que eles estejam contra o que suas companheiras tenham pedido o que, por justiça, nos corresponde. E como é possível que tenham se molestado por um protesto que fizemos de maneira geral e onde todos sejam os beneficiados?

De qualquer maneira, avançamos muito. E para que vejam até onde, em 73 me mandaram a um Congresso de Trabalhadores em Huanuni, onde estavam reunidos quinhentos companheiros. Éramos três delegadas do Comitê de Donas de Casa. Mas as outras duas não puderam ir, assim que eu era a única entre quinhentos homens. Éramos vários alojados num só lugar, pois não temos dinheiro para alojar cada um separado. Nos deram o local da escola, umas camas e, bem, "a companheira fica ali". E eu fui para o cantinho que me indicaram. Todos meus companheiros, sem exceção, respeitaram minha condição de mulher casada e com filhos. Éramos doze ou treze num quarto. Falamos dos problemas da classe trabalhadora, contamos algumas coisas engraçadas que haviam acontecido nos Congressos anteriores. Meu companheiro sabia que eu estaria nessa situação, mas não desconfiou de mim. E assim, pude estar no Congresso em nome do Comitê e levar ali nossa palavra.

Felizmente essas novas idéias com respeito a mulher foram aceitas muito bem e adquirimos nosso lugar na luta.É um grande alívio para nós, por exemplo, quando um companheiro se aproxima e nos diz: Vocês se esqueceram de reclamar isto no Sindicato; vejam como resolver esse problema que afeta toda a classe trabalhadora. Sim, isso é muito alentador.

É assim, a grandes traços, como logramos nossa participação. Os capitalistas, os que têm necessidade de reprimir os povos, estão organizados. Suas esposas

também estão organizadas nos grupos. "Damas do Rotary e Damas do Lyons" que há na Bolívia e que, creio, também deve haver em outros países. Então, nós também, as esposas dos trabalhadores, necessitamos estar organizadas. não é?

INGRESSO AO COMITÊ

Eu não fazia parte do Comitê desde quando ele começou. Mas, eu tinha muita simpatia pela organização, gostava de ouvir seus argumentos, de assistir suas manifestações. E também quando as companheiras conseguiram a liberdade de seus esposos, em 61, e voltaram com eles de La Paz, fui esperá-los, pois pela rádio anunciavam a hora. E vi como elas estavam felizes de chegar com os presos livres.

Comecei participar em 63. Nesse ano, prenderam os dirigentes outra vez. Prendiam quando bem entendiam. Punha-os no cárcere e eles ficavam meses, às vezes ano.

Escóbar e Pimentel tinham ido a um Congresso de Trabalhadores em Colquiri, juntamente com o dirigente de Huanuni que era Jorge Saral. Quando eles voltavam do Congresso, fizeram-lhes uma emboscada e os prenderam.

Os mineiros da Século XX souberam do acontecido e, ao mesmo tempo, souberam também que havia quatro estrangeiros em Catavi. Era um tal de Tom Martin, agregado da embaixada americana, que estava com outros três gringos numa reunião com a gerência

da COMIBOL, creio que num total de dezessete pessoas.

Bem, os mineiros tiveram a idéia de prendê-los para que soltassem os dirigentes. Eles foram presos durante o banquete oferecido pela gerência, onde estavam aqueles representantes. Entraram de surpresa e levaram todos.

Os ânimos estavam exaltados, pois um companheiro tinha chegado ferido por uma bala que lhe raspou a cabeça. Ele contou como os haviam presos na emboscada, deitados de bruços e com as mãos amarradas. Disse que ele escapou por um barranco, rolando, e somente uma bala o havia acertado, podendo então avisar aos outros. Disse também que, enquanto escapava, ouviu uma rajada de metralhadora e por isso pensava que eles haviam matado os dirigentes.

Os trabalhadores estavam indignados pois pensavam que seus dirigentes estavam mortos. E por isso, os mineiros queriam enforcar os quatro estrangeiros, para vingar-se. O povo foi para a praça para ver o que estava acontecendo. E realmente, ali estavam os estrangeiros e os mineiros queriam liquidá-los.

A companheira Norberta, presidente do Comitê de Donas de Casa, teve uma atitude que, naquele momento, nos pareceu certa, pois, com toda sua coragem, fez frente aos trabalhadores. E lhes disse que os estrangeiros não deviam ser mortos naquele momento. Que o mais aconselhável seria tê-los como reféns para trocá-los com os dirigentes, pois ela tinha a esperança de que eles estavam vivos. E, somente no caso de que isso não se confirmasse, aí então nós deveríamos pensar se os matávamos ou não.

"Vamos pensar em tudo — disse — porque pode haver um terrível massacre aqui".

Os trabalhadores não estavam certos de que fosse uma boa medida a ser adotada e perguntavam: "E

quem se responsabilizará pelos gringos enquanto eles permanecem como reféns?" Eles sabiam que Tom Martin já havia participado na guerra e que havia treinado com os "boinas verdes", com os "ases do crime" e que, a qualquer momento, podia escapar. Ninguém se animava a tomar uma decisão.

Foi então que as companheiras, com grande valentia, responderam que elas se responsabilizariam. Havia umas vinte mulheres. Em seguida arrumaram a coisa, puseram os reféns na biblioteca do Sindicato e, imediatamente, através da rádio, a companheira Norberta chamou a todas as mulheres para cumprir com sua obrigação naquele momento.

"Companheiras! — disse — Como esposas dos trabalhadores mineiros, temos a obrigação de nos solidarizarmos com eles. Nossos dirigentes foram presos." E continuou explicando que, para conseguir sua liberdade, tínhamos outros presos que elas guardavam como reféns e que todas devíamos colaborar. Já naquela noite, algumas ficaram montando guarda.

Meu companheiro tinha se perdido naquela noite. Eu o esperava, esperava que ele voltasse do trabalho... e nada. Então, como eu não estava acostumada àquilo, voltei para casa e fiquei ali chorando, esperando e pensando o que teria acontecido a ele.

No dia seguinte, quando amanheceu, bem, preparei um pequeno café da manhã e depois fui ao trabalho perguntar pelo meu companheiro. Ali me disseram que todos haviam saído, que ninguém estava trabalhando, pois se havia declarado greve. "Vá ao Sindicato procurar por ele, pode ser que ele esteja fazendo guarda", disseram.

Então fui ao Sindicato. Fizeram-me entrar. Aí, eu vi como as companheiras estavam preparadas. Revistaram-me inteirinha.

Eu perguntei se o meu esposo estava ali. Sim, ele estava e saiu para ver-me. Esteve a noite toda fazendo guarda. Estava feliz e me disse:

— Prenderam nossos dirigentes em La Paz, mas nós trouxemos os gringos para cá, e as companheiras os têm aqui, estamos fazendo guarda.

E me contava entusiasmado o que haviam feito. Num momento dado, me disse:

— Olha essa senhora ali... como é velhinha — Realmente, a vi: bem velhinha, de cabelos brancos. Estava sentada perto da janela, fazendo guarda.

— E você, sua fresca, na certa que estava feliz, dormindo a noite inteira — disse-me.

Isto me feriu muito. Mas, a companheira Norberta, que o havia escutado, lhe disse:

— Não, não creia, não creio que esteve tranqüila. Possivelmente, não pode dormir, pensando em nossa situação.

Agradou-me muito que ela me apoiasse. E pensei: ela adivinhou que não dormi porque estava preocupada com o que estava acontecendo e só esperava a volta do meu marido para saber o que ele pensava.

— Bom — lhe disse Norberta —, se a companheira não fez nada até agora, na certa é porque não lhe deram oportunidade. Mas, de agora em diante ela vai colaborar.

Meu marido disse:

— Qual o que!... Esta fresca... ela cuida só dos filhos!...

— Não — disse Norberta —, é que não lhe deram oportunidade.

E me disse:

— Olhe, companheira, estamos fazendo guarda, temos a obrigação de impedir que escape qualquer preso. É uma tarefa bastante difícil para nós, e necessitamos de gente que colabore. Então gostaríamos, por

favor, se a senhora puder, que venha colaborar fazendo guarda.

Então, eu disse a Norberta que sim, que podia.

— E em qual turno? — me perguntou.

— Quantos turnos há?

— Três.

— Bem, ponha-me nos três — disse-lhe.

Fui buscar meus filhos e voltei ao Sindicato.

Norberta era, também, uma mulher bastante dinâmica. Ela estava com uma licença do Comitê, porque seu esposo estava enfermo no hospital, mas ela dividia o tempo entre seu esposo e as pessoas que faziam a guarda, colaborando em tudo com elas. Naqueles dias, seu companheiro foi operado e morreu. Isto me impressionou bastante. Imaginem a valentia daquela mulher, tendo seu esposo enfermo e ao mesmo tempo assumindo a responsabilidade pelos reféns. Era admirável o compromisso que ela havia assumido com o povo. Eu não a vi chorar uma só vez.

A que estava com Norberta e que, então, era secretária interina do Comitê era Jeroma de Romero. Era também uma grande mulher. Ela assumiu a responsabilidade naqueles momentos tão difícieis, principalmente quando Norberta, por alguns momentos, ia ao hospital ver seu esposo. Ali conheci também a esposa de Pimentel, a de Escóbar, sua mãe e seus filhos.

A vida no Sindicato foi muito especial. Dividíamos tudo, tudo. Se traziam alimento para alguém, nós o dividíamos. Nossos filhos ficavam ali, na sala grande. Nos corredores ficavam outras pessoas, todas fazendo guarda, atentas para que ninguém escapasse, umas atendendo aos reféns, outras em contato com os dirigentes.

Tudo estava bem organizado. Norberta ficava sempre atenta a qualquer notícia, mas não se sabia

nada exato. Elas entravam e saíam da direção, faziam entrevistas, todas essas coisas. Mas, fora isso, como há uma disciplina para ser mantida, havia coisas que nós não soubemos ali dentro do salão. Qualquer comunicado, o faziam pela rádio do Sindicato e era assim que nós ficávamos sabendo.

Uma vez, quando foi minha vez de ficar na porta, bateu um companheiro. Creio que eram 11 horas da noite. Como era um mineiro eu abri. Ele estava um pouco bêbado e me disse:

— Vocês se solidarizaram com os gringos, estão tratando-os como se fossem reis, não os perturbam em nada, enquanto os nossos dirigentes, como é que os estarão tratando nas celas do controle político? Nessas alturas, San Román deve estar matando-os e vocês se solidarizam com os gringos. Deixa-me entrar!

Então, de acordo com o que havíamos combinado, eu lhe dizia:

— Não, companheiro, vá para casa, aqui não pode entrar ninguém. Amanhã, quando o senhor estiver melhor, então discutiremos esse assunto e o senhor verá melhor a situação. É certo que tratamos bem aos gringos, mas os dirigentes não estão passando mal.

Procurava explicar-lhe como sabia. Mas, ele não compreendia, dizia que eu era uma vendida aos gringos e que queria matar a todos nós. E mostrou que tinha dinamite. Eu, por falta de experiência, me assustei e saí correndo para dentro, gritando:

— Dinamite! Dinamite! Vamos voar! Voaremos todos!

Eu nunca havia visto dinamite explodir, mas sabia que era muito potente, que pode destruir rochas muito duras.

Norberta saiu e eu lhe gritei:

— Estão jogando dinamite!

E corri para um canto.

Norberta abaixou as grades e ali estava a mecha acesa. Ela, com toda tranqüilidade, arrancou a cápsula da dinamite. Como já não tinha tempo para outra coisa, saiu à rua e a jogou para o alto. A cápsula arrebentou, era pequena, já não tinha força. Isso nos salvou de qualquer dano. Claro, nós nos alvoraçamos um pouco, mas ninguém ficou ferido. E isto me fez ver que ela era uma mulher muito decidida, que tinha muita valentia nas suas ações. E me serviu, também, de exemplo.

Aconteceu outra coisa importante naqueles dias. Os adeptos de Paz Estenssoro jogaram os camponeses contra nós e eles vieram como um exército que queria atacar-nos no Sindicato.

O problema foi que, um dia, vieram dois homens e nos disseram: "Os camponeses de Ucureña assaltaram uma vila, queimaram as plantações, roubaram o gado, violaram as mulheres. Vocês devem solidarizarem-se com aquelas companheiras. Vocês estão organizadas, têm as emissoras, e então devem fazer chegar suas vozes de protesto".

Bom, nós acreditamos que aquilo fosse verdade. E fizemos algumas denúncias pela rádio "A Voz do Mineiro".

Acontece que os mesmos que nos avisaram, foram dizer aos ucureños: "Os mineiros os estão insultando. É preciso vingar isso".

Era uma manobra para pôr os mineiros contra os camponeses e os camponeses contra os mineiros. Só depois é que nós percebemos. E pudemos ver com que inteligência e com que sagacidade o inimigo trabalha para semear a discórdia e fazer-nos lutar entre irmãos.

No setor de Ucureña, os camponeses estavam organizados em comandos que apoiavam ao governo do MNR, porque ali era o lugar onde tinha sido assinado o decreto da reforma agrária. Quando ouviram a notícia de que os havíamos insultado, decidiram vir à Siglo

XX para "vingar-se" e ajudar na operação de salvamento dos gringos.

Um dia nos informaram que os ucureños estavam se aproximando para assaltar-nos. Por outro lado, diziam que iam vir de helicópteros e que paraquedistas iam resgatar os gringos. Ou seja, iam atacar-nos por terra e pelo ar.

Pela rádio, disseram que queriam falar a Tom Martin e a seus companheiros. E falaram em inglês. E lhes disseram que deviam aproveitar porque ao amanhecer os comandos iam agir para ajudá-los. O filho de uma companheira, que sabia um pouco de inglês, nos traduziu a conversa. Soubemos, então, que os camponeses, ajudados pelo exército, deveriam entrar no Sindicato.

Então, nós nos reunimos e Jeroma nos falou. E disse que era muito grande a responsabilidade que havíamos assumido, mas que ela se sentia feliz e que nós devíamos ir até o fim na tarefa que nos haviam confiado. Mas, que não podíamos deixar nossos filhos sofrer nas mãos daquela gente. E nossa obrigação era morrer com nossos filhos.

Então, tomamos a resolução de irmos todas com nossos filhos e nossos companheiros ao Sindicato e preparar as dinamites de tal maneira que, se fosse preciso, desapareceríamos todos com o prédio, ninguém sairia com vida, nem nós, nem eles. Foi uma decisão determinante.

Havia uns cinco ou seis caixões de dinamite. Então, as dividimos entre nós. Pusemos dinamite nas mesas, nas portas, nas janelas e também nos nossos corpos, nos corpos de nossos filhos, prontos para pôr fogo em caso de ataque.

A secretária geral foi para a porta do Sindicato e disse: "Não tenham ilusões, porque não os deixaremos escapar". E disse que, no momento em que qualquer

um deles tentasse escapar ou se chegassem os camponeses, nós, com dinamite, podíamos fazer voar tudo. Podiam vir por terra ou pelo ar. Nós não tínhamos armas, mas acenderíamos as mechas e voaríamos todos e com tudo.

Assim que a resolução tomada era corajosa e estou segura que se o momento houvesse chegado, a teríamos cumprido. Havia tanta firmeza! Nós nos havíamos imposto uma tarefa tão especial que tínhamos que cumprir com a responsabilidade. Além do mais, de que adiantaria soltar os reféns se depois iríamos sofrer as piores desgraças nas mãos dos camponeses?

Meu companheiro também estava ali, e nos dizíamos: "Se você morrer, eu morro, os meninos morrem, ninguém ficará para seguir sofrendo nas mãos deles".

Mas, esperamos a noite toda e não aconteceu nada.

Naquele tempo Juan Lechin era secretário geral da Federação dos Mineiros e também veio ao Sindicato. Veio falar primeiro com os presos. Depois se dirigiu a um grupo nosso. E queria convencer-nos. Nos disse que era preciso que os gringos fossem a Catavi para comunicar-se com La Paz pelo rádio. Que eles não podiam falar dali do Sindicato pelo telefone, pois era preciso ir à Catavi, mas que voltariam logo. Queria que confiassemos nele e nos dizia:

— Olhem, meus cabelos brancos, de tanto sofrer e trabalhar. Tenham confiança em mim. Os reféns têm que ir, mas eles voltam. Vocês sabem que sou um lutador incansável, infatigável, igual aos dirigentes que estão presos. Vocês sabem o que já conheci nesta vida, tanto em triunfos como em fracassos. Companheiras, procurem compreender a situação.

Eu estava admirada com suas palavras e pensava, a princípio, que seria bom atendê-lo e confiar nele. Mas então, fiquei surpresa com a atitude da companheira

Jeroma de Romero, que foi muito valente. Ela percebeu a situação e respondeu:

— Companheiro Lechin, o senhor sabe dourar a pílula antes de fazer com que a gente a engula. Se o senhor quer algo com os gringos, pode fazer o que quiser, até carregá-los em poltronas de ouro, mas aqui dentro do Sindicato e não em outro lugar. Seus cabelos estão ficando brancos, mas o povo também está cansado e envelhecendo pelos fracassos, prisões e lutas que tem que enfrentar. O senhor sabe que temos um compromisso e que não vamos largar os gringos por nada, enquanto não tenhamos aqui nossos dirigentes. É um compromisso que temos com os trabalhadores. O senhor sabe muito bem que os gringos estão aqui para que possamos fazer uma troca com os dirigentes e que, de nenhuma maneira, os soltaremos até que não se cumpram as condições impostas.

Lechin ficou furioso e disse:

— Como é possível que eu me faça entender com dez mil trabalhadores e aqui, com dez mulheres, não consiga nada?

E foi embora muito bravo. Pareceu-me muito importante o que havia visto e escutado e o que lhes respondeu, com muita valentia, aquela companheira.

Outra coisa que me chamou a atenção foi que os gringos quiseram nos comprar e nos ofereciam chocolates, cigarros, doces e se estavam comendo nos ofereciam da sua comida. E nós, inexperientes, aceitávamos. Eu, inclusive, aceitei algumas coisas como, por exemplo, cigarros. Mas um dia, Jeroma nos chamou a atenção:

— O que é que vocês estão aceitando? Nós não viemos aqui para compartilhar nada com eles. São nossos inimigos. E isso deve ficar bem claro nesta situação. Não se recebe nada do inimigo — ela disse. E nos fez devolver o que havíamos aceito.

Naqueles dias, apareceu também um grupo de mulheres manobradas pela Igreja. E queriam falar conosco. É lógico, como por aqueles tempos a Igreja também era dirigida do exterior, elas se solidarizaram com os gringos. Diziam que nós éramos hereges, comunistas. Choravam, se desesperavam e diziam que, por nossa causa, todos iam sofrer nas mãos dos camponeses. Nós respondemos bastante furiosas. Então, elas ficaram muito impressionadas e diziam: "Que barbaridade! Que tipo de mulheres tem aqui!"

O bispo de La Paz também veio conversar conosco. Ficou muito bravo e nos disse que devíamos deixar aqueles estrangeiros, que eles não haviam feito nada e que nos éramos muito prepotentes. Naquele tempo, a Igreja nos tratava mal. Inclusive, em 61, quando as companheiras fizeram a greve de fome para libertar seus esposos e por outras coisas, principalmente porque o governo nos fazia passar fome, ele nos excomungou, disse que éramos hereges, que havíamos ido contra a lei de Deus e que Deus não perdoava o fato de que, havendo comida, nós nos submetêssemos, voluntariamente, a greves de fome. Mas, eu via que ele não compreendia que fazíamos aquilo como a última medida no desespero em que vivíamos, não é?

Bem, depois de falar com as companheiras, o bispo nos prometeu que faria o possível em La Paz para que libertassem aos nossos dirigentes. A notícia de que os camponeses ucureños iam invadir o lugar, deixou o povo assustado. As pessoas levavam suas coisas para Llallagua, alugavam casas. Outros, de Llallagua iam para Uncia, para estar mais longe e mais seguros. Havia um pânico geral. E eu creio que queriam também nos confundir com isso, não é? Mas a decisão dos dirigentes era firme. Elas nos mantiveram. Lógico que, por momentos, nós também nos atemorizávamos, mas estávamos todas firmes na nossa decisão.

Certamente, o companheiro Lechin foi a La Paz explicar a situação, convencer aos dirigentes e obrigá-los a nos escrever. Então, os dirigentes nos escreveram uma carta. E chegou uma carta com uma assinatura bem conhecida nossa. Nela eles nos diziam que estavam com vida e que não deveríamos expor-nos à possibilidade de um massacre na vila.

Então houve uma assembléia dos trabalhadores e o Sindicato resolveu libertar os gringos e os outros que estavam com eles. Nós havíamos nos comprometido a devolver aqueles homens quando o Sindicato pedisse. Então, assinamos um documento onde dizíamos que "sem que falte só um" devolvíamos os reféns porque assim o Sindicato havia determinado. Que soubemos cumprir com nossa obrigação e que a responsabilidade não era mais nossa. E que os reféns eram postos em liberdade pelos trabalhadores.

E os reféns saíram. À porta do Sindicato, aquele grupo de senhoras, que nos havia insultado, veio jogar-lhes flores e aplaudi-los. A nós, elas gritavam e queriam nos bater.

Nós nos sentíamos arrastando o ânimo pelo chão, como se houvesse sido uma derrota nossa, porque todo nosso esforço não tinha servido para alcançar o objetivo que queríamos e que consistia na troca dos reféns pelos nossos dirigentes.

Contaram-nos que os camponeses de Ucureña haviam, de fato, chegado perto da mina. Siglo XX, depois de vários dias de marcha. E que foi bem difícil convencê-los de voltar sem fazer nada.

Os dirigentes ficaram por muito tempo mais na prisão. Claro, nos permitiram organizar uma comissão para ir imediatamente a La Paz para falar com eles e ver que estavam vivos e sãos. Fomos daquela vez e depois, periodicamente, tínhamos entrada livre no cárcere. E conseguimos que os transladassem para o

cárcere de São Pedro, que era mais saudável. E cada semana ia uma comissão a La Paz visitá-los e levar-lhes comida, literatura e outras coisas; isto porque, ainda que presos, eles eram considerados nossos dirigentes. Os outros eram apenas interinos. E quando um trabalhador saía de férias, o primeiro que fazia era ir visitar os dirigentes no cárcere. E Federico, sempre, sempre os orientava. Ele tinha seu radinho e, com os informes que lhe dávamos, estava inteirado do que acontecia. E sempre nos falava sobre os problemas, sobre o que ia acontecer, o que devíamos fazer, como devíamos manter a união. Mais que isso, ele nos aconselhava.

Bem, eles tiveram presos mais de um ano. Quando houve o golpe de 64, os trabalhadores aproveitaram para entrar no cárcere para tirá-los, juntamente com outros.

O que eu vi e vivi neste acontecimento, nos dias que passamos no Sindicato com os reféns, serviu-me para toda vida. E foi a partir dessa experiência que comecei a participar regularmente no Comitê de Donas de Casa.

PELOS PAMPAS DE SORA-SORA

No ano de 64, havia muitos problemas, principalmente em La Paz. E o governo tomou severas medidas contra a classe trabalhadora.

Houve uma manifestação em Oruro e morreram vários estudantes. A secretária do Comitê deixou-me como secretária interina e foi para o velório em Oruro, acompanhada de alguns companheiros. Foram presos, apanharam e os encarceraram.

O governo, para impedir que se fizesse uma campanha de solidariedade, queria ocupar as emissoras das minas. Disseram-nos que o exército estava para entrar nas minas. A rádio de Huanuni estava em cadeia com a Siglo XX e pediu auxílio. Como de costume, os trabalhadores da Siglo XX se mobilizaram para ajudá-los.

Chegou-nos a notícia de um enfrentamento entre os trabalhadores e o exército, de que havia feridos e que havia desaparecido um caminhão cheio de pessoas. Ficamos fazendo guarda no Sindicato, cuidando dos bens sindicais. As esposas dos que tinham ido colaborar ficavam por perto do Sindicato, procurando saber algo, quais eram os mortos, quem estava ferido.

Escutamos pelo rádio que haviam localizado o caminhão com feridos. E que o exército não deixava ninguém passar, nem mesmo a ambulância.

E as pessoas pediam que nós nos mobilizássemos. "É preciso ir, é preciso ir", diziam. Mas, nós não tínhamos nenhum veículo. Então, as donas de casa, fizemos uma campanha pedindo solidariedade à população civil de Llallagua, a qual nos respondeu muito bem. E nomeamos algumas representantes para coletar víveres, remédios, dinheiro. Com a coleta pronta, conseguimos alugar um veículo onde cabia dezessete mulheres. Mas, o chofer aceitou levar-nos com condições: ele não nos levaria até onde estavam acontecendo os fatos e sim, nos deixaria perto de Huanuni. Aceitamos e fomos com ele. Nomeei outra secretária interina para que ficasse na Siglo XX. Chegando a Huanuni, soubemos que os trabalhadores da Século XX já não estavam mais ali, que tinham ido mais para frente, combatendo pelos pampas de Sora-Sora, pois haviam avançado durante a noite e surpreenderam ao exército. Era algo muito especial, pois os trabalhadores não tinham armas, só dinamites.

Encontrei-me com a secretária geral de donas de casa de Huanuni. Ela estava grávida de uns sete meses e eu de quatro. E ela me disse:

— Companheira, tem feridos que o exército não deixa recolher. Mas, nós vamos tentar fazê-lo. Suba na ambulância.

No caminho, quando já estávamos próximas ao local onde estavam os feridos, atiraram contra nós. Fizeram-nos parar e disseram:

— Não vão mais adiante.

A companheira disse aos homens das macas que fossem buscar os feridos, mas eles não quiseram. Então, ela disse:

— Tirem seus aventais.

E me disse que pusesse um.

— Ou você tem medo? — perguntou-me.

Sinceramente, eu tinha medo, pois era a primeira vez que enfrentava algo assim grande e perigoso. Fiz-me forte e lhe respondi.

— Muito bem, senhora, vamos.

Vesti o avental. Descemos as duas.

— Que eles vejam bem que somos mulheres — dizia ela —, solte bem seus cabelos.

Pegou um pedaço de pau e um pano branco. Fez uma bandeira e começamos a caminhar e caminhar. Ela e eu nos pampas. Deram um tiro que passou pertinho... quase fiquei surda.

— Não demonstre medo, temos que ir andando e seguir andando — dizia ela.

E nós víamos como eles nos observavam com seus binóculos. Mas, seguimos avançando, avançando e não nos fizeram nada.

Começamos a procurar no chão onde víamos rastos de sangue e começamos a levantar os feridos. Mas, era um esforço titânico que nós duas tínhamos que fazer. Imagine: ela grávida, eu grávida, tínhamos que levantar os corpos e levá-los até certo lugar. Dali fazíamos sinais para a ambulância e eles vinham com a maca para recolhê-los e levá-los. Nós voltávamos para buscar outro e outro. E o exército, não deixava, não deixava a ambulância avançar.

Ficamos totalmente esgotadas, porque trabalhamos grande parte do dia. Por fim, os homens da ambulância nos ajudaram, pois já não agüentávamos sozinhas. Então, íamos um homem e uma mulher, e o exército não nos importunou.

Quando regressamos, vimos que as companheiras tinham preparado comida e a estavam servindo aos companheiros de Huanuni e não aos da Siglo XX, que

estavam no morro. Então, eu lhes disse que aquela comida não devia ser servida ali. Voltamos a Sora-Sora num caminhão até onde foi possível avançar com o veículo. Depois, a pé, subimos os morros onde estavam os companheiros tomando cuidado para não chamar a atenção do exército.

Bastante esgotadas descemos do morro e voltamos a Huanuni. Os companheiros nos haviam dado a missão de pedir ajuda, de conseguir dinamite, pois já estava acabando o que tinham. Mas, em Huanuni não nos fizeram caso e ninguém foi substituí-los. E como já não tinham como se defenderem, os trabalhadores regressaram a Huanuni, totalmente decepcionados.

Mas, um caminhão tinha seguido ao exército e, de repente, quando o exército retrocedeu, os trabalhadores perceberam que estavam sozinhos. Então, eles fizeram meia-volta. Mas, eles encontravam muitos trabalhadores no caminho que lhes pediam, por favor, que os levassem. Assim que o chofer daquele caminhão, voltou três vezes aos pampas e lotou três vezes o caminhão de trabalhadores de Huanuni. Os companheiros tinham sede, tinham fome, e não havia chá, não havia água. Era mais de meia-noite. Estávamos no Sindicato de Huanuni.

Então, o dirigente dali nos disse:

— Companheiras, é possível que o exército venha esta noite e prenda todos os que estiveram no morro. Então, eu quero que vocês vão para o hospital. Conseguimos algumas camas, lá. Vão dormir, Vocês trabalharam muito e se ficarem aqui pode acontecer algo.

Isto nos pareceu bastante correto, o mais prudente, e fomos dormir no hospital.

No dia seguinte, bem cedo, pedimos a colaboração do diretor do hospital e preparamos um café para todos os companheiros da Siglo XX que estavam em Huanuni. Pedimos jarras e jarras emprestadas. E ló-

Huanuni. Pedimos jarras e jarras emprestadas. E lógico, houve desconfiança do pessoal em emprestarnos. Então, deixamos três senhoras do nosso grupo como garantia; elas deveriam ficar ali até que nós voltássemos com os utensílios. E, como tínhamos o dinheiro que nos foi doado pelos de Llallagua, fomos à padaria e enchemos as mantas de pão. Compramos tudo o que podíamos. Cedinho, em catorque mulheres, fomos servir-lhes o café da manhã. Como ficaram felizes em comer algo...

Fomos ao hospital para ver os feridos, quais podiam ser transladados para a Siglo XX e quais não podiam. E ali vimos alguns que julgávamos mortos, mas que estavam salvos, apesar de que estavam bastante feridos. E um deles, inclusive, foi dirigente até há pouco tempo.

O exército não veio esta noite. Havia muitos problemas em La Paz. E algumas semanas depois, houve um golpe de Estado e o presidente Paz Estenssoro teve que abandonar o país.

"OS TRABALHADORES TERÃO QUE SE SACRIFICAR"

O general Barrientos tomou o poder no dia 4 de novembro de 1964.

A partir de então, dada a visão que os dirigentes da classe trabalhadora tinha, eles diziam que Barrientos era um militar e que não deviam confiar nele. Baseando-se nisso, começaram a orientar os trabalhadores. Ou seja, que desde o início o povo manifestou seu desacordo com esse governo que não era popular, que não ia salvar a Bolívia. E fizeram advertências no sentido de que iam acontecer coisas contra o povo. Isto é, o povo prediz e sabe se um governo é dirigido pelo povo ou se é imposto de cima para baixo. E se é imposto de cima, não se pode ter confiança nesse governo.

E Barrientos veio com o exército à Siglo XX. Tocaram a sirena do Sindicato e os soldados, quase que à força, nos tiraram de nossas casas e nos levaram para a praça. E ali, Barrientos fez um discurso: "Por que vocês me caluniam antes de conhecer meu governo?... Farei muitas coisas boas... Mas, se a COMIBOL está falindo, é necessário o sacrifício de todos os bolivianos... Eu estou tirando a metade do meu salário e todo o exército está fazendo o mesmo... E para quê? Para ajudar aos mineiros, pois a COMIBOL esta à falência.

E a culpa não é minha se estamos nessa situação... O desfalque foi dado por Paz Estenssoro... E por isso, mais de 35 000 trabalhadores vão para a rua. E o que acontecerá?... Será o caos na Bolívia... Como é possível?... Estou certo, estou seguro de que os trabalhadores se sacrificarão... Por um ano, seus salários serão reduzidos pela metade e, logo depois, quando a COMIBOL estiver novamente com capital, lhes devolveremos. E se houver lucro, ele será repartido com vocês..."

Ele falava de tal maneira que, realmente, dava a impressão que a COMIBOL estava caindo aos pedaços. Dizia que havia que pagar, senão ela seria embargada. E assim, um mundo de coisas. E algumas pessoas comentavam: "Se é assim... como não vamos salvar nossa empresa? Nós julgamos muito apressadamente... mal começa este governo..."

E saiu o decreto do rebaixamento salarial. Mas, quando a notícia foi comunicada, todos estavam descontentes. O Comitê de Donas de Casa tirou seu manifesto: como podiam tirar uma parte tão importante do salário que, por si só, já era tão pequeno?

E vieram outras medidas, atentatórias à economia. Isso foi em maio de 65.

E começaram os protestos, as manifestações. Então, o governo começou com a repressão em cima dos dirigentes.

Primeiro, prenderam Lechin e o desterraram ao Paraguai. Aí, a Federação dos Mineiros declarou uma greve geral.

Então, chegou um ultimatum: "Todos os dirigentes devem sair". E dizia que, se não saíssem, o exército iria tirá-los à força. E que ia correr muito sangue. E isso, mais aquilo, etc. e tal.

Finalmente, o exército veio às minas e obrigou os dirigentes saírem.

Nós tiramos dali à força Federico Escóbar. Ele não queria ir-se. Nós fomos falar-lhe que queriam matá-lo, que ele devia sair. Mas, ele não queria e nos dizia: "Eu vou entrar na mina e, se quiserem, que me tirem de lá. Eu não vou embora". Mas nós sabíamos que, se ele entrasse na mina, eles o prenderiam e o matariam. E nós não queríamos perder um homem assim. Fizemos ele ver isso. E os companheiros também o fizeram ver que valia mais ter um companheiro livre que preso, que valia mais um companheiro vivo que morto. Então, pedimos ajuda à paróquia para que Federico saísse às escondidas.

Prenderam os dirigentes do Sindicato, os da rádio A Voz do Mineiro, os esposos das mulheres que eram dirigentes do Comitê de Donas de Casa. Eram umas cem pessoas ou mais. E os levaram em aviões, deportados para a Argentina. Foi uma confusão daquelas!

E também começaram a desarmar o povo. Por exemplo, aos trabalhadores que fossem entregar suas armas, ofereciam uma medalha ou algo parecido. Mas, não era todo trabalhador que tinha arma. Não, não. Que arma, o que! Somente a facção do MNR, que era sua milícia armada, tinha arma. Assim que, eram muito poucos os que tinham armas.

Se os dirigentes não tivessem saído das minas, teria caído muita gente, teria corrido muito sangue. Nós não tínhamos arma. Com que íamos nos defender? Os mineiros pensaram em tudo isso.

O MASSACRE DE SETEMBRO

Depois que os dirigentes tinham sido deportados para a Argentina, os operários, especialmente os trotskistas, se organizaram numa espécie de Sindicato Clandestino. Como secretário geral, estava Isaac Camacho. Ele dirigia os movimentos sindicais, do interior da mina. O governo o procurava, pois havia descoberto que ele dirigia o sindicato clandestino.

Um dia, era 18 de setembro de 1965, Camacho saiu para reunir-se com o pessoal na porta do Sindicato. E ali o prenderam. E para prendê-lo, detiveram a muitos outros, mataram estudantes, algumas senhoras, várias pessoas, pois. Houve um enfrentamento pois trataram de defendê-lo. Isso foi num sábado. Camacho desapareceu.

Os mortos foram enterrados no domingo e, na segunda-feira, os trabalhadores voltaram às minas. Os do Sindicato Clandestino disseram aos mineiros: "Vejam o que aconteceu... não podemos permitir que isto fique assim".

Os trabalhadores reagiram, pois não é justo que o exército mate tanta gente assim. E resolveram sair numa manifestação de protesto. E armaram-se: pegaram dinamite dos armazéns da empresa.

Mas o exército, que já sabia de tudo, havia "colocado" os soldados com suas metralhadoras e armas pesadas na boca da mina. E a rodearam bem para que os mineiros não saíssem.

Cortaram toda comunicação. Os microfones, os telefones, tudo. Assim que nós, as mulheres, queríamos avisar os mineiros o que estava acontecendo, dizer-lhes que não saíssem, que os soldados os esperavam ali fora para "limpá-los" na porta da mina, dizer-lhes que havia armas por toda parte. Desesperadas, queríamos comunicar-nos com o interior da mina, mas não podíamos.

Tínhamos muito medo e pensávamos: agora os trabalhadores vão sair e eles os vão "varrer" com suas armas.

Mas, felizmente, os trabalhadores perceberam a situação. Não sei como eles perceberam tudo. E saíram por cima, pela boca da mina do Morro Azul, do lado oposto da Siglo XX. E lá de cima, surpreenderam ao exército.

Bem, houve um enfrentamento onde, com muita coragem, os mineiros se defenderam, pois o único que tinham era dinamite, enquanto os soldados tinham armas bem modernas.

Mas, quando pensávamos que já havíamos dominado a situação e tudo se acalmava, então aconteceu o pior: vieram nos metralhar com aviões. Pela primeira vez vimos como pode voar um avião, fazer picada, ficar de frente e como soltavam uns pequenos raios de luz de dentro: eram as balas que caíam: pá! pá! pá!...

Foi assim que disparam na Praça do Mineiro, em Catavi, nos montes. As balas saíam de todas as partes, como raios de luz. E mataram muita, muita gente. E não

não somente isso, pois atacaram as ambulâncias, coisa que em nenhuma guerra, em nenhuma se pode fazer. É um delito internacional, não é? Havia muitos mortos e eram tantos os feridos que não cabiam nem no hospital de Catavi.

Nesse ano, eu apenas tinha sido nomeada como secretária geral do Comitê de Donas de Casa e era uma cidadã comum, que não percebia muito bem a situação, não me orientava muito. O que sim, eu tinha visto esse massacre. E havia visto como, por exemplo, os agentes do Ministério do Interior estavam nas ambulâncias, disfarçados de ajudantes para recolher os feridos, tirando fotografias de pessoas que estavam atendendo aos feridos. Quando aquilo acabou, pelas fotografias, começaram a reprimir os que haviam ajudado. As mostravam aos agentes da Siglo XX e perguntavam: "Onde vive esse fulano?" E começava a busca. Do pátio dos colégios, tiravam os jovens que tinham sido fotografados. E a todos levaram presos. Foi uma prisão terrível... terrível! Foi uma coisa atroz! Tudo isso foi feito por Zacarias Plaza. Ele comandava a ocupação dos acampamentos.

Zacarias Plaza foi um militar que ganhou muito, mas muito dinheiro e medalhas por ter massacrado tantos operários na Siglo XX. Mas, creio que em 1970, depois de ter sofrido tantos atentados, Zacarias Plaza apareceu morto. Um grupo, que se chamava "Olho de Águia", no amanhecer de uma festa de São João, pelos lados de Oruro, revelou onde ele estava. Mas... fatalmente morto! Fizeram "trapo" dele. Soube pela imprensa. E diziam que o que havia acontecido a ele era em vingança pelo que ele tinha feito na Siglo XX. E isto era o que aconteceria a todos que massacram o povo.

Os dois massacres, tanto o de setembro de 65, como o de São João de 67, foram feitos por Zacarias

Plaza. Ele comandava tudo. E ria de nós: "Por que querem entrar no baile se não sabem dançar? Agora, dancem, pois!" E mandava massacrar-nos.

Bem, o exército entrou triunfante nas minas porque nós não tínhamos armas para defender-nos. E começaram a revistar casa por casa e a pegar todos os homens.

Viviam comunicando-se através do rádio: "Estamos no norte, no sul, estamos fazendo a limpeza geral de vermelhos, estes covardes, sem-vergonhas..." E etc. e tal. Sim, para eles, todos éramos "vermelhos".

E começou a acontecer coisas muito tristes. Em Catavi, por exemplo, aconteceu isto: numa casa, o esposo tinha viajado de férias. Devido ao barulho que havia, os tiroteios, os combates, a esposa tinha escondido seus filhos embaixo da cama, como se costuma por aqui. Há uma crença de que, quando há tiros, a gente deve pôr as criancinhas embaixo da cama e protegê-las com os colchões para que as balas não passem. As balas perdem a força na lã e não ferem as crianças. Bom, assim fizeram naquela casa: puseram as crianças embaixo da cama, e, quando os soldados bateram à porta, a mãe não queria abrir. Então, eles forçaram e entraram. As crianças estavam chorando e os soldados disseram: "Tem alguém debaixo da cama. Saia, que vou contar até três". Mas, as crianças tiveram medo e não saíram. E eles contaram: "um, dois, três". E a mãe gritou: "São somente meus filhos! Por favor!..." Quando ela se ajoelhava para pedir clemência, pois já haviam dado ordens de disparar, o soldado pensou que ela queria tirar-lhe a arma e... pum! pum! tirou o revólver e a matou. E os outros também dispararam. Quando o esposo chegou, não tinha mais filhos, não tinha esposa e a menina maior estava com as pernas amputadas. Morreram todos.

Em outra casa, a mesma coisa. Estava cercada e bateram à porta. A mulher estava indo abrir e... pá! pá! pá! atiraram. Morreu ali mesmo.

Um operário estava escapando pelo morro e um do exército entrou pela porta da minha casa, fez posição e começou a disparar. Quase o acerta. Então, o operário fez de conta de que o haviam acertado, se jogou e nós pudemos vê-lo rodando, rodando morro abaixo.

E outro operário, que nunca tinha se metido em nada, nem em assembléias ia, estava na porta de sua casa e não queria sair. "Senhor, eu não fiz nada", dizia. E os soldados: "Covarde! Saia!" E lhe bateram bastante.

Cometeram todo tipo de abuso.

E a mina Siglo XX foi declarada zona militar. Estabeleceu-se o toque de queda e somente até às 8 da noite tínhamos direito a sair. Por exemplo, para ir ao banheiro, que é um lugar público pois não o temos em nossa casa, tínhamos que ir acompanhadas pelos soldados. E quando eu ia com os meninos, era o mesmo: com soldados. Nós estivemos pior que num campo de concentração!

Cada noite havia um soldado na sua porta. Em todas as casas era assim. Por isso digo: era zona militar. O acampamento se encheu de tal maneira de militar que, em cada porta, por qualquer coisa, gritavam: "O que há?" Então era preciso abrir: "Por favor, senhor, quero ir ao banheiro. Façam-me esse favor". Só aí deixavam abrir a porta. Tinha que ir ao banheiro junto com ele, regressar junto e fechar a porta. A mesma coisa com a luz: depois de tal hora, tudo devia ficar no escuro. E se não, disparavam para o ar ou lhe gritava um soldado: "por que está acesa?" É por isso que digo: "Nesse tempo, na mina Siglo XX, estivemos pior que num campo de concentração".

Alguns dias depois do massacre, chegou de Santa Cruz o Regimento Manchego.* Como são pessoas da parte oriental da Bolívia e não conheciam o altiplano, lhes disseram: "Vamos a Cochabamba".

Os infelizes, que nunca haviam saído de Santa Cruz, tremiam quando aterrizaram em Uncia. E disseram:

— Ai... que frio faz em Cochabamba, não? Isso nos contaram alguns deles, depois que ficaram nossos amigos.

Ao chegar aqui lhes disseram:

— Bom. Vocês estão na Siglo XX. Vocês estão na parte vermelha da Bolívia. Aqui só tem comunistas. É preciso desconfiar de todos. Vocês não podem falar com ninguém, nem com os menores. Esses meninos sabem usar a dinamite. E se vocês deixam, vocês é que voarão e de tal maneira que nem com colherzinhas nós poderemos recolher os pedacinhos.

Os atemorizavam assim. E nessa mesma manhã os trouxeram para fazer a "operação-limpeza". Entravam em todas casas do acampamento. Revistavam tudo, quebravam tudo. Inclusive as tábuas do chão as levantavam e revistavam tudo:

— Armas... têm? Têm... dinamite? Propaganda comunista? Propaganda política?...

O que não fizeram e o que não perguntaram! E estavam na "limpeza". E nós não podíamos levar nada, nem um pacote sem que o revistassem. Pois, segundo eles, estávamos, "carregando armas".

Nessa manhã, eu vinha do armazém e um soldado me deteve:

* O relato deste capítulo é antes da Guerrilha do Che, quando o Regimento Manchego tinha só tropas regulares. Posteriormente se converteu num regimento de "rangers" (tropas especializadas em contra-insurreição, treinadas e equipadas pelo Pentágono). O regimento ranger mencionado no relato é o de Challapata, povoado vizinho à Siglo XX.

— Vamos ver, senhora, vamos ver... alto! Que está levando aí?

E revistou tudo. Depois de ver que era tudo para a comida.

— Está bem, pode ir.

Assim era com todos.

Um dia, no almoço, os maiorais do exército foram comer. E deixaram os soldados rasos em pé em nossas portas, onde haviam chegado para a "operação-limpeza". E como não haviam nem tomado o café da manhã, os rapazes estavam famintos.

Então, veja como é o povo: num momento, está sendo morto, lhes metem balas a torto e à direita... o sangue está correndo, ao seu redor, por todas as partes. Passa o tiroteio... e as mulheres saem com seus pãezinhos e os dão aos soldadinhos.

Que raiva e que rancor isto me dava! E eu lhes dizia:

— Mas como... como?... Só falta vocês dizerem: obrigado por ter vindo matar-nos como cachorros.

E elas me respondiam:

— Mas, senhora! Se eles são nossos filhos!... São nossos mesmos filhos!... São os de cima os que mandam, senhora. Estes não têm culpa. E depois de amanhã, talvez acontecerá o mesmo ao meu filho, quando esteja servindo: o mandarão matar o povo. Por que não lhe dar um pedaço de pão?

Todos pensavam assim. Então, eu os compreendi. Que coração tem o meu povo! Assim é... E por que essa fúria para matá-lo? Que gente terrível!... Que gente tão má... Como é possível que façam isto a meu povo?

Uma senhora reconheceu um dos soldados, que era seu sobrinho. Foi abraçá-lo e ofereceu-lhe comida. Mas, o rapaz não queria. E disse a sua tia que lhes haviam dito que, na Siglo XX, o povo ia envenená-los. E estava temeroso. E assim estavam os outros também.

Haviam metido-lhes esse medo para que eles não se aproximassem de nós. Mas, pouco a pouco eles começaram a aceitar o que oferecíamos. E todos lhes davam alguma coisa para comer.

Quando voltaram para seus quartéis, os "manchegos" perguntaram aos "rangers": "Como vocês tiveram a coragem de matar um povo tão bom? Eles dividiram suas coisas conosco... Todos nos trataram bem... Será que vocês são selvagens? Vocês não podiam ver o que estava acontecendo?".

Estas conversas chegaram aos ouvidos dos chefes do exército de ocupação. Então, como castigo, levaram os "manchegos" até o cume do morro. Eles estavam com a roupa que usam na parte oriental da Bolívia, onde faz muito calor, e não estavam acostumados ao clima frio do altiplano, e vários deles morreram ali de frio. E os que sobreviveram, os levaram. O que aconteceu depois? Eu não sei.

Na minha casa, três "manchegos" tinham se tornado amigos nossos. E durante os dias que aqui estiveram, às vezes batiam à nossa porta:

— Senhora, pode nos oferecer um almoço? Hoje estamos de folga e não temos onde ir.

E, blá, blá, blá... começávamos falar sobre a situação. Chegamos até a trocar coisas com suas famílias. Os soldados nos davam castanhas que seus pais lhes mandavam e nós mandávamos para eles coisas que tínhamos, como, por exemplo, coisas em conserva, massas.

Todas as pessoas sabiam diferenciar os "manchegos" dos "rangers". Todos tinham ódio aos "boinas verdes" dos "rangers", gente treinada para lutar contra as guerrilhas, com um treinamento especializado, bem fascista, e que eram os autores dos massacres. Por outro lado, os "manchegos" não tinham esse preparo, eram

soldados simples. O que será que aconteceu quando os levaram?

Algum tempo depois, veio uma comissão composta de universitários, da imprensa e da Igreja, para saber "o que havia acontecido em setembro". Pois, como sempre, o governo se fazia de vítima e nos fazia parecer como os culpáveis de tudo o que havia acontecido.

Chegou, então, essa comissão. Mas, a repressão era tanta, que ninguém queria falar. Ninguém tinha coragem. Ninguém. Lembro-me muito bem que nos chamaram, pelo rádio, para fazer denúncias. Mas, nenhum trabalhador se atrevia a falar. Todos ficaram calados, todos.

Eu estava com meu companheiro e ele me disse para que eu também não falasse:

— Eles despediram meus companheiros da empresa; me despedirão também e nós temos família (naquela época, minhas irmãs ainda estavam comigo); você tem que pensar nisso. Não fale.

Eu escutava, escutava os da comissão... e me desesperava ver que as pessoas não podiam falar, não podiam dizer nada, apesar de que estavam se afogando na dor e na angústia. Mas, não se podia falar porque havia o temor em todos, não é? Aquilo me deixava triste, me angustiava. Falem, falem! — dizia eu.

Virei-me de lado e vi uma senhora com seus filhinhos, chorando porque haviam matado seu esposo. Então eu lhe disse:

— Senhora, não chore. Levante-se e diga que mataram seu esposo.

Ela me olhou bem e disse:

— Mas, senhora... você é nossa presidente; fale você, pois... você é dona de casa... Fale, pois.

Bastou aquilo e comecei a refletir no meu papel de dirigente: é isso, eu sou dirigente, eu também sou parte

disso. E estou exigindo que outras falem e eu não falo nada...

As outras pessoas que haviam escutado a senhora, também disseram:

— Fale, fale.

Então, me levantei e comecei a falar. E denunciei tudo o que havia acontecido. Expliquei o problema que tínhamos, que queríamos que devolvessem nossos salários e que era isso o que tínhamos pedido. Mas que a repressão tinha sido fatalmente brutal. E falei de todas as coisas que havia visto, inclusive como via as ambulâncias serem atacadas. E lhes disse que eles deveriam fazer o mundo inteiro conhecer essa situação.

Quando terminei de falar, me sentei. Bom, meu companheiro já não estava ao meu lado. Mas, muitos trabalhadores estavam ao meu redor. Alguns, que tinham visto outras coisas, se aproximavam e me diziam: "aconteceu isso também..." E eu repetia o que ele me havia dito. E, ao final, todos os que estavam perto de mim me abraçavam e me beijavam e me diziam:

— Que bom que você não foi embora... que não nos abandonou... Agora sim — disse-me um deles — compreendo que seja necessário que a mulher participe em tudo.

Eu me senti muito feliz naquele momento, vendo a solidariedade que me mostravam os companheiros. Porque eu havia falado por eles, para a imprensa, para o rádio, para as comissões que tinham vindo de La Paz, de Cochabamba, de Oruro e do exterior.

E desta vez, apesar de tudo o que falei, não me aconteceu nada, e nem a meu marido. De todos os lugares houve solidariedade e mandaram ajuda para as viúvas.

E, de maneira irônica, o mesmo exército trouxe víveres e os distribuiu. Realmente, são coisas que dóem, dóem. Mas, assim foi. Depois de massacrar, distribuiu

víveres. E o pior, é que a gente vive de uma maneira tão miserável, que muitos, sobretudo a população civil, fizeram filas, brigaram para receber aqueles víveres. Era até humilhante e doloroso ver aquilo. Eu sempre me lembro. Mataram tantos e agora vinham fazer-nos calar com um pedaço de pão, uma lata de sardinha. Não era justo. Teria sido bonito recusar tudo aquilo e, ainda que tivéssemos que morrer de fome, não receber nada! Mas, infelizmente, não foi assim. Era muito doloroso ver aquelas filas de gente apertando-se, brigando para conseguir um pouco de arroz, uma latinha de leite...

Em 1970 houve um Congresso de Trabalhadores Mineiros na Siglo XX. Então, o general Ovando já estava no poder; Barrientos tinha morrido em 1969, num acidente de helicóptero. Naquele Congresso, entre outras coisas, tínhamos colocado a necessidade de uma pensão para as viúvas, que todos os órfãos dos massacres tivessem uma bolsa de estudos. Mas, não se fez nada. Também mencionamos a riqueza que o general Barrientos havia deixado, milhões e milhões de dólares. Isso, eu disse aos mineiros, deveria ser expropriado para que aquele dinheiro fosse repartido entre as pessoas que tivessem sido afetadas pelos massacres e por toda a repressão de Barrientos, não é? Mas, isso também não se conseguiu.

AS "PALLIRIS DO MORRO"

Nesse tempo, havia muitas mulheres desocupadas, particularmente as viúvas dos trabalhadores que tinham morrido nas minas ou nos massacres. O desemprego era tão grande que, diariamente, as mulheres procuravam o Sindicato, a gerência, em busca de trabalho. Entre elas, estavam também duas irmãs minhas. Iam diariamente e voltavam sem resposta.

Então, tive a idéia de organizá-las num "Comitê de Desempregadas", algo assim. E começamos a fazer um censo. E comprovamos, por exemplo, que havia famílias que não eram muito numerosas, onde marido e mulher trabalhavam. E havia viúvas com seis ou sete filhos que não tinham nenhuma renda econômica. Bom, assim, começamos a sondar as pessoas que estavam nessa situação e organizamos o Comitê para que investigassem um pouco. E anotávamos tudo o que encontrávamos. E apresentamos o anotado à gerência, e dissemos ao gerente que não nos parecia correto que enquanto algumas mulheres estavam morrendo por um pão, outras tinham trabalho ao mesmo tempo que seus maridos trabalhavam na empresa.

Insistimos tanto que, por fim, ele resolveu nos ajudar. Despediu nove pessoas que não necessitavam

tanto do trabalho e colocou nove das que estavam organizadas no Comitê das Desempregadas e que necessitavam trabalhar. Na sua maioria, as que apresentaram seus documentos à gerência, eram jovens. Mas, veja o que provoca a falta de fonte de trabalho: logo que souberam disto, as viúvas se reuniram e pediram apoio nas seções onde seus esposos haviam trabalhado e as seções mandaram cartas ao gerente dizendo que as viúvas eram as que mais necessitavam. Bem, tivemos que retificar a coisa e nove viúvas entraram na empresa para trabalhar. As jovens ficaram desmoralizadas, mas nós não podíamos ir contra a resolução dos trabalhadores.

Quando viram que nove viúvas conseguiram trabalho, nossa lista de quarenta pessoas, rapidamente, subiu para mais de duzentas. Havia uma quantidade enorme de mulheres que, diariamente, nos procuravam por uma ou outra porta, não se cansavam de vir à minha casa e me diziam: "Senhora, eu também sou viúva". E chorando, me contavam como elas e seus filhos viviam. "Da maneira como meu esposo trabalhou na empresa, como ele se sacrificou, agora estamos assim..." e mais isso, mais aquilo. Era uma coisa terrível! Vinham contar cada problema... dava uma pena! Eu anotava tudo e seguíamos procurando soluções. Íamos à gerência perguntar como estava a situação. O gerente nos dizia que ia solucionar a coisa de alguma maneira, que talvez criássemos algumas cooperativas.

Um dia, totalmente desesperadas, as jovens começaram a chorar e disseram que estavam dispostas a trabalhar em qualquer coisa. Andavam daqui para lá, de lá para cá e não conseguiam nada!... Já não agüentavam mais. Foram à gerência e disseram ao gerente.

— Senhor, se o senhor não resolver nossa situação, nós vamos fazer greve de fome, não importa se com isso

vamos morrer, pois, de qualquer maneira, nossa situação é insustentável.

Então, ele disse:

— Vocês estão dispostas a trabalhar em qualquer coisa?

— Sim, em qualquer coisa — responderam.

— Bem, nós temos um plano. Por que vocês não voltam amanhã? Nós o discutiremos com vocês.

Quando voltamos no dia seguinte, nos disseram que elas podiam ir trabalhar no "morro". Era o plano que tinham.

O "morro" é um monte de pedras que foram tiradas das minas, que estavam juntas ao minério. No princípio, quando começaram explorar a mina, a pedra saía negra como carvão, era minério de alta, alta qualidade. Então, colhiam só o minério e, algumas pedras, que eram metade minério, metade pedra, jogavam fora. E isso foi formando uma montanha. Por isso, havia boa veia no morro. Era isso o que tinham que escolher.

O trabalho era assim: as mulheres deviam procurar aquelas pedras, escolher as que tinham minério, colocá-las numa bolsa, ir à moedora, fazê-las moer e entregar à empresa. E as mulheres seriam pagas pela empresa, de acordo com as bolsas que entregavam. Fariam uma experiência durante três meses. Depois disso, tinham que assinar um contrato de trabalho.

O gerente me perguntou:

— Quantas querem trabalhar?

— Duzentas — lhe disse.

— Pois duzentas podemos contratar. Que venham aqui para tratarmos.

Eu chamei todas. E expliquei tudo. E muitas, principalmente as viúvas, disseram:

— Ai!... no morro não. Não, não e não. Nós não queremos. Nós não somos palliris *.

Palliris são, pois, os que recolhem minério.

As mulheres com as quais havíamos começado a procurar trabalho, ficaram. Nenhuma abandonou o grupo. E começaram a trabalhar. Cada dia, elas vinham moídas, com as mãos machucadas. Machucadas porque faziam tudo com as mãos: recolher o minério, escolhê-lo, pô-lo nas bolsas. Tudo, tudo a mão. As mãos sangravam.

Trabalharam assim durante um mês e lhes pagaram 400 pesos de salário a cada uma. Ai!... Foi a glória para elas! Precisava ver como estavam felizes. Quando lhe pagavam, vinham correndo à minha casa e me diziam: Tiramos 400 pesos! Pagaram, senhora! E se sentiam felizes, porque era uma mudança muito importante, apesar de todo sacrifício.

Bem, as pessoas souberam que as trabalhadoras do monte tinham ganho 400 pesos no primeiro mês de trabalho e, então, as outras mulheres também quiseram trabalhar. E umas quinhentas foram a Catavi pedir trabalho à gerência.

O gerente disse que não podia aceitar todas de uma só vez, mas que podia empregar cem pessoas por mês. Então, fizemos uma lista e, de cem em cem por mês, 400 mulheres começaram a trabalhar como "palliris". Mas, à medida que aumentava o número de trabalhadores, diminuía o salário: no segundo mês pagaram 300 pesos, depois 200 e, por fim 180 pesos mensais.

Quando se cumpriram os três meses de experiência e havia chegado o momento de legalizar as coisas através de um contrato, fomos à Gerência acompa-

* Termo aymara: o que recolhe escolhendo.

nhadas do secretário geral do Sindicato, o senhor Ordóñez. Havíamos elaborado um plano para que se fizesse um contrato coletivo com a empresa, onde se assegurassem todos os benefícios. Dizíamos que depois de passado os três meses do trabalho experimental no morro, o principal era que as trabalhadoras fossem contratadas como operárias da empresa, com gozo aos direitos, benefícios sociais, armazéns baratos, serviços médicos, tudo. E que, se não se cumprisse isso, tomaríamos nossas medidas. E éramos um grupo bastante forte.

Queríamos colocar aquilo, mas o governo havia enviado um seu agente a Oruro e ele havia ganho a confiança das mulheres a tal ponto que o designaram como assessor das trabalhadoras. E, sem que nós soubéssemos, haviam mandado uma carta, onde dizia que fulano de tal era assessor e responsável dos interesses das trabalhadoras do morro. Em uma palavra, não reconheciam o Sindicato e o Comitê de Donas de Casa.

Então, chegamos à gerência. O gerente nos dá a audiência e pergunta: "Quais são os problemas que as trazem aqui? O que desejam?"

Já não era o gerente anterior. Haviam trocado. Então, lhe dissemos que já estava na hora de fazer o convênio, tal como a empresa havia prometido três meses atrás, com as trabalhadoras do morro.

Por falta de experiência, nós havíamos aceito a promessa feita verbalmente pelo gerente anterior, assim que não tínhamos nenhum papel para comprovar o que havia sido prometido.

— Ah!... Vamos ver — disse o gerente. E chamou a secretária. Traga-me o ofício que as trabalhadoras do morro mandaram. Vamos ver o que diz.

Então, ele leu um ofício onde elas diziam que "por unanimidade" haviam designado a tal e tal compa-

nheira de trabalho como suas representantes e, como seu assessor, haviam designado aquele tipo de Oruro.

E o gerente nos disse:

— Olhem, com esta carta, as trabalhadoras do morro, abertamente, não reconhecem vocês.

Nós não sabíamos dessas mudanças e nos perguntávamos: O que aconteceu? Que estranho! Por quê?

— Assim que, com vocês não tenho nada a tratar, absolutamente, nada no que diz respeito aos problemas das trabalhadoras do morro. Já tratamos tudo com o assessor e já está tudo muito bem arrumado.

Aquilo caiu como uma bomba. Nos sentíamos desmoralizadas e perguntávamos: O que aconteceu?

E o gerente nos disse:

— Por que se admiram? Se as trabalhadoras decidiram assim, é porque vocês lhes fizeram algo. Não joguem com as pessoas!

Quando minha irmã chegou em casa, lhe perguntei:

— Por que vocês fizeram tudo sem falar com a gente? O que aconteceu?

— Eu não sei de nada. Não nos disseram nada — respondeu minha irmã. E foi avisar às outras.

O pior é que nesse acordo assinado pelo grupo com o tal assessor não havia absolutamente nada em favor das trabalhadoras. Nada. Seguiam trabalhando nas mesmas condições que eram desumanas.

Naquele tempo, Federico Escóbar já estava livre e havia regressado à Siglo XX. Mas, não exercia seu cargo pois o Controle Operário não era reconhecido. O Controle Operário tinha sido criado em 53, pelo próprio MNR, quando se nacionalizaram as minas, para que controlasse a empresa: quanto estanho se tirava, qual o lucro, como se dividia o lucro, como se faziam os contratos de mercadorias, do armazém, tudo. Isto queria dizer que as minas estavam nas mãos do povo, pois o

Controle Operário se fazia através de um representante eleito pela classe trabalhadora.

Mas os chefes da empresa mineira tiveram muitos problemas com Federico Escóbar, que era um homem íntegro e jamais se vendeu. Então, optaram pela anulação do decreto que permitia o Controle Operário. Isso foi em 65. Depois, conseguimos, novamente que fosse reconhecido. Mas, durante vários anos se lutou para que o Controle Operário voltasse a funcionar, pois ele havia nascido com uma lei. Isto é, o que fizeram com a mão, apagaram com o cotovelo, não é?

Bem, então eu fui falar com Federico e lhe disse:

— Olhe, essas trabalhadoras já deviam ter conseguido o convênio, assinado um documento, alguma coisa. O que se pode fazer? Realmente, estão sofrendo terrivelmente e as enganam na empresa. Ganham pouco e se sacrificam em demasia. No início, eles pagavam bem, mas agora é muito pouco o que ganham. Além disso, não têm armazém, não têm benefícios, nada. Seus filhos precisam educar-se e não os recebem na escola da empresa. Necessitam, também, de atenção médica. Nesses dias, por exemplo, houve um acidente, uma companheira caiu num buraco que haviam cavado, machucou a cadeira e não havia atenção médica para ela.

Eu lhe disse tudo isso e, pouco a pouco, fomos pressionando as pessoas. Escóbar fez com que se conseguisse alguma coisa, como, por exemplo, o direito ao armazém, que seus filhos pudessem freqüentar a escola da empresa. Assim, conseguimos pequenos paliativos.

Mas o tempo ia passando... e não era essa a solução que havíamos colocado ao princípio. Se nos tivéssemos mantido unidas, creio que teríamos conseguido muito mais, não é?

As "palliris" trabalharam assim durante seis anos. Depois, elas se dividiram e um grande grupo começou a

ser dirigido pelos ativistas, que fizeram delas instrumentos políticos. E as levavam em caminhões quando havia manifestações, apoiando a Barrientos.

Um pequeno grupo ficou a parte. Em 1970, quando o general Torres subiu ao poder e se dizia que era um governo democrático, pensávamos: "Temos que aproveitar o momento para lançar a pedra". Então eu disse a minha irmã que também trabalhava no morro: "Faça algo para que, depois de seis anos, a coisa não fique assim". De acordo com a lei, qualquer trabalhador eventual, depois de três meses, tem direito a ser reconhecido como trabalhador regular. Então, eu queria que se tratasse disso.

Minha irmã começou a falar a umas e outras. Foram à igreja pedir ajuda aos padres. Então a Igreja tirou uns folhetos onde se publicava a história desse grupo e se mostrava como aquelas mulheres trabalhavam, em uma situação humilhante e difícil. E as trabalhadoras do morro se organizaram e pediram que fossem reconhecidas como trabalhadoras regulares da empresa e que gozassem de todos os benefícios sociais.

Mas uma outra comissão das mesmas trabalhadoras se reuniu na COMIBOL e, numa assembléia, os da COMIBOL as fizeram aceitar uma indenização e serem despedidas. E olhe, a maioria aprovou aquilo. Uma minoria ficou firme para manter sua fonte de trabalho, melhorando a situação. Mas, o que a maioria diz, a minoria acata, e isso foi levado em conta.

Dessa vez, veio Juan Lechin. E houve uma assembléia das trabalhadoras. Então, eu me levantei e disse:

— Não é justo que as companheiras do morro sejam despedidas assim. E se há uma maioria que quer sair, que saia, mas as que querem seguir trabalhando, que possam seguir. O que se quer é que melhorem suas condições de vida e de trabalho e não que se as despeça. Pois onde elas vão trabalhar? Não têm outra fonte de

trabalho. Além disso, não têm economias. E a pequena indenização que lhes vão pagar... para que servirá? Muitas delas têm dívidas, muitas estão enfermas. Vão ficar na rua, enfermas e com dívidas? No fim, não terão dinheiro e nem trabalho. Como vão viver? Como trabalhadores, vocês não podem permitir isso. Temos que solidarizar-nos.

Então, muitas das trabalhadoras do morro me perguntaram o que eu tinha a ver com tudo aquilo. E me jogaram na cara que elas eram "trabalhadoras" e não "donas de casa". Bem, o Comitê de Donas de Casa as havia organizado. E nós estávamos no nosso direito. Temos nossa declaração de princípios que diz, por exemplo, "que devemos velar por melhores condições para as viúvas". Então, como uma obrigação para com as viúvas, surgiu a idéia de organizá-las para conseguir trabalho. Naquela época, eu era secretária de organização no Comitê, me deram essa tarefa e eu fiz todo esforço para conseguir aquilo. Assim tinha sido, não é?

O pequeno grupo que queria seguir trabalhando, me pediu que colaborasse. Então, com elas, fomos a La Paz para discutir aquele problema na COMIBOL. E assim, conseguimos algo para aquele grupo. Na COMIBOL, aceitaram abrir uma cooperativa de costuras para elas. O governo daria as máquinas. Mas, como nenhuma sabia costurar, fizemos com que lhes dessem três meses de salário para que aprendessem com professores. E também, que, depois, a empresa iria ocupar as mulheres, dando-lhes trabalhos para a própria empresa. Pelo menos, procuramos conseguir alguma coisa, não é? E até hoje há essa cooperativa. Mas é um grupo muito pequeno.

Outra coisa que conseguimos para as trabalhadoras do morro foi com respeito à indenização: iam dar-lhes, no total, uns 800 pesos. Mas, de acordo com a lei do trabalho, conseguimos, com a ajuda do Sindicato

e do companheiro Lechin, que lhes dessem também os outros benefícios a que têm direito os que são despedidos. E assim, elas conseguiram uns 2 000 pesos, mais ou menos. Nisso pudemos ajudá-las.

Eu pensava que, como dirigente, apesar de todas as ofensas que tinha recebido, eu não tinha porque ficar ressentida, nem porque dizer: vocês me fizeram isto, agora não me meto mais. Eu sabia que as pessoas agiam assim por ignorância, não é? Por ignorar as leis do trabalho.

Todos os problemas das trabalhadoras do morro me fizeram pensar muito numa coisa: que tanto os homens como as mulheres devem se orientar sobre as leis do trabalho para que, segundo isso, possamos fazer nossas reivindicações. A grande maioria ignora o direito que temos, as leis que nos amparam, os decretos que estão a nosso favor. E por isso, temos medo, inclusive, de exigir coisas que o Estado, o patrão, têm que cumprir como obrigação para com a gente. Por exemplo, eu conheço vários casos de trabalhadores mineiros que perderam seus direitos por não saber como e quando exigir as coisas; desconhecem, falta-lhes o conhecimento da lei. E por isso, inclusive, às vezes os enganam no serviço social.

No Comitê de Donas de Casa falta muito ainda para saber sobre tudo isso. Mas, não se pode exigir mais do que as companheiras fazem. É tudo tão especial aqui... e temos que trabalhar tanto, só para sobreviver, e temos tantos problemas que resolver, que nós ainda não nos organizamos para estudar todas essas coisas que são muito importantes.

Eu também não tive a oportunidade de ler toda a legislação do trabalho. Quando há algum problema para resolver, de vez em quando vou ao Sindicato, peço emprestada a legislação, digo ao secretário que quero consultar tal e tal problema e ele me diz: "está em tal

artigo, em tal página". Os dirigentes conhecem muito bem tudo isso.

Eu creio que esse foi, em grande parte, o problema das trabalhadoras do morro, não? Não tinham idéias claras das leis que podiam protegê-las. E ao mesmo tempo, seguiram em demasia aquelas duas líderes que as enganaram. E por isso, quando quisemos ajudá-las, fomos rechaçadas. E por fim, para acabar com aquela "vergonha nacional", como se dizia, preferiram fechar aquela fonte de trabalho para as mulheres. Fechar e, assim, acabar com aquela "vergonha" na Bolívia. Mas a verdade é que condenaram quatrocentas mulheres a morrer de fome, em vez de recolocar a situação e ver de que outra maneira se podia solucionar aquele problema.

Hoje, muitas daquelas companheiras dizem: "Nos equivocamos naquela vez, podíamos estar trabalhando". Várias delas, um dia atrás do outro, andam pedindo trabalho aqui e ali. Muitas desejam organizar-se, mas agora não é possível.

A situação das "palliris", as condições em que eram obrigadas a trabalhar, constituíam, realmente, uma "vergonha nacional". Mas vergonha também é a falta de trabalho para as mulheres na Bolívia, não é?... principalmente para as esposas dos trabalhadores mortos, deportados ou despedidos da empresa, que vivem na miséria por não encontrar trabalho. Não é mesmo?

O CHE NA BOLÍVIA

Em 1967 houve a guerrilha do comandante Che Guevara.

As guerrilhas começaram num momento bem especial que a Bolívia vivia. Desde 65, o governo nos devia os 50% que tinha rebaixado de nossos salários. Barrientos havia prometido repô-lo quando a COMIBOL tivesse se capitalizado. Mas, os anos passaram e, em vez disso, se formou uma nova burguesia de militares que começaram comprar grandes casas, carros Mercedes Benz e viviam muito bem, enquanto nós morríamos de fome. Além disso, foi criado um novo órgão de repressão, o DIC. Assim.

Por isso nós vivíamos em constantes reivindicações, procurando resolver nossa situação. Mas o Governo nos dava sempre a resposta de costume: despedidos da empresa, prisões, cárceres.

De repente, começamos ter notícias de que havia guerrilhas e que o governo ia tomar severas medidas contra os guerrilheiros e os que os apoiavam.

A princípio, não fizemos caso. E dizíamos: "Somente na cabeça dos governantes há guerrilhas". E realmente pensávamos que, com esse pretexto, iam massacrar muita gente, tanto com massacre de sangue

como com massacre branco. Ao massacre branco, nós dizemos quando dispensam massivamente os operários, quando os põem na rua. E desde que entrou Barrientos, houve muitos massacres brancos: todo trabalhador que reclamava era despedido, o botavam na rua. E mais de 500 trabalhadores na Siglo XX não tinham direito a nada: tiraram-lhes o direito ao trabalho. Então, nós pensávamos que, com isso de guerrilhas, o governo queria somente ter um pretexto para aumentar ainda mais sua repressão.

Mas, depois, apareceu um comunicado do grupo guerrilheiro, assinado por Moisés Guevara, Simón Cuba, Julio Velasco, Raul Quispaya e não sei quem mais, mas todos bastante conhecidos na mina. Nesse manifesto diziam que, tal como o governo, tinha o seu exército armado que o defendia para manter-se no poder, da mesma forma a classe trabalhadora necessitava de um grupo armado que defendesse os trabalhadores. E que vários filhos do povo tinham ido para as montanhas para acabar com a ditadura, com o fascismo que ensangüentava o povo. E que eles tinham ido às montanhas para começar a luta de lá. E que eles estavam conscientes de que tinha que mudar o sistema de exploração e que era necessário dar o poder à classe trabalhadora. E que, uma vez ela estivesse no poder, só com o socialismo se chegaria a um mundo mais justo, mais humano, sem fome, sem miséria, sem desnutrição, sem injustiças, sem dispensas da empresa.

Eram duas folhas escritas fazendo uma análise bem profunda da situação que vivíamos e das coisas que necessitávamos. E estavam assinadas por aqueles dirigentes. E como nós os conhecíamos, pudemos identificar as assinaturas. E já não duvidamos de que existiam guerrilhas. Então, isto se difundiu bastante e leu-se o comunicado pela rádio, o que talvez tenha sido um erro de nossa parte.

Naqueles dias, a Federação dos Mineiros resolveu convocar, imediatamente, um Ampliado de Secretários Gerais na Siglo XX, para pedir ao governo a devolução dos salários que nos devia. Bem, alguns mineiros disseram também que, em caso contrário, eles iam apoiar abertamente às guerrilhas, pois, como havia tanto massacre branco, seria melhor morrer nas montanhas que morrer de fome sem trabalho nas minas. Inclusive fizeram algumas manifestações espontâneas de apoio às guerrilhas.

O Ampliado dos Secretários deveria começar no dia 25 de junho. Mas na véspera, ao amanhecer do dia 24, que é a festa tradicional de São João, onde se fazem fogueiras e onde temos o costume de beber alguns tragos com os vizinhos, cantar e dançar, veio o exército e matou muita gente. E a todas pessoas que, segundo eles, tinham apoiado as guerrilhas, as pegaram, bataram, maltrataram e mataram vários. Eu, por exemplo, perdi o meu filho na prisão, com os pontapés que levei, pois diziam que eu era o ponto de ligação com os guerrilheiros. Assim que com o Che, morreram muitos de nosso companheiros e, inclusive, alguns dos nossos filhos, pois muitos de nós perdemos nossos entes mais queridos por causa da guerrilha dele na Bolívia.

É certo que o Che tinha a idéia de que o haviam enganado. Pelo menos é isso o que ele diz no seu diário, não é? Que lhe fizeram ver outro panorama da Bolívia, outras possibilidades. Mas, eu creio que o Che cometeu alguns erros.

Por exemplo, o de confiar muito num partido político e não contatar-se com organizações realmente do povo, da classe trabalhadora para que lhe dessem sua opinião sincera. E então, os que tinham se comprometido com ele não lhe deram apoio. Isto está ali no Diário do Che, não é? Não é invenção minha. Nem conheço isto muito bem. Mas, quem quiser saber pode

ler seu Diário, onde menciona isso e outras coisas mais.

Até o momento da morte do Che. nós, na mina, não sabíamos que ele estava na Bolívia. Havia comentários, isso sim. Mas, somente quando a imprensa publicou a foto de seu cadáver, soubemos que ele havia estado nas guerrilhas. Isto é, com segurança, sabíamos que haviam alguns mineiros. E pelo apoio que demos a eles, muitos de nossos companheiros sofreram e morreram.

Por isso, me doeu muito quando, depois de minha intervenção na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, no México, um senhor se aproximou e me disse:

— A senhora é boliviana?

— Sim, respondi-lhe

— Ah! — disse-me ele — vocês são os covardes que deixaram morrer impunemente o grande comandante Che Guevara!

Aquilo me doeu. Pois, quando não se sabe bem uma coisa, é preciso estar seguro antes de opinar, é preciso conhecer para pronunciar-se, não é? Não sei quantas coisas aconteceram na Siglo XX no massacre de São João e, depois desse massacre, por causa da guerrilha do Che. E não me parece justo dizer que o povo boliviano é covarde e que nós o traímos.

MASSACRE DE SÃO JOÃO

Foi no amanhecer de 24 de junho de 1967 que aconteceu a grande matança que nós chamamos de massacre de São João. Foi uma coisa terrível pois tudo aconteceu de surpresa.

No acampamento se ouviam os rojões e as bombinhas que acostumamos soltar nessa festa e que é uma maneira de manifestar nossa alegria. E veio o exército e começou a disparar. Isto confundiu muito às pessoas, já que à princípio, pensava-se que aquele barulho era dos fogos.

O exército planificou tudo. Alguns chegaram como civis. Em vagões, vieram pela estação de Cancañiri. Desceram e passaram bala em todos que encontravam pelo caminho. Foi algo terrível, terrível!...

De madrugada, a sirene do Sindicato tocou de forma alarmante. Esta sirene toca uma só vez ao dia, às 5 da manhã, para despertar-nos. Em outra hora, só toca como emergência. Ela toca bem forte. Dizem que era de um barco.

Então, ela estava tocando e ligamos o rádio. E ouvimos que o exército estava atacando e que tínhamos que proteger nossa emissora.

Abrimos as portas. Mas, nem tínhamos acabado de abrir, eles começaram a disparar outra vez. Já estavam preparados. Contra tudo e contra todos disparavam.

E por quê? Bem, porque o governo soube que no dia seguinte haveria assembléia, ou seja, o Ampliado dos Secretários gerais, para discutir outra vez nossos problemas, não? E o governo não queria que se realizasse.

Nesse meio, tivemos que buscar as mulheres para recolher e salvar os feridos e evitar que os companheiros, já decididos, quisessem enfrentar a chuva de balas.

Quanta coisa vimos naquela noite! Por exemplo, vi um trabalhador com sua perna esfacelada, sair com sua velha pistola e querer enfrentar o exército. Mas, nós tiramos a arma e a escondemos. E como o viram esfacelado não lhe fizeram nada.

Numa ambulância vi uma senhora grávida com um corte que lhe fizeram no ventre. Seu filhinho morreu.

Uma outra senhora me gritou: "O que aconteceu com meu filho? Ajudem... ajudem..." Eu levantei o pequeno e o levei para fora. E quando ia pô-lo na ambulância e o sentei no meu colo... vi o crânio vazio.

Bem, cenas que nunca esquecerei, que eu as vivo e que realmente foram coisas desastrosas. Morreram famílias inteiras. O sangue correu...

Morreu gente assim, na cama, pois disparavam a esmo, como loucos, contra tudo.

Numa casa, entrou uma bala, matou o senhor e, por estranha coincidência, bateu na parede e matou a esposa. O filho é órfão e ainda vive na Siglo XX.

O exército cercou a rádio e os soldados queriam matar a todos os que a haviam feito funcionar. O dirigente Rosendo Garcia Maisman saiu de sua casa para defender a emissora. Sua companheira quis detê-

mas ele disse que primeiro estava seu dever. Mas, houve um tiroteio, chegaram mais militares, pegaram e mataram a Rosendo com duas balas no nariz. E assim, ele morreu, defendendo um bem do povo.

Não se sabe quantas pessoas morreram.

E quando no dia seguinte, no cemitério se enterravam os mortos, centenas e centenas, eu subi numa parede. E dali, falei e denunciei:

— Não é possível agüentar isso. Como é possível que matem a classe trabalhadora, que matem as pessoas que se sacrificam, que estão trabalhando, que estão enriquecendo o país? Não é justo o que fizeram com a gente. Se o governo nos tirou o salário, o único que pedimos é o que nos corresponde por justiça... E não é justo que nos matem assim. Covardes! Maricas! — lhes gritei.

E como havia guerrilhas, lhes disse!

— Por que não vão para as montanhas? Lá há homens armados que estão esperando. Por que não vão lutar lá? Por que vêm aqui, matar pessoas sem defesa? E como fazem isso, se graças aos trabalhadores vocês podem desfrutar de conforto, de casas, carros, passeios?

Assim, critiquei tudo. E perguntei também:

— E vocês pensam que por ter umas quatro armas podem fazer-nos essa humilhação? Nós também usamos calças compridas, temos homens valentes. E só não nos defendemos desse assassinato porque não temos armas.

Bem, isso foi no dia 25 de junho.

"ONDE ESTÁ A MINEIRA?"

Bastou isso para que, dois dias depois, viessem prender-me. Quebraram a janela da minha casa à noite e entraram como maleantes. Revistaram toda a casa e disseram que eu havia matado a um tenente na noite de São João, na porta do Sindicato. Mentira, eu nem tinha aparecido lá.

Um homem apareceu com um gorro jucu* que é para o frio. E disse que eu era chefe das mulheres.

— Ela é a que pede a cabeça do general — disse outro.

— Desgraçada! Dois salários! Comunista! — gritou o outro.

Então, fiquei furiosa e comecei a tirar minhas coisas que estavam num caixãozinho.

— Dois salários...! Como tenho dois salários? Se não tenho nem para comprar um vestido — respondi.

Empurraram-me. Minha filhinha Alícia despertou. Jogaram-na para cima e eu a agarrei no ar.

Juntaram num lençol tudo o que eu tinha de valor: papéis, documentos do Comitê. E me levaram. Ao meu

*gorro de lã que cobre toda a cabeça, deixando somente os olhos.

companheiro, também o levaram, assim como estava, sem sapatos.

Ele foi amarrado na caminhonete do exército com as mãos para trás. Deixaram-me pegar só um agasalho para minha filhinha.

E subimos no veículo. Ali estavam alguns dirigentes da Siglo XX. Até aquele momento, eu não havia sentido medo.

Quando chegamos na saída de Llallagua, ali havia um caminhão caiman* cheio de presos, apoiando-se uns aos outros, os rostos ensangüentados. Iluminaram com uma lanterna para que eu subisse e vi o sangue escorrendo. Pensei que tivessem sido fuzilados ali mesmo. E falei comigo mesmo: vão me matar. Pensei nos meus filhos órfãos... Então senti muito medo. Não quis demonstrar, mas sim, senti medo.

Com um empurrão que me deram, subi com o bebê. Caí. Então, alguém gritou. Só aí percebi que estavam vivos. Estavam amarrando-me as mãos como tinham feito com os homens, mas minha filhinha começou chorar.

O coronel Acero se aproximou e perguntou de quem era a criança e quem era aquela mulher.

— É a mulher que chefia as mulheres — disse aquele que estava com o gorro.

O coronel fez parar o caminhão, me fez vestir o poncho e me desceu dali para a caminhonete onde iam os chefes dos agentes.

Esperamos bastante tempo em Llallagua, até que o caminhão estivesse com uns quarenta ou cinqüenta detidos e então nos levaram para o quartel de Miraflores. Puseram-nos em quarto vazio. Disseram-nos que éramos presos políticos, que estávamos proibidos

* Caminhão para transporte militar.

de fazer qualquer coisa e que, se tentássemos escapar, nos aplicariam a lei da fuga. E saíram.

Todos estavam amarrados. Eu pus minha filhinha sobre uma mesa que estava por ali e comecei desamarrá-los. Não podia, estava muito apertado, mas por fim consegui.

No dia seguinte, nos tiraram dali para levar-nos à pista de Uncia e, em seguida, levar-nos em avião para La Paz.

Mas, o tempo estava ruim e o avião não chegava. Estivemos bastante tempo esperando na pista.

Enquanto isto as companheiras tinham se mobilizado e vinham da Siglo XX para Uncia, numa manifestação. Os agentes telefonavam ao quartel dizendo que elas estavam se aproximando, que já estariam logo ali.

Quando disseram que elas haviam passado o posto de controle policial de Miraflores, então, nos fizeram regressar imediatamente. No quartel, já tinham outro caminhão pronto para levar-nos por outro caminho. Eu e minha filhinha ficamos na cabine, como escudo. E ao meu lado, ficou o agente apontando-me com a arma. Saímos por detrás do quartel para Oruro, para daí levar-nos para La Paz. Eu podia ver as pessoas com bandeiras, indo para o quartel. Mas, elas não podiam ver-nos.

No caminho de Oruro, quebrou o caminhão. Então, me fizeram descer e sentar no chão. Os soldados, bem cobertos com cobertores, estavam com suas metralhadoras. E nos disseram: "Muito cuidado. Estamos apontando para a menina e sua mãe. E se qualquer um tentar fazer alguma coisa, pedir socorro ou escapar, nós disparamos, começando pela menina e pela sua mãe".

Assim estivemos durante várias horas, até que consertassem o caminhão. Passaram muitos caminhões

pela rodovia. Muitos... E não viam nada pois os caminhões estavam cobertos com toldo.

Quando chegamos a Oruro, encontrei Nabor, um colega de escola que era polícia e que veio nos recolher. Minha menina tinha muita fome e chorava. Então, um dos agentes me deu 5 pesos para que lhe comprasse algo. Eu me aproximei de Nabor e lhe pedi que me ajudasse. Mas ele me disse:

— O que é que você pensa que é? Como lhe passou pela cabeça que eu vou ajudá-la?

E não me ajudou. Eu não queria acreditar, mas não me ajudou.

Chegamos a La Paz. Minha filhinha morria de frio. Ela tinha dois anos. E todos diziam: "Como? O bebê também? Ele não tem culpa." Alguns, mais sensíveis, começavam a chorar. Então, eu procurava acalmá-los dizendo-lhes que minha filha jamais se esqueceria daquilo. E que era bom que ela se forjasse assim, que ela visse a injustiça desde sua infância.

Em La Paz, ficamos ao lado do palácio do governo, onde fica o DIC. Os companheiros ficaram no andar de baixo. E ali foi a última vez que vi meu esposo. Eu fiquei fora.

Minha filhinha começou a chorar de fome. Gemia... Gemia!

Um agente se aproximou e me perguntou:

— Por que está gemendo?

— Tem fome — lhe disse.

— Pois dá-lhe de mamar...

— Como? Já não mama. Tem dois anos.

Daí a pouco ele voltou com uma garrafinha de café e um sanduíche.

— Tem isso — me disse — e não diga que fui eu que lhe trouxe. Posso perder o emprego.

Dormimos. Fazia muito frio.

Pela manhã, me levantei e lhes pedi que me deixassem ir ao banheiro. Queria ver meus companheiros. Desci ao andar onde os haviam posto e não vi nenhum deles. Ao passar pelo pátio, vi um senhor, alto. Eu olhava para todos os lados e, sem querer, esbarrei nele. Ele me insultou. Quase me cuspiu no rosto. Pensei que fosse um agente.

Depois, quando saía do banheiro, um senhor moreninho me reconheceu. Então, eu lhe perguntei pelos companheiros. E ele me disse:

Foram levados às 4 da manhã a Porto Rico. Porto Rico é uma ilha malsã e deserta que fica no departamento de Pando.

Empurraram-me e saí. E tive uma grande surpresa: todos os que estavam ali eram presos. E deram-me coisas para comer. Eu as recebi e as colocava no poncho. Laranjas, maçãs, de tudo. E me diziam:

— Valor, companheira. Você não está só, nossa causa é grande.

Era um mundo de gente. Cheguei até a porta e encontrei o senhor que me havia insultado. Ele me disse:

— Desculpe, senhora. Não sabia que era uma presa. Desculpe. Procurou nos seus bolsos e me deu o que encontrou: cigarros.

Saí. Revistaram-me e me tiraram tudo. Eu protestei, mas não me devolveram, apesar de que fosse para a menina.

Voltei para a cela. No fundo, tinha uma senhorita. Desconfiei dela pensando que fosse uma agente.

Às 3 da tarde me chamaram para depor. No interrogatório, gritavam para me fazer chorar:

— Ajudando a guerrilheiros, não é? Agora você vai ver!...

Insultaram-me horrores. Eu não agüentava mais... Tinha medo. Minha filhinha chorava e eu tratava de acalmá-la.

Procurando demonstrar calma, disse ao militar:

— De que o senhor está falando? Eu não sei nada... Sim, cavalheiro, eu não sei nada...

Ele se enfureceu e começou a gritar:

— Ela está me gozando!... Levem-na daqui antes que a mate!...

Não comi nada neste dia. A moça que estava na cela deu um sanduíche para minha filha.

Levaram-me no dia seguinte e perguntaram tudo outra vez.

Tiraram fotos minhas. Vendaram-me os olhos e me levaram para um edifício com elevador. Puseram-me numa sala e, quando me destaparam os olhos, o primeiro que vi foi uma bandeira norte-americana ao lado da bandeira da Bolívia e um quadro com duas mãos que dizia: "Aliança para o Progresso". A sala era todinha azul. Não se via a porrta, nada. A mesa estava cheia de carimbos.

Sentei-me. Mostraram-me uma foto do meu pai e começaram a dizer-me que eu era pobre e que seguramente, por necessidade, eu tinha me comprometido com aquilo. E o tenente disse:

— Estes estrangeiros estão defendendo vocês, pois, o governo boliviano quer tomar medidas drásticas. E eles a ajudarão se você ajudá-los, assim que você salvará seus filhos, seu esposo e a você também.

Mas, como na Siglo XX já se falava da CIA e como nos filmes eu já tinha visto como agia o serviço de inteligência, eu tinha uma pequena idéia do que estava acontecendo.

Bom, depois começaram:

— Queremos ajudá-la. Seus filhos irão estudar no exterior...

Perguntei o que eles queriam.

Disseram-me que queriam saber quem eram os "contatos" das guerrilhas, onde havia arma, etc., etc.

E eu lhes disse:

— Quem são vocês para perguntar-me isso? Se eu tenho problemas sindicais ou políticos, isso é, pois, com meu governo que devo resolver. Eu é que devo perguntar: "Quem são vocês? E que fazem aqui? Eu sou cidadã boliviana e não norte-americana".

Começaram a falar em inglês. Tocaram a campainha. E trouxeram um arquivo. Então, me disseram:

— Estamos felizes que a senhora esteja orgulhosa de ser boliviana. Isto é positivo. E os estrangeiros com os quais a senhora se meteu é que são maus. Que coisa faz essa gente que a ensinou a ter tanto ódio dos gringos? Os gringos fazem tudo por vocês. Veja a escola da Siglo XX, de Uncia, escolas para os filhos dos mineiros. E agora, veja aqui... veja ali... Tudo pela "Aliança para o Progresso". Tudo é obra nossa. E diga-me: "O que Cuba fez para a Bolívia? E a China?... Uma escola? Nada? O que eles querem é escravizar vocês.

— Eu não vou responder nada — lhes disse.

O tenente ria, ria e dizia que eu agravava a situação.

Tiraram-me dali. Os agentes me seguravam pelo braço e não já aos empurrões. Puseram-me novamente a venda, me levaram para a cela e lá a tiraram.

Às duas horas, vieram com cobertores e comida, já mais atentos. E disseram:

— O senhor Quintanilla manda-lhe saudações pelo seu orgulho de ser boliviana.

O senhor Quintanilla era um dos chefes do DIC e agente da CIA.

Eu desconfiei da comida. E minha filhinha comeu tudo.

A estrangeira do fundo se aproximou e me falou. Eu era brusca, arisca. E lhe pedi que não me molestasse. Ela riu e compreendeu minha desconfiança. Disse-

me que era do Brasil e que no Brasil estava com pena de morte e que seus companheiros a fizeram fugir para o Uruguai. E que havia entrado clandestinamente na Bolívia e a prenderam pelo problema das guerrilhas. Já iam levá-la para a fronteira, mas tinha seu advogado.

Eu não respondi nada.

E veio a advogada da senhorita e trouxe jornais. Olhava-me, olhava-me... num desses momentos, se aproximou e disse:

— Que bonita sua menina!

O agente estava ali e, então, baixinho, ela me disse:

— A senhora não esta só. Os mineiros estão em greve. Esteja tranqüila.

E seguiu disfarçando, até que foi embora.

Os agentes vinham assustar-me. Então eu lhes dizia que já havia ouvido falar que era assim que eles tratavam as mulheres, que inclusive as violavam.

— E agora estou comprovando — falei — Podem fazer o que quiserem. Mas, eu vou contar tudo na Siglo XX. E se vocês são do partido cristão, terão que responder a seu Deus.

O Movimento Popular Cristão era o partido oficial de Barrientos. Por isso eu lhes falava assim. Mas depois, tinha medo de agravar a situação.

Fiquei incomunicada. Não sabia nada de fora. Nada. Só o que falava a advogada quando vinha.

E veio um agente e me explicou que ele não estava de acordo com o governo, mas "tenho quatro filhinhos e tenho que cuidar deles", me disse.

Trouxe-me uma calça de sua filhinha. Recebi, para minha filha. Depois, ele me disse:

— Ontem, à noite, fiquei de guarda no Ministério. Ali tem um subterrâneo onde põem os criminosos. E dali, escutei uma gritaria de crianças. Perguntei aos meus colegas o que acontecia. Então, um deles, o mais insensível, me disse: "ali estão os filhos dessa comunista do Siglo XX". E fui vê-los.

E o agente me descreveu exatamente cada um dos meus filhos. Exatamente.

Então eu perguntei:

— E agora?

— Pois é, assim é esse governo. Não lhes dão comida. E por isso quero ajudá-la. Para isso, tem que haver um segredo absoluto entre nós. Já ouviu falar do Conselho do Menor?.

— Sim — lhe disse.

— Eu vou escrever-lhes uma carta para que eles cuidem de seus filhos até que você saia.

— Sim — lhe disse. Faça-me este favor.

E acreditei.

— Você tem que salvar seus filhos — me disse. E se foi.

Eu fiquei desesperada e contei à moça minha conversa com o agente, e chorava muito.

Mas, bem brava, ela me disse:

— Olhe, vou lhe dizer uma coisa: no Brasil, ouvimos falar de você, do Comitê, e pensei que eram mulheres valentes. E agora, quando eu sair e disser que estive com uma mulher da Siglo XX, eles vão se admirar. E eu vou ter que dizer-lhes que, à primeira fofoca que lhe contaram, você ficou chorando como uma Maria Madalena.

Eu me sentia desesperada pela situação de meus filhos. Era a primeira vez na minha vida que passava por isso, e ficava horrorizada ao pensar que eles estavam presos e enfermos em um subterrâneo úmido, sem ter o que comer e sem ter com que cobrir-se do frio. O agente me havia dito que choravam gritando: "Papai! Mamãe!" Ao pensar nisso, me doía o coração, não é? Então, eu estava desfeita e seguia chorando.

Finalmente, a brasileira me disse:

— Bem, senhora, eu penso que você sabe que se meteu em uma camisa de onze varas. Sua gente deve ter visto algo de bom em você para dar-lhe o cargo que tem. Você não deve pensar somente como mãe, tem que pensar como dirigente, que é o mais importante neste momento. Você não se deve somente a seus filhos, você se deve a uma causa e esta causa é a causa de seus companheiros, de seu povo. É nisso que tem que pensar.

Então, eu lhe disse:

— Bom... e se eles matam meus filhos? E se morrem?

— Se eles morrem, senhora, você deve viver, para vingar a morte de seus filhos.

Respondeu-me assim e nada mais. Foi para o seu lado e não me falou mais.

Passei a hora chorando, desesperada. Até que, deviam ser umas 3 da tarde. As portas se abriram de par em par, coisa que nunca, nunca faziam para ninguém. O primeiro que senti, foi um forte perfume de gente com muita maquilagem. Entraram três damas, aí!... com suas bolsas, bem elegantes. Vinham com o agente que me havia falado do Conselho do Menor.

O agente me disse:

— Esta senhora é presidente do Conselho do Menor e a outra, sua secretária.

— Muito prazer — disseram. E começaram falar-me do Conselho do Menor: que o Conselho do Menor luta por eles, não permitem que se cometam injustiças contra eles, não permitem que os menores sejam explorados... assim. E tinham maravilhas para falar dos menores. Que o Conselho sempre cuida dos menores... E que isso, aquilo.

Bem, e depois me disseram que haviam visto meus filhos.

— Que horror! Que selvageria! Que barbaridade! — exclamaram. Como é possível fazer isso com umas

crianças? Que bárbaros! Agora, senhora, o objetivo de nossa visita é saber se a senhora realmente quer que o Conselho do Menor cuide de seus filhos. Para isso, necessitamos da senhora uma carta de poder. A senhora precisa dar-nos essa carta. E esta carta tem que estar assinada para que nós possamos fazer-nos responsáveis e os levemos imediatamente ao hospital, pois, já estão bastante enfermos, e se demorarmos as crianças podem morrer.

A idéia me parecia magnífica.

— Bom, vou fazê-la.

— Muito bem. Vamos ver, vamos ver, querida... tem que escrever os termos para a senhora, para que ela nos delegue esse poder.

A outra procurou e tirou um caderno.

— Aí tem. Está bem assim, senhora?

E leu.

Ali dizia que eu, Domitila Barrios de Chungara, natural da Siglo XX, maior de idade, casada e em uso de minhas atribuições — era algo assim, não? — por minha vontade própria, dava autorização ao Conselho de Menor para que ele fizesse cargo dos meus filhos menores, que estavam presos, até que eu pudesse sair em liberdade ou arrumar minha situação.

— Assine — senhora — disse-me a presidente.

— Bom - lhe disse - Mas olhe, senhora, parece que para assinar um documento como este, é preciso fazer esta carta poder com uma autoridade competente, com um advogado e com papel especial que seja carimbado.

— Sim, sim — disse. Vamos ver. Onde está o papel? Pegue-o.

A outra, procura que procura.

— Ai, que horror. Na pressa, me esqueci. Mas não tem problema, eu creio que pode assinar em qualquer papel.

E a outra senhora disse:

— Por favor, agente, consiga-nos um papel.

E o agente vai rápido e traz um papel grande, carimbado, mas com o carimbo do DIC.

Então eu disse:

— Não! Assim não posso assinar. Está com o nome do DIC... Cortamos esta parte aqui em cima?

Mas, o agente me disse:

— Como a senhora vai cortá-lo? Pode estragar tudo.

Então, eu lhe disse:

— Mas, com o título do DIC eu não posso assinar nada. Eu não posso assinar uma folha dessa em branco.

— Mas... não temos outra... E entramos aqui com muita dificuldade... E a senhora quer impor condições? Pense, senhora, trata-se de seus filhos. E isto e mais aquilo. E começaram a pressionar-me.

Então eu disse:

— Não.

Bom, já que a senhora não quer com o nome do DIC, então assine aqui atrás, no final.

Que angústia que eu sentia! Eu olhava a moça brasileira para que, pelo menos, me fizesse um sinal ou me orientasse, pois era um momento terrível de indecisão. As outras me pressionavam, me pressionavam... Eu necessitava alguém que me dissesse: "Não o faça" ou "faça"... Eu olhava a outra e ela, com um jornal no rosto, não me olhava, não me olhava. Era um momento desesperador!

E a senhora dizia:

— Apresse-se, senhora, já não há tempo.

O agente, de fora dizia:

— Vamos... apresse-se!

Eu, mentalmente, dizia: "Não... Deus meu!... Que fiz? Que fiz?

Naquele momento, eu tinha idéias religiosas.

E analisei bem rápido: "Matei gente? Não. Mataram e eu denunciei, porque isto é contra a lei de Deus. Bem, se agora eles matam meus filhos, eles vão pagar com sua consciência. Pois, se eu assino um papel em branco... quantos inocentes eu vou comprometer, não é? É melhor não assinar.

— Ouça, senhora — lhe disse —, meus filhos são de minha propriedade, não são propriedades do Estado. E agora, se o Estado quer assassinar meus filhos, nesse subterrâneo onde a senhora diz que eles estão, bem, que os assassinem. Isso vai pesar na sua consciência, porque eu não serei a culpada desse crime.

— Aí — gritou uma delas — Eu lhe disse. Eu lhe disse. Essas hereges são assim. Essas comunistas são assim... Ouça! — me dizia — Olhe! As feras, os leões, os animais ferozes, defendem com a própria vida seus filhos... Ouça, selvagem — E me agarraram, me puxaram, me beliscaram. Que espécie de mãe é a senhora que não quer defender seus filhos? Aí!... Que barbaridade, que horror, que asco essa mulher!...

E saiu.

A outra me disse:

— De todas maneiras, senhora, eu compreendo que a senhora esteja com os nervos abalados. Mas, se a senhora quiser mudar de opinião, pode chamar-me.

E me deu seu cartão. E saiu também. Então, o agente me disse:

— Ai! senhora!... Como foi fazer isso?... Agora sim, vou perder o emprego... Ai, que barbaridade... Eu tenho a culpa, fui meter-me onde não devia. Realmente, a senhora merece que eles montem na senhora e tudo mais. Mas lembre-se, lembre-se disto: seu marido saberá, lhe diremos que a senhora condenou seus filhos à morte. Pois agora, espere voltar a ver seus filhos... Você os matou! Agorinha mesmo vou contar isto a seu marido.

E saiu.

Eu dizia: "Que fiz? Que fiz?... Matei meus filhos? Não, Deus meu... Não!..."

E a brasileira estava ali, em pé. E me abraçou. Abraçava-me e apertava-me. Eu chorava muito. E ela me disse:

— Nem eu, Domitila, faria o que você fez. Nem eu!... Você passou por uma prova de fogo. Eu pensava: como é que um povo tão grande vai se equivocar na escolha de seus dirigentes? E vejo que esse povo teve razão em escolhê-la, Domitila.

E ela chorava também. Choramos muito as duas. E me dizia que ela se sentia feliz por estar comigo naquele momento e que eu devia viver para vingar a morte de meus filhos.

Mas, meus filhos nem sequer tinham sido presos...

E, a partir daquele dia eu me declarei em greve de fome. Não comia, para vingar a morte de meus filhos. Traziam os pratos e eu os devolvia.

— Se mataram meus filhos, para que eu vou viver? Que me matem, também. Tragam veneno — dizia — tragam veneno. Meus filhos estão mortos, eu vou morrer...

Até que um dia, eu me lembro sempre que era uma quinta-feira, eu estava perto da porta por onde saíam os agentes. E na porta, ouvi uns risinhos de bebê ali fora. Então, cheguei mais perto. E vi uma senhora sentada ali. E lhe falei:

— A senhora está sozinha? Que lindo o seu bebê! Eu também tenho um bebê aqui. Por que a senhora está aqui?

— Ah... me disse — roubaram minha bicicleta, meus rádios, tudo. Eu vim buscá-los aqui, mas já está tudo fechado. Assim que estou esperando. Falaram-me para esperar até às duas da tarde. E a senhora, o que roubou, pois. Por que está presa?

— Não, eu não roubei nada, senhora. Mas... onde seu marido trabalha?

— Meu marido é fabril.

— Ah!... — lhe disse —. Olhe, companheira, sou da Siglo XX, trouxeram-me presa. Sou esposa de um trabalhador mineiro. Há solidariedade entre os trabalhadores, não há? Por que não leva um bilhetinho a seu marido?

Eu já tinha uma notinha escrita em papel de cigarro. Minha filhinha que estava comigo, às vezes chorava muito e então, os agentes a levavam para tomar sol. E minha filhinha entrava de sala em sala. E de uma delas, ela trouxe papel de cigarro. Era um cigarro novo, tinha acabado de sair, parece que a marca era LM. E havia dois fósforos, um branco, outro prateado. Minha filhinha os trouxe com uma lapiseira velha. Então, com uma palhinha de vassoura, arrumei a lapiseira. E escrevi uma carta, dizendo que estava presa e que, possivelmente, tinha perdido meus filhos num momento de desespero. E que o único delito que eu havia cometido era o de denunciar o crime contra a classe trabalhadora que tinha sido o massacre de São João, com o qual eu não estava de acordo. Que por isso, meu marido estava preso em Porto Rico e que eu me encontrava nas celas do DIC, em La Paz, onde nesse momento fazia a greve de fome, pois já não tinha um motivo para viver. E dizia: "Ao povo boliviano denuncio mais este crime que estão cometendo comigo e o que cometeram com meus quatro filhos". E assinei.

Contei isso à senhora para que, pelo menos ela soubesse. Pedi que publicasse a carta. Mas, ela me dizia:

— Não, não, menina. Isto vai me comprometer. Não, não.

— Faça-o por sua filhinha. Eu também tenho aqui minha filhinha. Olha, leve esse papelzinho a seu esposo.

Se ele o faz publicar, muito bem. Se não o faz, não faz mal. Mas, eu quero que seu esposo leve esta carta à universidade e que na universidade saibam que estou presa. É que ninguém sabe. Ai!... roguei chorando à senhora. Até hoje, não sei quem era a companheira, nem seu esposo.

— E se me pegam? E se me acusam? — me perguntava.

— Mas, não, eu nem sei quem é a senhora, não a estou vendo, nem a senhora está me vendo. Quem vai saber que foi a senhora que o levou? Faça-me este favor, menina!... Já vão abrir.

— Jogue então, jogue — disse-me.

— Esconde bem. É pequeninho — disse-lhe.

— Assim, com má vontade, o pegou. Mas eu creio que ela deu o papel para seu esposo e ele o entregou na universidade. A questão é que todos souberam que eu estava presa.

Na sexta-feira, logo de manhã, veio o chefe do DIC e, a pontapés, me disse:

— Quem levou aquela carta? Quem escreveu aquela carta?

E me pegou a sopapos.

Eu lhe respondi:

— Averigue, investigue, pois. É vossa missão, não é? Sua missão é averiguar, investigar. Eu não sou agente seu...

Então, me pegou pelos cabelos e me pôs em outra cela, um quartinho. E me isolei ali. A porta se abria com um pedaço de ferro, mas por dentro. E com isso fecharam a porta. Eu não lhes abria para nada. Minha filha chorava de fome, mas eu não abria. "Nem por fome, nem por sede, filha... Vamos morrer aqui".

Fora, os agentes rogavam:

— Senhora, não seja tão cruel. Pelo menos dê de comer à sua filhinha. Não a faça chorar.

— Não - lhes disse -. Por acaso vocês tiveram compaixão dos meus filhos? Eu também não vou ter compaixão de minha filha. Eu os estou ajudando nesta obra. Vocês devem agradecer-me pois eu os estou ajudando a terminar com isso.

Vinham bater à porta. Diziam que iam abri-la à força. Mas, não podiam porque ela era bastante forte, era de ferro e era a única. E eu a havia trancado muito bem por dentro. Assim fiquei até o sábado.

Sábado, pela tarde, vieram os agentes e me disseram:

— Senhora, há ordem de liberdade para a senhora.

— Ah!... Sei que é outra artimanha, não preciso de liberdade.

— É sério, senhora, aqui está a liberdade para a senhora e para seu esposo. Aí está.

Então, me passaram um papel por baixo da porta. E li: "... por ordem do Ministério do Interior se dá liberdade a Domitila de Chungara..." etc. e tal.

Eu não queria acreditar. Ao mesmo tempo, queria. Ademais, minha filhinha estava em estado agonizante e eu dizia: Sua filha vai morrer. Também não me disseram se a morte dos meus filhos era mentira ou não... pensava em tantas coisas!

Finalmente, disse: Que ganho ou perco? Pelo menos, há possibilidade de salvar minha filha. Mas, ao mesmo tempo, com toda pena do meu coração, pensei: pode ser que seja uma armadilha.

Abri. Os agentes disseram:

— Vamos, vista-se! O que a senhora tem?

— O que vou ter, se não trouxe nada.

— Bom, então... para a caminhonete!

Quando abriram a porta... vi uma multidão! E um jovem que estava perto da porta gritava:

— Onde está a mineira? Onde está, assassinos? O DIC já não pode com os homens, por isso prendem crianças e mulheres!

E começaram à insultá-los, che.

Então o jovem me viu e me disse:

— O povo está com a senhora. Tome, tome. E me deram uma quantidade enorme de papéis. Comecei a ler um desses. E dizia que o governo de Barrientos estava massacrando o povo e estava massacrando as mulheres. "E a continuação transcrevemos a carta que a companheira escreveu da prisão". E ali estava minha carta copiada. Não sei de quantas pessoas recebi papéis, não sei de quem. Mas, eram muitos, muitos, os que me chegavam. Alguns eram volantes do partido comunista, outros da universidade. E assim, outros tantos. Todos tinham copiado minha carta.

Quando eu estava lendo tudo isso, me puseram no caminhão do DIC. E me tiraram todos os papéis. Tiraram-me dali para dar-me liberdade condicional. Mas, eu não tinha certeza de que realmente estavam pondo-me em liberdade. Não sabia onde me levavam. Puseram-me num veículo e este partiu. As pessoas da manifestação gritavam.

Primeiro os agentes me perguntaram se eu tinha algum parente ou alguma pessoa conhecida onde pudesse ir. Eu lhes respondi que vivia no distrito mineiro da Siglo XX, que tinha que ir para lá. Então me disseram:

— Pode ir.

— E como é que vou? — perguntei. Eu não tinha dinheiro.

Então foram pedir dinheiro e me levaram para comprar minha passagem e me embarcaram para a Siglo XX, acompanhada de um agente. Mas, antes

que o veículo saísse, me disseram que nas suas investigações haviam comprovado que "Lincoln-Murillo-Castro"* era culpada do massacre de São João. Que esse grupo de jovens tinha matado vários tenentes e soldados, e que tudo isso estava comprovado. Disseram também que os trabalhadores tinham se convencido da situação e que pediam a cabeça dos principais chefes daquilo. E que eu estava incluída entre eles. Que os trabalhadores nos esperavam na Siglo XX para pendurar-nos. Que medo!... Disseram tantas coisas.

Chegamos a Oruro depois da meia-noite. Os passageiros desceram. Já não havia mais condução para a Siglo XX, assim que dormimos ali mesmo.

Perguntaram se eu tinha alguém em Oruro. Eu disse que não tinha ninguém. O agente foi para trás, estendeu seu cobertor e começou a dormir. Eu fiquei no meu lugar.

Depois de estar assim quase uma hora, uma senhora que também tinha ficado no veículo, desceu. Então, ao ver que o agente não se movia, eu desci também. Como tinha somente a menina nos meus braços, escapei para a casa de meu pai.

Cheguei e toquei à porta. Eu chorava, chorava. Abriram uma poltrona para mim. Meu pai não estava. Tinha ido à Siglo XX pois havia lido na imprensa que tinham me prendido. Minha madrasta me disse: "Seu nome saiu na imprensa, disseram que a haviam prendido. Não sei o que acontecerá. Foi bom você ter chegado".

Descansei ali aquele dia. À tardinha, depois que almocei, minha madrasta me disse: "é melhor ir". Pois, ela não sabia nada das crianças: pensava que estavam perdidos. E choramos, as duas. Eu lhe disse que os

* Organização juvenil de orientação marxista, para formação política. Funcionou em alguns centros mineiros.

mineiros pensavam enforcar-nos, pois eles acreditavam que tivemos culpa na matança de São João.

Saí de Oruro muito preocupada. Claro, comecei a duvidar de tudo o que me haviam dito. Mas, com temor, embarquei para Lllagua — Siglo XX.

Era mais ou menos 5 da tarde quando cheguei. Nevava um pouco. Com medo, desci da condução. Caminhei uns passos. E vi o povoado bem tranqüilo, as pessoas conversando, como de costume.

Uma senhora que trabalhava no morro me reconheceu:

— Ai, Domitila! Você chegou! — e abraçou-me.

Que alívio! Eu estava esperando ser pendurada, que me batessem...

As pessoas viram que eu havia chegado e, em pouco, fiquei rodeada: "Como está? Que bom que você esteja novamente aqui com a gente... O que lhe fizeram? Bateram em você? Como a trataram?".

Uf!... Senti uma tranqüilidade! Todos estavam felizes e me diziam: "Nós estamos em greve, não estamos trabalhando até agora. Já faz bastante dias que não trabalhamos".

Isto é, desde que tinham me prendido, eles não estavam trabalhando, apoiando os que estavam presos. Imagine!

Então eu fiquei aliviada e felicitava a mim mesma por não ter assinado aquele papel. Como eu me sentia feliz!

E, estava tão perturbada que nem me passou pela cabeça perguntar pelos meus filhos, nada; só pensava nas coisas que haviam acontecido, de que não havia assinado o papel e coisas assim.

Subindo à Siglo XX, perguntei:

— E meus filhos?

— Bom, eu os vi outro dia — disse-me uma das companheiras.

E íamos em direção à minha casa. Uma caravana enorme me seguia. Mais de cem pessoas me acompanharam. E na rua, cada pessoa que me via vinha atrás.

Quando chegamos à esquina da casa, um dos pequenos correu para avisar minha família. E via a porta da minha casa abrir e, um por um, meus filhos começaram sair.

Se vocês vissem que alívio! Que alívio!... Pensar que não os havia perdido, que eles estavam ali... Comecei a chorar de alegria, a saltar e abraçá-los. Você pode imaginar este momento? É uma coisa grande!... Era como se tivesse ressuscitado... Era uma coisa tão linda naquele momento, não existia nada mais que meus filhos, gritar e beijá-los e apertá-los e senti-los junto de mim... vivos. Era uma coisa, che... Não havia palavras.

Logo chegou meu pai. E nos abraçamos. Chegaram os vizinhos e começamos a falar. Nessa noite, não houve tempo para descansar. As senhoras que tinham seus esposos presos vinham, uma a uma, e me perguntavam por eles. Passei a noite conversando. Ninguém se movia. Eles me falavam deles e eu falava de mim. E contávamos tudo outra vez. Passei a noite assim. Amanheceu e a casa seguia cheia de gente.

Os trabalhadores me disseram que haviam convocado uma assembléia do sindicato e que eu devia ir. Então, eu informei aos trabalhadores tudo o que havia acontecido. Não omiti um só detalhe. Disse-lhes também que tinha medo e que o agente que me acompanhou até Oruro me havia dito:

— Olhe. A senhora não dirá que nós a prendemos. Se a senhora quer salvar seu esposo, tem que dizer que foi voluntariamente ao DIC porque queria libertar seu esposo e, como não tinha para onde ir, nós a alojamos nas salas do DIC. Diga isso se quiser ver seu marido

com vida. Porque, se não disser, a senhora terá que responder pelos seus filhos.

Eu disse aos trabalhadores que eles haviam feito essa ameaça, mas que isso não me importava, pois era necessário avisar o povo o que não havia porque mentir ao povo, não é?

E então, os trabalhadores protestaram. Decidiram voltar ao trabalho, mas fizeram um manifesto. Pediam a liberdade dos demais presos, pois haviam libertado somente a mim.

Bom, no dia seguinte, apareceu um memorando na minha porta dizendo que eu tinha que deixar a casa em 24 horas. O memorando era claro. Estava assinado pelo gerente da empresa e por dois militares.

E o que fizeram comigo, foi feito também para as demais companheiras que tinham seus esposos presos: mandaram-lhes um memorando, dando 24 horas para abandonar o distrito.

Publicaram também um decreto interno da empresa, ordenando que as crianças dessas companheiras que estavam na escola deveriam entregar os boletins deixando a escola na metade do ano letivo, para que não houvesse um só pretexto para que nós não ficássemos no distrito: nem pelos filhos, nem por nada. Assim que... estava tudo liquidado.

Bom, preocupadas e chorosas, as senhoras disseram-me: "Que fazemos? Que fazemos?" E, num bom número, nos reunimos em casa e discutimos o assunto.

Várias dessas companheiras foram à gerência. Eu não fui. E na gerência, os coronéis as deixaram em pedaços, segundo me contaram. Diziam que elas deviam sair, falaram isso, falaram aquilo, etc. e tal. Uma jovem que havia estado na reunião em minha casa disse às senhoras:

— Diga-lhes o que Domitila falou.

Um agente ouviu.

— Espere — disse —, esta senhorita tem algo para dizer. Alguém lhe disse alguma coisa. Alguém a orientou. O que seu chefe disse?

E pressionaram a jovem. Ela ficou assustada.

Chamaram-me imediatamente, dizendo-me que queriam falar-me sobre meu esposo. Então, fui à gerência. Lá, estavam os militares. E trocamos umas palavras bastante duras.

— Ah... — disse o gerente — olhe só... que surpresa! A senhora ainda não aprendeu? Está querendo outras lições?

Perguntava-me o que eu estava querendo. Então, eu lhe disse:

— Olhe, senhor. As senhoras estiveram na minha casa e eu dei minha opinião pessoal. Os senhores prenderam meu marido e mc dizem que eu desocupe a vivenda. Eu não posso desocupá-la porque, em primeiro lugar, eu sou uma mulher casada, meu esposo me deixou ali e eu não posso deixá-lo. Se saio de casa e meu marido volta e não me encontra ali, ele me processará por abandono do lar. Agora, o que acontece se meu marido quer ir para Oruro e eu vou para Cochabamba, ou se meu marido quer ir para Santa Cruz e eu vou para La Paz? Outra coisa: o problema de seu trabalho e de sua indenização. Eu, por acaso, sei de quanto é a indenização? E sei se meu marido estará de acordo? Inclusive, pode ser que me paguem pouco e aí meu marido vai pensar que eu gastei. Então, também por este ponto de vista, não posso resolver nada. Se os senhores querem que eu desocupe a vivenda e que me vá, soltem meu marido. Eu vou com ele. Foi isso o que falei às senhoras.

Então, começaram a insultar-me. Eu também lhes respondi com palavras bastante duras. E, num momento, lhes disse:

— Bom, já que não querem soltar meu marido, pois então levem a mim e a meus filhos presos também. Além disso, meu marido está enfermo, assim que levem a mim e a meus filhos. Lá, vamos morrer ou viver juntos. Caso contrário, o senhor cuidará dos meus filhos, da alimentação deles, da educação...?

Então, eles me responderam com palavrões e me perguntaram se eu havia tido meus filhos com eles. Mas, eu lhes perguntei também, com palavrões mais feios, se eles pensavam ser tão machos assim. As senhoras que ali estavam se assustaram. E me gritaram:

— Ai, senhora! Como pode dizer esses palavrões? A senhora está condenando nossos maridos, o seu próprio marido!...

— As senhoras pois, as senhoras, se quiserem, humilhem-se, limpem a bota do coronel... Eu, não e não!

E saí. Por que ele me insulta? Não e não! — gritei.

Eu tinha certeza que iam me acertar um tiro pelas costas ou iam me fazer voltar. — Agora me prendem, agora, agora... dizia a mim mesma. Caminhei um bom trecho, olhei para trás... e nada. Não me aconteceu nada. Foi tão surpreendente a coisa.

Nesse mesmo dia foram buscar meu esposo. Ele voltou sete dias depois de mim. Então, o chefe lhe disse:

— Olhe. Nós o estamos despedindo por culpa de sua mulher, pois você é um cornudo que não sabe nem amarrar as calças. Agora você vai aprender a dominar sua mulher. Primeiro: sua mulher esteve presa e, em vez de ficar calada, voltou pior: segue agitando e pondo veneno nas pessoas. É por isso que o estamos despedindo da empresa. Segundo: Olhe, prá que você precisa de uma mulher política? Vamos, abandone-a por aí... e o empregaremos de novo. Uma mulher assim não serve para nada. Digamos que, amanhã, com seu sacrifício, o senhor compre uma casinha — quem é que não sonha

com uma casinha? — Pois então, o senhor compra uma. Mas, como sua mulher é política, depois de amanhã o governo a confisca. Então, sua casinha, você a perde. Por que ficar arruinando a vida, eternamente, com essa mulher? Agora que já foi despedido, ninguém o mantém. Essa mulher não aprende. Ela é demais! Nem parece mulher.

E pronto, entregaram a indenização a ele.

Então, eu disse ao meu esposo:

— Eu não vou sair.

E ficamos firmes, os dois.

Mas, à noite, apareceram os agentes e entraram à força na casa. Entraram como demônios: "plá, plá". E começaram a jogar nossas coisas num caminhão do exército.

E nos fizeram subir ao caminhão. Meus filhos não queriam ir embora, desciam do caminhão, e tiravam as coisas. E os agentes os subia novamente. Era uma confusão terrível. Os soldados estavam colados uns aos outros, em pé em cada porta e não deixavam as pessoas passarem, chorando atrás deles, sem poder fazer nada por nós. Os vizinhos choravam e gritavam: "Por que estão levando a senhora? Ela nunca fez nada. Sempre foi boa vizinha".

Os agentes seguiam carregando nossas coisas. Minha filha, a maior, agarrou na porta. Não queria soltar, e dizia:

— Não quero ir, não quero ir!

Os agentes a puxavam e ela mordia-lhes as mãos. Eles subiam o meu filho, na escuridão, e ele voltava a descer, pegando as coisas.

Finalmente, falei com eles:

— Os donos nos expulsaram. Nós somos pobres e eles nos tratam assim. A casa não é nossa. Vocês não sabem que a casa é da empresa e que ela nos empresta enquanto seu pai pode trabalhar? Agora já não

precisam dos serviços de ninguém e é assim como os patrões nos tratam, filha. Lamentavelmente, o exército os ajuda nisso. Por isso, filho, quando vocês estiver no quartel, nunca faça isto contra seu povo. Somos pessoas que temos nossa dignidade. Nos expulsam, não temos porque rogar nem o porquê para ficarmos.

E fui para o caminhão.

— Vamos, Maria, suba — chamei.

Só aí meus filhos subiram, um a um, ao caminhão, chorando e chorando. E o caminhão partiu.

Eu me fiz de forte e disse aos meus filhos:

— Por que choram?

E segurei minhas lágrimas vendo meus filhos chorar. No nosso próprio país, expulsos de nosso lugar... para onde íamos? Nós tínhamos nascido ali, havíamos sido criados ali, tínhamos vivido ali.

Dizem que a terra é para quem a trabalha. A terra da mina, onde nossos pais trabalharam era o único que tínhamos para viver. E, no entanto, nos expulsaram de lá. Éramos estranhos no nosso próprio país.

Nos levaram até Oruro. Nos deixaram numa praça com nossas coisas. E voltaram. Não tínhamos onde ir, uma casa para onde levar nossas coisas. E ficamos na rua, sem ter com que preparar um alimento...

Nem o que fazer. Fui procurar meu pai. Ele também era bem pobre. Vivia numa casinha de dois cômodos. E então, desocupou um para que eu pusesse minhas coisinhas.

Fabíola, minha segunda filha, estava no último ano escolar e tinha ficado na Siglo XX. Isto porque a professora havia dito que os pais podiam ser o satanás, mas que não se podia negar a educação para os meninos, que é o mais importante. Disse, também, que ela havia feito um juramento de ensinar a todas as crianças, sem descriminação. E que não ia aceitar a imposição da gerência.

— Senhora — disse-me —, se não tem com que n deixar sua filha, deixe-a comigo. Ela ficará em minha casa até terminar o ano escolar. Avisa-me onde a senhora vai ficar que, no fim do ano, eu a levarei.

Minha filha ficou com a professora. Mas, meus outros filhos não puderam seguir estudando. E dia e noite, choravam recordando-se da Siglo XX, da casa, da comida, disto, daquilo.

Eu decidi, então, voltar à Siglo XX. Isto foi em fins de julho. Embarquei com os meninos às 7 da noite e fui para a casa de minha irmã. Ela trabalhava no morro de pedras e tinha uma pequena vivenda. Ali estive, quase encerrada, com todos meus filhos. Deixei quase todo o dinheiro ao meu companheiro que ficou em Oruro, pois eu sabia que se me pegavam, me tiravam tudo. Levei somente 500 pesos para comprar alimentos. Estivemos assim quase dois meses. Eu estava com a barriga grande, esperando outro filho.

Meu marido me disse:

— Vou trabalhar, vou procurar trabalho.

Mas, o azar é que o haviam posto na "lista negra" e ninguém podia dar-lhe trabalho em nenhum lugar. Era ordem do Ministério do Interior. Então, começou a beber e a gastar todo o dinheiro da indenização. E eu não sabia nada.

No dia 15 de setembro, meu chegou e me avisou:

— Minha filha, seu marido só se dedica à farra. Por que você lhe deu o dinheiro todo? Está gastando tudo. Eu lhe chamei um pouco a atenção, mas ele diz: "agora, esse é meu trabalho". Diga a seu companheiro que não gaste assim, é preciso que vocês pensem no futuro das crianças. Vejam se fazem algum negócio e saem da mina. Já que tiveram a oportunidade de sair, seria bom que tratassem de se acostumar à vida da cidade, pelo futuro das crianças.

— Está bem — lhe disse.

Já estava faltando-me dinheiro, não tinha mais víveres, inclusive faltava para comer. Então, fui sozinha para Oruro, no mesmo dia.

Em Oruro, encontrei meu companheiro bêbado. Quando me viu, se pôs contra mim e me disse:

— Por que não trouxe seus filhos? — e daí por diante. Claro, ele tinha a idéia de que eu era culpada por ele não conseguir trabalho, não é? Então, houve uma discussão entre nós. Finalmente, eu esperei que ele ficasse bom e então voltei a falar:

— Olhe, já saímos da Siglo XX, é melhor que a gente fique na cidade até que eu tenha meu filho. Podemos trabalhar aqui.

Bem, só aí ele me avisou que, em duas oportunidades, havia conseguido trabalho, mas que o Ministério de Interior não o deixava trabalhar, que o fazia despedir e que ele estava na "lista negra" e, assim, onde ia trabalhar? Estava muito amargurado e a coisa não lhe parecia nada fácil.

Então eu lhe disse:

— Creio que será mais fácil quando eu esteja aqui. Eu também vou trabalhar em alguma coisa. Mas, não beba mais assim. Vou buscar os meninos.

Peguei os 1 000 pesos, comprei flanela e outras coisinhas para meu menino que ia nascer, pois tinha que fazer o enxoval. Comprei outras coisinhas para as crianças; tinha que calçar a todas. O pouco dinheiro que sobrou, eu o dei a meu pai. E voltei para a Siglo XX.

DE NOVO NA PRISÃO

Chegamos tarde à Praia Verde. E ali, na praça, me detiveram. Saiu um capitão e me disse:

— Olhe, senhora, eu não quero ter problemas consigo. É melhor que se vá. Há um prêmio pela sua cabeça. A senhora conhecia a Norberta de Aguilar, não é? Ela foi presa porque dizem que é o contato guerrilheiro e denunciou a senhora... que, quem sabe o porquê... há um prêmio pela sua cabeça. Mas, como a senhora está grávida, vá, regresse e esconda-se. Pois, se vou prendê-la, não quero que isso pese na minha consciência. A coisa é grave. É melhor que se vá.

— Mas, senhor, eu quero ir onde estão meus filhinhos. Prometo que não saio de lá.

— Não senhora. A senhora vai embora. Seu marido vai buscar as crianças, se é tão urgente. Para ele não há prêmio; para a senhora sim. Vá que é melhor.

E me fez tirar as coisas do ônibus e me pôs em outro que me levou para Oruro.

Em Oruro encontrei meu companheiro bebendo, bebendo mais ainda. Quando lhe perguntei:

— Por que está bebendo?

Uf!... me bateu. E me dizia que, por minha culpa, estava sem trabalho, que por minha culpa bebia e que não lhe importava nada o que eu lhe contava.

No dia seguinte, quando estava bom, conversamos:

— Olhe, não me deixam entrar na mina Siglo XX. Agora as crianças estão sem ninguém, sem nada.

— Eu não vou — me disse — para que vou lá?

Eu me desesperava, me desesperava.

Então, meu pai me disse:

— Mas, filhinha, por que se desesperar? E por que chora? Parece uma tontinha. Para que lhe serve o que lhe ensinei a ler, para que lhe serve a experiência sindical, política e tudo, para que lhe serve meter-se em tudo e não aprender certas coisas? Como é que você quer ir com a mesma cara, com a mesma fachada? É preciso disfarçar-se, menina, quando a gente quer passar clandestinamente por algum lugar.

E ele me sugeriu outras coisas.

Bom, eu não me fiz de lerda e nem de preguiçosa, pois o medo e o tempo iam rápidos; cortei o cabelo, pintei-me, fiz um penteado, comprei outra roupa. Pensava que assim ia passar. Mas, foi tudo inútil.

Quando chegamos na porta de Praia de Verde, um fulano gritou:

— Um momento, por favor.

E... "pá!" Entrou numa casinha que havia ali. Depois, voltou ao ônibus com dois agentes e disse:

— Detenham essa mulher, por favor.

De fato, pela primeira vez eu senti um terror. Meus joelhos tremiam e batiam um no outro. Eu queria desaparecer naquele momento. E, sinceramente, parece que meu corpo adivinhava o que ia acontecer. Tremia... e era como se uma mão de ferro estivesse apertando meu coração.

— Esta mulher desce aqui — disseram.

— Não, não — lhe dizia — Por que querem que eu desça? Eu não me sinto bem...

— Nada, nada. E se esta mulher não descer, o ônibus não parte.

E não o deixavam partir.

As pessoas diziam:

— Por que não resolvem logo seus problemas? Nós temos que ir. Rápido, desçam! E seguiam falando.

Então o chofer se aproximou e me disse:

— A senhora quer que avisamos seus parentes?

Não tive nem tempo para responder-lhe, pois o agente que estava atrás de mim não me deixou falar. E desceram todas as minhas coisas.

Revistaram-me toda, milímetro por milímetro. Havia três agentes e os três me revistaram. Despentearam meu cabelo todo. Eles queriam saber o que eram essas cicatrizes que tenho na perna, como as tinha, e porque as tinha. Assim tudo, absolutamente tudo, perguntavam e revistaram.

Isto foi a 20 de setembro.

Puseram-me num lugar isolado e lá fiquei. À tarde, veio um sargento e me perguntou:

— Qual seu nome, senhora?

— O senhor deve saber quem sou — respondi —. Ou me prenderam sem saber o meu nome? — foi a única coisa que me passou pela cabeça naquele momento.

Então, ele gritou:

— Caralho! Vai zombar da gente? Quem interroga aqui sou eu.

Perguntou meu nome, de onde vinha, para onde ia, quantos filhos tinha, onde estava meu esposo, para que eu ia indo à Siglo XX. Então, eu lhe disse tudo.

Deixaram-me só, encerrada. O único que ouvia eram os passos de alguém que caminhava, assim: 1 — 2

— 3... e eu tratava de distrair-me contando os passos. Procurava esquecer o que estava vivendo. Então, assim foi. Eu me sentava, me levantava. Tinha frio, o estômago me doía, tinha sede, tinha medo. Era um momento e tanto aquele...

Veio um fulano. Depois soube que era o filho do coronel. Eu não sabia se era noite ou se era dia, pois a cela estava sempre escura.

Ele disse que vinha interrogar-me e mandar a mão. E com toda prepotência começou a fazer-me perguntas sobre as guerrilhas, se eu conhecia, se eu participava.

Mas, seu principal objetivo era rir de mim. Eu percebi isso desde o princípio. E como viu que eu estava grávida, me perguntava se eu não sabia para que serviam as mulheres. E que não nos metêssemos a bacanas, pois a mulher havia sido feita só para dar prazer aos homens. E me insultava. E chegou a dizer-me que, seguramente, meu esposo não me satisfazia e por isso eu queria algo maior, algo mais... E que eles sim, iam me baixar a mão. Que se eu não quisesse que não acontecesse essas coisas, então que começasse a falar tudo. Que eles sabiam que eu era o contato guerrilheiro e que havia recebido muito dinheiro e que era dinheiro roubado do povo pelos guerrilheiros.

Eu me calava, me calava e não queria nada com ele. Então, ele começou a ficar mais brusco, gritando-me, deixando-me em total desolação. E, a cada momento, me puxava, me dava socos e queria agarrar-me à força. Mas eu não deixava, e não deixava. Cuspiu-me no rosto. E me deu outro soco. Eu lhe arranhei o rosto. Então ele começou a dar-me golpes. Eu me defendi até onde foi possível. E ele dando-me, dando-me, dizia:

— Onde está Norberta? Norberta de Aguilar declarou que você recebeu 120 milhões por instruções

de Inti Peredo* e que você é o contato guerrilheiro e se comprometeu conseguir pessoas para esses fins.

Eu respondia:

— Isso é mentira! É verdade que conheço Norberta. Mas eu não sou contato. É mentira, é mentira...

— É verdade! É verdade! Você não pode negar. Quer a prova? Vamos ver! - chama a sentinela - traga as cartas que são as provas contra esta desgraçada.

E trouxeram uma carta, escrita com uma caligrafia bonita, com uma ortografia boa... Mas, justamente porque Norberta era minha amiga, eu conhecia sua letra e não era o que eu via na carta. Mas ali dizia que ela, Norberta de Aguilar, sob a pressão que o governo havia exercido contra seus filhos, declarava que, por instruções do Inti, ela me havia dado 120 milhões de pesos para que eu recrutasse pessoas nas minas e as mandasse às guerrilhas. E que eu havia assumido o compromisso para mandar cinqüenta homens às guerilhas até o fim do ano. E que ela declarava tudo isso para salvar a vida de seus filhos. "Que a pátria saiba compreender e que me perdoem", dizia. E assinava embaixo: "Norberta, viúva de Aguilar".

— Aí está, aí está! — me dizia o militar — sua própria amiga a denuncia!

— Justamente porque é minha amiga, eu conheço a letra e a assinatura dela e vejo que esta não é nem sua letra e nem sua assinatura - lhe disse. Ele se enfureceu.

— Você ainda vai negar? Aqui estão as provas! Você quer outras mais?

Então me fez escutar uma gravação na qual uma estudante universitária dizia que, por instruções de um tal Negrón, me havia dado 150 milhões. Eles queriam tirar 270 milhões de pesos da minha conta!

---

* Chefe do Exército de Liberação Nacional, companheiro do Che, morto em La Paz em 1969.

— Onde você pôs o dinheiro? Caralho! Onde você pôs? — gritava ele. E me batia dizendo-me que falasse, que falasse. Batia sem compaixão, em mim, que estava de oito meses...

O soldado que estava ao meu lado com sua metralhadora, olhava assombrado como o fulano me batia. E ele dizia que não havia que ter compaixão com estas hereges, com estas comunistas sem moral, que são piores que as feras... E seguia batendo sem nenhuma compaixão.

Eu, até quando pude, fui me defendendo. E conforme me defendia, mais ele se enfurecia, pois, além do mais, tinha bebido um pouco, e com mais sanha me batia.

Em um dado momento, pôs um joelho aqui sobre o meu ventre. Apertou minha garganta e estava para enforçar-me. Eu gritava, gritava... Parecia que queria fazer o meu ventre arrebentar... Notei que apertava mais e mais... a respiração já me faltava. Então, com minhas mãos, com toda força, abaixei suas mãos. E não me lembro como, mas eu o havia agarrado pelo punho e o estava mordendo, mordendo... Estava tão enfurecida e tão nervosa que não percebi que estava mordendo sua mão, realmente não percebi. Estava tão desesperada!

Quando de repente, senti um líquido quente e salgado na minha boca... Eu o larguei... e vi: a carne estava pendurada na sua mão, assim, arrancada. Tive um asco terrível ao sentir seu sangue na minha boca... Então, com toda raiva... "tchá!" cuspi seu sangue no seu rosto.

Bem, isso foi o meu fim. Meu fim!

— Ai!... gritou ele. Começou um alarido terrível. Agarrou-me a pontapés... gritava... Chamou os soldados e fez quatro me segurarem. Ele tinha um desses anéis quadrados, grande. Não sei o que fez com a mão, mas me apertou, me apertou e me fez gritar muito. E

quando eu estava gritando, me deu um soco no rosto. E não me lembro de nada mais... O único que me lembro é que senti como se tivesse arrebentado algo na minha cabeça... vi algo como o fogo que caía ao meu redor. Nada mais.

Quando acordei, como de um sonho, estava engolindo um pedaço do meu dente. Eu o senti na garganta. Então, vi que ele me havia quebrado seis dentes. O sangue estava escorrendo e eu não podia abrir nem os olhos e nem o nariz. Os olhos estavam completamente fechados.

Voltei a perder a vista. Desmaiei.

De repente, reagi... Tinham me jogado água. Estava molhadinha!

Ali estavam outros militares. E me disseram que agora era para valer... que eu tinha machucado o filho de um coronel... e que ia me custar caro.

— Levem esta merda para dentro! — gritou um. E chutando-me, arrastando-me, me levaram a outra cela. E ali me jogaram. Aquela cela era ainda mais escura que a primeira. Muito mais escura. Não se podia ver nada.

Depois de um bom tempo, distingui uma sombra... uma sombra do outro lado e que se aproximava.

Ai! ... Que medo me dava! ... Senti um pânico horrível. Tinha vontade de gritar. Dava-me um desespero, só de recordar o outro sem-vergonha que havia tentado agarrar-me e fazer de mim o que ele queria. E pensei que estava sozinha na frente de outra pessoa muito pior. Meu estado de nervos era terrível. Retrocedi... retrocedi... retrocedi... Por fim, encontrei a parede. E a outra figura avançava, avançava... Com dificuldade, arrastando-se pelo chão, avançava na minha direção.

— Quem será? Quem será? — me perguntava. Pensei que era outro que vinha perturbar-me.

Mas não... creio que foi um companheiro que devia ter sido torturado também. Penso que era isso pela dificuldade que ele tinha para se mover.

Quando já não foi possível retroceder mais, ele pôs a mão sobre o meu braço e me disse:

— Valor companheiro... nossa luta é grande... tão grande!... Não desmaie. Há que ter fé no futuro.

E bem baixinho começou a cantar uma canção revolucionária que era muito conhecida na Siglo XX.

Eu, que quase desmaiava de susto, não me animava a falar. Então, o único que fiz foi apertar-lhe a mão. E nunca lhe disse quem eu era, nem se era mulher. Nada.

Ele seguia dizendo-me:

— É preciso ter valor, é preciso ter fé... é preciso darmos forças uns aos outros. Não estamos sós, companheiro... o que fazemos não é para nós... Essa é uma causa muito grande e não há de morrer...

E assim me falava com palavras que para sempre ficaram na minha memória. Foi um grande alívio naquele momento de tanto desespero... Até hoje não sei quem era aquela pessoa.

Não sei que horas seriam, mas então, entraram quatro fulanos com lanternas, me alumiaram os pés e depois me pegaram e me levaram. E o que estava comigo na cela só conseguiu dizer-me:

— Valor... Valor...

Então me levaram outra vez à cela onde havia estado antes. Ali estava um homem vestido de civil, bastante furioso. De entrada, me deu um sopapo e disse:

— Esta é a cachorra que mordeu meu filho? Esta é a cachorra que marcou o rosto do meu filho?

E me jogou no chão.

Então, começou pisar-me as mãos, assim, seus pés em cima das minhas mãos, e dizia:

— Essas duas mãos nunca mais hão de fazer marcas no rosto do meu filho! Nem eu e nem sua mãe nunca lhe pusemos a mão... E esta cachorra faminta... que é que você queria? Comer meu filho? Cachorra!...

E me batia com muita raiva. Depois me disse:

— Está bem. Felizmente, é aqui que você esta esperando seu filho. E no seu filho é que vou me vingar.

E tirou uma faca e a começou afiar diante de mim... E me dizia que tinha bastante tempo para esperar que meu filho nascesse e que, com aquela faca, ia fazer picadinho dele.

Então, eu me assustei realmente. Tinha um terror e um medo muito grande. Como é possível que façam isto a meu filho? — pensei.

E disse ao coronel:

— Olhe, senhor. O senhor é pai... compreenda-me! Seu filho estava pisando no meu, sem defesa... estava chutando-o e apertando-o no meu ventre... Foi por isso que eu me defendi como pude, me atrevi a defender meu filho como mãe. Compreenda-me, senhor! Estou sendo caluniada de uma porção de coisas que não fiz. Eu não sou contato, não sou nada disso. Sim, estou no Comitê de Donas de Casa. Mas se o senhor me soltar, senhor, eu não vou me meter mais nisso. Mas por favor, solta-me, senhor, solta-me, senhor, solta-me... Eu não fiz nada que não seja justo. Uma mãe sempre tem a obrigação de defender a criatura que leva em suas entranhas... E seu filho, com bastante sanha, me pisou no ventre. Foi por isso que eu me defendi. E estou segura que qualquer mãe faria o mesmo. Sua própria mãe teria feito o mesmo se ela estivesse na minha situação. Senhor... por favor!...

Ele seguia afiando a faca e ria de mim:

— Olhem como as bruxas pedem clemência!...

E me disse que não tinha pressa. E quanto mais durasse minha agonia, melhor seria, ele se vingaria melhor.

E saiu da cela, rindo de mim.

E como se a fatalidade do destino se cumprisse, começou o parto. Comecei a sentir dores, dores e dores. E, a criança já me vencia para nascer. Eu estava tão nervosa... escutava os passos do soldado... e a segurava. Não queria que nascesse! E dizia a mim mesma: "se nasce, que nasça morto... Não quero que o coronel o mate!... Que meu filho não nasça vivo!" Realmente, passei por uma odisséia terrível. A cabeça já estava para sair e eu a empurrava para dentro... Foi desesperador esse momento...

Por fim, já não pude agüentar... E fui para um canto. Me apoiei, cobri o rosto pois não podia fazer nenhum pouquinho de força. O rosto doía como se fosse arrebentar. E num desses momentos, me venceu. Eu não me lembro se meu filho nasceu vivo... se nasceu morto... não sei nada. O único que me lembro é que me finquei ali e cobri o rosto porque já não podia mais. Me vencia, me vencia... Notei que a cabeça estava saindo... e ali mesmo desmaiei.

Depois de não sei quanto tempo, me pareceu que eu despertava de um sonho e que estava na minha cama. E procurava cobrir-me... queria sentir os pés, movê-los, mas não os sentia. Parecia que eu não tinha os pés... parecia que tinha um só braço, porque o outro eu também não sentia. E procurava cobrir-me... e não havia cobertores.

— Onde estou? Onde estou?

Procurei reagir e escutei os passos do soldado, "tac, tac, tac". Então, eu me lembrei: — ah, sim, estou presa. Que aconteceu? O que houve?

Lembrei-me um pouco de tudo e pensei:

— Onde está a criança?

E quis sentar-me. Mas, o meu corpo todo estava adormecido, ou seja, eu estava me congelando ali no chão. Estava toda molhada. Tanto o sangue como o líquido que a mulher põe durante o parto me haviam molhado toda. Até meus cabelos estavam molhados de água e sangue.

Então, fiz um esforço e encontrei o cordão umbilical do bebê. E através do cordão, puxando o cordão... encontrei o bebezinho... totalmente frio, gelado, ali no chão.

Agora, não sei. Morreu no meu ventre?... Morreu depois de nascer, por falta de auxílio?... Não sei.

É muito doloroso perder um filho assim. Quanto sofri por esse bebê que perdi!... Quanto tenho chorado, procurando-o!... Pobre criatura que teve que pagar a fúria que essa gente enfurecida tinha contra mim!...

Por fim, consegui pegar o bebê e tentei dar-lhe calor com meu corpo. Peguei-o e o cobri com meu vestido. Coloquei-o sobre minha barriga, cobrindo-o, cobrindo-o para dar-lhe calor, ainda que fosse um pouquinho. Sua cabeça estava como se tivesse recebido uma pancada nos ossos que soavam: "poc, poc, poc". Toquei seu corpo e vi que era um menininho.

Desmaiei outra vez.

Um soldado veio chamar-me. Mas eu estava sonhando que meu filho estava rindo e chorando ao mesmo tempo. O soldado me despertou:

— Senhora, senhora...

— Soldado, por favor — lhe disse — meu bebê está chorando. Dá-me o bebê...

O soldado se assustou e saiu correndo.

— Meu coronel! Meu coronel! Esta mulher pariu! Pariu!

— Que pariu o que! — gritou o coronel. E entrou — Levante-se manhosa!... e me deu um pontapé.

Eu não senti muito, pois estava um pouco congelada. Da cintura para baixo, não sentia nada. E como não havia expelido a placenta, a hemorragia estava forte. A vista estava ficando nublada.

O coronel me iluminou com uma lanterna, e então pude ver meu filho. O coronel o pegou pelas mãos, o levantou e, com nojo o jogou. O bebê caiu sobre minha barriga. O coronel se sujou, pois o bebê estava sujo.

— Asquerosa! Porca! — gritou. Depois disse: tragam água!

Então, trouxeram água fria em dois baldes e, "pá! pá!" me jogaram a água. Só nesse momento eu tive alguma reação, pude mover-me e vi que tinha os meus pés. Parecia que me haviam cortado da cintura para baixo.

Então, entrou um sargento que havia sido carabineiro e falou:

— Desculpa-me senhor coronel. Esta mulher vai morrer agora mesmo. Tomou meu pulso e disse: — Eu tenho um pouco de experiência. Esta mulher vai morrer e não vamos poder interrogá-la. É melhor que a ajudemos... ela parece ter retenção da placenta.

Olhou-me e perguntou:

— A senhora pôs a placenta?

— Não sei — lhe disse —, não sei.

Ele me observou e disse que eu não a havia posto. Disse que ele ia cuidar um pouco de mim e que depois o coronel podia interrogar-me. Mas, que eu não podia seguir assim, senão morria.

O coronel saiu molesto. E o sargento ordenou:

— Tragam água morna! Água quente.

E a outro pediu que trouxesse dois cobertores velhos. Então me falou:

— Agora vou ajudá-la. Procure ajudar também. Vamos ver.

E procurou tirar a placenta, mas conseguiu tirar só a metade.

Depois me fez sentar e começou a me dizer:

— Por que você faz isso, filha? Sendo mulher, estando grávida, porque não fica calada? Por que fez isso ao filho do coronel? Por que faz isso? Por que as mulheres são assim rebeldes?

Os soldados trouxeram água em dois baldes e o sargento me disse que me lavasse. Aí, pude sentar-me um pouco. Tirei a roupa, lavei um pouco o cabelo. O sargento me enfaixou com a chalina* que tinha, me pôs um cobertor velho como vestido e com outro cobertor me cobriu a cabeça.

Já não podia ficar de pé, não agüentava mais. Bom, ali mesmo me joguei e disse:

— Bem, aqui morreu meu filho, aqui também vou morrer... Olhe, porque o senhor quer me ajudar? Eu quero morrer. Se não morrer... se não morrer... vocês já me fizeram sofrer tanto que vão se arrepender. Vão se arrepender. Os senhores seguem dizendo que sou uma comunista, que sou isso, que sou aquilo... Se saio daqui com vida é o que vou ser, agora lhes tenho um ódio profundo. Por que vocês não fazem o favor de me matar?

Bem — me disse o sargento — tenha calma, tenha fé... reze senhora, a senhora se esqueceu de Deus...

E saiu.

Fiquei sozinha na cela. Escutava os passos do soldado, escutava... e não me lembro o que aconteceu então. Não vi mais nada.

... Caí num sono profundo... onde via o cume de uma montanha bem alta. Eu caía de um barranco muito alto, grande... Eu mesma me via cair em pedaços

* Espécie de gravata, comprida, de várias formas, usada por homens e mulheres.

de carne, de cérebro... Ia ficando tudo nos penhascos negros... ia ficando tudo... até cair no fundo... E, caída... eu me levantava. Eu estava com uma camisola branca comprida e a segurava numa ponta, ia, eu mesma, recolhendo minha carne, pedaço por pedaço, com muita dificuldade... Como uma aranha... como uma aranha pelos penhascos, subia, subia... as gotas de sangue que ia encontrando, eu ia limpando com uma ponta dessa camisola. E no sonho, eu dizia: é necessário que eu chegue até o cume. Quando chegar até à luz, eu me salvo. E assim subia, subia, subia, recolhendo, recolhendo, limpando e limpando... Chegava à luz. Lá, via uns rostos deformados, meio brancos, meio azuis, que vinham contra mim, por cima de mim, e me olhavam... E voltava a cair. Não sei quanto tempo estive assim. Não sei.

Recuperei o conhecimento... e estava numa clínica. E os rostos deformados que via foram aclarando pouco a pouco, aclarando: eram os do médico e das enfermeiras, com seus gorros, que me olhavam e me tratavam. E a luz que via no cume era a forte luz da sala de operação.

No meu sonho escutava também uma risada zombadora que ria de mim. Isso eu escutava cada vez que caía no fundo. Escutava que riam de mim: "quá, quá, quá"... Essa risada, depois eu percebi, era dos meus agentes que me olhavam e que jogavam dados e outras coisas perto dali. Então, quando o doutor vinha ver-me, eu via outra vez esses rostos que me olhavam dos pés à cabeça... e os via rindo... os via com metralhetas em pé, junto a mim e, bom, eu sentia um terror, um medo, uma vergonha... e não permitia que me observassem. Não queria e não queria. Eu me cobria, me cobria, segurava forte na cama... Por momentos, me parecia que eles queriam me jogar no barranco, assim... e novamente perdia o conhecimento.

Não sei quanto tempo eu estive assim. Não sei quantos dias passaram. Dava-me uns ataques histéricos e então, gritava sem parar. Era pelo meu filho, não? Pois eu tinha a idéia que me faziam cair e que eu o procurava e não o encontrava. E via uma espécie de gorila, algo assim, que pegava meu filho e que comia suas perninhas, destroçando-o. E eu, gritando, sem poder alcançá-lo. Tudo isso na minha mente, como se estivesse acontecendo na vida real, não? E então, por momentos, eu olhava o doutor na sua roupa branca, e me parecia que era um gorila que comia a perninha de meu filho e começava a gritar: Devolva meu filho! Meu filho! Por que vão comê-lo assim? — eram crises terríveis que eu passava. E tinham que fazer-me dormir para tratar-me. Davam-me à força uma injeção e, assim, creio, podiam tratar-me. Não sei o que era. O problema é que quando estava consciente, não deixava que ninguém me tocasse.

Então, o médico teve muita dó de mim. E disse aos agentes que fossem embora. Pois, quando vinha o médico e eu via os agentes com suas caras zombadoras, eu dizia:

— Vão-se daqui! Não quero que me olhem! Não quero que se riam de mim! Não quero!... — e gritava, gritava... Pois, quando os via rir, me parecia que suas bocas cresciam e ficavam enormes. E me desesperava ouvir suas gargalhadas.

Por isso, o médico se aborreceu e disse aos agentes:

— Olhem, os senhores me trouxeram aqui seus pratos quebrados para que eu conserte. Se não tinham confiança em mim, não deviam tê-la trazido aqui. Por favor, levantem-se e saiam cada vez que venho tratá-la.

Depois me disse que, como médico, havia feito um juramento para salvar vidas e que se eu estava na sua clínica era somente para salvar minha vida, não para ser torturada. Que eu devia ter confiança nele. E que, se

eu tinha perdido um filho, devia lembrar-me de que tinha outros e que estes meninos me esperavam... Que, como mãe, eu devia ter coragem e valor para enfrentar todas essas coisas.

Assim, pouco a pouco, foi me convencendo". É melhor que me aceite como amigo, eu quero sê-lo — me dizia. E finalmente me disse que ele queria ajudar-me, mas que os agentes não deixavam.

Quando terminava a visita do médico, então os agentes voltavam a entrar. E estavam sempre ali, olhando-me. Não me deixavam só. Mas, já era diferente, pois não ficavam no quarto quando o médico me examinava.

Acontece que alguém no hospital me reconheceu e entrou em contato com minha família.

Entretanto, o que havia acontecido com minha família?

Meu pai pensava que eu estava na Siglo XX desde o dia em que eu tinha saído de casa, ou seja, dia 20. Minhas irmãs e meus filhos pensavam que eu estava em Oruro. Assim que ninguém havia pensado em procurar-me. Mas, no dia 30 desse mês, meu pai viajou para a Siglo XX. E chegando lá, meus filhos perguntaram:

— A mamãe não veio?

— Ela não está aqui? Ela veio no dia 20... há dez dias que ela devia estar aqui!

Então, começaram a me procurar. Foi uma coisa desesperadora. Perguntaram no ônibus que eu tomei no dia 20 e lhes disseram que sim, que nesse dia me haviam detido e que não sabiam quem eu era, e que isto tinha sido na Praia Verde.

Foram à Praia Verde e disseram que eu não estava lá, que tinham levado todos os detidos à La Paz, Oruro, Cochabamba.

Meu esposo tinha ido procurar em La Paz e lhe disseram:

— Quem é sua mulher?... é essa comunista?... Ah!... na certa, ela fugiu com todo o dinheiro... Sim, com certeza ela se foi com seu amante. E você ficou com as crianças, sem dinheiro. As comunistas são assim... são umas imorais... etc. e tal.

E meu esposo, parece que voltou com essa dúvida. Mas, quando ele falou ao meu pai, ele lhe explicou:

— Ela deixou o dinheiro comigo. Eu o tenho aqui. Aconteceu algo com minha filha.

Nisso, chegou um jovem e disse que alguém sabia alguma coisa de concreto. E numa praça de Oruro, avisaram ao meu pai que eu estava numa clínica, que eu estava meio morta, e que tinha que fazer o impossível para tirar-me. Pois, de La Paz já estavam reclamando e haviam enviado uma comissão do DIC para levar-me outra vez à La Paz para interrogar-me. Então, ao saber disto, meu pai e meu esposo começaram a reclamar. Foram à universidade, fizeram a denúncia e um mundo de coisas.

Foram ao DIC e dizem que meu pai começou a gritar:

— Como é possível? Isso é injusto! Eu fui à guerra... servi a pátria tantos anos... sou ex-combatente... não pude fazer meus filhos estudar... Não é justo que façam isto à minha filha... Ela é assim porque eu a criei assim. Fuzilem a mim, pois... As idéias que ela tem, eu as dei.

E contam que, gritando assim como um louco, meu pai saiu do DIC. E na porta esbarrou num senhor que nos conhecia de Pulacayo, quando meu pai era alfaiate da polícia mineira. Em Pulacayo, aquele senhor era comissário e agora era coronel e estava na comissão que tinha ido buscar-me. Bem, meu pai esbarrou nele e olhou. E o outro também reconheceu meu pai:

— O que está fazendo aqui, Barrios? — disse ele. E se abraçaram.

Então meu pai lhe disse:

— Não sei com quem confundiram minha filha... a caluniaram, dizem que ela é contato guerrilheiro, que ela é isso, que é aquilo... a confundiram com outra pessoa...

E este senhor, que tinha tanta estima pelo meu pai, tratou de ajudá-lo.

A única forma de ajudar-me, disse ele, era mandando-me para Los Yungas, para que eu não falasse mais nada.

Los Yungas é uma região tropical, cálida, onde se cultiva café, laranja, banana, todo tipo de fruta. É uma região bastante diferente do altiplano, que é alta e fria, e onde há, sobretudo, minérios.

Os fulanos do DIC vieram ao hospital e me fizeram ameaças, que se eu regressasse à cidade e denunciasse o que havia acontecido, então, no caso o coronel que me havia dado a liberdade ia pegar a pistola e dar três tiros no meu pai. O coronel me disse primeiro que não estava muito convencido de que eu não tinha culpa. Depois me falou:

— Pela estima que eu tenho a seu pai, pois para criá-las, órfãs, eu o tenho visto sofrer muito, e pela amizade que lhe tenho, vou fazer com que lhe dêm liberdade condicional. Mas, olhe: eu estou jogando minha pele, estou jogando meu prestígio, estou jogando uma posição ao dar-lhe a liberdade. Mas, se você sai do lugar para onde a estamos mandando, vem para cidade e faz denúncias, o único que farei será buscar o seu pai, pegar meu revólver e esvaziá-lo no corpo de seu pai. Três tiros na cabeça e, depois, deixá-lo assim, vazio. Você quem sabe...

Então, me pegaram e me fizeram subir num caminhão. Meu pai e meu esposo o haviam contratado para levar-me. No caminhão, estava preparada uma cama; deitaram-me nela.

O doutor me deu uma caixinha com remédios e me disse:

— Muita sorte... Tome estas, são para que não fique zonza. Muita sorte... E me disse que na caixinha estavam todas as indicações para os remédios.

Até hoje não sei em que hospital estive. Só sei que foi em Oruro. Meu pai me disse: "Saber prá quê? Conforme-se, filha, de que entre tantas pessoas más, houve uma boa que quis ajudá-la."

EM LOS YUNGAS, "PARA QUE NÃO FALE"

Eu não sabia que estávamos indo para o exílio. O caminhão partiu e eu dormi.

Despertei ao amanhecer... Sentia muito calor... e ouvia um cantar de passarinhos, assim: "chiu, chiu". Olhei para cima e só árvores.

— Onde estamos? — gritei.

Então meu esposo falou:

— Calma, filha. Você está bem... esteja tranqüila.

E começou falar-me, com boas palavras.

Olhei-o e então reconheci o meu esposo. Perguntei:

— Onde estamos? Que estamos fazendo?

— Estamos indo para um lugar para que você fique boa, para que recupere sua saúde. Acalme-se.

— Para onde me levam? — e comecei a gritar.

Então, meu esposo fez parar o caminhão. Meu pai, que estava na frente, na cabina, desceu. Aproximou-se, me abraçou, chorou e disse:

— O importante é que salvemos sua vida, filha. Isso é o mais importante.

E como é religioso e vê tudo por esse prisma, como obra de Deus, me dizia:

— Deus é tão grande que permitiu que você fosse conservada com vida. E Ele mesmo há de permitir que você se salve. Estamos indo para um paraíso onde não há esses martírios que vocês está sofrendo. Você conhecerá Los Yungas, e vai viver lá. Quando estiver forte, voltaremos juntos à Siglo XX.

Assim me consolava.

E chegamos a Los Yungas. Compramos uma casinha e um terreninho para plantar, com o pouco dinheiro que nos restava. Meu esposo viajou para Siglo XX para buscar os meninos.

Então eu soube que diariamente, diariamente, eu devia apresentar-me ao DIC local para assinar um livro de freqüência, onde dizia que eu não saía dali, ou seja, como se diz — eu estava deportada, com toda minha família. Eu não tinha o direito de sair daquele lugar.

Ali não havia cuidados médicos. Não havia uma pessoa que pudesse aplicar-me os antibióticos que o doutor havia receitado. E com aquele calor que eu não conhecia no altiplano, com aqueles bichos que nunca tinha visto... com tudo aquilo e com as feridas que tinha, comecei apodrecer. As feridas me deram infecções terríveis. Meu organismo tinha uns fluxos de mau odor... Eu via que estava para morrer. Sentia calafrios. E me sentia tão mal, tão mal que, no meu desespero, as injeções as tomava com o chá. A todo momento, tomava banho de água fria. Punha trapos úmidos. Com muito custo, me salvei. Quanto tempo sofri com isto!

Por outro lado, o bebê não deixava os meus sonhos. E quando meu esposo foi buscar meus outros filhos na mina, eu saía de casa, gritando na noite. Eu via o bebê... Era uma coisa espantosa... Tinha uma coisa que me oprimia... via os rostos dos meus verdugos... escutava suas gargalhadas... via que eles comiam o bebê...

Era para ficar louca... louca! Por momentos, tinha vontade de me jogar da pedra mais alta e morrer ali. Os

bichos me picavam...Tudo me desesperava. Se não tivesse, tão forte, a idéia de voltar a ver meus filhos... creio que daquela vez eu teria me matado, pois estava desfeita, desfeita. Não queria sofrer mais. As feridas doíam, não podia descansar. E quando dormia, sonhava com coisas terríveis. Era uma coisa... ai!...

Depois chegou meu esposo, chegaram as crianças e me senti um pouco aliviada. Trouxe-me alguns remédios, algumas vendas. E com aquilo, consegui ficar boa, curar-me. Mas, as duras penas!... Quanto me custou!

Tudo era diferente em Los Yungas. No altiplano, comíamos carne, pão, açúcar. Em Los Yungas, só se comia yuca*, banana, coisas que não estávamos acostumados.

Meu marido, por causa de tantos problemas, estava muito aborrecido. E me dizia que eu era culpada de toda situação. Que na mina, pelo menos, se comia um bom almoço com carne. E quando faltava roupa para os meninos, me dizia que fosse pedir ao Comitê de Donas de Casa, que fosse pedir ao Sindicato. Ele sofria, também estava inconformado, não é?

Meus filhos, sem querer, colaboravam com seu pai. Choravam porque queriam um pedaço de carne, porque queriam um pedaço de chocolate num domingo, porque queriam leite num domingo...

Tudo isso era um sofrimento para mim pois, como não estava tão consciente como agora, por momentos, eu duvidava de tudo o que havia feito. Cheguei quase a claudicar.

Então, eu ia ao campo para conseguir algum trabalho. E trabalhava até que minhas mãos sangrassem, para esquecer dos meus dramas, para endurecer

* Uma espécie de mandioca.

com o trabalho e também para ganhar alguns centavos. No fim do dia, voltava desfeita.

Eu me sentia como uma criminosa... Nas celas do DIC eu tinha me convencido de que era a grande culpada... que eu vivia com grande sentimento de culpa. Eu me arrependia de haver participado em tudo do Comitê. Por que falei? Por que fiz denúncias? Por que me meti naquilo? — eu perguntava a mim mesma. E me desesperava, me arrependia. E às vezes, sentia não ter um cartucho de dinamite para voar com meus filhos e acabar com tudo. Era tão doloroso!...

Depois de seis meses que estava em Los Yungas, meu pai veio visitar-me. Ficou feliz por encontrar-me boa, trabalhando e fazendo amizades.

As pessoas de Los Yungas eram boas comigo. Elas se admiravam quando me viam trabalhando no campo ao lado deles. Sabiam que nós, os do altiplano, não trabalhávamos como eles no campo. E se admiravam de que eu, sendo mulher, trabalhasse tanto. Eram muito amáveis. Eu também procurava ser boa com eles. Procurava ajudá-los com os remédios que tinha. Procurava tratar-lhes algumas feridas. E o povo começou a querer-me muito.

A visita de meu pai foi muito boa. Pude conversar. Quando ele me perguntou como era minha situação, como eu estava com meu companheiro e meus filhos, eu comecei a chorar.

— Papai — lhe disse, você tem experiência... você foi político... por que não me disse que tudo aquilo tinha suas conseqüências? por que não me avisou que era um mal tudo o que eu estava fazendo? — com toda minha angústia, disse a ele tudo o que pensava.

Então, ele me disse que, quando ele era político e via que tinha somente filhas mulheres, ele se desesperava por não ter um filho homem. Ele queria um filho justamente para que seguisse seus ideais e continuasse

seu trabalho, lutando até liberar seu povo, até levar a classe trabalhadora ao poder. E que, ao ver que eu tinha seguido o mesmo caminho, ao ver que eu tinha o seu caráter, ele se sentia feliz e orgulhoso de mim. E como era possível que eu lhe dissesse aquilo agora?

— Não, filha!... Tudo o que você fez é grande! — me dizia. Vamos ver, filhinha, o que você fez?... O único foi protestar contra as injustiças que o governo cometeu contra o povo. Isso não é um crime, filha! Pelo contrário, é uma grande verdade. E pela sua coragem, o povo a quer, o povo está perguntando por você. Eu vou sempre à Siglo XX e todo mundo está esperando-a. Um dia, esse governo cai; não é eterno. E então, você vai voltar, com todo orgulho. Mas, há que preparar-se para isso... Não pode voltar como está agora... você tem que aprender mais. É preciso responder à confiança que o povo deposita em você. Ser dirigente não significa somente aceitar um cargo, é algo de muita responsabilidade. Você tem que preparar-se, filha.

— Não, papai, já não dá mais... Com o que me aconteceu, se saio com vida, se muda este regime, se tenho a oportunidade de voltar, nunca mais me meto em nada. Nunca mais! Como vou fazê-lo, depois de tudo o que estou sofrendo?

Bom... Meu pai me disse que voltava naquela semana. Estava triste.

Meu pai foi à universidade de La Paz, à universidade de Oruro, se apresentou ante os dirigentes. Contou-lhes toda a história e lhes disse que eu precisava preparar-me para o futuro. E que, mais que a ajuda material eu precisava de ajuda moral, para me encontrar a mim mesma e para compreender que minha causa era justa. E lhes pediu que me ajudassem na compreensão de minha situação.

Meu pai voltou e me deu uns livros para ler. Eram livros sobre a história da Bolívia e sobre o socialismo. E

uma catedrática da universidade de Oruro me havia feito alguns comentários nas margens das páginas dos livros. Esses comentários serviram para orientar-me na leitura. Por exemplo, se era a história de outro povo, havia uma nota assim: "Domitila, não lhe parece que o problema desse povo é o que acontece também na Bolívia? O que aconteceu com a reforma agrária? Você não vê que quando há uma revolução socialista os camponeses têm todas essas coisas que aqui são descritas, mas que na Bolívia, a reforma agrária foi traída?"

Essas leituras me serviram bastante. Ao mesmo tempo, eu podia comprovar uma coisa que sonhava desde menina: um mundo onde não ia ter pobres e todos teriam o que comer e vestir. Vi que estas idéias que eu tinha, estavam refletidas naqueles livros. E se acabava a exploração do homem pelo homem. E todo aquele que trabalhasse tinha direito a comer e a vestir bem. E o Estado devia velar pelos velhos, pelos inválidos, por tudo. Aquilo me pareceu muito lindo. Era como se meu pensamento de pequena, alguém o tivesse recolhido e escrito num livro. Ou seja, eu me identifiquei plenamente com o que li no marxismo.

Isso me animou para seguir lutando. Pois, pensei, se sonhei com isso desde criança, agora é necessário trabalhar e começar a valer-me dessa doutrina, basear-me nessa doutrina para seguir adiante, não é?

Além do mais, com o que eu havia sofrido nas prisões, nos cárceres e em Los Yungas, eu havia adquirido consciência política. Foi um encontro comigo mesma.

Estar entre os camponeses me serviu também como experiência. Isso porque, ainda que meus pais fossem de origem camponesa, minha formação foi entre os mineiros. Em Los Yungas, pude ver pessoalmente pela primeira vez, outra realidade que vive meu país e que é a realidade do campo.

Ali, eu pude perceber que os mineiros, os operários já estavam bastante organizados, enquanto que no campo o governo ainda mantinha aquela gente muito dominada.

Por exemplo, vi como se fazem as escolas no campo. Fizemos uma ali. O plano foi feito pelo povo. Juntamos todos os vizinhos, discutimos e decidimos: "Temos que construir nossa escolinha".

Começamos todos a trabalhar: tijolo por tijolo, homens e mulheres na tarefa. E fizemos tudo, o edifício e a fachada.

Mas, faltou zinco e a pintura. Então, o governo soube da coisa. Veio um senhor e disse:

— Caramba... eu falei com um ministro de Assuntos Camponeses e ele disse que nos vai ajudar, vai mandar o zinco e a pintura.

— Que bom! — disseram as pessoas.

Chegaram o zinco e a pintura. Nós mesmos pegamos as folhas de zinco e "pá, pá..." as pregamos; a pintura, "tá, tá..." pintamos. E a escola ficou pronta!

No dia da inauguração, aparecem os ministros, vêm jornalistas e, com bumbos e pratos, se inaugura a escola... "como mais uma obra do governo". E não faltam os discursos; "O governo está cumprindo com o povo... O governo de Barrientos pensa primeiro no camponês e o camponês boliviano não será mais ignorante como antes. Aqui está a prova: a escola para o povo!..."

E todo mundo os recebeu, che, com dez abraços, apertou-lhes as mãos, aceitou tudo. Mas, foi a maioria de nós que a construiu!

Inclusive as folhas de zinco e a pintura que o governo mandou, era fruto do trabalho do povo, não é? Porque, todo produto que sai de Los Yungas: um quintal de café, um tambor de coca, uma bolsa de carvão, tudo tem que pagar imposto. E dos impostos que

pagamos tiram o dinheiro para as obras públicas, não é? Como nos enganam!

Outro exemplo que eu pude constatar de como exploram ao camponês, é o imposto "taxa rodoviária". Há um decreto na Bolívia de que todos os os cidadãos têm que pagar uma determinada quantia anual para utilizar as estradas. Em troca desse pagamento, lhes dão um documento que se chama "taxa rodoviária". Como os camponeses, às vezes, não têm dinheiro para tirar o documento, eles pagam com trabalho. Às vezes as próprias autoridades do lugar os mandam trabalhar em suas chácaras, arrumar estradas, gratuitamente. Depois que o fazem, algumas vezes lhes dão o documento, outras vezes não.

Quando os camponeses chegam à cidade para vender seus produtos, já estão esperando por eles:

— E a "taxa rodoviária"?... Não a tem?

E se não têm, tiram-lhes suas coisas, até que paguem.

Tudo isso que eu pude comprovar em Los Yungas, me serviu para aprender muita coisa, e me abriu novos horizontes sobre a realidade da Bolívia. Hoje, eu vejo que muitas pessoas, inclusive entre os revolucionários e até aqueles que tiveram que sair do país, por problemas políticos, têm a idéia totalmente errada de que a liberação de nosso país se fará somente com a classe operária. Eles nunca saíram da cidade para viver no campo.

Desde que vivi em Los Yungas, o problema dos camponeses se tornou, para mim, uma questão fundamental. E por isso, tenho discutido com alguns companheiros das minas, pela falta de solidariedade nossa em relação aos camponeses. E me dá raiva quando gritamos contra nossa exploração e, no entanto, nós também somos capazes de explorar aos camponeses.

Eu tenho visto, por exemplo, que em algumas casas de mineiros, quando chega um camponês, um indiozinho para vender sua batata, não o deixam dormir na sua vivenda, não o servem nos seus pratos mesmo, não lhes dão a mesma comida que preparam para sua família. E quando têm uma camponesa trabalhando no serviço de casa, não lhe pagam quase nada e não a tratam como deve ser.

Também pude ver como, quando chega a época da colheita, vão para o campo para trocar víveres, mas de uma maneira muito injusta e sempre em prejuízo do camponês. Então eu disse muitas vezes: Como queremos que o camponês seja um aliado se o tratamos assim? E se os camponeses se liberem antes que nós, na certa eles ficarão contra nós se seguimos assim. Além disso, os trabalhadores não são quase todos de origem camponesa?

Em Los Yungas também tive tempo para repensar tudo o que havia escutado e sofrido dos militares que me qualificavam como comunista, subversiva, de ser contato e tantas outras coisas. E isto me serviu para ter uma idéia mais clara do que tínhamos que fazer contra esses governos que são tão injustos com a classe trabalhadora. E, se num princípio, eu desejava poder encontrar a meus verdugos para eliminá-los, depois vi que a melhor forma de lutar e inclusive de vingar-me, era organizarmo-nos melhor, conscientizar as pessoas e lutar para libertar definitivamente nosso país do jugo imperialista. Só assim solucionaríamos nossos problemas.

Então, eu cheguei a essa conclusão, com a experiência que tive em Los Yungas, revendo tudo o que havia vivido anteriormente na Siglo XX e com o que havia sofrido na prisão. Tinha adquirido consciência política.

Assim, eu já tinha certo preparo, que muita gente diz que só é possível como produto de um partido. Para mim, foi o fruto da experiência do povo, das minhas próprias experiências e dos poucos livros que me foi possível ler. Isso quero recalcar, pois parece que há pessoas que dizem que sou produto deles, de seu partido. E essa consciência e preparo que tenho não é mais do que o resultado dos gritos, dos sofrimentos e da experiência do povo. Isso, tenho que dizer: temos que aprender bastante com os partidos, mas não devemos esperar tudo deles, pois nossa formação tem que ser do nosso próprio convencimento.

Com isso, evidentemente, não quero dizer que sou antipartido nem apolítica. Mas, várias razões me têm levado a trabalhar na forma como ofaço até agora, apesar de que temos colaborado com dirigentes de distintos partidos.

Em primeiro lugar, eu penso que o Comitê de Donas de Casa está organizado paralelamente ao Sindicato e se constituiu assim para estar com os trabalhadores. E não me parece bom, como dirigente, embarcar o Comitê nas consignas de um partido. Pois isto tem acontecido, inclusive a trabalhadores: os partidos, uma vez ou outra, têm usado aos trabalhadores a seu próprio serviço. E com isto eu não estou de acordo.

Além do mais, para mim é um grande problema toda essa divisão de partido que há na Bolívia. É uma confusão! Há tantos partidos!

Bem, nós já temos as pessoas tipificadas, não é? Há a esquerda e a direita. Os de direita são ricos, influentes, exploram e massacram aos pobres. Na esquerda, estamos nós os que queremos que o povo se liberte do sistema capitalista em que vivemos. Mas, dos dois lados há muita divisão.

Na direita está a Falange Socialista Boliviana, a FSB; está a MNR que é o Movimento Nacionalista

Revolucionário e que foi o partido que traiu a revolução que o povo fez em 1952; o governo de Barrientos tinha seu próprio partido que se chamava Movimento Popular Cristão e que, em nome de Cristo, matou gente a não mais poder; tem a Democracia Cristã que tem um grupo de direita e outro de esquerda; tem o PRA, ou Partido Revolucionário Autêntico e que é uma cisão do MNR. E tem outros mais.

Na esquerda, por exemplo, está o PRIN, ou Partido Revolucionário De Izquierda Nacionalista e que também é uma cisão do MNR. Tem os dois partidos comunistas, o que segue a linha de Moscou e o que segue a linha de Pequim; tem os trotskistas organizados no POR que é o Partido Operário Revolucionário. Tem os do MIR, que é o Movimento de Izquierda Revolucionária. Tem o Exército de Liberação Nacional, ou seja, o ELN, e que é o que foi à guerrilha. Tem o PS, ou Partido Socialista. Assim, a esquerda está dividida... em muitos grupos, não é?

E o pior é que, às vezes, estão uns contra os outros. E eu penso que isso é um grande mal que fazem. E o inimigo se aproveita bastante, não é?

Que bom seria que todos se unissem e então lutássemos pelo que sabemos que é o principal! Pois sabemos que os opressores têm objetivos comuns muito claros. E quais são? Ganhar mais, explorar mais, enriquecer mais e manter exércitos de repressão para seguir explorando-nos mais e tirando mais dinheiro. Por outro lado, além do estado de dependência em que estamos, seguimos divididos. E, digamos, se até agora a esquerda não está no poder, em parte é por isso também, não é?

Vivi durante um ano e meio em Los Yungas. Em 69, morreu Barrientos e então, eu voltei a Oruro. Eu não estava dando-me bem com o clima de Oruro e estava grávida. Em Oruro tive minha filha, Rina. Quando

fiquei boa, comecei trabalhar. Fazia comida para vender na rua. No princípio foi difícil, pois não me conheciam. Pouco a pouco fui fazendo algumas amizades e, depois de uns meses, já podíamos sobreviver melhor. Meu esposo tinha voltado a Los Yungas para trabalhar.

OUTRA VEZ NA MINA

Depois de alguns meses que estava em Oruro, pudemos regressar à Siglo XX.

Foi assim que aconteceu: depois da morte de Barrientos, Siles Salinas, que era o vice-presidente, governou a Bolívia. Mas, isso foi somente por uns meses pois, naquele mesmo ano, o general Ovando o depôs com um golpe de Estado.

Então os mineiros que haviam sido despedidos em 65 por Barrientos, pediram a Ovando que os reintegrassem em seus trabalhos nas minas. Ovando não os atendeu. E, bom, se declarou uma importante greve de fome, na qual participaram os despedidos com suas famílias. Com essa greve, muitos conseguiram voltar. Nós também. No jornal, eu li o nome do meu marido na lista dos que podiam retornar ao trabalho e mandei avisá-lo em Los Yungas. E foi assim como voltamos para a Siglo XX. Foi um acontecimento bem especial e importante para nós.

Ovando tinha colaborado com Barrientos no seu governo. Inclusive, ele foi co-presidente, durante algum tempo. Quando subiu ao poder, deu uma de esquerdista e chamou seu governo de "nacionalista revolucionário". E tomou algumas medidas. Inclusive decretou a

nacionalização da Gulf*. Mas, seguia sendo o que havia sido anteriormente e, inclusive por isso, alguns de seus ministros o depuseram.

Bem, de regresso à Siglo XX, meu companheiro disse-me que eu não devia participar em mais nada, que já havíamos sofrido muito e que com muito sacrifício voltávamos à mina e que, portanto, minha obrigação era ficar com os meninos e cuidar da casa. Mas, eu já tinha outra mentalidade. Pelo contrário, eu queria organizar melhor, participar melhor com os trabalhadores e estar em tudo, não é?

E logo que cheguei, foi realizado o Congresso Mineiro da Siglo XX, que tinha sido convocado pela Federação dos Mineiros.

Minhas companheiras do Comitê de Donas de Casa já haviam eleito sua diretoria. Mas, eu seguia como secretária geral. Voltaram a me colocar. Então, participei no Congresso. Mas, depois disso, meu companheiro me disse terminantemente que não ia permitir que eu seguisse participando. E que, seu eu não estava de acordo, que eu me fosse. Assim.

Então eu lhe disse que participava no Comitê somente para colaborar no lar, pois compreendia que todo seu sacrifício na mina não dava para satisfazer nossas necessidades; que, inclusive, eu me privava de muitas coisas para não aborrecê-lo; que o trabalho que eu fazia no Comitê era para lutar com ele por uma situação melhor, para que houvesse uma mudança e uma vida mais justa e mais feliz para nós; e que, por fim, eu ia ao Comitê porque gostava de ficar conversando com as pessoas, orientando-as, assim como ele gostava de tomar uns tragos com seus companheiros, ir ao

* Bolivian Gulf Oil Co., subsidiária da empresa norte-americana Gulf Oil Co., era a principal concessionária do petróleo na Bolívia.

cinema e passear. E lhe disse que se ele me desse todas as coisas que eu precisava na casa, então, eu não me metia em mais nada. E chegamos a um acordo: eu deixava o Comitê e ele deixava suas diversões.

Mas, como ele tinha necessidade de sair com os companheiros para beber e ir ao cinema, o acordo não durou. E então, sem dizer-lhe nada, nos dias seguintes comecei a ir às reuniões do Comitê. E quando me perguntou:

— O que aconteceu?

— E o que aconteceu consigo? — respondi-lhe. E lhe disse que meu acordo era com ele e como ele tinha deixado de cumprir sua parte, eu também podia deixar de cumprir o que me havia proposto. E, finalmente, meu companheiro compreendeu que eu devia seguir no que estava fazendo. No passado, seus chefes o criticavam e diziam que sua companheira era isso, era aquilo; ele sofria e não podia responder-lhes. Agora, já não faz caso aos comentários e lhes diz: "Esta é a vida da minha companheira e vocês não têm que se meter". Então, parece que avançamos bastante, não é?

Em 1970, houve outra guerrilha na Bolívia, que foi a de Teoponte. Participaram muitos jovens universitários, creio que uns setenta. E foram fatalmente destroçados.

Nessa segunda guerrilha, nós não participamos. Soubemos pela imprensa que havia guerrilhas, mas eles não nos avisaram em nada.

Claro, eu não lhes diminuo nenhum valor. Gente que vai para a montanha para dar sua vida dessa maneira, sabendo o que pode acontecer a qualquer momento, é gente digna de respeito e admiração. O que muitos falam não têm coragem de fazer. É por isso que eu os respeito.

Mas também temos que pensar que não vamos conseguir nada somente indo à montanha, sem ter apoio do povo. Esse é o principal.

Na primeira guerrilha, havia mineiros. Mas, eu não sei se realmente haviam organizado aos distritos, ou se eles foram assim, sem organização. Eu não sei.

Parece-me que esse foi o erro desses guerrilheiros: de não participar as coisas, suficientemente, ao povo. Ninguém consegue nada se não está ligado ao povo.

Isto é fundamental. Jamais devemos esquecer que a classe trabalhadora, os camponeses, são os pilares fundamentais sobre os quais se construirá o socialismo, não é?

Eu não sou foquista, acho que não se deve improvisar nada. O ser humano, para caminhar, primeiro aprende a gatinhar, depois a ficar em pé, logo dá os primeiros passos e pouco a pouco caminha, até que, finalmente pode competir em corridas de maratonas. Também um movimento revolucionário não se faz da noite para o dia. Daí, os movimentos isolados, não servirem para nada. Eu penso que é povo o que tem que se liberar. E se há um grupo que leva uma ação decidida mais para frente, o primordial é que tenha o apoio do povo.

A guerrilha de Teoponte também serviu para desmascarar a Ovando que queria passar por esquerdista e que, no entanto, mandou liquidar, sem piedade, aqueles jovens, como o havia feito anteriormente com os de Ñancahuazú, não é?

O POVO E O EXÉRCITO

Em 1970, houve outro golpe. E então, as forças aérea naval e o exército queriam formar um triunvirato para governar o país. Mas o povo não aceitou isso. E se declarou uma greve geral. Então, os representantes da Central Operária Boliviana foram ao Alto de La Paz, onde fica a força aérea, apoiar ao general Torres para que ele assumisse o governo. E ele aceitou.

Torres queria fazer algo pelo povo. E fez, apesar de que esteve no poder somente por alguns meses.

Por exemplo, expulsou da Bolívia o Corpo da Paz. Também nacionalizou a mina Maltide.*

Além disso, os operários pediram a Torres a reposição dos salários que Barrientos nos havia tirado em 65 e ele aceitou. Inclusive, parece que ele tinha feito rever os salários que ganhavam os gerentes e pessoal técnico da COMIBOL e Jazidas Petrolíferas Fiscais Bolivianas. Eram milhares e milhares de dólares, milhões e milhões de pesos que chegavam a ser muito mais que o salário do próprio presidente. Então, ele

* Importante complexo mineiro (zinco, prata, chumbo, cádmio (metal de cor branca-azulada) e outros), explorado por Minerals and Chemicals Phillips Corporation, e United Steel Corporation. Em 1972, Banzer renegociou a indenização, favorecendo às transnacionais.

publicou um decreto e todos os salários daquelas pessoas foram rebaixados. E esse dinheiro serviu para repor parte do salário aos operários. Então, esse é um mérito que ele teve.

Ele mesmo veio às minas para dar a notícia da reposição do salário e para dialogar com o povo. Os mineiros quiseram carregá-lo nos ombros, que é a expressão máxima de honra que a classe trabalhadora pode dar a um líder ou a uma pessoa que admira. Mas, o general não quis. E dizia: "Como vou permitir que os trabalhadores me carreguem? Eu é que devo carregar os trabalhadores nos meus ombros".

Ofereceram-lhe um almoço em Catavi. E ele nos mandou, às companheiras do Comitê de Donas de Casa da Siglo XX". O general nos cumprimentou e dava rancor aos militares, por tudo o que me haviam feito sofrer na prisão. Mas, minhas companheiras me obrigaram a ir com outras mais.

E fomos ao banquete. As companheiras haviam preparado um ramalhete de flores com uma rosa vermelha no meio. Ao chegar à gerência, vimos uma fila enorme, damas com ramos de flores, que queriam ver ao general e os militares não deixavam. "Não vão deixar a gente passar! — pensei.Mas, mostramos o convite e nos fizeram entrar.

Ao chegar à mesa, um dirigente nos apresentou: "Aqui estão as representantes do Comitê de Donas de Casa da Século XX". O general nos cumprimentou e nos fez sentar à sua frente.

Então, eu falei para saudá-lo. Disse que lhe dávamos as boas-vindas, que lhe agradecíamos pela reposição dos salários.

— O senhor demonstrou com isso que quer estar conosco – lhe disse –. Mas, é muito provável que, assim como há gente boa, também há gente má no exército. E se agora o senhor é nosso amigo, então prove isso

armando ao povo. Pois, nós já estamos cansadas de ver nossos companheiros morrerem impunemente nas ruas, não por falta de valentia, mas sim porque não têm uma arma para se defenderem. O senhor diz que é amigo do povo, arme-nos então, para que, com o senhor, possamos defender ao povo. Porque o exército é, sempre, o órgão de repressão dos gorilas de turno. E agora se o senhor é nosso amigo, o exército pode estar conosco. Mas, quando o senhor não estiver mais no poder, ou o senhor não seja mais nosso amigo, o exército ficará outra vez contra nós. E para recordar-lhe o que estou dizendo, lhe entrego estas flores que tem no centro uma rosa vermelha, que representa o sangue de nossa gente derramado em todos os massacres que o exército tem feito aqui.

E entreguei-lhe o ramalhete de flores.

Então o general Torrres se levantou e disse:

— Há muita dor nas palavras da companheira. Estamos cientes de que ela sentiu e sofreu bastante. Mas eu quero que acabem para sempre estes massacres entre bolivianos. Nunca mais o exército apontará suas armas contra vocês. O exército não terá mais a mentalidade que teve até agora. Vamos mudar completamente a mentalidade do exército. E vocês vão nos ajudar. Inclusive, queremos que os militares venham viver com vocês, compartir dois ou três meses de suas vidas com vocês, para que vejam sua verdadeira situação e se vocês têm razão ou não.

Mas, esse foi precisamente seu erro, não é? Confiar no exército e não armar ao povo. Nós sabemos que nosso exército é composto de gente astuciosa, treinada pelo Pentágono, com idéias burguesas, com idéias de dominação. E pensar que estas pessoas, educadas assim e às vezes já vendidas, vão mudar de mentalidade, é uma grande ilusão, não é?

Naquele mesmo ano, um grupo de professores da Universidade, veio à Siglo XX para dar-nos umas conferências e passar uns filmes sobre sindicalismo e algo de economia. Entre eles, vieram também jornalistas e uns cineastas que formavam o grupo "Ukhamau". Passaram os filmes Ukhamau e Yawarmallku. Depois fizeram uma mesa redonda para discutir os filmes. Um deles nos contou que os filmes eram feitos da vida real, pois o grupo não tinha se formado com fins comerciais, eram homens de muita consciência revolucionária e que sua missão era colocar-se à serviço do povo. Pediu-nos que colaborássemos com eles, solicitando ao governo que lhes diminuísse os impostos dos filmes que fizessem.

Nós dissemos que colaboraríamos desde que seus filmes não degenerassem. Pois, uma vez que conseguissem o visto e todas as autorizações, eles podiam fazer como outros e degenerar em filmes do tipo puramente comercial, de "nova onda", como dizemos. Eles gostaram da maneira como falamos.

E lhe sugerimos fazer um filme sobre a Siglo XX. Então, o diretor aceitou. E não passou muito tempo, uns cinco meses no máximo, eles voltaram à Siglo XX para filmar. E fizeram o filme que se chama "A coragem do povo". Já havíamos feito um acordo com eles, de estreiar o filme em cinco lugares diferentes no mesmo dia. Mas, veio o golpe de Bánzer e nós nos perdemos de vista. Até o momento, ninguém pode ver este filme na Bolívia. Eu o vi no México e estou de acordo com ele, pois, pelo menos temos documentadas algumas denúncias que é importante fazer. E o único que posso desejar e que este grupo de artistas siga adiante, com o apoio do povo.

Durante o governo de Torres, houve também a Assembléia Popular, que se tornou muito conhecid, inclusive no exterior.

Dizia-se que a Assembléia Popular significava que os trabalhadores estavam no poder. Nela participavam todas as federações afiliadas à Central Operária Boliviana, tais como os fabris, mineiros, construtores, camponeses, universitários. Também participavam os partidos políticos populares.

Eu escutei comentários sobre a Assembléia, mas o Comitê de Donas de Casa não foi convidado a participar. Assim que não estive presente.

Creio que a Assembléia do Povo ajudou a discutir certos problemas, como por exemplo, os mineiros discutiram os seus. Mas, segundo me contaram, havia muita diferença entre os participantes. Também havia gente que queria fazer prevalecer sua ideologia, e era grande a divisão, sobretudo entre os partidos ali presentes.

Ainda que não conheça muito a história da organização da Assembléia Popular, eu penso que se nós estivéssemos no poder, teríamos necessitado um aparato que servisse de proteção àquele poder popular. Temos vários exemplos que provam isso. Vietnã o demonstrou, o tem demonstrado o povo cubano que está armado até os dentes — homens e mulheres — para fazer-se respeitar por aquele "colosso" que está a um passo dele. Já não podemos pecar por ingênuos. Sabemos que o nosso inimigo é muito forte e tem muito poder, não é? Logo ali, temos a amarga experiência do povo chileno. Por isso digo: se um povo está no poder, tem que garantir o poder, não é mesmo?

Ao mesmo tempo, se nós estivéssemos no poder, os ministros e os outros colaboradores do presidente, deviam ter sido operários, camponeses. Mas, não foi assim, pois os ministros de Juan José Torres seguiam sendo da burguesia, talvez, simpatizantes da causa do povo.

Mas, o poder não estava nas nossas mãos. E a prova disso é que Torres caiu. No dia 21 de agosto de 1971, o general Bánzer, com seus militares tomaram o poder.

A FORÇA DOS TRABALHADORES

O general Bánzer não chegou ao poder pela vontade do povo, mas sim, pela força, metralhando as universidades, matando e prendendo a um mundo de pessoas. E uma vez consolidado no poder, começou a tomar medidas atentatórias contra nós: primeiro, a desvalorização da moeda, depois o pacote econômico, depois o fechamento de nossas emissoras mineiras... Assim.

Fecharam os sindicatos, publicando um decreto que diz que não devem existir sindicatos na Bolívia, nem a Federação dos Trabalhadores Mineiros, nem a Central Operária Boliviana, que são os órgãos mais importantes do movimento operário boliviano. Anularam tudo. E pensam que, com isso, poderão fazer o que quiserem na Bolívia.

Mas, na realidade, se esqueceram que os trabalhadores estão unidos e organizados e que a classe trabalhadora é uma frente muito grande, pois participam, não somente os homens, mas também suas mulheres e filhos. Claro que não podemos fazer as coisas assim tão abertamente. O que sim, seguimos adiante, apesar de toda repressão.

Por exemplo, quando saiu o decreto da desvalorização monetária, o dólar que custava 12 pesos bolivianos, da noite para a manhã, subiu para 20 pesos. E por essa medida tão sensível, as lojas e mercados não abriram e não havia o que comprar para as crianças comerem. Ademais, o governo dizia que nos dava um abono de 150 pesos mensais ou de 5 pesos diários, algo assim, mas que era uma miséria em comparação com o que estavam subindo os preços das coisas.

Então, vendo isto, nós do Comitê pedimos, primeiro um aumento da cota no armazém. E no armazém, não nos faziam caso. Então, convoquei as companheiras para uma manifestação. Falei pela rádio e disse que íamos fazer uma manifestação de protesto e que todas as companheiras que não estavam de acordo com esta medida do governo deviam vir à manifestação.

O vice-prefeito de Uncia, para que não fizessem caso ao nosso chamado e para que nos atemorizássemos, foi à rádio e nos insultou.

— Somente as prostitutas, as rameiras, as ociosas, aquelas que não têm nada para fazer, vão participar da manifestação — disse ele.

Ao escutar isso, pensei: — Asseguro que, com o que ele disse, ninguém virá.

Saí da minha casa bastante triste. E na rua encontrei uma vizinha:

— A senhora ouviu a declaração do vice-prefeito ontem à noite?

— Sim — disse-lhe —, creio que desta vez fracassamos.

— Que fracassamos o que! Vamos à manifestação.

E as pessoas vieram com mais entusiasmo e, além disso, com vontade de enforcar aquele camarada que nos havia insultado pela rádio.

Não se falou durante a manifestação. Mas quando chegamos à prefeitura de Llallagua, umas vendedoras

de carne, que vendiam carne na rua, afiavam suas facas e diziam às pessoas, que não iam vender, que não havia carne se não lhes pagassem 50 pesos por quilo. Pois, quando houve a desvalorização monetária, elas foram as primeiras a subir os preços de 9 a 50, 60 pesos o quilo de carne. E então, a vendiam somente para seus fregueses assíduos que lhes pagavam esse preço. Isto é, somente os que tinham muito dinheiro é que podiam comer carne.

Assaltaram o açougue. Vieram os agentes do DIC. Quando chegamos à Praça do Mineiro na Siglo XX, as pessoas já estavam concentradas e já iam cantar o Hino Nacional, como é costume.

Subimos ao balcão do Sindicato, mas os agentes atiraram bombas de gás e dissolveram a manifestação.

— Ai! — disse —. Fracassamos!

Mas, depois de alguns minutos, quando pude ver novamente, as pessoas já estavam ali novamente. E era difícil acalmar ao grupo de manifestantes.

Foi uma boa manifestação, pois conseguimos algo, pelo menos que se pusesse um limite na alta de preços em certos artigos.

Outra importante manifestação que fizemos foi para o aumento de cota por causa do "pacote econômico"*. Tinha subido tanto o preço dos artigos de primeira necessidade, que o dinheiro já não dava para comprar nada.

Nós sabemos que saem cada mês da mina da empresa na Siglo XX, de 300 a 400 toneladas de estanho. É o centro de onde se extrai mais minério. Então, nós achamos que deveríamos ter uma cota correspondente no armazém. Em outras minas recebem mais víveres e,

* Conjunto de medidas econômicas entre as quais se dispunha a elevação de 100% do preço dos artigos de primeira necessidade (pão, arroz, açúcar, óleo, massas).

inclusive, a cota fixada a cada família é de acordo ao número de pessoas que há na família. Mas, com as da Siglo XX, nao é assim. O armazém é igual para todos.

Bom, nós, do Comitê, escrevemos uma carta ao gerente da COMIBOL, dizendo que nós devíamos ser niveladas à cota mais alta que existia na empresa, porque nossos companheiros eram os que extraíam mais minério. E lhe demos um prazo para que nos desse a resposta. Mas não a recebemos. Fomos à gerência e demos 48 horas mais, mas o gerente nem nos respondeu.

Então, reunimos as mulheres. E, bem, como tínhamos aprovado numa assembléia pedir o aumento da cota, em outra assembléia eu lhes disse que o gerente não havia se dignado a me receber, que não queria dar-nos uma resposta porque, segundo ele, não tinha porque falar conosco. E como o gerente não queria me receber, decidimos ir todas pedir a resposta. Resolvemos ir à Catavi e fomos em massa, a pé. Era uma manifetação bem grande.

Quando chegamos à Catavi, o gerente já não estava ali. Havia ido embora. Então pedimos aos dirigentes, aos secretários gerais da empresa e dos sindicatos que estavam em La Paz, que nos comunicassem por rádio com o gerente da COMIBOL de La Paz, para falar diretamente com ele.

Já fazia um mês que não chegava carne à Siglo XX, que é o principal alimento que fazemos para nossos companheiros, para que agüentem o duro trabalho na mina. Queríamos dizer-lhe isso também.

Então a rádio de Catavi entrou em cadeia com La Paz e, através disso, falamos com o gerente da COMIBOL. Fizemos ele ver nossos pontos de vista. E pedimos uma resposta rápida.

O general nos disse que isso era coisa que se devia fazer com calma e por via legal. E começou a querer dis-

simular. Mas, nós não estávamos de acordo e, ao final, nos enfurecemos e lhe dissemos:

— Bom, senhor coronel, se vê que o senhor é um militar que não pode saber que existem problemas nas minas. O senhor pode saber qual a disciplina que se impõe no seu quartel, como se comanda um exército, como se faz marchar. O senhor sabe todas essas coisas, não é? Mas o que significa trabalhar na mina, tirar minério e estar em condições físicas totalmente arruindas, disto o senhor não sabe nada.

E lhe dissemos que ele deveria procurar entender melhor nossa situação e mandar-nos rápido os alimentos para nossos companheiros e nivelar nossas cotas. Mais que tudo, era isso o que pedíamos.

Ele cortou a comunicação. Mas, nós não nos movemos.

Então, nos puseram outra vez em contato com ele. Mas ele nos disse:

— Não há lei que me obrigue a dialogar com mulheres. E não quero falar com as senhoras.

Nós tomamos isso como uma piada e lhe dissemos:

— É lamentável, coronel, que o senhor precise de uma lei para dialogar com sua esposa!...

E nossa conversa ficou um pouco áspera e outra vez a comunicação foi cortada. Eu estava bem nervosa, e como não conheço todos esses graus, todos esses títulos, eu me esquecia o grau que tinha o gerente da COMIBOL e o chamava de general, de coronel, depois de senhor. Os trabalhadores gozavam com essa degradação progressiva.

Ah!... eles queriam também que fôssemos em uma comissão para discutir o problema em La Paz. Então nós dissemos que não tínhamos nem dinheiro e nem tempo para fazer tantas viagens. Então, que eles viessem às minas para discutir conosco.

Os dirigentes falaram com ele pela rádio e então nos disseram que aceitavam estudar a questão e dar-nos uma resposta.

Não conseguimos o aumento da cota que nos igualaria às outras minas; existe ainda essa discriminação. Mas, o que sim, aumentaram a cota. Não foi tudo o que pedíamos, mas foi uma boa parte. Nos aumentaram por mês 30 quilos de carne, 20 quilos de açúcar, 8 quilos de arroz, 80 pães.

No dia seguinte, encontramos um jeito de controlar as que assistiram ou não a manifestação. O que tínhamos pedido era para todas, mas algumas mulheres ficaram tranqüilas em suas casas lavando, passando... e riram da notícia de que íamos fazer uma manifestação.
— Não vão conseguir nada — disseram. E falaram, inclusive, que nós éramos ociosas para perder tempo assim e que elas tinham obrigações para fazer nas suas casas. E nós, todas as que estivemos na manifestaçã, ficamos esperando a resposta positiva até as 10 da noite, apesar de que nos puseram tantos problemas e, inclusive, nos cortassem a comunicação.

Pelo menos umas 4000 mulheres estiveram ali. Éramos bastante. A cabeça da manifestação estava em Catavi, perto da Gerência, e o fim estava ainda no cemitério da Siglo XX. Deve ter uns dois quilômetros de distância. Então, decidimos por fitas nos braços das pessoas que estiveram na manifestação. Pusemos duas fitas: a do Sindicato e a do Comitê. E somente as que tivessem fitas é que foram anotadas para que tivessem o aumento da cota que conseguimos.

Desde 1973 que nós do Comitê estávamos tentando encontrarmo-nos mais com as camponesas. Nós havíamos visto de que não havia ainda a união operário-camponês que é necessária para que sejamos, em conjunto, uma força revolucionária. Além disso, o "Pacto

operário-camponês" foi assinado pelos homens, e as mulheres, praticamente, não participaram disto.

Então fizemos algo, procurando aproximar-nos às camponesas e falar em conjunto, de nossos problemas. Não chegamos à uma organização, pois tudo está bem controlado e é difícil fazer alguma coisa coisa, apesar de que é muito, muito importante.

Se não fosse assim, o atual governo não estaria trabalhando tanto para atrair todas as organizações camponesas e tê-las ao seu lado, para seus propósitos, não é?

Ademais, em algumas oportunidades, o governo reprimiu aos camponeses de uma maneira brutal. Por exemplo, em janeiro de 74, o exército matou centenas de camponeses em Tolata no vale de Cochabamba. Lá, centenas de camponeses tinham fechado as estradas. E por quê? Pelo mesmo motivo de reclamar contra as medidas econômicas do governo e, em especial, o "pacote econômico", que lhes afetava terrivelmente. Então, os camponeses pediam uma solução, pois já não agüentavam mais a alta dos artigos de primeira necessidade. Mas o governo respondeu mandando o exército para reprimi-los. E centenas de camponeses morreram no massacre do vale.

Na Bolívia, os camponeses não têm ainda a força que tem a classe trabalhadora para fazerem ouvir suas vozes. No entanto, têm várias organizações e duas frentes que estão separadas da Confederação Nacional de Camponeses, que é controlada pelo governo. Estas duas frentes são a Federação de Camponeses Independentes e a Federação de Colonizadores.

Os colonizadores são, em grande parte, ex-mineiros que aceitaram ir para as regiões da selva que ficam, principalmente, nos departamentos de Santa Cruz, Pando e Beni. A Federação de Camponeses Independentes reúne a camponeses de cinco províncias.

Foram eles que, em 1970, no Congresso Mineiro da Siglo XX, assinaram conosco o "pacto operário-camponês", em contraposição ao "pacto militar-camponês". Muitos de seus dirigentes foram presos, apanharam, foram deportados em companhia de dirigentes operários, universitários e outros.

Outra coisa que eu quero esclarecer é o seguinte: a classe trabalhadora e os governos da Bolívia ficaram famosos pelas lutas, repressões e massacres que tem havido aqui. Então, uma tática que o governo atual tentou empregar foi a de mudar essa imagem. E, na realidade, pelo menos nos primeiros anos de seu poder, o general Bánzer não tocou nos mineiros da mesma forma como fizeram os governos anteriores. Pelo contrário, tentou ganhar-nos, oferecendo oportunidades.

Por exemplo, os do governo sabem — pois tudo está em suas mãos — que meu esposo ganha apenas uns 1500 pesos mensais, já somados os abonos e subsídios. Ou seja, uns 70 dólares por mês.

Então, me disseram: Senhora, nós a admiramos como fiel defensora da sua classe e nós, os militares, queremos estar ao lado de vocês. E, olhe que sem nenhuma condição, pela admiração que lhe temos e porque consideramos que a senhora deve preparar-se mais, temos pensado em ajudá-la. E me explicaram que podiam dar trabalho ao meu esposo, isto é, que lhe podiam empregar nos armazéns da COMIBOL em La Paz e dar-lhe um salário de 3000 pesos. Isto é, triplicavam o salário do meu marido, não é? Para os meus filhos, iam dar bolsas de estudo, e a mim, também me iam dar uma bolsa de estudo para que eu me formasse, para que eu pudesse me preparar melhor.

Este tipo de manobra, a adotaram com muitos outros companheiros.

Mas, eu recusei tudo. Meu companheiro ficou bastante triste e me disse:

coisa, nunca pensa... Você podia ter tirado-me da mina, que é tão horrível. Além disso, você recebe somente golpes e golpes e lhe dizem de tudo e quase não reconhecem o que você, sinceramente, faz. Por que você não aceitou?

Então eu lhe respondi:

— Não, eu sou conseqüente, eu não faço as coisas para pessoas, nem para ficar bem com ninguém, mas sim porque tenho uma convicção, uma consciência e porque tracei um caminho. E desde pequena isso me ensinou a ser uma coisa real, a estar convencida de algo e ir até o fim sem dobrar-me. Eu estou convencida de que é necessário colaborar para a liberação do povo e que para isso, tem que sofrer. E agora, por que vou me aliar a essa gente que massacraram o nosso povo, que o fazem sangrar pelas ruas e que, inclusive, mataram meu filho? Só porque agora dizem que lhe dão trabalho, eu vou me aliar a eles? Não. Seria trair meus princípios, trair o sangue de nossos antepassados que morreram por tudo isso. Eu não me faço cúmplice deles, ainda que tenha que me arrastar, ainda que tenha que morrer e ainda que minha família tenha que se arrastar e morrer. Não podemos agir como eles querem. Não podemos nos vender.

A pessoa tem que ser íntegra, não é? A gente tem um ideal para alguma coisa, não é? Para melhorar agora minha situação vou estragar para sempre o que tenho feito com o povo? Eu tenho responsabilidades como dirigente. Então, seria imperdoável, impensável colaborar com aqueles que estão contra o povo. Eu não o podia fazer. Se quando eu não tinha um prato de comida, quando meus filhos estavam doentes, eu não aceitei... por que haveria de aceitar agora?... Não!... Às vezes, morre muita gente para que o povo consiga algo não é? Eu não me contento com soluções a curto prazo.

Assim, toda e qualquer solução, de pequenos paliativos, de pequenas reformas, tudo isso não me interessa.

Eu não podia, ademais, aceitar uma situação folgada, saber que eu e meus filhos estávamos felizes "por bondade de nosso governo", enquanto as pessoas passam necessidades. Como verdadeira líder, isso eu não podia fazer.

Comentei tudo isso com meu esposo e ele esteve de acordo que assim fosse.

Tem pessoas que dizem que se eu houvesse aceito trabalhar no Ministério do Interior, eu veria melhor como é que o governo age e então, eu poderia me esforçar para mudar tudo. Mas, eu acho que isso só é possível quando, digamos, os trabalhadores tomam essa decisão, quando esse é o papel que a gente deve exercer.

No meu caso, é diferente. As pessoas conhecem minha posição, muitos confiam em mim e, vendo-me no Ministério do Interior, ficariam decepcionados. Eu represento uma linha; não me corresponde cumprir aquele papel. Isso é para pessoas que não são conhecidas. As pessoas são assim: têm um líder, confiam no líder. E no dia que ele der uma mancada, as pessoas já não confiam mais. E não desconfiariam só de mim, mas também do resto das companheiras do Comitê. "Esta organização, que dizia estar à serviço do povo, nos traiu... Não se deve confiar nas mulheres". Se ainda dissessem: "Não confie nela..." Mas, não, "não confie nas mulheres, não confie no Comitê. Lá estava Domitila, que sofreu tantas coisas e depois traiu. Não vá ao Comitê". É assim, não é?

O ano 74 terminou de uma maneira muito especial. No dia 9 de novembro foi publicado um decreto no qual Bánzer se declarava ditador, anulando todos os partidos políticos, todos os sindicatos, desconhecendo toda instituição gremial e, inclusive, dizendo que só haveria eleições em 1980. Ele anulou toda lei nacional assim, de uma só vez. E, imediatamente a isso, impôs a lei do serviço civil obrigatório para todos os cidadãos.

Assim que saíram os decretos, começaram os protestos dos trabalhadores. Na Siglo XX houve uma manifestação e pararam o trabalho para repudiar aquelas medidas. Em Huanuni fizeram o mesmo e pediram a participação dos companheiros da Siglo XX. E nossos dirigentes foram a Huanuni. Mas, ao voltar, prenderam Coca, dirigente da Federação dos Mineiros, e Bernal, dirigente do Sindicato da Siglo XX. Bernal esteve vários meses preso. E Coca, o exilaram ao Paraguai, a um lugar insalubre, totalmente afastado. E sua família ficou na Siglo XX, na miséria, pois não há quem lhe consiga o pão de cada dia.

Esta é sempre a situação de todos os presos: prendem nossos companheiros sabendo que eles são o único esteio que têm as famílias, e estas ficam na pior e condenadas à miséria. A repressão que o governo boliviano exerce contra os homens afeta a toda a família pelo problema econômico, de saúde, e tudo mais, não é? Desde o momento em que o mineiro é preso, ele já é considerado despedido da empresa e os familiares já não recebem atenção médica, nenhum direito, nada. Ou seja, a repressão não chega somente a ele, mas também a todos seus familiares.

Então, outro importante problema é o dos meninos, não é? Estão acostumados ao papai, à mamãe. Da noite para o dia, desaparece o pai, a mãe. É um terrível sofrimento moral e isso lhes cria, inclusive, traumas especiais que ajudam a formar um caráter insociável, ressentido. A repressão é, então, bastante brutal.

Também em novembro de 74, logo depois dos decretos que anulavam a constituição, o governo escolheu pessoas que lhe servissem. E deu-lhes o nome de "coordenadores de base". Estes coordenadores são in-

termediários entre o patrão e o trabalhador, mas da seguinte maneira:o governo nomeia aquelas pessoas e elas têm que verificar qual trabalhador mais reclama, qual o que discute mais os problemas e então deve denunciá-lo. Este é o papel do coordenador de base.

Logo que foi tomada esta medida, os trabalhadores recusaram energicamente aos coordenadores e disseram que não os aceitariam. E decidiram escolher a seus representantes de base que chamaram de "comissões de base". Na Siglo XX escolheram a quatro representantes. No início, o governo não quis reconhecê-los e não os aceitaram na gerência da COMIBOL mineira. Quando íamos solicitar algo, respondiam que reconheciam aos coordenadores e não a nós. Então, houve uma dura luta até que, finalmente, com a pressão que houve por parte dos trabalhadores, a empresa teve que reconhecer as "comissões de base", escolhidas por nós. Mas a luta segue.

Os trabalhadores têm uma grande força que é sua união. E atualmente, a união dos trabalhadores e a greve são praticamente as únicas armas que a classe trabalhadora possui para responder à repressão. Lógico, primeiro procuramos fazer sempre nossas reclamações através de manifestações, protestos. Se não nos escutam, então recorremos à greve.

Eu sei que em alguns países, esta medida está desgastada. Os operários fazem greve e ninguém lhes faz caso. Mas, na Bolívia, o estanho é basico para a economia do país. E o governo tem assinado convênios com os capitalistas estrangeiros e têm que entregar-lhes uma cota determinada de estanho e de outros minérios. Então, se há greve, nós perdemos, pois não nos pagam o salário destes dias. Mas o governo também perde e muito mais, pois o estanho está sendo esperado por alguma indústria estrangeira e ele tem que responder pelos convênios assinados. Assim que a greve é uma

forma de responder a tanta represália e tanto latrocínio que existe em nosso país.

Claro, o governo tem seus aliados bastante fortes e tem a possibilidade de tomar outras medidas contra os trabalhadores no futuro. Por exemplo, como não temos economias, pode ser que nos submeta pela fome. Não sei, realmente, até quando vamos poder seguir assim como estamos. Mas, no momento, estas são as armas que os trabalhadores têm: sua união e a greve.

"QUEM DOS SENHORES PODE ME RESPONDER?"

Os trabalhadores mineiros têm três emissoras: "A Voz do Mineiro" da Siglo XX, a "21 de Dezembro" de Catavi e a rádio "Llallagua" desse mesmo lugar. Nós as adquirimos com nossos esforços e sacrifícios e nós as mantemos. Os locutores são nossos e falam uma linguagem bem nossa e nos informam de toda situação que o país vive. É a maneira que temos de informar-nos e comunicar-nos.

Por isso, cuidamos delas com muita atenção. São bens da classe trabalhadora. E são muito importantes para saber no que nos atermos cada vez que acontece algo. Também nos distraem e nos educam.

Por isso, cada vez que tem um problema, sempre procuramos defendê-las para que não se corte a comunicação entre nós. E sempre que o exército entra nas minas, o primeiro que ataca são as rádios e nós lutamos até que elas sejam devolvidas.

Há, também, a "Rádio Pio XII" que é dos padres oblatos. No princípio, como estava nas mãos de pessoas que tinham uma "missão especial" e que eram os padres que tinham uma formação especial, a Pio XII não cumpriu com seu papel. Como o Papa Pio XII ainda vivia e o Vaticano havia dado ordens de combater ao

comunismo no mundo todo, então os sacerdotes que vieram, faziam uma luta aberta contra o comunismo. E como no Siglo XX tínhamos dirigentes que declaravam abertamente que eram comunistas, então era uma luta constante contra os dirigentes, contra os sindicatos.

Agora, faz alguns anos, está tudo diferente e a rádio Pio XII trabalha bastante a nosso favor. E se antes, não molestavam aos sacerdotes, agora, lhes batem igual a nós, os prendem e os expulsam do país.

Até 74, nós conhecíamos o rádio, mas nunca tínhamos televisão; muitos nem sabiam o que era uma televisão.

Acontece que "por obra e graça" do governo de Bánzer, aparecem 5000 televisores na Siglo XX nesse ano. Distribuíram em cada casa, como pão quente. Fizeram sorteios, entregaram os aparelhos com facilidades, isto é, a empresa COMIBOL os compra e desconta do salário mensal do operário, até pagar completamente. Assim.

Mas, acontece que a televisão boliviana tem canais que passam somente programas controlados pelo governo, fazendo ver que o governo atual "é muito bom" e levando programas de muita penetração estrangeira, de forte penetração do imperialismo.

Bom, um dia, meu filho foi à casa da vizinha e viu um programa onde mostraram um mundo maravilhoso, onde havia ratos que falavam, um parque lindo e tudo. Era o mundo da Disneylândia. E meu filhinho volta para casa todo triste e diz:

— Mamãe, eu vou me comportar direitinho. A senhora me deixa ir à Disneylândia? Eu quero brincar com o ursinho, com o ratinho. A senhora me leva, não é? Eu quero também aquele trenzinho.

E assim, durante uma semana, meu filho não queria brincar com seus brinquedos, suas latas de

sardinha ou de leite. Não queria ir à rua, queria ir à Disneylândia. E sonhava com a Disneylândia.

— Eu quero ir ao parque infantil — me dizia ele — quero as bolas.

E seguia: quero isso, quero aquilo... E, bom, aquilo me aborrecia, e eu lhe dizia:

— Você não vai mais ver televisão. Aqui na mina não tem nada disso.

Dois ou três dias depois, encontro com minhas companheiras no armazém.

— A senhora viu a televisão?

— Não, não tenho televisão.

— Ai!... Ontem à noite mostraram um desfile de modas... Que bonito!... Que bonito!... E pensar que nós trabalhamos desde as 4 da manhã lavando, passando, cozinhando, cuidando dos filhos, vindo ao armazém... nunca, nunca poderemos ter um vestido, um penteado daqueles, uma jóia daquelas que se vê na televisão... Também pudera, casada com um mineiro!

Imagine só!... Pensei: esta televisão está fazendo mal ao meu povo! Nossos filhos já não querem brincar com seus brinquedinhos. As mulheres já começam a se lamentar de sua situação. Mas... Não é por esse lado que devem se lamentar!... A televisão está causando um É um mal

O que faz a televisão em favor da classe trabalhadora? O governo passa o programa que quer. Além disso, no momento que quer, ele usa a televisão para insultar-nos e chamar-nos de agitadores, diz que os trabalhadores da Siglo XX são uns extremistas, etc e tal. Ele nos faz "trapos" pela televisão. E nós não podemos responder pois não temos uma televisão do povo.

O que temos, são nossas rádios. E justamente para que não respondêssemos ao que nos disse o governo, numa manhã de janeiro de 75, veio o exército e destruiu

nossas emissoras. As Fizeram-nas em pedaços. Pedaços. Só de ver, dava raiva. Não deixaram um prego no lugar.

E levaram tudo: rádios, aparelhos, música folclórica, música antiga, música moderna, gravações que tínhamos de nossos dirigentes... levaram tudo.

Prenderam, também, muita gente: trabalhadores da rádio, dirigentes operários e outros mais.

Bem, o exército fez tudo isso naquela manhã e pensou que nós, porque não tínhamos organização sindical reconhecida oficialmente e porque nosso dirigente sindical estava preso, íamos ficar calados, não íamos dizer nada.

Mas, o que aconteceu? Os trabalhadores, "como se fossem um só homem" se levantaram e disseram: "Enquanto não nos devolverem as rádios, não voltamos a trabalhar". E se declararam em greve.

E como não havia resposta alguma do governo, a greve foi declarada indefinida. E entre os cinco sindicatos mais fortes da região, se formou um só comitê de greve.

Tentaram quebrar a união por todas as maneiras. Por exemplo, o sindicato "20 de Outubro", que é dos locatários, há um ano solicitava ampliação de lugar, outras partes de trabalho, pois o lugar onde estavam atualmente, já não tinha mais minério, tinha se esgotado.

A ampliação consiste que a empresa lhes indique outros lugares onde há minérios para que trabalhem. E a empresa resistia a isso. Mas, quando todos os sindicatos começaram a greve, mandaram um emissário buscar aos companheiros da "20 de Outubro" e dizer-lhes que o governo lhes daria a ampliação de trabalho para um ano mais, mas desde que eles rompessem a greve. Então, os companheiros vacilaram um pouco. E Diziam: "... faz tempo que estamos buscando esta solução... é melhor voltar a trabalhar, não é?

Mas, foi difícil romper o critério revolucionário e a união que tem a classe trabalhadora. E, se no princípio pedíamos que nos devolvessem as emissoras e libertassem aos presos políticos, o pedido foi aumentado: "ampliação do lugar para os trabalhadores da "20 de Outubro" com apoio dos cinco sindicatos e prosseguindo a greve". Isso foi muito bom.

Também tentaram comprar pessoas oferecendo mais salários e bolsas de estudo e outras coisas. E conseguiram organizar umas cem pessoas que começaram a trabalhar. Mas então, seus nomes eram escritos num quadro negro, onde se dizia: "o trabalhador fulano de tal é traidor da sua classe, pois está se prestando a uma manobra". E os trabalhadores, furiosos, os procuravam. E eles desistiam do trabalho pois não queriam ficar desacreditados, não é? São poucos os que estão vendidos ao governo, que têm "cartas brancas" para agir como queiram.

Frente à firmeza dos trabalhadores, o governo disse: "Muito bem. Que morram de fome, então".

E o exército nos cercou. Não nos deixavam sair e nem entrar. A ninguém. E pensavam terminar assim com a coisa, cercando-nos. Não deixavam entrar verdura, nem outros alimentos. Nada. Também não permitiam qualquer tipo de comunicação. Eles tinham as rádios.

Mas, — e por isso digo que é importante a participação da juventude — um jovem a quem tinham matado seu pai num massacre, veio dizer-me o seguinte:

— Senhora, eu estudei bem a situação. Os soldados estão a cada cinco metros um do outro, mas dormem a certa hora da noite. Eu vi. Eu poderia sair, talvez por ali, enquanto eles dormem. Eu poderia arrastar-me e sair.

— Não faça besteiras — disse-lhe —. Não tem jeito.

Ele não me respondeu, mas depois eu soube que havia saído com outros três rapazes. Entraram em contato com os outros lugares e disseram: "Está acontecendo isso na Siglo XX: estamos rodeados..."

Então, a opinião pública do resto do país ficou sabendo o que acontecia. E começamos receber apoio dos universitários, dos fabris, das outras minas. E a greve já estava se tornando nacional.

Então, o governo, que estava declarando que ainda que lhe pusessem a corda no pescoço não nos devolveria as emissoras, teve que mandar, imediatamente, uma comissão para um "diálogo, pois de alguma maneira é preciso arrumar a situação".

E veio a comissão. Os agentes do DIC haviam dito-lhes que tinha só uns cinqüenta agitadores naquilo. Então, a comissão quis falar só com esses cinqüenta.

Os trabalhadores disseram muito claramente o que pensavam. Um deles lhes disse:

— Vocês calaram nossas emissoras, que são muito importante para nós. Vocês querem nos fazer retroceder séculos para trás, quando não se conhecia o rádio, nem nada. Vocês querem manter-nos na ignorância.

Então, um da comissão respondeu-lhes: Olhe — companheiro. Vocês tem televisores. Nós lhe demos aparelhos mais modernos! Logo teremos vários canais na Bolívia e vocês poderão escolher o programa que quiserem. Com o tempo, rádio, toca-discos, vão desaparecer pois estão aparecendo novas invenções. E é importante que vocês compreendam que os televisores chegaram para vocês se modernizarem.

E com isso queriam que nós nos conformássemos, não é? Disseram ainda:

— Vocês hão de convir que exageram as coisas. Aqui há psicose anti-militarista. É certo que no passado o exército teve que tomar algumas medidas drásticas contra a classe trabalhadora. Mas agora nós queremos dialogar, queremos debater, queremos levar o país para frente.

E com sua doutrina ele nos tirou dali. Também nos pintaram um quadro como se nós fôssemos os únicos culpados pelo fechamento das emissoras, por nos atrevermos a dizer que nós não estávamos de acordo com as medidas de entreguismo adotadas pelo governo de Bánzer, especialmente com a entrega do petróleo e do ferro da Mutún ao Brasil.

O Comitê de Donas de Casa também participou nessa assembléia. Eu tinha observações concretas para fazer. E então, resolvi tomar a palavra.

— Se me deixam falar... — disse.

— Sim, está bem. No momento em que estamos, talvéz as idéias das mulheres possam esclarecer algo... — disse um, rindo-se bastante.

Como de costume, eles haviam escrito uns números dizendo que o país estava mal, que não entra nada e que temos muito gasto e que, se não pagamos isto, o país vai à bancarrota, e que se seguimos fazendo greves acontecerá isto e aquilo, e que com esta greve já perdemos muito... etc. e tal.

Então eu disse:

— Eu venho representando o Comitê de Donas de Casa do Siglo XX, onde estão agrupados a maioria das esposas dos trabalhadores.

Nós, igual que os trabalhadores, repudiamos este atentado contra a cultura que vocês cometeram contra nosso povo. Pois, os senhores destruíram quatro de nossas emissoras. Atropelando tudo, como delinqüentes, os senhores entraram aqui e destruíram tudo o que era nosso. Nós não estamos de acordo com este atropelo.

Repudiamos e exigimos que nos devolvam imediatamente o que é nosso e nos custou tanto.

Agora, vou começar pelo que os senhores disseram. Por exemplo, aqui nesse livro e nos números que vocês escreveram no quadro negro, os senhores dizem que o governo de Bánzer está caminhando maravilhosamente e que nós é que prejudicamos. Nós não vivemos de números; de início, senhor, nós lhe dizemos que não vivemos de números. Nós vivemos da realidade.

Eu gostaria que os senhores, que viram tudo de bom nesse governo, por favor me ajudem a compreender qual das medidas que o governo adotou é boa para nós.

Em primeiro lugar, o general Bánzer governa um país onde ninguém o elegeu. Assumiu o poder pela força das armas, matou muitas pessoas e entre elas nossos filhos e nossos companheiros. Metralhou a universidade, reprimiu e segue reprimindo. Está entregando nossas riquezas, principalmente ao Brasil.

Agora eu lhe pergunto: qual foi a medida em favor da classe trabalhadora? Primeiro, foi a desvalorização da moeda. Depois, o "pacote econômico". Intervenção na universidade. Terminou o ano escolar. Massacrou camponeses em Tolata. Dissolveu os sindicatos e os partidos políticos. E agora invade as sedes sindicais para calar as emissoras. Tudo isso aconteceu, não é?

Eu gostaria então que os senhores me respondessem, por favor, qual destas medidas tomadas pelo governo é em favor da classe trabalhadora. Qual dos senhores pode me responder?

Todos se calaram.

Agora, indo um pouco mais adiante, os senhores disseram que nós temos uma psicose anti-militarista, uma enfermidade contra os militares. Isso também é falso. Os senhores não sabem apreciar em toda medida o que o povo vale e o que o povo sabe.

Eu vou lhes dar simplesmente um exemplo para mostrar que a teoria dos senhores é falsa: um governo militar, do tipo fascista, tirou o salário da classe trabalhadora: esse foi Barrientos. Outro governo, também militar nos devolveu aquele salário: esse foi Juan José Torres. E por esse governo, nossos esposos estavam dispostos a dar a vida. E o demonstraram. Cada vez que havia ameaça de golpe de Estado contra Torres, aos mineiros não lhes importava deixar suas esposas, seus filhos, e em massa iam em caminhões à La Paz. Não tinham armas. Mas, se tinham uma faca, eles iam com uma faca; se tinham um machado, iam com esse machado; se tinham dinamite, com essa dinamite se transladavam à La Paz para defender o governo do general Torres, que também era militar, não é? Então, os senhores vêem que os trabalhadores demonstraram que não têm essa enfermidade anti-militarista. Por uma coisa que Torres tinha feito em favor da classe trabalhadora, os mineiros estavam dispostos a dar suas vidas por ele. Temos que ser justos com o povo.

Agora os senhores distribuíram 5000 televisores. Nós não estamos contra o progresso. Queremos, sim, o progresso para nosso país. Mas, o que acontece com a televisão? De que nos serve nesse momento? A televisão é manejada pelo Estado. E o governo nos faz em pedaços pela televisão. Diz dos mineiros: "estes loucos, estes vadios, estes vermelhos", etc. e tal. E nós não temos um canal de televisão para lhe responder. Tínhamos somente nossas rádios. E, para acabar com essa última voz, as fizeram em pedaços.

Agora, olhem: o que aconteceu com os que receberam sua televisão? No que a televisão os ajuda? Nossas rádios, ainda que numa linguagem rude, selvagem, como dizem os senhores — falavam de nós, de nossos problemas, da nossa situação. Mas, essa televisão que nos dão, onde falam e mostram mundos que

não são nossos, de mundos que nunca vamos ter... para que serve? Para tornar-nos mais desgraçados e infelizes.

Claro, é bonito ter televisão, ver outros países e tudo mais. Mas... que desgraça, que desgraça ver que outros países que não produzem estanho e com ele estão se enriquecendo, têm mundos fantasiosos para seus filhos e nós não temos nada! Que doloroso é ver que nossos companheiros estão botando seus pulmões nas minas somente para dar riquezas ao estrangeiro! E que doloroso é para nós, as mulheres, que temos que ser cozinheira, lavadeira, cuidar dos filhos e tudo, sem jamais poder ter o conforto daqueles que a televisão nos mostra. Por um acaso, não somos mulheres como essas que vemos? Por um acaso, não trabalhamos mais do que elas? E elas podem ter e luzir tudo, enquanto nós nos afogamos na miséria.

Então, o que acontece com a televisão? A nós, em vez de servir de educação, de distração, serve para fazer-nos mais desgraçadas. Sim, na televisão que os senhores trouxeram vemos isso e percebemos isso. Não é que estamos contra a civilização. Seria bonito ter um canal de televisão para nós, que estivesse em nossas mãos. Nesse caso sim, seria lindo. Sim, gostaríamos de ter um canal de televisão, mas que fale de nossa situação, de nossos problemas, que nos eduque. Que bonito seria que os trabalhadores mineiros, em vez de nossas rádios, tivéssemos um canal de televisão que transmitisse por todo país a realidade mineira. Então, todo mundo saberia quem somos, pois muita gente do país não nos compreende porque não nos conhece. Tem muito boliviano que diz: "o que você sabe do "khoya louco"? Não sabe que masca coca, que está drogado, que não há porque apoiá-lo? Mas, para nós ele não é o "khoyalouco", ele não é o homem que não sabe, pelo

contrário, ele é o homem que está sustentando a economia do país.

Eu lhes disse tudo isso. E pedi que me respondessem. Mas nenhum quis fazê-lo.

E o único que disseram foi que nós éramos agitadores e que eles queriam falar com as massas.

Na parte da tarde, eles se encontraram com as massas. Mas, foi uma coisa terrível! Os trabalhadores os trataram duramente. Fizeram eles compreender que, antes de qualquer coisa, eles queriam suas emissoras. E que os do governo eram uns selvagens que destruíram tudo, de maneira bestial.

Eles selevantarame se foram. Estavam assustados. E no primeiro de maio devolveram nossas emissoras. Mas, a Pio XII continuou silenciada por vários meses mais. E seguiram distribuindo televisores nas minas.

"UM LAMENTÁVEL ACIDENTE!..."

Na Bolívia, todos os rapazes são obrigados a fazer o serviço militar aos 18 anos; alguns o fazem aos 17. E por quê? Porque, se não têm o certificado militar não lhes dão trabalho. E se não vão servir, eles o fazem sofrer, eles o fazem padecer, até os matam.

E quando eles vão fazer o serviço militar, os pais não podem fazer nada por eles. E no exército os obrigam, às vezes, a matar gente do seu próprio povo. Isto já aconteceu mais de uma vez na Bolívia. Por exemplo: no massacre de São João, em 67, mais de dez jovens foram mortos porque não quiseram disparar. E não quiseram disparar porque tinham aqui na Siglo XX sua família, seus pais, seus irmãos, seus parentes. E os comandantes lhes disseram: "Vamos ver! Quem é da Siglo XX, Catavi! Adiante!" E como eles não queriam disparar, ali mesmo os mataram. Mas, como eles iam disparar contra suas famílias, numa situação tão terrível como era um massacre injusto?

Em maio de 75 aconteceu uma coisa que até agora não compreendemos. Foi a matança de uns soldados.

Perto da Siglo XX, em Uncia, tem um balneário, onde aos sábados e domingos nós íamos com os me-

ninos passar um momento agradável, passar o dia tomando banho. Agora, nem isso temos, pois os militares se apropriaram desse lugar. Agora aí fica o quartel do exército. Os militares vêm à noite às cantinas da Siglo XX — Catavi, Llallagua e se alguém os contradiz em alguma coisa, o agarram e lhe dão uma surra. Vêm quando há qualquer coisa e, caminham com toda prepotência, empurrando as pessoas, à cotoveladas, bem armados com duas pistolas, como cowboy. E se julgam ser muita coisa.

A informação que temos é que em maio de 75 chegou ao quartel um contigente de soldados novos. Eles tinham se apresentado em La Paz e uns trinta ou quarenta vieram para Uncia. Tinham sido indicados para lá.

Dizem que quando chegaram, os submeteram a um "chocolate"* que durou seis horas, antes de que lhes dessem os uniformes, quando lhes cortaram o cabelo. E, em seguida, os jogaram na piscina e ali, sofrendo "câimbra coletiva", os pobres se afogaram. O major Adolfo, que ali trabalhava, nos disse: "esses índios... não sabem nem nadar... os idiotas se assustaram e se afogaram".

Imagine! como podia ser "câimbra coletiva"?... Como se uma corrente elétrica tivesse matado a todos? Isso não é possível pois a piscina é rasa e a gente pode ficar em pé, é possível salvar-se. O certo é que nove soldadinhos morreram no balneário de Uncia.

Então, o Sindicato nos chamou e nos disse:

— Vamos ver isso, senhoras, averiguem se realmente aqueles rapazes morreram afogados.

Nós fomos ao quartel de Uncia e pedimos audiência. E o coronel Ramallo nos disse:

*Castigo militar: trote de mais de três horas seguidas.

— Que desgraça, senhoras. Entrem senhoras. Vejam que desgraça aconteceu. Um lamentável acidente!... Eles tiveram câimbra coletiva. Eles são índios, não podem nadar, não sabem banhar-se e, bom, se assustaram e morreram ali, estupidamente. Isso agora vai nos criar problemas, os extremistas vão explorar esse assunto.

Nós, fazendo de conta que queríamos acreditar um pouco nisso, lhe dissemos:

— Talvez isso tenha acontecido mesmo... Não podíamos ver os cadáveres?

— Que lamentável, senhoras! — disse o coronel —. Acabamos de mandá-los ao hospital de Catavi para que lhes façam a autópsia, para que não façam comentários precipitados.

— Bom, então vamos para lá — dissemos —. E fomos imediatamente para Catavi e perguntamos aos médicos se os corpos estavam ali.

— Não, não trouxeram nenhum morto aqui. Há um ferido que faz três dias que está aqui. Está ferido de bala, mas é um chefão, lhe deram sangue e está custodiado pelos militares. Mas mortos afogados não há — nos disseram.

Imediatamente voltamos à Siglo XX e informamos ao secretário geral do Sindicato. O dirigente foi ao hospital de Catavi e pediu que três médicos o acompanhassem até ao quartel daUncia para fazer a autópsia. Mas, o chefe do hospital lhe disse:

— Sinto muito, companheiro. Recebemos este memorando da Empresa Mineira Catavi, que diz que nós não devemos nos meter no problema da autópsia. Os senhores devem ir à Llallagua e levar o médico de lá.

Mas o médico de lá, por sua vez, disse:

— E quem garante minha segurança pessoal? Eu não posso ir fazer a autópsia.

Então, já estávamos certos de que havia acontecido alguma coisa e que devia ser esclarecida.

O secretário geral do Sindicato decidiu escrever a La Paz, pedindo o envio de uma comissão especial da Faculdade de Medicina, da Comissão de Justiça e Paz e da imprensa, para averiguar.

Já passavam três dias que sabíamos do assunto. Os militares já haviam enterrado os cadáveres. Quando souberam que vinha essa comissão de La Paz, quiseram desenterrar os cadáveres do cemitério de Uncia e desaparecer com eles. Era umas onze da noite e uns vinte soldados, bem armados, estavam pondo os cadáveres em dois caminhões. Tinham posto quatro num e cinco no outro.

Mas, a população estava atenta. Viram que havia luz no cemitério. Foram passando a notícia. E umas mulheres foram rodear os soldados. Mas, elas fizeram aquilo de uma maneira tão surpreendente que os soldados não tiveram tempo para nada. Não puderam nem disparar.

Então os soldados começaram a repreender as senhoras, a perguntar o que elas estavam fazendo, porque elas estavam perturbando aos mortos... coisas assim, não?

O caminhão onde estavam quatro caixões, partiu imediatamente. Mas o outro, onde havia cinco, não pode partir porque o chofer não estava na cabina. Então, enquanto um grupo de senhoras discutia com os soldados e os repreendia, outro grupo estava descarregando os cadáveres. As companheiras estenderam suas mantas e sobre elas puseram os caixões. E levaram os cadáveres para a igreja de Uncia.

Imediatamente, outra companheira nos telefonou da cabina que fica na entrada da mina e disse:

— Pedimos ajuda aos companheiros da Siglo XX. Os soldados estão levando os cadáveres e resgatamos os caixões. Por favor, venham.

Os mineiros se mobilizaram e foram à igreja. Ali ficaram com outras pessoas do povoado, fazendo guarda a noite toda. E todos puderam ver que quando apertávamos a barriga dos soldados, não saía água, mas sim sangue pela boca e pelo nariz. Tinham o estômago totalmente arroxeado. Havia algumas fraturas no crâneo e no osso externo. Podia-se ver que eles tinham sido maltratados, não era problema de afogamento.

Além disso, eles estavam quase nus, com roupas bem miseráveis. Então o Sindicato comprou umas roupas para esses jovens. Entregaram-me a roupa e nos deram a missão de ir à Uncia vestir aos companheiros pois a pobreza de suas roupas chegava a tal ponto que tinham a calça totalmente rasgada e a camisa também. Inclusive pudemos ver que um desses jovens tinha uma cueca totalmente suja e velha na cabeça, como uma burla.

Apesar disto, o exército fez uma declaração pelo rádio de que eles tinham enterrados com todas as honras militares. Então, pudemos ver no que consistiam as "honras militares" para o filho de um operário, de um camponês.

Tudo aquilo deixou a população indignada.

Agora, o que a pátria ganhou com a morte desses soldados em Uncia? Por que os mataram? Até agora é uma incógnita para nós. Mas, nós vimos esses jovens sangrando pela boca.

E quanta coisa não vemos!... O que não estará acontecendo no resto do país? A rádio, a imprensa, a televisão, tudo está controlado pelo governo e as notícias não nos chegam de forma correta. Mas, sabemos que atualmente, também no exército boliviano há divisão, tem gente consciente que anda criticando o

uma ou de outra maneira. E, a esses, os fazem desaparecer clandestinamente, os deportam a algum lugar, lhes dão baixa. Freqüentemente se sabe de baixas dadas a militares, de prisões, de que foram deportados. Assim.

NA TRIBUNA DO ANO INTERNACIONAL DA MULHER

Em 74, uma cineasta brasileira veio à Bolívia, em missão das Nações Unidas. Ela estava percorrendo a América Latina, procurando líderes femininas, vendo opiniões das mulheres sobre sua condição, em que medida e como elas participavam na promoção da mulher.

Na Bolívia, lhe chamou a atenção a "frente de donas de casa", da qual havia escutado falar no exterior e também havia visto as mulheres da Siglo XX do no filme "A coragem do povo". Então, solicitando autorização ao governo, entrou nas minas. E veio visitar-ME: Gostou do que falei e disse-me que era necessário que eu dissesse ao mundo tudo o que eu sabia. Perguntou-me se eu podia viajar. Eu lhe disse que não, que não tinha dinheiro nem para visitar meu próprio país.

Então ela me perguntou se eu aceitaria participar no congresso da mulher que ia se realizar no México, caso ela me conseguisse o dinheiro. Só aí é que eu soube que havia um "Ano Internacional da Mulher".

Ainda que eu não acreditasse muito, disse-lhe que sim, que então podia. Mas, eu pensei que fosse uma promessa como tantas outras e não fiz caso.

Quando recebi o telegrama de que estava convidada pelas Nações Unidas, fiquei um tanto surpresa e desconcertada. Convoquei o Comitê para uma reunião e todas aprovaram minha viagem, com outra companheira mais. Mas, a falta de dinheiro não permitiu que fôssemos duas. No dia seguinte, me apresentei numa reunião do Sindicato e delegados de base e lhes dei meu informe; todos aprovaram que eu participasse nesse evento e inclusive me ajudaram economicamente para que começasse a tramitação de papéis.

Então, fui com outras companheiras à La Paz e ali averigüamos tudo, procuramos garantia e fiquei sozinha para preparar os papéis. Passei vários dias nisso. Já estava desistindo da viagem pois não queriam darme o visto.

Acontece que uns dirigentes da Siglo XX chegaram à La Paz e se surpreenderam de que eu não tivesse saído. Então, estiveram comigo na secretaria do Ministério do Interior. E perguntaram:

— O que está acontecendo com a companheira? Por que ela já não está no México? A inauguração do Ano Internacional da Mulher é hoje. O que está acontecendo aqui? É ou não é o Ano Internacional da Mulher? Nossas esposas têm o direito de participar nesta Conferência ou podem ir somente as esposas dos senhores?

E me disseram:

— Bem, companheira, já que não a querem deixar ir, vamos embora. Apesar de que a senhora foi convidada pelas Nações Unidas, eles não querem deixá-la ir. Então vamos fazer nossa queixa às Nações Unidas. E não só isto, vamos fazer uma greve também. Vamos companheira.

Já estavam por tirar-me do Ministério, quando as pessoas dali reagiram:

— Mas... devíamos ter começado por aí! Um momento, um momento, não é preciso ficarem assim tão bravos. Se a senhora tem um convite das Nações Unidas, é por aí que devíamos ter começado. Onde está o convite?

O convite!... Durante todos aqueles dias, a todo momento, perdiam a cópia que eu lhes entregava. E como meus companheiros mineiros tinham experiência, avisaram-me para tirar várias cópias. Então, claro, se perdia uma, eu tirava outra e outra. E foi assim. Bem, a original estava com os dirigentes, pois se acabavam as primeiras cópias, podiam tirar outras.

Entreguei-lhes outra cópia; depois de uma hora mais ou menos, entregaram meus documentos. Tudo bem, tudo pronto. O avião partia no dia seguinte às 9 da manhã.

Quando eu estava para tomar o avião, se aproximou uma senhorita do Ministério do Interior. Eu já a havia visto várias vezes, com seus papéis. Aproximou-se e disse:

— Ai, senhora! Então conseguiu o visto? Quanto me alegro. A senhora merece. Quanto a felicito! Gostaria de ser seus sapatos para conhecer o México! Felicito-a.

Mas depois, bem misteriosa, seguiu falando:

— Ai, senhora, para poder regressar ao país, depende muito do que a senhora fale por lá. Então, não fale qualquer coisa... tem que pensar bem. Mais que tudo, pense em seus filhos que está deixando aqui. Estou dando-lhe um conselho... Faça boa viagem.

Eu pensava na minha responsabilidade de mãe e de dirigente e então meu papel no México me parecia muito difícil ao recordar o que me havia dito aquela senhorita. Como dizemos vulgarmente, eu me sentia entre a cruz e a espada. Mas eu estava decidida levar a

cabo a missão que me haviam confiado os companheiros e companheiras.

De La Paz viajamos à Lima, Bogotá, e por fim, México.

Na viagem pensava... pensava que nunca havia pensado viajar de avião e nem a um país tão longe como México. Nunca, pois éramos tão pobres que às vezes não tínhamos o que comer e nem nosso país podíamos conhecer. Pensava como gostaria de conhecer minha pátria de canto a canto... e agora estava indo tão lônge. Isso me dava, ao mesmo tempo, uma emoção agradável e de pena. Como eu gostaria que minhas companheiras e meus companheiros tivessem essa oportunidade!

No avião, todo mundo falava outros idiomas, falavam, riam, bebiam, jogavam. Eu não podia falar com ninguém. Era como se não estivèsse ali. Quando mudamos de avião em Bogotá, encontrei uma uruguaia que também ia ao México para participar na Tribuna e então tive alguém com quem falar.

Ao chegar ao México, me impressionou que havia muitas jovens que falavam todos os idiomas e estavam recebendo os que chegavam. E perguntavam quem estava vindo à Conferência do Ano Internacional da Mulher. Facilitaram-nos tudo na alfândega. Depois, fui para um hotel que me indicaram.

Eu tinha lido nos jornais da Bolívia que para o Ano Internacional da Mulher, haveria dois lugares: um, que era a "Conferência" para as representantes oficiais dos governos de todos os países. Outro que era a "Tribuna", para as representantes dos organismos não governamentais.

O governo boliviano mandou suas representantes para a Conferência. E elas viajaram fazendo festas, dizendo que na Bolívia, como em nenhum outro lugar, a mulher havia alcançado a igualdade com o homem. E

foram à Conferência para dizer isso. Eu fui a única boliviana convidada para a Tribuna. Lá, encontrei outras companheiras bolivianas, mas que estavam radicadas no México.

Então, eu estava com a idéia de que haveriam dois grupos: um, a nível governamental, onde estariam essas senhoras da classe alta; e o outro, a nível não governamental, onde estaria gente como eu, com problemas similares, gente assim, humilde. Tudo era uma ilusão para mim. Caramba! — eu dizia a mim mesma — vou encontrar com camponesas e operárias do mundo todo. Todas seriam como nós, gente oprimida e perseguida.

Eu pensava isso, pois era o que dizia o jornal, não é?

No hotel, fiquei amiga de uma equatoriana e fui com ela para o local da Tribuna. Mas, só pude ir na segunda-feira. As seções tinham começado na sexta-feira.

Entramos num salão bem grande, onde havia umas quatrocentas ou quinhentas mulheres. A equatoriana me disse:

— Venha, venha companheira. Aqui é onde tratam os problemas mais candentes da mulher. Então, é aqui onde devemos fazer escutar nossa voz.

Já não havia lugar. Então, nos sentamos nas grades. Estávamos bem entusiasmadas. Já havíamos perdido um dia da Tribuna e queríamos recuperar, pondo-nos a par dos acontecimentos: ver o que pensam tantas mulheres, que dizem do Ano Internacional da Mulher, quais os problemas que mais discutiam.

Era minha primeira experiência e eu imaginava escutar um certo número de coisas que me haviam feito progredir na vida, na luta, no meu trabalho, não é?

Bem, nesse momento se aproximou do microfone uma gringa com sua cabeleira bem loira e com umas

coisas assim pelo pescoço, as mãos nos bolsos, e disse à assembléia:

— Pedi o microfone para, simplesmente, dizer-lhes minha experiência. À nós, os homens devem dar mil e uma medalhas pois nós, as prostitutas, temos a coragem de deitar com tantos homens.

— Bravo!... muitas gritaram. E palmas.

Bem, saímos dali porque centenas de prostitutas estavam ali reunidas para tratar de seus problemas. E fomos para outro local. Estavam as lésbicas. E ali, a discussão era "que elas se sentem felizes e orgulhosas de amar a outra mulher... que devem lutar pelos seus direitos..." Assim.

Esses não eram meus interesses. E para mim era uma coisa incompreensível que se gastava tanto dinheiro para discutir essas coisas na Tribuna. Pois, eu havia deixado a meu companheiro com sete filhos e ele tendo que trabalhar todos os dias na mina. Tinha saído do meu país para dar a conhecer minha pátria, o que sofre, que na Bolívia não se cumpre com a carta magna das Nações Unidas. Eu queria dar a conhecer tudo isto e escutar o que me diziam de outros países explorados e os grupos que já tinham se liberado. E encontrar aqueles tipos de problemas?...Eu me sentia perdida. Em outros salões, algumas se levantavam e diziam: "o homem é o verdugo...o homem é o que cria guerras, o homem é o que cria armas nucleares, o homem é o que bate na mulher... e então, qual é a luta para conseguir a igualdade de direitos para a mulher? Primeiro, fazer a guerra ao homem. Se o homem tem dez mulheres amantes, que a mulher tenha também dez homens amantes, pois. Se o homem gasta todo seu dinheiro no bar farreando, a mulher tem que fazer a mesma coisa. E quando tenhamos chegado a este nível, então, de braços dados, homem e mulher que se ponham a lutar

pela liberação de seu país, para melhorar as condições de vida de seu país."

Essa era a mentalidade e a preocupação de vários grupos e, para mim, isso foi um grande choque. Falávamos uma linguagem bem diferente, não é? E isto tornava difícil o trabalho na Tribuna. Além disso, havia muito controle dos microfones.

Então, um grupo de latino-americanas nos unimos e viramos tudo aquilo. E demos a conhecer nossos problemas comuns, no que consistia nossa promoção, como vive a maior parte das mulheres. Também dissemos que, para nós, o primeiro e principal trabalho não consiste em lutar contra nossos companheiros, mas sim, com eles, mudar o sistema no qual vivemos, por outro onde homens e mulheres tenhamos direito à vida, ao trabalho, à organização.

No início, não se notava tanto o controle que havia na Tribuna. Mas, conforme iam saindo as intervenções, as discussões, a coisa começou mudar. Por exemplo, aquelas mulheres que defendiam a prostituição, o controle da natalidade e todas essas coisas, queriam impor aquilo como problemas primordiais a ser discutidos na Tribuna. Para nós, eram problemas reais, mas não fundamentais.

Por exemplo, quando falaram do controle da natalidade, diziam que nós não podíamos ter tantos filhos vivendo em tanta miséria, já que não temos nem com que alimentar-nos. E queriam ver no controle da natalidade algo que solucionaria todos os problemas da fome e da desnutrição.

Mas, na realidade, o controle da natalidade, como elas colocavam, não pode aplicar-se no meu país. Já somos tão pouco os bolivianos que, limitando ainda mais a natalidade, Bolívia ficará sem gente. E então, as riquezas de nosso país será dada como presente para os que nos querem controlar completamente, não é? Tam-

bém se justifica assim, que estejamos vivendo assim na miséria. Tudo poderia ser diferente pois Bolívia é um país muito privilegiado em riquezas naturais. Mas nosso governo também prefere ver as coisas assim para justificar o baixo nível de vida do povo boliviano e o baixíssimo salário que dá aos trabalhadores. E se recorre, então, ao controle indiscriminado da natalidade.

De uma ou outra maneira, tentaram desviar a Tribuna com um ou outro problema que não eram fundamentais. Assim que nós tivemos que dizer às pessoas o que, para nós, era primordial em tudo aquilo. Eu, pessoalmente, fiz várias intervenções. Pequenas intervenções, pois só podíamos utilizar o microfone por dois minutos.

O filme "A dupla jornada," feito pela companheira brasileira que me convidou para ir à Tribuna, também serviu para orientar aquela gente que não tinha nem idéia do que é a vida da mulher camponesa ou operária na América Latina. Em "A dupla jornada," é mostrado sistema de vida da mulher, especialmente com relação ao trabalho. Ali, se vê como vive a mulher nos Estados Unidos, no México, na Argentina. Assim, um grande contraste. Um contraste maior ainda quando se mostra o da Bolívia, pois a companheira entrevistou a uma trabalhadora das Lamas que estava grávida. Na entrevista, ela pergunta: "Mas por que a senhora não faz o repouso correspondente, a senhora que vai ter um filho?" A trabalhadora diz que não pode, pois tem que ganhar o pão para seus filhos e para seu marido, pois ele é um rentista* e sua renda é muito pouca. — "E a indenização?" — perguntava a brasileira. Então, a mineira diz que seu marido saiu da mina totalmente

* Aposentado por invalidez ou enfermidade. No caso da maioria dos mineiros, esta invalidez é causada pela silicose.

arruinado e que todo o dinheiro foi gasto para tentar curá-lo. E por isso, ela agora, com seus filhos, tem que trabalhar para sustentar também a seu marido.

Bem, era bastante forte e dramático, não é? E as companheiras da Tribuna viram que eu não tinha mentido quando falei da nossa situação nas minas.

Quando acabou a projeção, como eu também havia participado do filme, fizeram me falar. Então eu disse que esta situação se devia a que nenhum governo havia preocupado se em criar fontes de trabalho para as mulheres pobres. Que o único trabalho que se reconhece às mulheres são os afazeres domésticos e estes, inclusive, são grátis. Pois a mim, por exemplo, me dão 14 pesos mensais, isto é, 2/3 de dólar por mês que correspondem à ajuda familiar, agregado ao salário do meu marido. Que significam 14 pesos bolivianos? Com eles posso comprar duas latas de leite ou meia bolsa de chá...

Por isso — lhes disse — as senhoras têm que compreender que nós não vemos nenhuma solução para nossos problemas, enquanto não se mude o sistema capitalista no qual vivemos.

Muitas daquelas mulheres me disseram que recém começavam a me compreender. Várias delas choraram.

No dia que as mulheres falaram contra o imperialismo, eu também falei. E fiz ver como vivemos totalmente dependentes dos estrangeiros para tudo, como nos impõem tudo o que querem, tanto economicamente como do ponto de vista cultural.

Aprendi muito também na tribuna. E, em primeiro lugar, aprendi a valorizar mais a sabedoria do meu povo. Ali, cada um que se apresentava ao microfone, dizia: "Eu sou formada, represento a tal organização..." E blá, blá, blá, fazia sua intervenção. "Eu sou

professora", "eu sou advogada", "eu sou jornalista", dizia outra. E blá, blá, blá, começava a dar sua opinião.

Então, eu me dizia: "Aqui tem licenciadas, advogadas, professoras, jornalistas que vão falar. E eu... como vou me meter nisso?" E já me sentia um pouco complexada, acovardada. E inclusive não me animava a falar. Quando me apresentei pela primeira vez ao microfone, frente a tantos títulos, me apresentei como borralheira e disse: "Bem, eu sou esposa de um trabalhador da Bolívia". Ainda com um temor, não é?

E me animei a discutir os problemas que estavam sendo discutidos. Pois essa era minha obrigação. E os coloquei para que o mundo todo nos escute através da Tribuna.

Isto me levou a ter uma discussão com a Betty Fridman, que é a grande líder feminista dos Estados Unidos. Ela e seu grupo haviam proposto alguns pontos para o "plano mundial de ação". Mas eram pontos sobretudo feministas e nós não concordávamos com eles porque não abordavam alguns problemas que são fundamentais para nós, as latino-americanas.

A Fridman convidou-nos a segui-la. Pediu que nós deixássemos nossa "atividade belicista", que estávamos sendo "manejadas pelos homens", que pensávamos "somente em política" e inclusive ignorávamos por completo os assuntos femininos, "como faz a delegação boliviana, por exemplo" — disse ela.

Então, eu pedi a palavra. Mas não me deram. Bem, eu me levantei e disse:

— Perdoem senhoras, que eu transforme esta Tribuna num mercado. Mas, eu fui mencionada e tenho que me defender. Fui convidada à Tribuna para falar sobre os direitos da mulher e no convite que me mandaram tinha também o documento aprovado pelas Nações Unidas e que é sua Carta Magna, onde se reconhece à mulher o direito à participação, a se orga-

nizar. E Bolívia assinou esta carta, mas na realidade só a burguesia a aplica.

E assim, eu seguia expondo. E uma senhora, que era a presidente de uma delegação mexicana, se aproximou de mim. Ela queria aplicar-me, à sua maneira, o lema do Ano Internacional da Mulher que era "Igualdade, Desenvolvimento e Paz". E me dizia:

— Falaremos de nós, senhora... Nós somos mulheres. Olhe senhora, esqueça-se do sofrimento do seu povo. Por um momento, esqueça-se dos massacres. Já falamos bastante disto. Já a ouvimos bastante. Falaremos de nós... da senhora e de mim... da mulher, pois.

Então lhe disse:

— Muito bem, falaremos das duas. Mas, se me permite, vou começar. Senhora, faz uma semana que a conheço. A senhora chega, cada manhã, com um vestido diferente; e no entanto, eu não. Todo o dia a senhora chega pintada e penteada como quem tem tempo para passar num cabeleireiro bem elegante e pode gastar um bom dinheiro nisso; e, no entanto, eu não. Eu vejo que todas as tardes a senhora tem um chofer esperando-a num carro na porta para levá-la para sua casa; e no entanto, eu não. E para apresentar-se aqui como a senhora se apresenta, estou certa de que vive numa casa bem elegante num bairro também elegante, não é? E, no entanto, nós, as mulheres dos mineiros temos só uma pequena casa emprestada e quando morre nosso esposo, ou fica doente ou o despedem da empresa, temos noventa dias para abandonar a casa e ficamos na rua.

Diga-me, agora, senhora: a senhora tem algo semelhante a minha situação? Tenho eu algo semelhante à sua situação? Então, de qual igualdade entre nós vamos falar? Se a senhora e eu não nos parecemos, se somos tão diferentes? Nós não podemos, nes-

te momento, ser iguais, ainda como mulheres, não lhe parece?

Mas, naquele momento, veio outra mexicana e me disse:

— Ouça, senhora: o que a senhora quer? Ela é aqui a líder de uma delegação do México e tem a preferência. Além disso, nós temos sido muito benevolentes com a senhora, a ouvimos pela rádio, pela televisão, pela imprensa, na Tribuna. Eu me cansei de aplaudi-la.

Fiquei com raiva quando ela me disse aquilo, pois me pareceu que os problemas que eu discutia serviam então simplesmente para tornar-me um personagem de teatro ao qual se devia aplaudir... Senti como se me tivessem tratando como um palhaço.

— Ouça senhora — lhe disse — quem lhe pediu aplausos? Se com isso os problemas fossem resolvidos, como eu aplaudiria, e não teria vindo da Bolívia ao México, deixando meus filhos, para falar aqui de nossos problemas. Guarde os aplausos para a senhora mesmo, pois eu recebi os mais bonitos da minha vida que foram os das mãos calejadas dos mineiros.

E tivemos uma troca de palavras bem pesadas.

Por fim, me disseram:

— Já que a senhora pensa que é grande coisa, suba então à Tribuna.

Subi e falei. Eu fiz ver que elas vivem num mundo que não é nosso. Eu fiz ver que na Bolívia não respeitam os direitos humanos e se aplica o que nós chamamos "a lei do funil": largo para uns, estreito para outros. Que aquelas damas que se organizam para jogar canastra e aplaudem ao governo têm toda sua garantia, todo seu apoio. Mas as mulheres como nós, donas de casa que nos organizamos para levantar a nossos povos, nos batem, nos perseguem. Elas não viam todas essas coisas. Não viam o sofrimento do meu povo... não viam

como nossos companheiros estão botando seus pulmões pedaço por pedaço, em charcos de sangue... Não viam como nossos filhos são desnutridos. E claro que elas não sabiam, como nós, o que é levantar as 4 da manhã e deitar as 11 ou 12 da noite, somente para poder fazer os afazeres domésticos, devido às faltas de condições que nós temos.

— As senhoras — disse lhes — que sabem de tudo isso? E então, para as senhoras, a solução está na luta com o homem. E, pronto. Mas para nós não, a solução principal não é esta.

Quando terminei de dizer tudo aquilo, levada pela raiva que estava, desci. E muitas mulheres vieram atrás de mim... e na saída do salão, muitas estavam felizes e me disseram que seria melhor eu retornar à Tribuna e representar as latino-americanas.

Eu me senti envergonhada ao pensar que não havia sabido valorizar suficientemente a sabedoria do povo. Pois, olhe: eu não havia cursado universidade, não havia podido ir sequer ao colégio, eu que não era professora, formada, advogada, catedrática... O que tinha feito na Tribuna? O que falei foi somente o que ouvi do meu povo desde o berço, posso dizer, através de meus pais, dos meus companheiros, dos dirigentes, e via que a experiência do povo é a melhor escola. O que melhor aprendi foi dado pelo povo. E chorei ao pensar como é grande meu povo!

Nós, as latino-americanas, tiramos um documento sobre a maneira como vemos o papel da mulher nos países subdesenvolvidos e tudo o que nos parecia importante dizer naquela ocasião. E a imprensa publicou.

Outra coisa que me serviu bastante na Tribuna foi o encontro com companheiras de outros países, particularmente com bolivianas, argentinas, uruguaias, chilenas que viveram situações similares às minhas, de prisões, cárceres e todos esses problemas. Aprendi

muito com elas. Eu penso que cumpri a missão que meus companheiros e companheiras da Siglo XX me confiaram. Na Tribuna, estivemos com outras mulheres do mundo, e fizemos que o mundo inteiro ali representado conhecesse nosso país.

Foi também uma grande experiência estar na companhia de tantas, tantas mulheres e comprovar como são muitos os que estão empenhados na luta para liberar a seus povos oprimidos.

Creio que também foi importante para mim constatar outra vez — e nessa oportunidade em contato com mais de 5000 mulheres de todos os países — como os interesses da burguesia não são realmente nossos interesses.

ENCONTROS COM EXILADOS

Durante minha estada no México, tive a oportunidade de conhecer a vários bolivianos e estar com eles. Alguns eram exilados que haviam saído do país em 71. Muitos haviam sido presos e expulsos do país, outros tinham fugido, outros haviam se asilado em embaixadas. Dos que encontrei, só conhecia a um deles, que tinha vindo com os estudantes na mina.

Fiquei impressionada vendo a todos com títulos. Não encontrei operários e camponeses. Claro, eu sei que há também operários e camponeses exilados em outros países, mas, é uma verdade que os que mau saem são profissionais, não é?

Eu notei nos exilados boa vontade, fazem atos de solidariedade com o povo da Bolívia, não se esquecem do seu povo.

A mim, pessoalmente, trataram-me muito bem, deram-me ajuda, todas as comodidades, fizeram-me operar do joelho, inclusive ajudaram-me a tratar meus dentes que me quebraram na segunda vez que me prenderam. Não tem um só companheiro que não me demonstrou sua solidariedade.

Os bolivianos facilitaram-me os contatos que eu tinha que fazer. Além disso, no México eu tinha

todas as comodidades que não tenho aqui. Tinha cama com colchão, banheiro à disposição, água corrente na casa, comida feita. Assim.

Mas, apesar de todo o conforto que havia encontrado no México, em nenhum momento tive vontade de ficar e ter tudo isto, enquanto o povo, na Bolívia, está sofrendo tanto. Pelo contrário, em vez de me sentir feliz, eu pensava como na mina a gente tem que caminhar, como as mulheres, inclusive as grávidas, têm que carregar pacotes bem pesados, percorrendo longos caminhos. Pensava nos mineiros de San Florencio, que têm que vir até a Siglo XX para comprar suas coisinhas, pensava nas mulheres que têm que percorrer vários quilômetros para chegar à sua casa depois de ter vendido algo no mercado e só aí poder preparar o almoço. Tudo isso fazia sentir-me incômoda, eu que havia ido ao México convidada como dirigente à Conferência Internacional da Mulher, para falar como representante das mulheres do povo.

Claro, eu sonho com o dia em que terei todas essas comodidades. Sim, eu gosto da comodidade, mas a quero para todos, para meu povo. Não a quero somente para mim. Eu gostaria de ter tido esse conforto, mas não o posso aceitar enquanto meu povo está morrendo de fome, vivendo na miséria, trabalhando tão duramente. Não posso. Quando todos tenhamos a comodidade, o conforto, então sim, nos sentiremos felizes, pois não vamos ter que pensar que o vizinho talvez não está comendo nesse dia, ou não pode tratar de uma doença. Já não vamos sentir-nos envergonhadas de ter um vestido bonito e novo enquanto as demais não o podem ter.

Por isso, no México, eu sentia tanto a falta do meu povo, meu ambiente, e queria voltar logo.

Um senhor nos disse que somos como os peixes que necessitam estar na água e que fora dela, morrem. E no dia que nós, os dirigentes, os que estamos no caminho, não estejamos no seio das massas, nesse dia nós morreremos. E isso sim, creio que é fácil morrer lá fora, pois, se um dirigente não está com sua gente, não se sente feliz. E eu creio que todos os que nós chamamos ou temos a etiqueta de revolucionários, temos a obrigação de voltar para o povo e lutar junto ao povo.

E enquanto estão fora, os revolucionários que lutaram pela sua pátria não devem esquecer os que seguem lutando na Bolívia nas minas, nas fábricas, enfrentando a repressão que continua. Não devem esquecer isto e devem preparar-se ao máximo para voltar e responder a todas as exigências que o povo tem para com eles.

Os que ficam fora tranqüilamente, sem fazer nada, esperando que nós consigamos a vitória, eles, na verdade, são traidores do povo, não é?

E sempre há possibilidades de se fazer alguma coisa enquanto não puder voltar para seu país. Eu quero dizer que nós, os revolucionários, não devemos ter fronteiras, e onde quer que esteja um revolucionário ele deve transmitir a experiência do nosso povo à outras pessoas que se interessam por ela, especialmente à classe trabalhadora e aos camponeses.

PARTE III

1976

"O QUE CLAMA MEU POVO"

Depois da Tribuna, fiquei mais dois meses no México, devido ao meu estado de saúde. Escrevi várias vezes a minha família, mas parece que a correspondência se perdeu. E isto ocasionou muitos rumores sobre minha demora, inclusive algumas companheiras foram à La Paz para reclamar, pensando que havia problemas no Ministério do Interior. Mas, não foi assim.

Ao regressar, informei aos trabalhadores e ao Comitê sobre minha atuação no México. Falei também pela rádio. Não foi tanto o que queria, mas informei tudo o que me permitiram.

Durante minha permanência no México, vários dirigentes da Central Operária Boliviana tinham sido presos, creio que uns vinte e nove. Prenderam-os durante uma reunião clandestina que estavam fazendo em Oruro, e os encarceraram e os mantiveram incomunicados. Quando voltei, encontrei os operários da Manaco, em Cochabamba, em greve. A Manaco é uma fábrica de calçados da empresa Bata, que é do Canadá. É bem grande esta fábrica, trabalham nela uns oitocentos operários. Dos operários fabris, esses são os que têm mais tradição de luta revolucionária.

Os dirigentes da Siglo XX apoiaram com seus pronunciamentos aos operários da Manaco. Os trabalhadores solidarizaram se dando o salário de um dia. E fomos numa comissão levar-lhes alimentos. Foi uma grande greve pois, somaram-se também outros grupos, principalmente os universitários e vários setores camponeses. Os trabalhadores da Manaco conseguiram vários de seus objetivos.

Na Siglo XX, encontrei também as coisas mudadas. Por exemplo, o dirigente Bernal, com o qual o Comitê havia trabalhado bastante, tinha renunciado ao Sindicato e houve outras eleições.

Em janeiro daquele ano, houve uma assembléia do Comitê em frente à porta do armazém, para reclamar pela alta dos preços de alguns artigos, e também pela má qualidade do leite lactado.

Nessa assembléia, fui re-eleita secretária geral do Comitê e também me escolheram para representar o Comitê no Congresso Mineiro de Corocoro.

A classe trabalhadora mineira tinha muitos problemas para resolver. Tínhamos muita coisa para discutir. Mas, como a empresa não quer reconhecer nossas "comissões de base", então, havia optado por discutir os assuntos com delegações de cada seção. Por exemplo, os da seção de oficina, extração, planta, cada um por vez, foram fazer suas reivindicações. Os da empresa prometeram-lhe várias coisas, uns a mais, outros a menos. E, ao final, enganaram a todos.

Então, decidimos reunir-nos no Congresso de Corocoro para colocar nossos problemas juntos, de uma maneira geral.

A princípio, o governo se opôs à realização do Congresso. Diziam que queríamos derrubar o governo, que estávamos num complô sobversivo. Mas depois, já não disseram nada.

O Congresso de Corocoro começou no dia 1.º de maio desse ano, onde participaram representantes de todos os sindicatos mineiros. Quatro representantes do Comitê de Donas de Casa: duas da Siglo XX e duas de Catavi.

Foram discutidas muitas coisas naquele Congresso. Por exemplo, a vigência do Sindicato, o rechaço às medidas adotadas pelo governo em novembro de 74, solidariedade com presos políticos e exilados... Assim.

Mas, a finalidade imediata era o aumento de salários em proporção ao custo de vida. Outro problema foi o da renda, que é tão baixa que não dá para viver, e são milhares de trabalhadores que estão enfermos com o mal da mina e que agora sobrevivem com a renda. Também as viúvas têm um sério problema, já que recebem uma pensão só até os cinco anos depois da morte do marido. E se elas se casam novamente, a pensão é retirada de imediato. E assim, muitos problemas que nos afetam foram levantados no Congresso para que se encontrasse uma solução.

Havia várias comissões para tratar os distintos problemas. Nós, donas de casa, insistimos sobre a questão econômica. Para isso, tínhamos analisado nossa situação nesses seis últimos anos, ou seja, desde que Bánzer assumiu o governo.

— "A situação econômica em todo país — dizíamos — tornou se mais e mais difícil. Com as medidas adotadas pelo governo, como a desvalorização da moeda, o pacote econômico, o custo de vida subiu terrivelmente. Como se fosse pouco, anos atrás, nossos filhos eram menores e, portanto, nossas necessidades eram menores; com o correr dos anos, cresceram e aumentaram em número, e os gastos da alimentação e vestuário também subiram.

"As forças de nossos esposos vão diminuindo dia a dia e eles vão envelhecendo mais e mais, pois o trabalho

é duro e o baixo salário que ganham não lhes permite repor todas as energias dispendidas, e nós estamos condenadas a ficar viúvas a qualquer instante, seja pelo mal da mina que lhes afeta ou por qualquer acidente, pois a segurança industrial é péssima: não se faz quase nada para garantir a segurança e vida de nossos companheiros."

"O pior é que não temos sequer um teto onde abrigar-nos, pois com o baixo salário que nossos companheiros ganham, não podemos adquirir uma casa. Nem das "cooperativas de casas" podemos conseguir uma, pois nos últimos anos, nos apresentaram casas no valor de até 100.000 pesos. E quando poderemos pagar? Assim que todo mundo quer enriquecer-se nas costas do trabalhador.

"Em certos aspectos, a situação do camponês é invejável se compararmos com a do mineiro. Diz-se que "a terra é para quem a trabalha", e se o camponês trabalhou um hectare, se ele morre, os filhos a seguem trabalhando, eles seguem tendo a terra. Em troca, os mineiros, apesar de ter trabalhado e removido toneladas e toneladas de terra e dado tantas riquezas ao país, e que graças ao seu sacrifício, "mouros e cristãos" foram os beneficiados, se ele morre, seus familiares têm noventa dias para desocupar a pequena vivenda que a empresa emprestou enquanto o operário vivia: a viúva é posta na rua, sem que tenha possibilidade de conseguir trabalho nem ela e nem seus filhos, sob o pretexto de que eles vão gozar uma renda que não dá nem para pagar o aluguel de um quarto; e em outros casos, não gozam nem dessa pequena renda, pois o operário morreu antes de cumprir com suas cotizações à caixa de seguro social.

"A falta de criação de fontes de trabalho faz também que nossos filhos maiores não consigam empregos, apesar de ter prestado o serviço militar.

"E que dizer de sua educação? Muitos trabalhadores têm seus filhos estudando nas diferentes escolas do país, aos quais têm que mandar dinheiro, alimentos, roupas, dinheiro para aluguel, ônibus e demais necessidades. E na casa ficam os outros filhos aos quais há que vestir, alimentar, educar; e apesar de que se diz que a educação nas minas é gratuita, temos que comprar uniformes, livros, bolsa, diversos tipos de lápis para pintar e demais materiais que necessitam. O pior de tudo é quando o governo decide terminar o ano escolar, sem importar-se com o dano que ocasionam a nossos filhos".

Assim que fizemos nossa análise. E explicamos que por isso, apoiávamos as reivindicações dos trabalhadores pelo aumento salarial.

Nossa participação foi muito boa em Corocoro. Na primeira intervenção, dissemos aos trabalhadores que nós nos sentíamos muito felizes de que os operários, apesar de tantas proibições, pudessem realizar aquele Congresso. E que os homens deviam considerar que eles não estavam sozinhos na luta, pois em cada lar, todos são explorados pelo patrão, pela COMIBOL, pois todo trabalho que fazemos na casa não é reconhecido e seria um erro pensar que só o trabalhador assalariado é explorado: também o é sua família. E que devíamos tirar um bom documento naquele Congresso para que servisse para o movimento da classe trabalhadora.

Nossa intervenção foi transmitida pela rádio e então nos convidaram para fazer uma palestra no colégio, enquanto estávamos em Corocoro. E depois da palestra, os alunos decidiram que eu devia falar com suas mães. Nós aceitamos, marcamos dia e hora e quando chegamos, eles estavam com suas mães e seus pais. Foi uma reunião muito boa, pois se organizou o Comitê de Donas de Casa de Corocoro. E esse Comitê

participou no Congresso, e a presidente, uma cholita *, falou muito bem sobre o interesse que as mulheres tinham em lutar juntas com trabalhadores. Pela imprensa eu vi que elas tinham começado a trabalhar. Mas agora não sei o que acontece, pois houve muita repressão em Corocoro, os militares entraram na mina, houve muitas prisões de homens e mulheres, e perdemos o contato com essas companheiras.

No Congresso, formulamos também essa moção: devem ser organizados Comitês de Donas de Casa em todas as minas e que se convoque um Congresso, o mais rápido possível para formar imediatamente a Federação Nacional de Donas de Casa, afiliado à Central Operária Boliviana, tal como somos as da Siglo XX. E foi aprovada essa moção. Mas, pelos acontecimentos que se seguiram, não pudemos levar a cabo nosso plano. E soube agora que as "mulheres nacionalistas", ou seja, as que apóiam ao governo atual, pensam realizar um congresso nacional nas minas.

Apesar das manobras que houve por parte dos agentes do governo infiltrados no Congresso, o pensamento dos representantes operários venceu. E aprovou-se um documento para pedir o aumento salarial.

Antes da discussão e aprovação do documento, nos fizeram ver um quadro de quanto ganha um general, quanto ganha um coronel, etc. etc. Havia salários de 20.000, 25.000 pesos mensais** enquanto que o operário aqui ganha somente até 2.000 pesos. Fez-se também um estudo de quantas calorias um operário necessita para viver, quanto precisa se alimentar para ter essas

* Diminutivo de chola= mestiça.

* * Na Bolívia, a alta hierarquia militar recebe, além do salário, outras somas de instituições para-estatais ou da administração pública, onde os militares têm importantes cargos. Estas se incrementam com abono, gratificações, ajuda de custos, víveres, comida, uniforme, artigos importados isentos de impostos, etc. etc.

calorias e quanto necessita ganhar para cobrir todas as necessidades pessoais e de sua família. Agregaram algumas necessidades primordiais do homem, como por exemplo, roupa, calçado, diversões — nem sequer diversões — mas, por exemplo, jornal para estar informado. Deu uma média de 170 pesos diários que o trabalhador tinha que ganhar para viver normalmente. Bem, como nos dão armazém barato, tiramos desses gastos uma média de 40 pesos por dia que o operário gasta para ter os produtos congelados, e reduziram a 130 pesos diários o salário mínimo. A Federação dos Mineiros disse que não, que eles haviam pedido 80 pesos diários e que era melhor nos atermos nessa realidade. Então, aceitamos isso.

Também colocamos a redução da jornada do trabalhador no interior da mina para seis horas, pelas circunstâncias em que vive e para que tenha, pois, tempo para repor-se.

Discutimos tudo isso e demos ao governo 30 dias de prazo para que respondesse. Caso contrário, a classe trabalhadora entraria em greve por tempo indefinido.

O governo deu a resposta antes da data que havíamos fixado. E então, primeiro, deteu aos membros da Federação dos Mineiros; em seguida, houve intervenção nas minas, a invasão a nossas emissoras, inclusive a Pio XII, a declaração de zonas militares, e prisão e perseguição de todos os dirigentes e outros trabalhadores.

No dia 9 de junho, o exército veio de surpresa, quando os operários estavam no interior da mina e começaram a perseguição, especialmente aos que haviam participado no Congresso de Corocoro. Aos que pegaram, deram-lhes terrivelmente no quartel de Uncia e os mandaram para as celas de La Paz. E muitos os deportaram para o Chile, os entregaram a Pinochet.

Jogaram-nos um monte de calúnias. Entre outras, a de que estávamos fazendo um complô. E para isso, se aproveitaram-se de que os mineiros tinham feito uma manifestação de protesto pelo assassinato do general Torres na Argentina e porque o governo de Bánzer não aceitou a repatriação do seu corpo. Naquele dia, os trabalhadores fizeram só uma manifestação, pois queriam guardar as forças para a greve, caso fosse necessário. Disto também se aproveitou o exército para calar nossas emissoras, invadir nossas casas e por todas as formas, pressionar-nos e maltratar-nos.

Era meio-dia. Estávamos almoçando, como de costume. Ao final do almoço, meu pequeno me disse: "Mamãe, leva-me ao banheiro". Então, o levei à margem do rio.* De repente, noto um silêncio especial em Llallagua, coisa que às 12 do dia não costuma ser assim, pois sempre há barulho de rádios, música, etc. E me pergunto: por que esse silêncio em Llallagua? Começo a olhar... e vejo que, pela rua principal, os militares estão avançando de porta em porta.

Então, corri e fui gritando pelas ruas:

— O exército! O exército vem vindo!

Corri para a rádio e lá encontrei dois companheiros e disse-lhes que o exército vinha vindo. Mas, os soldados apareceram justo ali na esquina. Então, saí.

Os militares ocuparam as emissoras e então nós nos perguntávamos: "Que fazemos? Que fazemos? Como podemos avisar aos trabalhadores que estão dentro da mina?" Eles não sabiam de nada.

Alguém conseguiu informar aos companheiros que estavam no interior da mina, que havia intervenção nas minas, que haviam tomado as emissoras.

---

* Se refere ao Ch'aqui Mayo, o Rio Seco, que separa Século XX de Llallagua.

Então, à saída do trabalho, na boca da mina, os mineiros fizeram uma assembléia e decretaram a greve indefinida.

Essa noite nos chamaram. A meu esposo lhe disseram: "Os dirigentes têm que entrar na mina. Vamos organizar o Comitê de Greve e vamos organizar a resistência lá dentro, pois estaremos mais seguros. Nas casas não há "escapatória".

Na mina sim, a gente pode esconder-se, pois é como uma cidade. Tem uns 800 quilômetros de corredores subterrâneos e distintas bocas que somente os que conhecem muito bem é que são capazes de sair dali, não?

Entramos na mina e ali organizamos o Comitê de Greve. E tiramos as primeiras instruções: devemos manter a união entre os trabalhadores. Devemos confiar somente nos verdadeiros dirigentes e não aceitar instruções de outros que possam utilizar o sindicato para outros fins que não sejam os da classe trabalhadora; devemos economizar víveres para agüentar a greve; devemos compartir com os soldados o que temos, pois devemos compreender que eles são nossos filhos e são obrigados a ficar contra nós. Que as Donas de Casa devem organizar-se e, se fecham os armazéns, devem fazer uma manifestação de protesto. Assim, as primeiras consignas.

Estivemos a noite toda fazendo guarda, turnos. No dia seguinte, igual. Sem provar alimento. À tardinha, alguns trabalhadores nos mandaram comida e disseram que na noite anterior o exército havia invadido quase todos os domicílios e tinha levado muitos presos.

E aconteceu que alguns agentes infiltraram-se e estavam conosco na mina. Quando descobrimos isso, entramos mais ainda para dentro da escavação.

A mim, meu marido e outro companheiro, levaram-nos a um lugar que se chama San Miguel. Conseguiram-me um papelão de alcatrão e o estenderam

no chão para que eu descansasse, pois estava grávida e já no nono mês. Aquela situação era muito ruim para mim. Já não podia agüentar a fetidez que há no interior da mina pelo gás, pela falta de ar. Tinha sede, tinha fome, estava muito cansada.

Assim estivemos toda a quinta-feira. Na sexta-feira, ao amanhecer, eu já não podia resistir. Afogava-me. Não podia respirar.

— Sinto-me mal — disse a meu esposo — já não posso mais.

— Que fazemos? —, me perguntou.

— Saiamos — lhe respondi — Ainda que me peguem, não importa. Já não posso agüentar.

— Vou verificar se podemos sair por Cancañiri — me disse.

Foi e viu que era possível.

Então, tirou-me pela boca da mina de Cancañiri. Ali, um companheiro ajudou-nos a sair. Fomos até a botica e me deram remédios. Assim pude agüentar para caminhar até minha casa.

No caminho cruzamos com centenas de soldados:

— Alto! Onde vão? — nos gritavam.

— Estou levando minha esposa. Está para dar à luz — respondeu meu companheiro.

— Passe — respondiam.

E assim, indo sempre por lugares especiais, conseguimos chegar à minha casa. Tremia de frio, pois eram 6 ou 7 da manhã. Minha irmã ofereceu algo quente para beber e descansei um momento.

Mas, em seguida vieram à casa umas senhoras e informaram-me que o exército estava intervindo nos armazéns. Pediram-me que fosse dialogar com os do exército para que, pelo menos por um dia mais, lhe dessem provisões.

Quando chegamos ao armazém, ali estavam alguns militares de alta hierarquia que nos insultavam com

suma prepotência, com esse ódio doentio que têm contra a classe trabalhadora. Um deles gritava:

— Vamos! Feche! Estes vagabundos, vadios, já estavam com a grevinha preparada! Vadios, vagabundos, vamos ver se não trabalham. Vão morrer de fome. Que comam sua merda, caralho! Hoje lhes tiramos o armazém amanhã cortaremos a água, depois de amanhã cortaremos a luz. Vamos ver quem vai ganhar. Se querem pau, pau lhes vamos dar; se querem bala, bala lhes vamos dar.

As mãos do chefe do armazém tremiam tanto que ele nem podia pôr o cadeado. Eu virei para falar com as companheiras, para ver o que fazíamos, mas elas já não estavam mais ali. Haviam sumido de susto.

E chegou meu filho, pegou-me pela mão e disse:

— Mamãe!... Que está fazendo aqui? Os agentes vêm vindo para pegá-la.

Meu filho havia visto os agentes informando ao coronel:

— A Chungara subiu com um grupo de mulheres bem armadas com paus e pedras para assaltar o armazém...

Então o comandante lhes disse:

— Vocês não disseram que essa mulher está grávida? E ela está fazendo isso?

— Sim, pois, assim ela subiu agorinha.

— E que vocês esperam? Vão agarrá-la. Tragam ela aqui, que a pontapés vamos fazê-la parir.

Assim havia dito o militar. Por sorte meu filho ouviu isso e veio correndo avisar-me. Escapei por uns minutos.

As ruas estavam tão cheias com os do exército que era muito difícil escapar. Em cada fila de casas havia quatro soldados que ficavam andando e se cruzando: dois em cada esquina.

Como eu sabia que iam me prender, falei com minha família: disse-lhes que ia sair da casa e não ia voltar. E que não me procurassem porque nem eu sabia para onde ia.

Saí sem rumo. Bem, assim na sorte, bati numa porta e pedi que me alojassem por uma noite ao menos. Os operários se mostraram bastante solidários: "Claro senhora, descanse". Durante dez dias eu estive escondendo-me assim, de casa em casa.

Naquela mesma noite, os agentes entraram na minha casa. Meus filhos tinham se fechado muito bem. Bateram na porta e meus filhos não abriram. Isso foi três ou quatro vezes, até que os agentes entraram pelo muro do pátio. E com toda prepotência, começaram a perguntar aos meninos:

— Onde está sua mãe?

— Não está aqui.

— Onde está?

— Nós não sabemos.

— Como não sabem se vocês são seus filhos? Agora vamos ensinar-lhes a responder. Vamos, levantem-se, merdas!

Então, minha filhinha de 11 anos começou rir. E rindo, lhes disse:

— Por um acaso vocês pensam que minha mãe é tão tonta? Sabendo que iam procurá-la, acham que ela ia dizer-nos onde está? Minha mãe não é tonta e não nos disse para onde foi.

Um dos agentes ficou furioso. Mas o outro lhe disse:

— Sim, sua mãe não é tonta para dizer-lhes onde foi. Vamo-nos. E vocês, tranquem-se. O pássaro já voou, pois.

Mas, antes de sair, revistaram a casa, embaixo das camas, por todas partes. E, ao ver que meus filhos não choravam, disseram:

— Estes já estão bem treinados.

Segundo o que algumas famílias me contaram, o exército invadia casas onde pensavam encontrar-me, todos os dias e todas as noites.

Por aqueles dias, o presidente Bánzer veio a Catavi. Chegou de surpresa, depois de aterrizar em Uncia. Mas não quis dialogar com os autênticos dirigentes dos trabalhadores. Negou-se terminantemente. Pelo contrário, disse que ia designar outros coordenadores de base.

E começou a repressão dos agentes do DOP, outro órgão de repressão, que é o Departamento de Ordem Política. Então aconteceram coisas bem tristes.

Por exemplo, na rua começaram a pegar os rapazes e a pauladas os faziam assinar documentos que os agentes do DOP haviam escrito. Depois, mostravam esses documentos assinados aos pais. E, para libertar os meninos, obrigavam aos pais assinar um documento para recomeçar o trabalho e furar a greve. Alguns pais, para recuperar seus filhos, assinavam chorando.

Fora isso, os agentes pegavam os rapazer diziam a seus pais: "Seu filho é subversivo. Agora, se não quer que o levem à La Paz, tem que pagar 500 pesos, 800 pesos". Eu conheço uma senhora que seus dois filhos não estavam metidos em nada, mas teve que dar 2.000 pesos para tê-los livres. Muitos pais estiveram nessa situação, conseguindo dinheiro, vendendo suas coisinhas para libertar a seus filhos.

Pressionavam de várias maneiras. Pelas rádios, que agora não eram mais a Voz do Mineiro, mas a Voz dos Militares, diziam: "Já começa trabalhar 50%, 80% dos trabalhadores. E incitavam aos outros grevistas que fizessem o mesmo. No entanto, tudo era mentira, ninguém tinha ido trabalhar.

Tomaram muitas represálias. Aos últimos delegados que prenderam, lhes bateram muito, e o cano do

revólver na boca, os fizeram denunciar aos dirigentes, dizendo:"Eles são pagos do exterior, já não nos enganam, e pelo bem da pátria, vamos começar trabalhar".

Nessas alturas, em alguns lares já começavam a sofrer fome, não? E então as mulheres começaram a organizar as "panelas populares", para que ninguém sofresse. Coletavam víveres nos acampamentos. Cada um dava o que podia, pois: um pouco de farinha, um pouco de arroz, de macarrão... E isso era distribuído entre os que mais necessitavam...

De La Paz e de Cochabamba também mandaram víveres e roupas, mas ficaram no posto policial de Playa Verde. O exército não deixou passar.

E aconteceu também que durante todo o tempo da greve, que durou tanto, sempre chegava a solidariedade de outros setores do país. Solidarizaram-se os universitários, os fabris, os camponeses, os operários das minas privadas. Mas, a imprensa e o rádio não comunicavam nada disso, pois tudo estava muito bem controlado pelos agentes do governo.

Chegou uma mulher dizendo que era da Cruz Vermelha e reuniu as mulheres em Catavi. E uma vez reunidas, lhes falou:

— Filhas minhas, digam a seus esposos que voltem a trabalhar. Por acaso vocês estão querendo outro massacre? É preciso conseguir que se comprometam e terminem a greve. Que não se prestem aos que são pagos do exterior.

Assim, muito dramática, feita um mar de lágrimas lhes falava.

Então, uma senhora lhes disse:

— Mas, eu não posso pedir a meu marido que volte a trabalhar, pois ele está preso... E o único que ele fez foi pedir um aumento de salário, pois não nos dá para viver. Eu vendi minhas saias, minhas jóias, até minhas alianças de casamento, para comprar algo de

comer. Quem vai solucionar essa situação? Para quem trabalhamos? Por que matam nossos esposos?

E a mulher dizia:

— Soluciona-se tudo com o diálogo, filha.

Então, começaram a desconfiar, e uma disse:

— A senhora se apresentou aqui como funcionária da Cruz Vermelha. Mostre-nos suas credenciais.

A outra então respondeu que não era funcionária da Cruz Vermelha, que era do diretório das mulheres nacionalistas.

As senhoras se alteraram e lhe perguntaram:

— Como é que as senhoras nos dizem que nos querem e maltratam tanto a nossos dirigentes? — E segundo o que me contou outra amiga, uma senhora falou:

— Vocês estão perseguindo barbaramente a nossa companheira Domitila de Chungara, que está grávida...

— Ai!... Nem me fale dessa mulher. Essa mulher é paga pelo exterior, Cuba, da Rússia, da China (ela nem sequer sabe que há divergências entre Rússia e China, não é?), e agora estão pagando 30 pesos diários para que os trabalhadores mantenham a greve...

Dizem que as mulheres alteraram-se mais e a mulher teve que sair.

Bem, como não podiam terminar com a greve dizendo:"A partir de amanhã vocês estão despedidos..." pois ninguém ia trabalhar, então fecharam o armazém. Assim, simplesmente o fecharam durante uma semana.

Depois, mudaram de opinião: "Que se lhes dê novamente o armazém, pois assim vão se endividar com suas compras e assim voltam a trabalhar". E, logo que abriu, as mulheres dos agentes locais foram buscar alimentos. Mas, as outras senhoras disseram: "Já que nos fecharam, que siga fechado". Fecharam o armazém

e apedrejaram as outras. Os agentes intervieram, jogaram gases e inclusive prenderam algumas.

Como não conseguiram romper com a greve com ameaças e castigos, então os agentes começaram procurar as pessoas desocupadas para trabalhar. Inclusive foram ao campo e distribuíram víveres aos camponeses e disseram-lhes que iam contratá-los para a mina. Os próprios soldados, os vestiram de civis para que começassem trabalhar.

Os camponeses receberam os víveres, mas não vieram. Eles sabem que vivem do que nós lhes compramos e, além disso, nós, os mineiros, somos na maioria de origem camponesa. Eu mesma tive a oportunidade de conversar com alguns. E diziam: "Como podíamos ir, se são nossos filhos, nossos afilhados que trabalham na mina? Além disso, nós não sabemos trabalhar na mina, nós temos medo da dinamite".

Então, a coisa não foi levada a cabo pois veio pouca gente. Os desocupados que os agentes conseguiram para trabalhar, como não sabiam trabalhar na mina, vários morreram acidentados ou de outra forma.

Os agentes, através de nossas rádios, diziam que 55% tinha voltado a trabalhar. E nos jornais, mostravam pessoas trabalhando. Mas na verdade, não eram os trabalhadores da empresa, eram os desocupados mandados para furar a greve.

As mulheres organizaram-se também em grupos de choque contra os que estavam trabalhando. Um dia, mais ou menos às 6 da manhã, umas mulheres apedrejavam vários veículos no acampamento Salvadora porque estavam transportando aos fura greve.

Como os homens não podiam fazer nada, pois os prendiam, as mulheres, com seus filhos, organizaram-se e foram para as frentes do trabalho.

Cedinho, pela manhã, elas postaram se na boca da mina. Deitaram os meninos nos trilhos para que o comboio não entrasse. E disseram que se quisessem avançar o trem, teriam que passar por cima dos meninos. E aos que se apresentavam para trabalhar, elas os tratavam duramente: "Covardes! Nós, com sete, oito filhos estamos mantendo a greve e como é possível que vocês se vendam e comecem a trabalhar?" Apedrejavam-os e corriam-os dali.

Em vista disto, mandaram o exército para desalojar as mulheres. Quando chegaram e viram que eram só mulheres e crianças os que ali estavam, o exército não se atreveu a fazer nada. Os comandantes queriam obrigar aos soldados e lhes gritavam: "Estas são comunistas e é preciso destroçá-las! Para vocês, aqui não há mulheres, não há crianças, não há nada!"

E fizeram-os cantar uma marcha e avançar. Mas as mães com seus filhos começaram cantar: "Viva minha pátria Bolívia". A cena era tão impressionante que o exército não foi capaz de fazer nada. E em vista do fracasso, os comandantes chamaram aos agentes que jogaram gás e dispersaram a todos.

Bem, como já não podia haver enfrentamento entre o exército e as mulheres e as crianças, chamaram a polícia feminina de La Paz. No dia seguinte, a primeira hora, elas estavam na boca da mina. São mulheres fortes, treinadas em karatê. E nossas mulheres, quando tiveram a notícia de que a polícia feminina havia chegado, não foram à boca da mina. Assim que elas ficaram "com os cabelos em pé, de raiva".

Mas, começaram a cumprir a missão que lhes havia sido confiada: invadir casas e desalojar as famílias dos que tinham sido presos.

À essas famílias lhes deram um memorando — como em 65 — para que desocupassem suas casas em

24 horas. Mas, como sair em 24 horas se não têm para onde ir? Assim que as mulheres não fizeram caso do memorando. Então, o comandante do exército e a gerência mandaram a polícia feminina embarcar essas famílias num caminhão.

Contaram-me que, bem cedo, mais ou menos às 7 da manhã, chegaram as polícia-feminina na casa do companheiro Severo Torres que tinha sido preso e exilado. Sua esposa é bastante doente e tem uma "escada" de oito filhos.

A cena mais comovedora foi quando elas a fizeram levantar da cama e também aos meninos e começaram a levar para o caminhão todas as coisas e obrigaram os meninos a subir. Sai um menino com sua mamadeira com chá, pois se toma pouco leite na mina. Sai outro também com sua mamadeira com água e açúcar. Sai outro com um pedaço de pão e assim, peladinho, tremendo de frio. Assim foram saindo, um por um, da casa.

Uma das polícias não pode se conter. Foi para trás da casa e começou a chorar. Estava num estado de nervos muito forte e chorava a gritos...

Um operário a viu e lhe disse:

— Por que a senhora chora? Por que chora? Sabe quem é o pai desses meninos? É um operário que foi pedir no Congresso Mineiro um aumento de salário para que ele pudesse trazer um pedaço de pão a mais para sua casa, para que possa comprar leite e por nessas mamadeiras que a senhora vê com água e açúcar. E por esse motivo, estão mandando agora que as senhoras desalojem toda sua família.

A polícia feminina chorava e dizia que ela não compreendia, que tinham contado outra coisa em La Paz e agora era aquilo que ela via na mina. E chorava. Então, a vizinha lhe disse:

— Por que sofre tanto? Nós vamos completar sua obra.

E subiram os meninos no caminhão. A família toda foi levada a La Paz. Até o momento, não sabemos o que aconteceu depois com eles.

Também não sabemos o número exato dos que estão encarcerados, dos que estão prófugos, dos que foram exilados. Bem, somente na Siglo XX, isso sobe a mais de sessenta o número de famílias que estão nessa situação. Mas isso ocorreu em várias partes do país. E muitos, muitos foram despedidos da empresa.

Disseram-me que há um plano do governo de levar essas famílias desalojadas a San Julián. Algumas mulheres pensavam que San Julián fosse outra mina. Mas não. É um lugar tropical que fica no departamento de Santa Cruz. Bem, eu sei que o organismo humano tem capacidade de adaptar-se e desenvolver mecanismos para se proteger. Nós, por exemplo, estamos acostumados a lugares frígidos do altiplano e temos nossas reservas para defender-nos do frio. Mas, não acontece o mesmo com o calor. E como quase todos os trabalhadores estão com o mal da mina, o clima tropical é, pois, fatal e lhes acelera a morte. Além disso, como essas regiões são bastante novas em nosso país, não foram ainda trabalhadas. É preciso começar tudo, desde cortar árvores e matar bichos. Os mineiros que vão para lá, não têm o material necessário, não têm condições para começar ali, então, acabam sendo peões de outros que chegam com mais dinheiro e com mais possibilidade, não é?

No dia 22 de junho — já estávamos com 13 dias de greve — eu senti que estava para dar a luz. Então, mandei chamar meu esposo e lhe pedi que fosse falar com a Cruz Vermelha para pedir garantias, para que não me aborrecessem no hospital.

Minha ida para o hospital foi uma surpresa pois já haviam anunciado pelas rádios que eu havia dado à luz à gêmeos e que os havia tido no interior da mina e que eu podia sair, que havia amplas garantias. Outro rumor que correu foi que tinha vindo a mulher de Bánzer e que havia se comovido ao ver meu estado e que, chorando, havia levado-me para La Paz com meus filhinhos e que estavam atendendo-me bem numa clínica. Pediam às pessoas para não se preocuparem mais comigo, que o governo estava sendo benévolo comigo e que a própria esposa do presidente havia se encarregado de atender-me.

Não sei porque propagaram tantas notícias falsas. Seria, talvez, uma armadilha para que eu me apresentasse e pudessem prender-me? Ou seria para que os companheiros e companheiras pensassem que eu me havia vendido ao governo? Não sei. O que sim, foi uma surpresa para as pessoas quando me viram chegar na ambulância. Ali fiquei sabendo de tudo o que haviam dito e propagado sobre minha pessoa.

No hospital, todos me trataram muito bem, tanto o diretor como a parteira e as enfermeiras. E dei à luz a meus dois filhos. Minha filhinha Paola nasceu muito bem. Mas o outro, que era um menininho, tinha morrido de asfixia, disse-me o doutor, e já estava começando a decompor-se dentro de mim. A placenta também já estava em decomposição. Por isso, dessa vez, tive tantos problemas para recuperar-me. Fiquei no hospital até o 6 de agosto.

Meu esposo, assim que conseguiu a ambulância da empresa e me deixou no hospital, recorreu à Cruz Vermelha.

Os da Cruz Vermelha chegaram e disseram que estavam muito preocupados comigo, que havia corrido muito rumor e que eles haviam intercedido ao governo por mim, dada minha situação. Que, desde

aquele momento, eu estava sob o amparo da Cruz Vermelha e que não devia temer e que descansasse como uma mãe deve descansar. Notificaram à direção do hospital que não se permitisse que ninguém me ultrajasse.

Eu estava na sala que corresponde às esposas dos operários. Então o diretor mandou-me para a sala dos técnicos que é menor e mais segura.

No hospital, eu recebi notícias dos acontecimentos através das pessoas que vinham me ver. Ali, a única participação que eu tive foi na greve de fome que todos os hospitalizados fizeram por um dia.

Havia chegado ao hospital, uma companheira totalmente ferida, com uma hematoma bem grande; os agentes lhe haviam batido bastante e tiveram que operá-la. Umas senhoras nos disseram: "Como vamos aceitar ser bem atendidas, comendo várias vezes ao dia, enquanto nossos companheiros sofrem tanto?" Nesse dia, não provamos nada.

Eu não fui molestada nenhuma vez pelos agentes do governo. Nem antes e nem depois que tive meus filhos. Primeiro porque estive escondendo-me antes de dar a luz e, depois, porque tive a proteção da Cruz Vermelha. O que sim, eles me procuraram terrivelmente e inclusive várias famílias sofreram por minha causa, pois invadiam suas casas procurando-me. Inclusive, antes que eu fosse para o hospital, os agentes foram lá e revistaram cama por cama, até na maternidade. Alguns ficaram no hospital para dormir pois sabiam que eu estava para dar a luz e queriam prenderme.

Fora isso, as mulheres nacionalistas tiravam documentos em nome do Comitê de Donas de Casa e os faziam ler pelas rádios. Era para confundir às pessoas, não é?

Então, fizemos um manifesto, explicando a verdadeira posição de nosso Comitê. Neste manifesto repe-

tíamos nossas posições defendidas no Congresso de Corocoro e denunciávamos o que estávamos vivendo nas minas naqueles dias.

"Quando os operários invadiram suas casas como o fazem conosco, senhores militares? Sabem os senhores, por acaso, o que é trabalhar nas minas? Sabem, por acaso as misérias e penas da classe operária? Não, senhores! Os senhores só sabem assassinar o povo e não sabem contribuir economicamente ao país. Enquanto os senhores têm boas coisas, carros, casas, empregados, os operários têm suas misérias, sua desnutrição, seus pulmões esburacados pela silicose e agora têm um fuzil apontando-lhes pelas costas. Os senhores não sabem o que é entrar são no trabalho e aos poucos sair morto, feito pedaços, deixando a família na absoluta miséria".

Dizíamos mais:

"Os governantes se esquecem que já não estamos na época da Colônia espanhola e que não podemos trabalhar com bala na boca; nós somos operários e não escravos e não vamos permitir que os mercenários façam suas coisas enquanto nós não podemos nem abrir a boca... Se o governo persiste em sua atitude, nós nos vemos obrigados a emigrar a outros países, onde nos tratem como seres humanos e nós prometemos trabalhar e engrandecer aos países que nos abram suas portas. E que sejam os militares os que vão trabalhar nas minas".

Ao final, nos pronunciamos apoiando a tudo o que havia sido acordado pelos sindicatos.

Era importante aclarar nossa situação, não é? Pois, organizaram outro "Comitê de Donas de Casa". Uma mulher veio à La Paz eleger novos dirigentes e oferecer dezessete bolsas de estudo. Bem, não faltaram mulheres para se vender; aliaram-se com algumas trabalhadoras de Las Lamas e em La Paz disseram que

são esposas dos trabalhadores mineiros e são suas representantes. Inclusive algumas secretárias do nosso Comitê colaboraram com esse grupo, segundo notícias que li e escutei.

Agora, nós não temos garantias para atuar. Por exemplo, depois da greve, quisemos fazer algumas reivindicações à gerência da empresa, mas nos responderam: "O Comitê de Donas de Casa foi desconhecido. Já não existem donas de casa".

Neste momento, eu penso que se o Sindicato que é a máxima autoridade da classe trabalhadora aqui - não tem garantias para funcionar, nosso Comitê —que foi organizado para funcionar junto ao Sindicato - também não vai poder atuar, não é? Fazer do nosso Comitê uma organização nacionalista para colaborar com o governo seria trair aos ideais da classe trabalhadora. Por isso eu penso que nós também estamos fora da lei e que nós não podemos colaborar com este governo.

Eu não creio que a maioria das bases estejam confundidas pela criação do novo Comitê. Quando eu saí do hospital, umas senhoras me disseram: "Por enquanto a senhora descansa, cuide de sua saúde porque nesse momento não podemos fazer nada". Eu penso que serão as bases que, num momento oportuno, vão julgar-nos.

Aconteceram tantas coisas que a gente nem sabe o que dizer. Por exemplo, frente ao fato de que alguns dirigentes estejam presos, outros estão prófugos, outros se venderam ao governo e os trabalhadores estão calados, tem pessoas que dizem que os dirigentes só manejam as massas, mas que realmente, não há uma força na classe trabalhadora.

Mas, eu me lembro que no passado houve períodos nos quais tivemos problemas e prenderam e mataram dirigentes. No entanto, surgiram outros. Então eu penso que, agora, estamos outra vez num período de

recesso. São poucos meses que estamos vivendo assim. Eu espero que essa situação seja momentânea e que vamos seguir como o fizemos outras vezes. Pois, se não fosse assim, o governo teria podido tranqüilamente, eliminar aos dirigentes, e pronto, teria acabado com a classe trabalhadora da Bolívia, não é?

Lógico, o problema que vivemos agora é um pouco grave. Pois, desde o dia 4 de agosto, depois de vinte e nove dias de greve, os trabalhadores voltaram a seus postos, mas sem conseguir o que pediam. Agora estamos vivendo em zona militar, quase numa escravidão, se bem que o governo aceitou aumentar uns pesos ao salários dos trabalhadores, o que compensa por outro lado.

Por exemplo, suprimiu a hora-extra. Além disso, se o trabalhador falta um dia, não lhe pagam o salário de um dia como de costume, mas também lhe tiram a metade do que lhe corresponde no armazém. Na minha família, por exemplo, temos direito, cada dois dias, a dois quilos de carne e trinta pães para as nove pessoas que somos. Meu esposo faltou ao trabalho e nos deram somente um quilo de carne e quinze pães. Assim.

Quanto ao aumento que obtivemos do governo, no princípio diziam que ia ser de 35%. Mas, isto também foi uma fraude. A cada trabalhador aumentaram só 5 pesos diários. Meu marido, no ano passado, ganhava 17 pesos por dia; quando começou trabalhar como lameiro, aumentaram para 23 pesos e agora, depois da greve, está recebendo 28 pesos diários, ou seja, nem um dólar e meio por dia, apesar de que seu trabalho é mais duro do que antes. Assim que, nem nisso melhorou nossa situação.

Eu quero dizer algo também sobre nossos partidos políticos. O que vejo é que muitosque falam bonito em tempo de calmaria, chegando um momento difícil como este, eles não sabem estar conosco. Posso notar que

muitos deles estão dando a vida "pelo partido" e talvez não para "seu povo". E por isso, creio eu, dividem-se mais e mais. Vejo também que têm quadros, mas poucos chegam realmente às massas. Nessa última greve também foi assim.

Eu vejo como uma necessidade urgente que nos formemos e nos organizemos de outra maneira para defender-nos de acordo com a nossa realidade. Nós temos uma tradição de luta muito grande. Quantos já deram a vida por nossa causa! Mas as medidas que tomamos já não são suficientes para fazer frente a nossos opressores que chegam bem armados e nos esmagam. Necessitamos pensar nisso e encontrar o caminho adequado para resolver essa situação.

Já não nos interessam soluções momentâneas. Nós já tivemos governos de todos os tipos, "nacionalista", "revolucionário", "cristão", assim, de toda etiqueta. Desde 1952, quando o governo do MNR começou a trair a revolução feita pelo povo... passaram tantos governos e nenhum chegou a preencher as aspirações do povo. Nenhum fez realmente o que quer o povo. O governo atual, por exemplo, não está fazendo nada para nós, mas sim, os beneficiados são, em primeiro lugar os estrangeiros que continuam levando nossas riquezas, depois os empresários privados, as empresas estatais, os militares e não a classe operária e nem os camponeses, que seguem cada dia mais pobres. E isso continuará enquanto vivermos no sistema capitalista. Eu vejo, por tudo que li e vivi, que nós nos identificamos com o socialismo. Porque só no sistema socialista haverá mais justiça e todos se beneficiarão dos benefícios que hoje estão nas mãos de uns poucos.

E olhe que, nesse caminho que estamos, nos puseram os mesmos governos que nos maltratam. A mim, por exemplo, quando me bateram nas celas do DIC por ser "comunista", "extremista" e tudo mais,

me despertaram uma grande curiosidade: "Que é o comunismo? Que é o socialismo?" Diariamente me batiam por isso. E comecei a perguntar-me: "Que é um país socialista? Como se solucionam os problemas lá? Como vive aquela gente? Os mineiros são massacrados lá?" E então, eu começava a analisar: Que fiz eu? O que é que eu quero? O que é que eu penso? Por que estou aqui? O que foi que eu disse? Eu pedi somente que se faça justiça para o povo, eu pedi somente que a educação seja melhor, eu somente pedi que todos tenham o que comer, pedi que não haja mais massacres como esse terrível da noite de São João. Será isso socialismo? Será isso comunismo?

Por outro lado, através dos livros que li e de tantas pessoas com as quais pude conversar, sabemos que em tal e tal país socialista os habitantes têm melhores condições de vida, de saúde, de casa, de educação. Os operários são melhor tratados. A mulher tem oportunidade de trabalhar em trabalho produtivo, pois existem novas fontes de trabalho para que o povo possa progredir em conjunto. A mulher já não tem que sofrer tanto pela sua condição de mulher, como nós que arruinamos nosso organismo com tanto trabalho, arruinamos os nervos com tanta preocupação pelo futuro de nossos filhos, pela saúde de nossos esposos trabalhadores que, já de antemão, sabemos que vão se acabar com o mal da mina. E tantas outras coisas que nos acabam.

Sabemos que num regime socialista isto muda, pois deve haver oportunidade para todos, que há fontes de trabalho para as mulheres e há creches para que seus bebês possam ser cuidados enquanto elas trabalham. E que o governo tem que velar pelos anciãos, as viúvas, tudo isso.

Então, são aspirações que temos, queremos que isso aconteça para nós, não é? Além disso, segundo penso, no sistema socialista o povo tem que participar para que não caia outra vez na exploração do homem pelo homem, não é?

Eu sei que há ainda muita coisa para conquistar nos países que chegaram ao socialismo. Mas, eu vejo que eles já conquistaram muito do que nós reivindicamos.

Por isso eu penso que nós, os bolivianos, devemos estar alertas às experiências daqueles povos, ver seus erros e suas conquistas, mas unindo-nos para buscar uma solução de acordo ao que é Bolívia, nosso povo, nossa situação. E não passar o tempo discutindo entre nós o que diz Rússia, China ou Cuba, e distraindo-nos somente em defender uma ou outra posição. O marxismo, segundo eu entendo, deve ser aplicado à realidade de cada país.

Meu povo não está lutando por uma pequena conquista, por um pouquinho de aumento de salário aqui, um pequeno paliativo ali. Meu povo está se preparando para expulsar para sempre do país ao capitalismo e seus lacaios internos e externos. Meu povo está lutando para chegar ao socialismo.

Isto eu digo e não é invenção minha. Isto foi proclamado em um Congresso da Central Operária Boliviana: "Bolivia só será livre quando for um país socialista".

E qualquer que duvide disso, se alguma vez tiver a oportunidade de vir a Bolívia, aqui se convencerá de que isto é o que clama meu povo.

ENTREVISTA

de Moema Viezzer a Domitila Chungara
(para a segunda edição em espanhol)

M. — Domitila, você manifestou o desejo de fazer alguns esclarecimentos em relação a certas interpretações de seu depoimento. O que você gostaria de dizer?

D. — Bom, em primeiro lugar, eu penso que o livro é um relato que deve ser lido de maneira global. Não tirar um parágrafo solto e usá-lo de acordo a um pensamento ou outra forma de ser, mas sim, o livro é um todo relacionado que deve ser lido e compreendido assim, do principio até o fim. Penso também que este relato pode ser um texto para análise e crítica, mas não se deve buscar nele uma linha teórica em si. É um relato de minha experiência.

Por exemplo, em relação ao partido, ainda que no meu depoimento eu tenha me referido mais ao sindicato, eu penso que em si, a luta pela liberação do povo deve ser manejada por um partido que seja realmente dos oprimidos e explorados que são os trabalhadores. Ou seja, que nós devemos ter nosso próprio partido e nós temos que encaminhá-lo, não é? Agora, com a pouca visão que eu tenho da realidade boliviana, não porque não queira mas sim porque os meios não estão ao meu alcance, eu creio que é necessário integrar os intelectuais a nós. Não queremos fazer nossa luta à parte, só operários e camponeses; os intelectuais têm que estar juntos. Mas, eles têm que estar integrados à nossa realidade aplicando corretamente a teoria marxista-leninista à realidade do país. E o partido tem que estar hegemonizado pela classe operária e os camponeses. E também têm que participar os outros setores populares. Fizeram-me ver que no meu depoimento eu não menciono, por exemplo, aos bairros marginalizados. Imagino as vezes,

qual deve ser a situação desses bairros. Mas, eu não vivi com eles. Sei que sua situação deve ser muito pior que a nossa, a dos mineiros, e então penso: se os mineiros vivem em tão baixas condições de vida... como será a situação dos camponeses, dos bairros marginais e de toda essa gente que não conheço? Mas, eu não quero falar de uma maneira puramente teórica de meu povo. Creio que por isso, talvez, eu não tenha mencionado a alguns grupos porque eu não os conheço. O que eu poderia dizer daquele bairro marginal, daquela companheira camponesa, se não os conheço? Eu não quero falar só teoricamente. Eu quero conhece-los.

M. — Em relação à mulher, algumas pessoas dizem que você dá a entender que com o socialismo se resolvem todos os problemas da liberação da mulher.

D. — Não. O que eu penso é que o socialismo, tanto na Bolivia como em qualquer outro país, será o mecanismo que criará as condições para que a mulher alcance seu nível. E o fará através de sua luta, através de sua participação. E será obra dela mesma também sua liberação.

Mas, eu penso que neste momento é muito mais importante lutar pela liberação de nosso povo junto com o homem. Não é que eu aceite o machismo, não. Eu considero o machismo também uma arma do imperialismo, assim como também o é o feminismo. Portanto, considero que o fundamental não é uma luta entre sexos; é uma luta de casais. E, ao falar de casais, falo também dos filhos, dos netos, que têm que integrar-se, na sua condição de classe, à luta pela liberação. Eu creio que isto é o primordial agora.

M. — Quer dizer algo sobre a metodologia empregada na elaboração e aplicação de "Se me deixam falar...

D. — Sim. Eu quero recalcar isso, não é? Tenho sido entrevistada por centenas de jornalistas, historiadores, muita gente que vem com televisão, com filmes, de diferentes partes do mundo para entrevistar-me. E, da mesma maneira, sei que vêm antropólogos, sociólogos, economistas, a visitar o resto do país, a estudar. Mas, de todos esses materiais que levam, são muito poucos os que regressam ao seio da classe, ao povo, não é? Então, eu quero pedir a todos que pensam que querem colaborar conosco, que todo aquele material que levaram, o façam voltar a nós como você fez com este problema da metodologia que utiliza, não é? Para que sirva ao estudo de nossa própria realidade. "Se me Deixam Falar" há de servir ao povo porque está regressando ao seio mesmo do povo. Da mesma maneira, eu penso que os filmes, os documentos, estudos

que se fazem sobre a realidade do povo boliviano, devem regressar ao seio do povo boliviano, para ser analisados, criticados. Caso contrário, seguimos igual e não há contribuições que nos ajude compreender melhor nossa realidade e a solucionar nossos problemas. São poucos, dá para contar os trabalhos que têm servido para isso.

Por isso, eu quero dizer que estou de acordo ao método de trabalho que utilizamos. Penso que é correto que Moema tenha captado e não tenha modificado o que eu quis dizer e quis interpretar. Oxalá que na Bolivia e em outros países se recolham as experiências do povo não somente para elaborar teorias forâneas, mas sim que sirva, como diz o título que você pos no livro, para que seja permitido ao povo falar.

E principalmente quero referir-me, no método de trabalho empregado, a isso: que depois de transcrever e ordenar as gravações, este depoimento volta agora à classe trabalhadora para que, em conjunto: operários, camponeses, donas de casa, todos, inclusive a juventude e os intelectuais que querem estar conosco, recolhamos as experiências, analisemos e verifiquemos os erros que cometemos no passado, para que, corrigindo estes erros, nós possamos fazer melhores coisas no futuro, nos orientarmos melhor, nos encaminharmos melhor para ver a realidade de nosso país e criar nós mesmos os instrumentos que fazem falta e melhorar nossa luta para nos liberarmos definitivamente do imperialismo e implantar o socialismo na Bolivia. Eu creio que este é o principal objetivo que tem o livro.

La Paz, 10 de março de 1978

Domitila Barrios de Chungara

Moema Viezzer

Este livro foi impresso pela
SÍMBOLO S.A. INDÚSTRIAS GRÁFICAS
Rua General Flores, 518 522 525
Telefone 221 5833
São Paulo

Este relato de uma mulher dos Andes bolivianos, esposa de um trabalhador mineiro, mãe de sete filhos, única mulher da classe trabalhadora que participou na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada no México em 1975, pelas Nações Unidas, é o grito de um povo que sofre porque é explorado. Domitila não pretende apresentar-nos uma análise histórica da Bolívia nem do movimento sindical mineiro ou do Comitê de Donas de Casa da Mina Século XX. Ela simplesmente narra o que viveu, como o viveu e o que aprendeu para continuar na luta que há de levar a classe operária e ao movimento popular a ser donos do seu destino. São poucos os depoimentos de um homem ou uma mulher da mina, da fábrica, do bairro marginal ou do campo onde o protagonista narra a situação que vive, está consciente das causas e mecanismos que criam e mantêm tal situação e está comprometido na luta para mudá-la.
Neste sentido, sim, o depoimento de Domitila contém elementos para uma análise histórica profundamente inovadora, porque expressa uma interpretação dos fatos a partir de uma visão popular.